



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**JORNAL NACIONAL E AS ENTREVISTAS PRESIDENCIAIS EM 2022: ELEMENTOS
JORNALÍSTICOS E MÉTODOS PRODUTIVOS**

LAURA ROCHA DO NASCIMENTO

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**JORNAL NACIONAL E AS ENTREVISTAS PRESIDENCIAIS EM 2022: ELEMENTOS
JORNALÍSTICOS E MÉTODOS PRODUTIVOS**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma
de Jornalismo

LAURA ROCHA DO NASCIMENTO

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Raquel Paiva de Araujo Soares

Coorientador: Prof. Dr. Alexandre Enrique Leitão

Rio de Janeiro

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Nascimento, Laura Rocha do

N244j Jornal Nacional e as entrevistas
presidenciais em 2022: elementos jornalísticos e
métodos produtivos. -- Rio de Janeiro, 2022.

168 f.

Orientadora: Raquel Paiva de Araujo Soares

Coorientador: Alexandre Enrique Leitão

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Jornalismo, 2022.

1 Entrevistas. presidenciais. 2. Jornal
Nacional. 3. Produção jornalística. 4.
telejornalismo. 5. eleições. I. Paiva, Raquel,
orient. II. Leitão, Alexandre, coorient. III.
Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO ESCOLA DE
COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Jornal Nacional e as entrevistas presidenciais em 2022: Elementos jornalísticos e métodos produtivos**, elaborado por **Laura Rocha do Nascimento**.

Aprovado por



Prof.^a. Dr.^a. Raquel Paiva de Araújo Soares



Prof. Dr. Alexandre Enrique Leitão



Documento assinado digitalmente
ANA PAULA GOULART DE ANDRADE
Data: 27/01/2023 17:41:20-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a. Dr.^a. Ana Paula Goulart de Andrade



Prof. Dr. Paulo César Castro

Grau: 10,0 com louvor

Rio de Janeiro, no dia 13/01/2023

Rio de Janeiro

DEDICATÓRIA

Em 1993, aos 29 anos, Márcia Costa Rocha do Nascimento pegou o seu diploma de Fonoaudiologia, com o filho de 1 ano no colo. A graduação em Biologia, anos antes, foi interrompida por planos que vieram na frente, como o trabalho e o casamento, mas, ainda assim, ela conseguiu retornar à Academia.

O diploma foi entregue a Iva Costa da Rocha, sua mãe e minha avó, já que, graças a ela, aquela meta havia sido concluída. Com a descoberta da gravidez, o medo de abandonar mais uma graduação a tomou, e foi Iva – que nunca pôde ingressar em uma universidade devido ao machismo dos anos 1960 – uma das pessoas que lhe motivou a seguir. Foram oito meses de gestação e, mais tarde, aulas ao lado do carrinho de bebê, apoio da família, enquanto ela tentava, enfim, se formar. Exatos 30 anos depois, prestes a receber o meu diploma, penso que repetiria o feito de Márcia e o entregaria a ela, minha mãe – o ser humano que mais acreditou no meu potencial e viu beleza nos pequenos passos. Ela esteve presente em cada peça de teatro, apresentação de dança, feira da escola e lia cada texto que eu escrevia. Me ajudava a treinar para o teatro desde os meus 4 anos, dava dicas da fonoterapia e me deixava explicar as matérias da escola para ela. Ela sempre contava, por exemplo, como ela descobriu que eu já estava lendo – juntando sílabas pelas placas. Ou como, aos 6 anos, no meu primeiro “Show de Talentos” – projeto anual na minha amada Escola Modelar Cambaúba, na Ilha do Governador – eu escolhi ler uma poesia, enquanto as outras crianças se empenhavam em danças e músicas. Ela adorava contar essas histórias.

Sem jornalistas na família, a profissão que escolhi aos 17 anos, no entanto, a assustava. Preferia que eu tivesse optado por algo na área da saúde, como ela, ou com uma suposta garantia de um futuro tranquilo. Porém, assim que me viu decidida, apoiou e incentivou incondicionalmente cada etapa. Ela nem sabia o que era a tal Eco-UFRJ que eu sonhava em passar, mas torcia na mesma proporção que eu, talvez até mais. Quando eu me classifiquei para a UFRJ, ela escreveu: “Arrasa, filha, abraça seu sonho e por aqui você terá sempre a nova vibração. Eu apenas agradeço os presentes que a vida me deu. Victor e Laura, vocês definitivamente são o melhor de mim. Parabéns, filha, hoje meu orgulho tem nome e sobrenome”.

E a torcida só cresceu a cada trabalho da faculdade, projeto, estágio ou matéria assinada. Só uma mãe para reconhecer a silhueta da filha ao fundo do Jornal Nacional e ainda dizer: “Hoje

“você apareceu o tempo todo” ou, como a típica mãe, “Cadê o casaco?”. Aos olhos dela, eu já era a maior jornalista do mundo. E ela, o maior amor da minha vida.

Ela sonhava tanto – e alto – com o dia que ligaria a TV e me veria lá, em frente às câmeras. Sempre que via alguma cobertura difícil dizia: “Filha, imagina você lá”, com apreensão, mas, ao mesmo tempo, fascínio. Mãe, você não chegou a ver meu nome escrito na televisão, não é? Você também não viu algumas coberturas que já tive a oportunidade de fazer – cada vez mais certa do que eu escolhi e do que, no escuro comigo, você me apoiou incondicionalmente. Dividir cada experiência com você faz falta. Você faz falta, minha flor.

Dedico, portanto, não apenas esta pesquisa, mas cada passo que dei, dou e ainda darei a Márcia Costa Rocha do Nascimento, minha Marcinha, que nos deixou em 29 de maio de 2022. Sigo, portanto, a dedicatória que ela escreveu quando me presenteou com o livro “*Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo*”, no meu primeiro ano de faculdade, em 2019: “Que seus sonhos ganhem asas, que os obstáculos te estimulem, que suas palavras transformem o mundo, e que você seja sempre muito feliz. Brilhe muito. O jornalismo nunca mais será o mesmo: você chegou. Te amo”.

Obrigada por me tornar quem eu sou e nunca, nem por um segundo, ter deixado de acreditar em mim. Cada palavra escrita daqui para frente será dedicada a você.

AGRADECIMENTOS

Para além desta monografia, sobreviver a 2022 não foi uma tarefa fácil – o que se entende como apenas um eufemismo. Por isso, agradeço a cada um que me impediu de desistir dos planos que a Laura de maio, o que parece uma vida inteira atrás, tinha e buscava.

Acima de tudo, agradeço ao meu irmão, Victor. Obrigada por cuidar da nossa nova família e acreditar em mim. Foi o cara para quem eu liguei, lá em setembro, decidida a começar esta monografia, mudando completamente o tema e o formato: era a primeira pessoa para quem eu queria contar. Obrigada por dividir a vida comigo.

À minha madrinha, Tania, por, desde sempre, ter assumido o posto de minha segunda mãe. Agradeço ao universo por você ter se tornado irmã da minha mãe há 50 anos e pelo amor e pela dedicação comigo, como o café de toda a manhã, o incentivo para terminar este trabalho com um “Já tá bom! Resume!” e o descanso só depois que eu falei: “Dinda, entreguei”. Obrigada por ser minha família e por colocar a Carol na minha vida.

Ao João Pedro pela parceria, pelo colo e pelo apoio incondicional, incluindo madrugadas ao meu lado enquanto eu escrevia este trabalho. Obrigada por permanecer e me permitir continuar a sonhar junto contigo.

Aos meus avós pelas orações e torcidas, pelas ligações para saber como andava meu trabalho, pela vibração a cada entrevista e por enfrentarem seus próprios limites para continuarem a cuidar de mim.

À minha família materna – minhas tias, meus tios e minhas primas – pela melhor família que eu poderia ter, que esteve comigo quando eu mais precisei e continua ali sempre. É tanto orgulho por cada um de vocês que não cabe aqui – e das minhas priminhas que alçam sonhos cada vez mais altos.

À minha irmã, Raisal, por, mesmo de longe, fazer questão de estar perto e presente. Obrigada por vibrar tanto por mim e por cada passo que eu dou.

À tia Denise por estar comigo há 22 anos, cuidando e torcendo por mim. Se estou aqui hoje, é porque contei com cada dia do seu apoio, com o seu colo e com o seu amor incondicional. Uma das mulheres mais fortes que conheço e fundamentais para eu me tornar quem eu sou.

Aos meus sogros, Mariana e Rodrigo, e à família que ganhei oito anos atrás. Obrigada por cada demonstração de afeto e de parceria, eu não podia ser mais feliz por ter esbarrado com pessoas tão especiais pelo meu caminho.

Às minhas amigas, parceiras e confidentes – Ana Clara, Amanda, Julia Dias, Júlia Milagres, Mariah, Mariana, Maria Antonia, Laís, Bárbara, Luísa Marzullo – por não desistirem de mim, por um dia sequer, e terem permanecido quando eu mais precisei. Ser amiga de vocês é um presente.

Ao meu amigo Danilo, por estar na minha vida há 20 anos, obrigada por tanto. Ao meu amigo Matheus por, em tão pouco tempo, ter se mostrado tão especial.

Às parcerias que a faculdade me trouxe: Carolina, Camila e Luiza. Chegar até aqui é ter a certeza da cumplicidade nesses quatro anos e as amizades que mais tenho orgulho de ter construído nos últimos tempos.

Aos presentes que a TV Globo me trouxe em pouco menos de 2 anos. Aos jornalistas dos Sites Instrumentais, com quem estive por mais de um ano, como Mirelle, Ana Paula, Megui, Marcelinho, Gabriel, Ju, Perla, Lethicia, Daniela, Cláudio, Dutra, Cris e Silvana. Obrigada pelo suporte, pelo colo e por me apresentarem esse mundo que era tão novo – e ainda é – para mim.

Aos parceiros do g1 Rio, que me acolheram e me apresentaram novas formas de fazer jornalismo, como José Raphael, Jana, Claudinha, João, Alba, Dudu, Cris, Nicolás, Henrique, Suelen, Marcos e Thaís. Obrigada pelo espaço para contar tantas histórias.

Ao pessoal da sala da apuração, que tenho o prazer de integrar, como Alice, Guilherme, Devora, Jhonny, Thiago, Bob, Fernanda, Josi, Stela e Manu. Obrigada pelos papos, cafés e lanches em dia de eleições ou de Copa.

Aos amigos da Globo que, na maior parte do tempo, não trabalharam diretamente comigo, mas estiveram nessa trajetória: Lucas, Rayssa, Cássio, Fernanda, Amanda e Rogério.

Não posso deixar de falar do que trouxe de outros estágios e de alguns dos jornalistas com quem aprendi: Diego; da Ag. Fight; Rogério, Fábio e Camila, da Finep; Bruna e Deivison, da Record TV Rio; e Beatriz, do Words Heal the World. Também sem esquecer do espaço criativo que Caio e Gabriel me deram na Know-How, para gravar vídeos e me aventurar nos podcasts.

Ainda agradeço àqueles que foram fundamentais para que eu chegasse até aqui: os meus professores da escola. Entre tantos, destaco alguns que permanecem comigo em cada passo que dou: Bob, Priscila, Marcelo, Claudinha, Fernanda Antunes, Ana Paula, Michelle Ferraz, Rafael, Cristiane, Renata, Bia, Alessandra Marques, Douglas, Geada, Simone, Viviany, Katia e Denise Erthal.

Por fim, menciono aqueles que estiveram diretamente ligados a esta monografia.

À Professora Raquel Paiva pela confiança no meu trabalho e por topar iniciar essa jornada comigo. Ao Professor Alexandre Leitão por ter sido a melhor pessoa que eu poderia ter escolhido para estar ao meu lado neste ano, que acompanhou cada reviravolta e era capaz de, a cada reunião, me dizer o quanto acreditava que eu concluiria este trabalho. À Professora Gabriela Nóra por me impedir de desistir da Academia e por tantas palavras afetuosas quando eu mais precisei.

Aos entrevistados que tive a honra de contar neste trabalho: Ali Kamel, Ricardo Villela, William Bonner, Felipe Grandin e, mais uma vez, Mirelle De França. Agradeço a cada de vocês por confiarem na minha pesquisa, pelas conversas e pelo incentivo. É um prazer trabalhar ao lado de profissionais como vocês.

A todos que mencionei e tantos outros que cruzaram o meu caminho ao longo dos meus 22 anos de vida, a conclusão de mais esta etapa tem um pouquinho de cada um de vocês. Obrigada.

NASCIMENTO, Laura Rocha do. **Jornal Nacional e as entrevistas presidenciais em 2022: Elementos jornalísticos e métodos produtivos**. Orientador(a): Raquel Paiva de Araujo Soares. Coorientador(a): Alexandre Enrique Leitão. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

RESUMO

Este trabalho consiste em analisar o processo jornalístico acerca das entrevistas do Jornal Nacional com os candidatos à Presidência da República em agosto de 2022, com o objetivo de entender o que é necessário para trazer quatro entrevistados ao vivo, durante um total de 160 minutos, e qual é a importância desse tipo de formato para a conjuntura política brasileira. A pesquisa, então, conversou com os jornalistas da Globo William Bonner, Felipe Grandin, Mirelle De França, Ali Kamel e Ricardo Villela sobre história, técnica e bastidores das sabatinas com os presidentiáveis. Como foi a idealização do projeto e como são feitas as etapas de pesquisa prévia? Quantos jornalistas são necessários para isso? Quais são os desafios e as orientações para a condução das entrevistas? Qual é o peso da cobertura nas redes sociais e a checagem das falas pelo “Fato ou Fake”? Como a escolha dos enunciados e das palavras interfere no sentido buscado e quais critérios permeiam o Jornal Nacional? Desde 2002, houve mudança de local, duração e, até mesmo, das entrevistadoras sentadas à bancada, mas, 20 anos depois, o projeto alcançou o seu sexto ciclo de entrevistas. A abordagem vai, assim, de encontro com o macro e o micro do projeto, idealizado em 2001, para perceber as especificidades de um formato inédito na televisão brasileira e global.

Palavras-chave: Jornal Nacional; sabatinas; Presidência da República; eleições; candidatos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 ‘JORNAL NACIONAL: MODO DE FAZER’	6
2.1 Sentido no telejornalismo brasileiro e no JN	6
2.2 Princípios editoriais e critérios de noticiabilidade	12
3 MÉTODOS DE PRODUÇÃO DAS SABATINAS	21
3.1 Contextualização para as sabatinas	21
3.2 Configuração das entrevistas em 2022	29
3.3 Pré-produção das entrevistas	39
4 AS SABATINAS: ANÁLISES DAS ENTREVISTAS	48
4.1 Condução das sabatinas	48
4.2 Análise das falas dos entrevistadores	64
4.3 Análise do discurso	65
4.4 As palavras utilizadas nas sabatinas: análise numérica	71
4.5 Análise quantitativa das sabatinas	83
4.6 Tempo de fala e minutagem das sabatinas	84
5 PÓS-SABATINAS	94
5.1. Internet: <i>Site</i> e redes do Jornal Nacional	94
5.2 Checagem do ‘Fato ou <i>Fake</i> ’	111
5.3 Repercussão e resultados	120
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
8 APÊNDICES	135
8.1 Apêndice A: Tabela	135
8.2 Apêndice B: Entrevista com William Bonner, editor-chefe e apresentador do JN	137
8.3 Apêndice C: Entrevista com Mirelle De França, gerente dos <i>Sites</i> Instrumentais	140
8.4 Apêndice D: Entrevista com Felipe Grandin, coordenador do ‘Fato ou <i>Fake</i> ’	142
8.5 Apêndice E: Entrevista com Ali Kamel, diretor-geral de Jornalismo da Globo	149
8.6 Apêndice F: Entrevista com Ricardo Villela, diretor de Jornalismo da Globo	156

1 INTRODUÇÃO

Diretor-geral de Jornalismo da Globo, Ali Kamel tem uma coleção de manchetes na parede de sua sala. Cada uma delas estampou, na primeira capa, as entrevistas com os candidatos à Presidência da República no Jornal Nacional ao longo de 20 anos. Kamel, portanto, reúne e emoldura esses fragmentos de jornais impressos desde 2002 - ano em que o formato idealizado por ele foi ao ar no Jornal Nacional.

Aqui na parede, nesses quadros, você tem, de 2002, o Chico Caruso, que estava no auge da sua forma. Aqui você tem, 2006: “Vitória política só a do JN”. Aqui: “A televisão testa os candidatos”, um editorial do “Estadão” em 2002. Aqui “O Globo”, “12 minutos e 10 segundos para a história”, você vê, 12 minutos, de 2006. Aqui você tem: “Não diga, presidente!”, “Em entrevista incisiva, Jornal Nacional obtém novas versões de Lula sobre os escândalos no governo”, 2006, foi depois do Mensalão. [...] Aqui, “William Bonner para a presidente”, também elogiando em 2010, ou seja, 2002, 2006, 2010, as entrevistas continuam relevantes. (KAMEL, 2022)¹

Em entrevista a esta pesquisa, o diretor-geral de Jornalismo enfatizou que o sentimento pela quantidade de manchetes, produzidas nos principais *sites* e jornais impressos a cada ano desde 2002, é de muito orgulho, devido à “centralidade que as entrevistas do JN ganharam no calendário eleitoral” (Ibidem). Nesse sentido, uma vez enquadrado no “centro do debate jornalístico” (Ibidem), o Jornal Nacional ocupou um novo lugar frente aos brasileiros desde o surgimento das sabatinas com os presidenciais.

Entretanto, após 20 anos do primeiro ciclo de entrevistas, a excitação do público pelo encontro entre os apresentadores e os candidatos só cresceu nas sabatinas de 2022. Uma frase divulgada pela Globo às vésperas das entrevistas, por exemplo, enfatiza: “O caminho para a democracia é a informação” (JORNAL NACIONAL, 2022)².

Sob essa ótica, o sexto ciclo de entrevistas com os presidenciais marcou ainda recordes de audiência na TV Globo, no *Globoplay*, no *g1* e, até mesmo, na *GloboNews*, responsável pelas *reprises*. Isso, então, ocorre enquanto a equipe de jornalista se consolida e se adapta aos novos

¹ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 1º de dezembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia]

² JORNAL NACIONAL. Vêm aí as Eleições 2022. 17 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <https://www.Instagram.com/p/ChLRj25t_zQ/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

desafios impostos pelas tecnologias, pela disseminação acelerada de informações e pelos ataques aos profissionais de imprensa no Brasil.

As próprias eleições de 2022 foram cercadas por primeiras vezes, recordes e disputas, que culminaram na eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, pelo Partido dos Trabalhadores (PT) como o primeiro presidente brasileiro a ser eleito pela terceira vez (2002, 2006 e 2022), assim como o mais o votado na história do país, com mais de 60 milhões de votos (APURAÇÃO..., 2022)³. Foi, também, a primeira vez em que um presidente candidato à reeleição não conseguiu ser mantido no cargo: Jair Bolsonaro, pelo Partido Liberal (PL).

Frente ao ineditismo das entrevistas do Jornal Nacional, ao impacto do telejornal na população brasileira e os efeitos de sua realização em 2022, vale, portanto, debruçar-se sobre essa temática. O nosso objeto será, portanto, as quatro sabatinas, com os candidatos Bolsonaro (PL), Ciro Gomes (PDT), Lula (PT) e Simone Tebet (MDB), entre os dias 22 e 26 de agosto de 2022.

Porém, esta pesquisa não se restringirá ao campo técnico ou teórico, como descreve a autora Raquel Paiva (2008) – proposta considerada inovadora na pesquisa em comunicação: “Seu aparato metodológico não será buscado nas ciências sociais, biológicas ou matemáticas, e sim no que é próprio do jornalismo: a sua pauta, suas rotinas de apuração” (PAIVA, 2008, p. 3).

Isso posto, a autora parte da ideia de que, no campo da comunicação, tanto o aparato de defesa quanto de crítica ao telejornalismo brasileiro é permeado por um “espectro dogmático” (Ibidem, p.2), ou seja, envolve crenças entendidas enquanto verdades indiscutíveis. Para Paiva, é justamente nesse “ambiente de impossibilidade de qualquer questionamento” que a produção jornalística é analisada, o que, para ela, está longe de ser o ideal.

Paiva propõe que, para observar e compreender o telejornalismo brasileiro de fato, assim como o seu papel atualmente, o pesquisador ou pesquisadora trabalhe “com as “vísceras”, ou seja, com o instrumental próprio da prática jornalística” (Ibidem, p. 3). Nesse viés, deve-se voltar o olhar para as dinâmicas produtivas das redações.

O que aqui estamos pretendendo é, sobretudo, contemplar a pressuposição de que por si, pela sua natureza, o jornalismo é a narrativa da atualidade, e sua estrutura narrativa está dada no seu próprio fazer, na sua própria existência. O jornalismo é narrativa por si mesmo. Esta é a hipótese que se pretende demonstrar tomando

³ APURAÇÃO dos votos: 100% das urnas são totalizadas. **g1**, 31 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/apuracao-dos-votos-100percent-das-urnas-sao-totalizadas.ghtml>>. Acesso em: 19 dez. 2022

como metodologia os instrumentos da prática jornalística, quais sejam pauta, apuração, produção. É na sequencialidade da sua produção que a narrativa se apresenta e existe. (PAIVA, 2008, p. 8)

A metodologia desta pesquisa vai, desse modo, em larga medida, seguir os pressupostos apresentados por Raquel Paiva sobre como fazer uma pesquisa em jornalismo. Seguindo o método explicado pela autora, serão analisadas as etapas da produção jornalística das entrevistas com os candidatos à Presidência da República em 2022, a fim de entender os caminhos necessários para a construção de tal “narrativa da atualidade” (Ibidem).

Isso posto, foi preciso ir atrás dos bastidores para além do dia da realização das sabatinas, com o objetivo de entender o que permeia a produção jornalística do formato desde a sua idealização, passando pela pesquisa, pela produção e pela condução dos diálogos até chegar à continuidade do Jornalismo da Globo nas plataformas digitais.

Esta pesquisa, a partir de cinco objetivos, conversou com cinco jornalistas da Globo que exercem diferentes funções na emissora, entre novembro e dezembro de 2022: William Bonner⁴, editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional; Mirelle De França⁵, gerente dos *Sites* instrumentais do g1; Felipe Grandin⁶, coordenador do “Fato ou *Fake*”, também pelo g1; Ali Kamel⁷, diretor-geral de Jornalismo da Globo; e Ricardo Villela⁸, diretor de Jornalismo da Globo

O primeiro objetivo desta pesquisa, então, é entender quais são os aparatos e as estratégias utilizadas para a construção de sentido acerca dos candidatos e das candidaturas, assim como o impacto do Jornal Nacional e das sabatinas para as eleições presidenciais brasileiras.

Para isso, o primeiro capítulo aborda o espaço televisivo e telejornalístico como produtor de sentido e tradutor de acontecimentos na sociedade brasileira desde a sua popularização. O surgimento do Jornal Nacional, então, é entendido enquanto parte desse processo de construção do espaço afetivo, semântico e sócio-histórico, em constante evolução devido às inovações tecnológicas.

⁴ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 21 de novembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia]

⁵ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 6 de dezembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia]

⁶ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 16 de novembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia]

⁷ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 1º de dezembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia]

⁸ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 11 de novembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta monografia]

Como segundo objetivo, está a ideia de discorrer sobre os critérios de noticiabilidade utilizados para a elaboração das sabatinas do Jornal Nacional, utilizando pesquisadores nacionais e internacionais e os critérios assumidos por profissionais do telejornal, seja em entrevista para esta pesquisa ou declarações anteriores. Por conseguinte, também no Capítulo 2, focamos nos pilares institucionais e jornalísticos em torno do Jornal Nacional, desde os próprios princípios editoriais, discorridos por Kamel, até os critérios de noticiabilidade definidos por Bonner.

Como terceiro objetivo, está a proposta de identificar, como supracitadas, as etapas necessárias para a realização das sabatinas dos presidenciais a cada quatro anos no telejornal e, especificamente, em 2022, desde o estudo dos candidatos ao longo de meses até a repercussão e os resultados das entrevistas.

Por conseguinte, no segundo capítulo, abordamos a o surgimento das entrevistas com os presidenciais, os desafios enfrentados para a sua criação por Kamel e o impacto do formato em 2022, assim como a organização do quadro de entrevistados no ano. Ainda neste capítulo, Villela, Kamel e Bonner contam sobre toda a preparação para as entrevistas, com a divisão de grupos de pesquisa e elaboração de perguntas, réplicas e trélicas. Em consonância, já no capítulo seguinte, que foca na execução das sabatinas, ressaltamos, também, a própria condução das entrevistas, entre regras estabelecidas, técnicas de reportagem e jogo de câmeras.

Como quarto objetivo, por sua vez, a pesquisa buscará analisar quantitativamente as sabatinas, incluindo a duração, tempo de fala de cada um dos entrevistados e entrevistadores, número de entradas e de interrupções e tempo destinado a cada temática. Nesse sentido, ainda neste capítulo, buscamos entender as formulações dos enunciados e a seleção das palavras utilizadas para as perguntas, assim como uma lista de termos utilizados e seus falantes. Trazemos, também, a análise relacionada ao material audiovisual das íntegras das entrevistas, envolvendo a minutagem e o tempo direcionado a cada enunciador e temática.

Por fim, o quinto objetivo é percorrer as atualizações do jornalismo às novas tecnologias, trazendo a cobertura das sabatinas nos *Sites* e redes sociais e a checagem das falas durante as entrevistas. Para tal, o quarto capítulo, o último capítulo de conteúdo, traz a cobertura das entrevistas com presidenciais no *site* do Jornal Nacional e nas redes sociais, a partir da análise das publicações e da conversa com a gerente Mirelle De França, que discorre sobre o formato da equipe e as funções delegadas. Ainda discorreremos sobre a produção e organização do “Fato ou

Fake”, a partir da entrevista com o coordenador Felipe Grandin, assim como impacto das *fake news* na produção do Jornalismo da Globo.

Uma vez entendidos os objetivos e o formato dos capítulos, deve-se ressaltar as cinco hipóteses trazidas por esta pesquisa, a serem retomadas ao final de todas as análises, a partir do levantamento empírico, produtivo e técnico.

Supomos, assim, que as estratégias utilizadas dialogam com a forma a tradição do jornalismo brasileiro ao par que se adequam às revoluções tecnológicas do mercado e, em segunda hipótese, temos a produção de sentido sobre as candidaturas e os candidatos a partir das sabatinas para os eleitores brasileiros.

Esta pesquisa, também, imagina que seja possível mostrar como as sabatinas conectam e mobilizam ao longo de meses diferentes áreas do Jornalismo da Globo em torno de entrevistas que totalizam cerca de 160 minutos. Temos, como quarta hipótese, que é possível associar a análise quantitativa aos critérios de noticiabilidade e aos princípios editoriais do Jornal Nacional e da Globo, exprimindo a teoria na prática e exibindo um padrão produtivo.

Por fim, a última hipótese, com foco na checagem da veracidade de informações entoadas por candidatos, esta pesquisa supõe que a checagem fortalece não só o discurso jornalístico da Globo, ao separar informações verdadeiras das falsas, mas impede que entrevistas que entoem discursos falaciosos sejam utilizadas como palanque eleitoral.

Antes de iniciar a pesquisa, por fim, é necessário explicar uma diferença quanto à terminologia: o termo “sabatina” é utilizado nesta pesquisa como sinônimo de “entrevistas presidenciais”, sob a intenção de evitar repetições demasiadas, mas o uso da palavra para esse fim não é um consenso. Kamel, por exemplo, opta por utilizar apenas “entrevista” e explica por quê:

Você vê: nenhum jornal chamava de “sabatina” e, de repente, esse ano, começaram a falar de “sabatinas”, e virou “sabatina”, não entendo por quê. [...] São entrevistas. Sabatinas? A *GloboNews* chamou uma vez de “sabatina”, porque eram nove entrevistando. Então, era uma bancada de entrevistadores, mas agora tudo virou. Você faz uma entrevista, é uma “sabatina”. Não é “sabatina”, é “entrevista”. (KAMEL, 2022)

2 ‘JORNAL NACIONAL: MODO DE FAZER’⁹

Ao longo deste capítulo, abordaremos questões simbólicas e semânticas acerca do Jornal Nacional, a fim de se entender o grau de impacto dessa produção jornalística para a população brasileira. Para tanto, trazemos os autores Marialva Barbosa (2007) (2020), Beatriz Becker (2020), Raquel Paiva (2008), Fabiana Siqueira e Alfredo Vizeu (2020), Carlos Eduardo Lins da Silva (1985), Roberta Brandalise e Michele Negrini (2016) e Muniz Sodré (2010), além da entrevista à presente pesquisa com Ali Kamel (2022)¹⁰. Já no segundo subcapítulo, focaremos nos princípios editoriais e critérios de noticiabilidade do telejornal, associando os valores-notícia designados por Bonner na obra “*Jornal Nacional: modo de fazer*” (2009) aos definidos por Nelson Traquina (2005).

2.1 Sentido no telejornalismo brasileiro e no JN

Para iniciar esta pesquisa, deve-se, em primeiro plano, entender o espaço afetivo, semântico e sócio-histórico ocupado pela televisão e, por conseguinte, pelo telejornalismo entre a população brasileira. O fenômeno da chegada da televisão aos lares cariocas é descrito em detalhes pela autora Marialva Barbosa, que ambienta e traduz a curiosidade, a euforia e o anseio pelo desconhecido frente àquele dispositivo, capaz de, enfim, transmitir imagens:

Uma casa comum de um subúrbio no Rio, onde vive também uma família comum. O inusitado é que, de repente, todos estão em torno de um aparelho que ocupa lugar entronizado na sala de estar. Dezenas de pessoas se espalham diante de um móvel entreaberto, deixando antever uma tela. Na janela, vizinhos se amontoam para poder ver as imagens em preto-e-branco. Na escada, as crianças também se enfileiram na tentativa de visualizá-las. As imagens que saem da televisão possuem pouca nitidez. O silêncio dos personagens é quebrado, de tempo em tempos, pelos comentários que a trama televisiva provoca. (BARBOSA, 2007, p.176)

Mais de 70 anos depois, por sua vez, a população brasileira ainda encontra razões para se amontoar em frente às telas – cada vez mais finas e leves –, mas com a principal função mantida:

⁹ Título retoma nome de obra de William Bonner “*Jornal Nacional: modo de fazer*” (2009), que consta enquanto bibliografia desta pesquisa.

¹⁰ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 1º de dezembro de 2022, no Rio de Janeiro, RJ. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia]

comunicar ao mundo ou compreendê-lo a partir de imagens. Foi, então, que, entre os dias 22 e 26 de agosto de 2022, o clima instaurado se diferenciava de anos anteriores: brasileiros se reuniam em restaurantes para assistir às entrevistas com os candidatos à Presidência: “clima de Copa do Mundo” (KAMEL, 2022), como afirmou Ali Kamel em entrevista concedida à presente pesquisa.

Num país em que as coisas estão normais, as entrevistas ganham uma repercussão incrível nos jornais, mas a audiência do JN não aumenta tanto, entendeu? Não cai, mas é como se o público dissesse: “Está aí. É isso que a gente espera de vocês”. Esse ano, virou tipo: “Vamos ver o que que vai acontecer”. Virou clima – muitas pessoas usaram essa expressão – clima de Copa do Mundo. As pessoas pararam para ver, a gente tem fotos das pessoas vendo nas ruas, em bares etc e tal. (KAMEL, 2022)

Assim, pode-se perceber o espaço no imaginário brasileiro ocupado pela televisão desde a sua popularização entre os anos 1960 e 1970, após ser trazida para o país por Assis Chateaubriant ainda na década de 1950. Nesse sentido, ainda em preto-e-branco, houve o surgimento dos telejornais no Brasil, como o Jornal Nacional ainda em 1969, aos quais coube a função de introduzir a “narrativa imagética” (BARBOSA, 2007, p. 178) na sociedade.

Isso posto, as narrativas integram a significação do relato da sociedade brasileira. Sob viés histórico da comunicação, as autoras Marialva Barbosa e Raquel Paiva remetem os padrões representativos a elementos fundamentais da experiência social, fundamentais para se entender o impacto das narrativas televisivas como processo comunicacional para a produção de sentido, “lugar social” (PAIVA, 2008, p. 4) e a continuidade da “oralidade” (BARBOSA, 2007, p. 179).

A *priori*, o formato das narrativas tradicionais, para Paiva, remete a uma “relação do indivíduo com o seu cotidiano e o mundo à sua volta” (PAIVA, 2008, p. 4), cujo formato já se definiria por si só. Com etapas características, destacam-se o estreito relacionamento com a coletividade e o local de aglutinar, regular e normatizar. Para a autora, é preciso “fixar” justamente o lugar social da narrativa (Ibidem, p. 4).

Por conseguinte, há a necessidade de se “contar histórias que atraiam a atenção e a proximidade do telespectador” (BARBOSA, 2007, p. 178), analisando que o usuário é capaz de mesclar as experiências ficcionais e factuais. Segundo Barbosa, a expressividade é responsável por tornar as práticas de oralidade a forma mais contundente do diálogo (Ibidem, p. 179), como exemplifica a autora abaixo com aspectos televisivos:

O tom coloquial, a simulação de diálogos e a construção de personagens arrancados do mundo comum não devem ser explicados apenas como uma

simulação do que é familiar para o público, e sim como exigência dos telespectadores, que a partir do texto compõem sua própria expressividade. (BARBOSA, 2007, p.179)

Nesse viés, as trajetórias da televisão e do telejornalismo brasileiros se mostram intrinsecamente entrelaçadas. Essa correlação é definida por Fabiana Siqueira e Alfredo Vizeu como “arquitetura midiática” (SIQUEIRA; VIZEU, 2020, p. 146), destacando que o telejornalismo, em relação ao conceito, à linguagem e ao formato, “se confunde com a própria história da TV” (Ibidem, p. 146).

Essa mescla entre à linguagem da televisão pode ser justificada, portanto, pelo nosso objeto de estudo, já que, enquanto a TV Globo surgiu em 1965, e o Jornal Nacional foi criado quatro anos depois – único período em que seria possível desvencilhar a emissora do seu principal produto desde então. O autor Carlos Eduardo Lins da Silva, ainda em 1985, definiu, assim, que o Jornal Nacional “inaugurou um novo estilo de jornalismo na TV brasileira” (SILVA, 1985, p. 38)

Primeiro, por iniciar a era do jornal em rede nacional até então inédito entre nós. Depois, por consolidar um modelo de *timing* da informação em que a fragmentação dos fatos em espaços de tempo curtíssimos e a obsessão pelo que ocorre “agora” é tão grande que chega ao ponto de quase eliminar informações de background que ajudariam o espectador a localizar-se e transformar o noticiário numa espécie de telenovela de fatos reais na qual o espectador que perde um dia de “enredo” sente as dificuldades de situar-se diante deles no dia seguinte porque as informações pressupõem a audiência ao programa da véspera. (Ibidem, p. 38)

Assim, em 2022, uma pessoa com menos de 53 anos, não conheceu a Globo sem o Jornal Nacional. Desse modo, a relação afetiva, até a contemporaneidade, de muitos brasileiros com o telejornal, em que até o “Boa noite” dos âncoras é respondido pelo público ¹¹, faz parte da relação com a Globo ao passo que fortalece a linguagem da emissora.

Podemos retomar a ideia de laço social, de Dominique Wolton (1996), para caracterizar o papel dos apresentadores no contexto do telejornalismo. Eles funcionam como uma forma de união entre públicos distintos e que não se conhecem. E é a partir dessa ligação que muitos ainda respondem ao “boa noite”

¹¹A fim de demonstrar esse grau afetivo do Jornal Nacional, a autora da presente pesquisa retoma a própria experiência familiar, em que sua bisavó, Adelina Duarte Costa, mãe de sua avó materna, respondia aos apresentadores do Jornal Nacional. A portuguesa, nascida em 1905, e moradora da cidade do Rio de Janeiro desde a juventude já tinha 64 anos quando o telejornal surgiu. Todas as noites, então, ela se despedia dos âncoras com a frase carinhosa: “Boa noite, meu filho, dorme com Deus”. Para além disso, mostrando a mescla da televisão com o telejornalismo, Adelina interagiu também, com os atores das telenovelas, dando conselhos aos personagens sobre o que fazer na situação da trama.

dos apresentadores ou repercutem as suas mensagens postadas na internet, em espaços como o *Twitter*. (BRANDALISE; NEGRINI, 2016, p. 10)

Também são os apresentadores, assim, segundo Brandalise e Negrine, “os primeiros agentes que atuam na produção de sentidos das mensagens do telejornal perante o público” (Ibidem, p. 10). A função do jornalismo, transmitido, enfim, às telas, é descrita por Kamel como “uma aproximação da realidade, mas a melhor aproximação que se pode obter naquele instante, com o instrumental e o método disponíveis” (KAMEL apud GLOBO, 2019, p.26). Dessa forma, seria preciso traduzir acontecimentos e lhes trazer sentido, de forma que os telespectadores entendam o porquê de uma notícia ser relevante para eles.

No ar desde 1º de setembro de 1969, o Jornal Nacional completou 53 anos de existência em 2022, como o telejornal mais antigo da Globo e de maior valor agregado na programação. No ano da estreia, o então diretor da Central Globo de Jornalismo, Armando Nogueira, que ficou no cargo de 1966 a 1990 e se descrevia como um apaixonado pela aviação, descreveu o lançamento de um produto jornalístico de alcance nacional como: “A sensação é de que estou decolando um *Boeing*” (NOGUEIRA apud GLOBO, 2019, p. 35).

Segundo o jornalista, em seu depoimento ao livro “*Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo*” (2019), os desafios em pauta giravam ao redor de tornar os então apresentadores, Hilton Gomes e Cid Moreira, capazes de memorizar as informações para que houvesse maior troca com os telespectadores, uma vez que ainda não havia teleprompter, e era necessário ler os textos na bancada à frente deles” e fazer com que os textos fossem objetivos “na ordem direta e seletivo, com orações enxutas” (Ibidem, p. 36).

No início da década de 1970, editores, produtores e repórteres se desdobravam para suprir os escassos recursos tecnológicos, como a criativa solução de Hélio Costa ao gravar a própria voz em um pequeno rádio antes de o programa ir ao ar, para escutar e reproduzir as frases ao vivo.

Isso posto, a partir da segunda metade do século XX, a narrativa do telejornalismo brasileiro descrito enquanto “gênero narrativo” (BARBOSA, 2020, p. 11), passou a captar acontecimentos e os transmitir a partir de “réplicas significativas dentro do universo cultural de seu público” (Idem, 2007, p. 178), retomando o conceito de Paul Ricœur em relação ao “mundo das coisas contadas” (RICŒUR apud BARBOSA, 2007, p. 179). Em outras palavras, entende-se que a compreensão da realidade parte da união de informações e de lhes ordenar a fim de construir sentido a partir do texto somado às imagens.

Tal narrativa imagética é analisada em formato de triângulo por Beatriz Becker, sob os eixos “visualidade”, “realidade” e “imaginário social” (BECKER, 2020, p. 25). Sob essa ótica, a construção audiovisual do telejornalismo é instaurada sob três pilares, sendo dois deles – “realidade” e “imaginário social” – remetidos da imprensa escrita.

De acordo com Becker, a partir de uma linguagem própria, os telejornais se consolidaram enquanto um “território simbólico” (Ibidem, p. 25), que é responsável por transmitir a experiência do dia a dia e, desde o seu surgimento até a contemporaneidade, enquanto principais fontes de informação no país.

Como os telejornais se consolidaram como um território simbólico no país, onde diferentes grupos sociais experimentam sentimentos de cidadania e pertencimento às sociedades complexas, e hoje, ao se oferecerem como fontes confiáveis de informação, também atuam na construção audiovisual da história cotidiana não apenas na organização de fatos, mas de crenças e emoções expressas nas redes e plataformas sociais. (Ibidem, p. 25).

Em consonância, os telejornais, a partir de “discursos polifônicos materializados em significações” (BARBOSA, 2007, p. 179) retomam, em geral, acontecimentos de um passado recente, os jornalistas contam tais fatos no presente, e é o público que os faz ganhar sentido no âmbito social imediatamente após à narração. Dessa forma, referenciando Barbosa novamente, a significação ocorre em um futuro imediatamente após a reportagem, causando a sensação de imediatismo e, ao mesmo tempo, se instaurando enquanto uma “narrativa no tempo” (Idem, 2020, p.11)

A autora descreve, portanto, o processo inerente ao telejornalismo como uma “suspensão no tempo” (Idem, 2007, p.178): “A narrativa imagética instaura, por outro lado, um paralelismo sem precedentes na temporalidade em cena pelo ato de narrar. Há a construção da coincidência entre o tempo do ato de narrar e o tempo do texto de contar.” (Ibidem, p.178).

Em 1996, William Bonner assumiu a bancada do Jornal Nacional, tornando-se editor-chefe do mesmo telejornal três anos depois, em 1999, primeiro na chefia interina com a saída de Mário Marona, quando foi nomeado diretor do Jornalismo da Globo Brasília, por cerca de dois meses: “Aí, sem aviso prévio, Evandro [Carlos de Andrade] (então diretor-geral da Central Globo de Jornalismo) enviou uma mensagem a todo o Jornalismo da Globo em que anunciava minha efetivação no cargo de editor-chefe do JN” (BONNER apud GLOBO, 2019, p. 44) .

Bonner, assim, passou a ocupar dois cargos: a chefia da equipe de edição e a de apresentador. Sobre isso, o editor-chefe decorreu, tanto sobre essa dupla função quanto sobre a explicação para se usar “âncora” para referenciar os apresentadores dos telejornais:

O termo *anchorman*, cunhado pela televisão americana, se referia a esse profissional com dupla função. E a imagem da âncora associada a ele tinha a ver com a responsabilidade de representar a segurança da nau nas águas turbulentas de uma transmissão televisiva. (BONNER apud GLOBO, 2019, p. 44)

Ao lado de Bonner, foi também, em 1º de abril de 1996, que uma apresentadora mulher estreou à bancada do Jornal Nacional: a jornalista Lilian Witte Fibe, que ficou nessa posição até 1998. A presença feminina é fundamental para se analisar o JN e as entrevistas com os presidentes, uma vez que todas elas foram protagonizadas por três jornalistas mulheres: Fátima Bernardes, Patrícia Poeta e Renata Vasconcellos. Bernardes assumiu o posto em 1998, após Witte Fibe, no qual ficou durante 14 anos – passando pelas sabatinas de 2002, 2006 e 2010. Poeta, assim, ficou responsável, ao lado de Bonner, pelas entrevistas de 2014 e, por fim, Vasconcellos, acerca das de 2018 e 2022.

Apesar da demora para a presença feminina na bancada, a qual acompanhou as evoluções de igualdade de gênero na sociedade brasileira, a quantidade de apresentadores homens e mulheres é “quase equivalente” (BRANDALISE; NEGRINI, 2016, p. 8), uma vez que o histórico de apresentadores titulares traz cinco homens – Hilton Gomes, Cid Moreira, Sérgio Chapelin, Celso Freitas e Bonner – e quatro mulheres - Witte Fibe, Bernardes, Poeta e Vasconcellos.

O passar dos anos, por sua vez, demandou adaptação e inovação do telejornal, para que as novas necessidades dos brasileiros em relação às notícias fossem supridas, como o impacto da universalização da internet na produção jornalística, como explica Bonner:

Em vez de fonte em primeira mão, ele [Jornal Nacional] segue no papel de organizar os tantos e tantos fragmentos de notícias em uma história com começo, meio e fim, apresentada dentro do contexto em que se deu. O telejornal dá sentido a esses fragmentos ao fim de um dia. Com isso, torna-se também a legitimação das notícias, para quem tomou conhecimento delas por meio de redes sociais, por exemplo. (BONNER apud GLOBO, 2019, p.46)

Sucessivamente, a percepção de tempo associada ao telejornalismo foi alterada pelas novas tecnologias. A função de significação do telejornalismo teve de se adaptar ao fato de o telespectador já não ser mais surpreendido pela informação, mas esperar por uma contextualização e explicação

da relevância daquela notícia para a sua vida. Muniz Sodré cita a temporalidade decorrente da aceleração da circulação de informações: “tempo real” (SODRÉ, 2010, p.9).

O autor decorre sobre a modificação da “experiência habitual do tempo” (Ibidem, p. 9-10) causada pelas inovações tecnológicas. Ao telejornalismo, fora necessário, desse modo, integrar-se aos recentes modelos comunicacionais: informações urgentes não podem esperar a noite para serem divulgadas, e a programação pode ser interrompida devido a um plantão de notícias. Essa rapidez é intensificada ao passo que o telespectador está “conectado a todos os outros, cada indivíduo pode ser alcançado sem demora, nem período marcado, por qualquer um” (Ibidem, p. 10).

Os impactos a respeito da temporalidade são percebidos, também, por Raquel Paiva, ao discorrer sobre o jornalismo. A autora descreve a “valorização do aspecto temporal (com uma aceleração das partes da ‘história’)” (PAIVA, 2008, p. 5) e o processo descrito como “indisponibilidade” para ouvir ou ler os relatos, sendo essa aceleração a “maior influente característica da narrativa na atualidade” (Ibidem, p. 5).

Para tanto, é possível entender a percepção acerca do “mundo das coisas contadas” (RICŒUR apud BARBOSA, 2007, p. 179) provocado pelo telejornalismo, que perpetua a oralidade como forma de comunicação e ocupa um espaço simbólico e semântico entre a população brasileira, sendo impactado pelas mudanças das novas tecnologias e a aceleração temporal.

Essa produção semântica, portanto, dialoga com as sabatinas dos presidencialistas, uma vez que acontecimentos são enfatizados e contextualizados acerca dos candidatos e das candidaturas. Assim, a narrativa do telejornal permite que os fatos isolados sobre os candidatos tenham lógica entre si, a fim de oferecer ao telespectador, no caso, na posição de eleitor, sobre aqueles entre os quais será escolhido o presidente da República, e o que ele ou ela deve saber antes de decidir o voto.

2.2 Princípios editoriais e critérios de noticiabilidade

A fim de entender o funcionamento de um produto do porte do Jornal Nacional para se levantar o impacto das entrevistas com os presidencialistas, é preciso, então, pontuar os princípios editoriais e focar em responder ao questionamento: para esse telejornal, o que é notícia?

Para além das mudanças estruturais e tecnológicas exemplificadas anteriormente, o Jornal Nacional está alinhado aos “*Princípios Editoriais do Grupo Globo*” (2011). Segundo Kamel, esses pontos são o que regem as sabatinas dos presidenciais (KAMEL, 2022).

Tais princípios, assim, propõem a seguir três atributos – estendidos à toda produção jornalística do telejornal, incluindo durante as sabatinas – “isenção” (PRINCÍPIOS..., 2011)¹², “correção” (Ibidem) e “agilidade” (Ibidem).

O primeiro conceito demanda que a condição para publicação seja o que é notícia – de acordo com os critérios de noticiabilidade a ser debatidos abaixo – e que haja esforço para que gostos pessoais e idiossincrasias não influenciem o conteúdo.

Já o segundo pré-requisito, a “correção” (Ibidem), segundo os “*Princípios Editoriais do Grupo Globo*”, é o que implementa a credibilidade ao produto e declara o rigor e a exatidão nos dados e nas informações divulgadas como obrigação, vetando qualquer espaço para erros.

Por fim, a “agilidade” (Ibidem), termo autoexplicativo, se aplica na necessidade de produção jornalística no “menor tempo da melhor maneira possível” (Ibidem). Tal celeridade seria, então, a explicação para a “utilidade à produção jornalística” (Ibidem) e a justificativa às lacunas - difíceis de serem preenchidas justamente pela rapidez exigida para a apuração e a divulgação (KAMEL apud GLOBO, 2019, p.26).

A fim de alcançar tais pilares no Jornal Nacional, Kamel criou o conceito de “vacinas” (Ibidem, p.31) – ferramentas de controle internas e externas da produção jornalística. Segundo o jornalista, elas se resumem pela multiplicidade de crenças e valores em uma redação e pela coletividade do trabalho jornalístico, uma vez que o grupo deve ser capaz de perceber possíveis desvios individuais na conduta – propositais ou não – que são somados a percepções e pontos de vista distintos.

Outra “vacina” – dessa vez, externa – seria a regulação do que é considerado notícia pelas empresas concorrentes. De acordo com Kamel, a própria concorrência do mercado entre redações impede que haja a desvalorização de assuntos que se enquadrem nos critérios de noticiabilidade e deveriam ser priorizados.

O que um veículo não dá por incompetência, o outro dará. Não existe conluio possível entre empresas jornalísticas que competem entre si. Não existe silêncio coletivo autoimposto. Se o veículo que errou não se corrigir, acaba manchado,

¹² ¹² PRINCÍPIOS editoriais do Grupo Globo. **Grupo Globo**, Rio de Janeiro, 6 ago. 2011. Disponível em: <<https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

fora do mercado. (...) Se você deixou de entrar em um assunto realmente relevante, trate de entrar, porque ninguém é escravo dos seus erros passados. Essa é a força da liberdade quando se fala em jornalismo. O erro de uns é sempre sublinhado pelo acerto de outros, não há escapatória. (KAMEL apud GLOBO, 2019, p.31)

A esta pesquisa, Kamel (2022) reforçou esse ponto, intensificado pelas redes sociais:

Quando você tem 1.500 profissionais ligados ao Jornalismo, não há nenhuma ordem que você possa dar que não seja legítima, porque, ainda mais com rede social, com e-mail anônimo, ninguém pode chegar e dizer assim: “Faz essa coisa errada assim”. Não há como. Eu sigo os princípios editoriais e é muito frequente que eu diga: “Essa pauta não acho legal”. As pessoas me dizem: “Mas onde é que está escrito isso nos nossos princípios?”. Aí eu mostro, porque eu sei de cor e salteado. Mas pode acontecer, por hipótese, de eu dizer que não e eles dizerem: “Mas aqui, isso aqui não se enquadra?”, e eu: “É verdade, eu estava sendo vítima de uma idiossincrasia minha”. (KAMEL, 2022)

Para tanto, a presente pesquisa reúne, também, a definição de valores-notícia para o editor-chefe, William Bonner (2009), e embasa as características definidas por Nelson Traquina (2005). Deve-se entender, a princípio, por que é necessário executar a seleção do que vai ser veiculado como notícia e tomar como “imperativa a seleção criteriosa de notícias” (BONNER, 2009, p. 94).

Enquanto o jornalismo impresso se vale do espaço físico para encaixar as principais informações, o telejornal se apropriou de um novo fator: o tempo. Consequentemente, “a escassez de espaço do jornal dá lugar à limitação do tempo” (Ibidem, p. 93), cujos desafios são listados pelo apresentador.

Nesse sentido, pode-se ressaltar, desde já, que esses critérios não se aplicam apenas às reportagens divulgadas, mas, também, às entrevistas realizadas pelo Jornal Nacional. Portanto, as sabatinas do Jornal Nacional – também alvo da “limitação do tempo” (Ibidem, p. 93) – devem ter as perguntas e a condução de acordo com os critérios de noticiabilidade do telejornal.

Bonner explica que, diferentemente da leitura silenciosa, o texto sendo lido em voz alta consome mais tempo, ainda mais associado à necessidade de clareza no que é dito. Isso se relaciona à segunda complicação: a importância de a informação ser passada de forma compreensível, sem ser necessário repeti-la, uma vez que não há o recurso de ler ou, neste caso, ouvir novamente a frase como é viável nos jornais impressos.

Treze anos após a publicação da obra, deve-se considerar as facilidades da internet, sendo possível rever uma reportagem para sanar qualquer incompreensão, mas deve-se entender que o

telejornal deve ser coeso por si só ao telespectador, sem a obrigatoriedade de recorrer aos formatos digitais.

Para tanto, Bonner separa critérios de noticiabilidade entre dois eixos a serem analisados, que têm a função de tornar o telejornal útil e claro para o máximo de brasileiros possível: primários e secundários. Essa separação conversa com a ordenação de Traquina, que organizou uma lista a partir de valores-notícia levantados por outros pesquisadores ao longo dos anos, retomando a divisão de Mauro Wolf, sobre valores-notícia de seleção ou de construção (TRAQUINA, 2005, p. 78).

Deve-se entender que, enquanto a lista de Bonner apresenta sete critérios mais amplos, Traquina os esmiuça em duas categorias, entre as quais ainda há dois subtópicos (valores-notícia de seleção substantivos e contextuais), totalizando 21 valores-notícia. Isso posto, é possível, então, compreender como um critério de Bonner pode dialogar com dois ou mais pontos de Traquina.

Em contraponto, também é possível que valores de Traquina se relacionem com mais de um critério de Bonner, uma vez que as nomenclaturas partem de construções e destaques distintos. A presente pesquisa, portanto, buscou fazer associações cabíveis, mas ambas separações não são vinculadas de fato.

Considerados “primários” (BONNER, 2009, p. 93), os critérios definidos por Bonner são separados entre “abrangência” (Ibidem, p. 95), “gravidade das implicações” (Ibidem, p. 96), “caráter histórico” (Ibidem, p. 97), “peso do contexto” (Ibidem, p. 101) e “importância do todo” (Ibidem, p. 103). Assim como os critérios substantivos dos valores-notícia de seleção para Traquina, os critérios de noticiabilidade primários do editor-chefe, têm a função de definir o acontecimento que será noticiado em detrimento de outro.

Por essa razão, o primeiro critério definido por Bonner, a “abrangência” (Ibidem, p. 95), vislumbra entender quantas pessoas são afetadas por um acontecimento, primordial na cobertura nacional, mas variante na cobertura internacional, valendo-se do impacto que a questão exerce sobre os brasileiros. Nesse sentido, especificidades locais e notícias corriqueiras das cidades – mobilidade urbana, decisões de âmbito municipal ou estadual, por exemplo – na maioria dos casos, não teriam relevância em âmbito nacional, sendo transmitidas apenas nos telejornais locais.

Nesse âmbito, podem-se encaixar os critérios substantivos de seleção de Traquina sobre a “proximidade” (TRAQUINA, 2005, p. 80), em termos geográficos e culturais; a “notabilidade” (Ibidem, p. 82), que, segundo o autor, se refere à: “qualidade de ser visível, de ser tangível”

(Ibidem, p. 82) pelas pessoas, e a “relevância” (Ibidem, p. 80), que faz referência ao impacto que um acontecimento tem sobre os indivíduos ou sobre um país.

Ainda em “abrangência”, (BONNER, 2009, p. 95) é possível encaixar um critério de construção de Traquina. Como parte da seleção de “elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 91), a “amplificação” (Ibidem, p. 91) que é a capacidade de amplificar, como o nome diz, o acontecimento a fim de aumentar as possibilidades da “notícia de ser notada” (Ibidem, p.91). Diferentemente da “abrangência” (BONNER, 2009, p. 95), que vai do geral para o particular, a “amplificação” (TRAQUINA, 2005, p. 91) visa levar do particular para o geral.

Já o segundo critério primário de Bonner, “gravidade das implicações” (BONNER, 2009, p. 96), como o próprio nome já aponta, tende a perceber qual é o tamanho daquele fato: quanto maior um acontecimento for, quanto mais altos os números forem, mais chances há de constarem no espelho do Jornal Nacional.

Esse tópico pode ser associado aos critérios substantivos de seleção de Traquina sobre o “inesperado” (Ibidem, p. 84) – em que também estão englobados eventos raros – e a “morte” (Ibidem, p. 79), uma vez que um número elevado de óbitos, frequentemente, torna-se notícia. Nesse viés, Bonner explica a ênfase do jornalismo em notícias negativas, relacionando-a à função do jornalismo como órgão de fiscalização, cobrança e denúncia. O jornalista cita exemplos no fragmento abaixo:

Aos não jornalistas inconformados ou aborrecidos com esse fato, é preciso explicar que é da própria natureza do jornalismo apontar o que está errado para que seja corrigido. Mostrar o que está ruim para que seja melhorado. Denunciar os que se corrompem para que sejam punidos. Expor os que estão em dificuldades para que possam ser ajudados. A utilidade social do jornalismo é exatamente a de proporcionar que tudo isso aconteça – e que os cidadãos tenham instrumentos para exercer seus direitos plenamente. Informação é um instrumento valiosíssimo nesse processo” (BONNER, 2009, p. 96)

Em “gravidade das implicações” (BONNER, 2009, p. 96)”, também podem ser incluídos os valores substantivos de seleção sobre “infração” (TRAQUINA, 2005, p. 85), que se referencia à violação de regras, sendo o tamanho da transgressão compatível à noticiabilidade; “conflito ou controvérsia” (Ibidem, p. 85), ligado à violência física ou simbólica, o que, mais uma vez, é pautada pela grandeza do conflito; e “notoriedade”, que será aprofundada no critério seguinte, sobre atos de personalidades públicas.

O terceiro critério de Bonner, o “caráter histórico” (BONNER, 2009, p. 97), faz menção às notícias que “se destacam das demais de imediato” (Ibidem, p. 97) e que têm “valor ‘absoluto’” (Ibidem, p. 97), sendo posicionadas à frente de qualquer outra notícia que estivesse escalada para a edição do jornal. Entre exemplos, o jornalista elenca fatos marcantes, como a morte de um papa ou um ataque como às Torres Gêmeas, em Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001.

Na seleção de assuntos, é preciso considerá-los, todos, sob uma perspectiva histórica, e se perguntar: “Daqui a 50 anos, o que é que um pesquisador buscará na edição do JN que estamos exibindo hoje?”. A resposta poderá derrubar notícias de grande abrangência ou gravidade, mas de relevância histórica menor, num dia como o da eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos. (Ibidem, p.99)

Neste campo, podem se relacionar os critérios de seleção substantivos “notoriedade” (TRAQUINA, 2005, p. 79), “relevância” (Ibidem, p. 80), “inesperado” (Ibidem, p. 85) e “morte” (Ibidem, p. 79), uma vez que situações inesperadas, como catástrofes, e mortes de indivíduos de notoriedade, por exemplo, podem se encaixar no “caráter histórico” (BONNER, 2009, p. 84). Um dos eixos centrais, nesse caso, seria a respeito da “notoriedade” (TRAQUINA, 2005, p. 79), que é explicada por Traquina pelo cargo ou posição ocupada pelo ator do fato. Sobre esse valor, o autor fez menção à figura do presidente da República – fundamental para a compreensão da relevância da presente pesquisa acerca das sabatinas.

Galtung e Ruge sublinharam a importância da notoriedade do ator quando postularam o seguinte: ‘Quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas de elite, mais provavelmente será transformado em notícia’. Dito de uma forma muito simples, o nome e a posição da pessoa são importantes como fator de noticiabilidade. O que o Presidente da República faz é importante porque o Presidente da República é importante. (TRAQUINA, 2005, p. 79-80)

Pelo fato de o Jornal Nacional ser um produto diário, os três critérios primários de Bonner citados acima podem ser associados a outros dois valores-notícia substantivos de seleção de Traquina: a “novidade” (TRAQUINA, 2005, p. 81) e o “tempo” (Ibidem, p. 81) – que se relaciona a fatos recentes ou efemérides.

Como quarto critério de Bonner, o “peso do contexto” (BONNER, 2009, p. 101), por sua vez, avalia o valor-notícia daquele acontecimento dentre os outros assuntos selecionados para aquela edição. Assim, a mesma informação que, em um dia, poderia ser notícia, no outro, pode ter

um tempo menor ou, até mesmo, não se encaixar no espelho do jornal, ocultados por fatos jornalisticamente mais importantes.

A partir desse tópico, podem ser elencados, enfim, critérios contextuais para os valores-notícia de seleção de Traquina. Essa classificação se refere ao processo de produção das notícias, e não mais ao acontecimento em si. O “dia noticioso” (TRAQUINA, 2005, p. 90) do autor se relaciona ao quarto critério primário de Bonner, uma vez que se refere ao impacto de uma informação frente às outras selecionadas para o jornal em um dia.

Por fim, como quinto e último critério primário, está a “importância do todo” (BONNER, 2009, p. 103), sendo fundamental analisar quais são as outras notícias selecionadas para o jornal, a fim de equilibrar – na medida do possível – as temáticas e ser capaz de ser claro para todos os telespectadores do Jornal Nacional, de características socioeconômicas, educacionais e culturais distintas. Por essa razão, as notícias devem ser apresentadas em uma sequência lógica, a fim de ampliar a compreensão.

Esse critério pode dialogar com o valor contextual de Traquina sobre “equilíbrio” (TRAQUINA, 2005, p. 89), que foca no balanceamento temático ao definir se algo será notícia não, remetendo não só àquele dia, mas ao passado presente do produto jornalístico. Sob essa perspectiva, pode-se comparar à equivalência temática, até mesmo, nas entrevistas com os presidentes. O autor decorre, então, sobre a noticiabilidade estar “relacionada com a quantidade de notícias sobre este acontecimento ou assunto que já existe ou que existiu há relativamente pouco tempo no produto informativo de uma empresa jornalística” (Ibidem, p.89).

Ademais, como critérios secundários, não está mais a função de se definir quais informações serão notícia, mas de decidir o formato como elas serão apresentadas. É considerada a “dimensão” (BONNER, 2009, p. 95) de um assunto no Jornal Nacional, sendo pertinentes os critérios sobre “tempo”, para organizar a duração cedida pela programação da TV Globo, e “complexidade”, para se adequar à necessidade de uma explicação mais aprofundada sobre cada tema. É válido pontuar que o valor-notícia “tempo” de Traquina tem um significado distinto, não se referindo ao espaço temporal do telejornal, mas sobre os acontecimentos estarem relacionados, de alguma maneira, com o presente.

A “complexidade”, então, conversa com dois valores-notícia de construção de Traquina: a “simplificação” e a “relevância” (TRAQUINA, 2005, p. 91) – com o mesmo nome de um critério de seleção, mas com significado diferente. “Simplificação” (Ibidem, p. 91) enfatiza, então, a

importância da clareza do texto, sem espaço para ambiguidade ou polissemia, para a compreensão dele pelo telespectador, sendo necessário o trabalho para esmiuçá-lo. Esse critério, assim, pode ser relacionado à necessidade de clareza nas perguntas durante as entrevistas com os presidentiáveis, a fim de torná-la objetiva tanto para quem a assiste quanto para o próprio candidato, a fim de minimizar as possibilidades de ele desviar do assunto.

Já “relevância” (TRAQUINA, 2005, p. 91), neste caso, não se refere ao acontecimento em si, mas em tornar significativa aquela informação às pessoas, mostrando o porquê de ser relevante para elas.

Bonner enfatiza que também é necessário avaliar o material imagético disponível para desenvolver o formato de cada reportagem. Esse processo pode ser conectado a um critério contextual dos valores notícia de seleção: “visualidade” (Ibidem, p. 89), que remete, justamente, aos elementos visuais possíveis a cada matéria.

Além dos critérios citados acima, Traquina ainda desenvolve mais cinco especificações. Sob a classificação de valores contextuais de seleção, referindo-se ao processo de produção da notícia, o autor lista a “disponibilidade” (TRAQUINA, 2005, p. 89), para analisar a facilidade ou não da cobertura daquele evento – atualmente facilitado pelas novas tecnologias – e a “concorrência” (Ibidem, p. 89), em relação a outros veículos. Este valor fora mencionado anteriormente neste capítulo por Kamel (KAMEL apud GLOBO, 2019, p.31), ao abordar a regulação própria dos jornais, que decorreria das próprias informações que alguns veículos reportam enquanto outros deixam de noticiar.

Os outros três são valores-notícia de construção, que detalham ainda mais a seleção de elementos dentro de um fato para que o acontecimento tenha valor-notícia. Há a “personificação” (TRAQUINA, 2005, p. 92) e a “dramatização” (Ibidem, p. 92), que dialogam sobre os dados traduzidos em rostos através das notícias, como ao noticiar acidente, sendo o segundo responsável por buscar o lado emocional da história. Assim, podem ser mencionadas as perguntas que envolvem negligência estatal ao relacioná-las aos prejuízos à população, seja na saúde, na economia ou na educação, por exemplo. Por fim, está a “consonância” (Ibidem, p. 92), que se refere à continuidade de assuntos noticiados, assim como a recorrência de um acontecimento, trazendo-lhe, assim, valor-notícia.

A partir desse apanhado, é possível entender quais são os requisitos e as variantes que movem o Jornal Nacional, interferindo no que é notícia, e compreender como os princípios

editoriais e os critérios de noticiabilidade do telejornal, entoados pelo diretor-geral de Jornalismo e o editor-chefe, William Bonner, dialogam com características definidas ao longo das décadas por pesquisadores e comunicólogos, e já apresentam as bases das sabinas com os candidatos à Presidência.

3 MÉTODOS DE PRODUÇÃO DAS SABATINAS

Neste capítulo, trataremos, primeiro, de contextualizar os seis ciclos de entrevistas com presidenciáveis de 2002 a 2022, trazendo o diferencial do sexto ano de sabatinas, com detalhes sobre a idealização do formato, ainda em 2001, por Kamel (2022)¹³ e bibliografia de Fernanda Cavassana de Carvalho (2015) e do livro “*Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo*” (2019). Em seguida, ressaltaremos o processo dos grupos de pesquisa de jornalistas da Globo sobre os possíveis candidatos entrevistados e a elaboração e os ajustes finais das perguntas, a partir das entrevistas a esta pesquisa, também, de Bonner (2022)¹⁴ e do diretor de Jornalismo, Ricardo Villela (2022)¹⁵, e dos conceitos do autor Nilson Lage (2001).

3.1 Contextualização para as sabatinas

Nos primeiros dois anos do século XXI, os brasileiros se preparavam para eleger pela quarta vez um presidente desde a redemocratização do país, em 1985, e o retorno das eleições diretas para o cargo. O então presidente, Fernando Henrique Cardoso, concluiria oito anos no poder, após ser reeleito em 1998, e não poderia concorrer novamente à disputa presidencial. FHC sucedeu Itamar Franco, que foi vice do ex-presidente Fernando Collor de Mello – primeiro presidente brasileiro a sofrer um processo de impeachment, após um escândalo de desvio de verba e corrupção em seu governo.

Foi neste momento, às vésperas das eleições de 2002, que a equipe do Jornal Nacional teve a “ousadia grande” (KAMEL, 2022) de criar as sabatinas dos candidatos à Presidência – mais especificamente, Ali Kamel, o atual diretor-geral de Jornalismo da Globo. Em entrevista a esta pesquisa, o jornalista, a então, explicou que, em outubro de 2001, o presidente do Conselho Editorial do Grupo Globo, João Roberto Marinho, pediu a todos os veículos propostas para uma cobertura mais programática das eleições presidenciais. Assim, ainda naquele ano, recém-chegado

¹³ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 1º de dezembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia]

¹⁴ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 21 de novembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia]

¹⁵ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 11 de novembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta monografia]

à emissora após passar 12 anos no jornal “O Globo”, Kamel, então diretor-executivo do Jornalismo da Globo, idealizou as entrevistas:

Andando na Lagoa [Rodrigo de Freitas], eu tive essa ideia, que era bem ousada na época, de levar as entrevistas para dentro dos telejornais, principalmente do JN, porque, até então, elas eram feitas – e são feitas assim no mundo inteiro até hoje - em programas especiais de entrevista. [...] Eu achava que, como assunto mais importante, a eleição, tinha que ser dentro do jornal, e o João adorou a ideia. (KAMEL, 2002)

A sugestão também foi aprovada pelo então diretor da Central Globo de Jornalismo, Carlos Henrique Schroder. Os entrevistados se sentariam, assim, à bancada do telejornal, junto a William Bonner e a então apresentadora Fátima Bernardes e seriam questionados acerca de temas pertinentes para os eleitores. A proposta não visava agradar os candidatos ou eleitores já definidos, mas ajudar indivíduos ainda indecisos sobre as propostas de campanha e histórico dos presentes candidatos.

Desde a primeira edição, as entrevistas com os presidencializáveis são descritas por Bonner como a tarefa inédita mais desafiadora e complexa do telejornal, o editor-chefe traduz que a “maior ousadia consiste em abrir um tempo generoso para a entrevista dentro do JN – nosso telejornal do horário nobre” (BONNER apud GLOBO, 2019, p.59).

Tudo que o candidato prefira não abordar, mas que precise ser explorado para a boa informação do leitor será do nosso interesse. Na tela da TV, diante de cada entrevistado, o papel que exercemos é o do eleitor que não definiu seu voto e quer saber o máximo possível sobre os candidatos para balizar com mais segurança sua decisão. (BONNER apud GLOBO, 2019, p.60)

Perguntado, então, sobre o porquê dessa declaração, a esta pesquisa, Bonner (2022) afirmou que “entrevistar um candidato à presidência, ao vivo, com tempo predeterminado, já seria, por si, uma tarefa desafiadora” (Idem, 2022), mas que a intenção supracitada sobre as entrevistas intensifica ainda mais a complexidade.

Só que, à época do surgimento das sabatinas, “havia sempre uma dúvida sobre a Globo desde o famoso debate de 1989, a edição do debate do JN” (KAMEL, 2022). Em 1989, a emissora chegou a responder a uma ação no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), movida pelo Partido dos Trabalhadores (PT) após suposto desfavorecimento do então candidato Lula perante o adversário, Collor, pela edição do debate dos grupos Globo, Bandeirantes, Manchete e SBT.

Na ocasião, a polêmica resultou em edições diferentes no Jornal Hoje e no Jornal Nacional. Na reportagem do JN, telespectadores e políticos alegaram que houve a seleção dos melhores momentos de Collor e os piores de Lula, assim como a acusação de privilegiar o candidato do Partido da Reconstrução Nacional (PRN), ao lhe disponibilizar um minuto e meio a mais do que o adversário petista. A repercussão negativa orientou os debates subsequentes, assim como as sabatinas dos presidenciais, como é descrito pelo registro do Memória Globo:

A partir deste episódio, a Globo decidiu não editar debates políticos, limitando-se a apresentá-los na íntegra e ao vivo. Concluiu-se que, ao condensar um debate, bons e maus momentos dos candidatos ficarão de fora, segundo a escolha de um editor ou de um grupo de editores, e sempre haverá a possibilidade de um dos candidatos se sentir prejudicado. (ELEIÇÕES...) ¹⁶

Nesse sentido, quase 12 anos depois, Kamel descreve que foi necessário convencer os candidatos sobre o fazer jornalismo das entrevistas: “Havia o temor de os candidatos não aceitarem, porque havia essa dúvida: como é que a gente vai fazer? Há riscos? Vão editar?” (KAMEL, 2022). A solução encontrada por ele, então, foi cravar “a entrevista seria sem cortes, sem nenhuma edição” e propôs o ao vivo, dentro do Jornal Nacional, de “forma a tirar qualquer sombra de dúvidas sobre a nossa intenção” (Ibidem).

Lá, em 2002, houve várias reuniões porque eu tinha que convencê-los de que as entrevistas seriam uma boa oportunidade, era algo inédito. Então, me lembro, eu mesmo fiz as reuniões, eu fui, mostrei o plano de cobertura: “Haverá entrevistas no JN, no Bom Dia [Brasil], no Jornal da Globo”. (KAMEL, 2022)

O ao vivo gerou, então, insegurança por parte da equipe, apesar de que, mesmo gravada, a entrevista exibiria o que ocorreu, sem cortes ou a exclusão de erros na transmissão. Porém, o ao vivo voltou à discussão quando a apresentadora do Jornal da Globo, Renata Lo Prete, então jornalista da “Folha de S. Paulo”, conversou com Kamel:

Me ligou e disse: “Ali, uma coisa que eu não estou conseguindo entender: se a entrevista vai ao ar mesmo com possíveis erros, por que vocês não estão fazendo ao vivo?”. Realmente, uma coisa maluca. Aí eu falei para o Schroder: “Schroder, isso não faz o menor sentido”. O William já estava bem mais calmo e falou: “É, não faz sentido, vai ao vivo”, e acabou indo ao vivo. (KAMEL, 2022).

¹⁶ ELEIÇÕES 1989 e o debate Collor x Lula. **Memória Globo**, Rio de Janeiro, 12 jan. 2022. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/reportagens-e-entrevistas/noticia/eleicoes-1989-e-o-debate-collor-x-lula.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

A importância do ao vivo nas entrevistas com os presidentiáveis é destacada pela jornalista Fernanda Cavassana de Carvalho (2015), ao analisar as sabatinas de 2014:

Da perspectiva política, a entrevista ao vivo é muito importante por dar voz aos candidatos ao maior cargo executivo do país, fora do horário de propaganda, e também por demonstrar ao eleitor o seu desempenho diante dos jornalistas. Da perspectiva jornalística, o fazer ao vivo garante credibilidade à entrevista, limitando as manipulações e enquadramentos constantes em materiais gravados e editados. (CARVALHO, 2015, p.9)

Os critérios exigidos ainda em 2002, segundo o Memória Globo consistiam em dar *prioridade* ao debate de ideias, o compromisso de “dar amplo direito de defesa em caso de matérias investigativas com denúncias contra qualquer um deles”¹⁷ e o acordo sobre a política de divulgação de reportagens de outros veículos. Essas matérias só seriam mencionadas na entrevista caso a emissora considerasse “apuradas suficientemente e com boas provas ou cujos resultados a própria Globo concluísse ser verdadeiros após investigação própria” (Ibidem). Também foi acordado o acompanhamento diário da campanha eleitoral dos então quatro candidatos a partir julho daquele ano.

O Jornal Nacional, assim, tornou-se o primeiro telejornal no mundo a trazer candidatos à Presidência da República, ao vivo, no *prime time*. Segundo Kamel, a concentração dos trabalhos no Jornal Nacional foi desenvolvida ao longo dos ciclos de entrevistas. As sabatinas com os presidentiáveis ocorriam, também, no Bom Dia Brasil e no Jornal da Globo, mas um “*tour de force* que se revelou improdutivo” (KAMEL, 2022), uma vez que a pesquisa era diluída e possibilidades de perguntas diminuía: “O impacto do JN está sempre preservado e, os outros, você vai ficando cada vez mais: ‘De onde eu vou tirar?’ É quase tirar leite de pedra” (Ibidem).

Isso posto, os principais candidatos à Presidência em 2002 foram entrevistados pelo Jornal Nacional: Anthony Garotinho, pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), Ciro Gomes, pelo Partido Popular Socialista (PPS), José Serra, pelo Partido da Social da Democracia Brasileira (PSDB), e Luiz Inácio Lula da Silva, pelo PT.

A escolha dos quatro entre os candidatos, como em 2022, se valia dos percentuais de intenções de voto mais significativo nas pesquisas. Antes de 2002, entendia-se que, para seguir a

¹⁷ ELEIÇÕES presidenciais – 2002. **Memória Globo**, Rio de Janeiro, 28 out. 2022. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-2002/noticia/eleicoes-presidenciais-2002.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Lei Eleitoral, as emissoras de rádio e TV teriam que chamar todos os candidatos, a fim de não privilegiar nenhum deles.

Ao Memória Globo, Schroder, enfatizou que, àquela altura, nas quartas eleições presidenciais diretas, o risco jurídico já era menor para sofrer um processo por suposto favorecimento a candidatos específicos, além de o Tribunal Superior Eleitoral já ter jurisprudências mais definidas do que nas eleições anteriores¹⁸. A esta pesquisa, Kamel descreveu a evolução legal:

O Supremo Tribunal disse que não, que entrevista é da esfera do jornalismo, e o jornalismo é protegido pela liberdade de imprensa. Então, permitiu que as emissoras de rádio e televisão, praticando o jornalismo, chamassem os candidatos de acordo com algum critério. E o critério que a gente escolhe são os mais bem colocados nas pesquisas. (KAMEL, 2022)

Ademais, Kamel enfatizou o crivo enquanto jornalístico: “Eu poderia estabelecer que o critério é tamanho da bancada, eles aceitariam, mas isso não é jornalístico. Jornalístico é a pesquisa eleitoral, que mostra a relevância do candidato, um candidato pode ter 1% e ser maior bancada” (Ibidem).

Um exemplo desse respaldo jurídico foi evidente anos depois, em 2010, quando o então candidato à Presidência pelo PSOL, Plínio de Arruda Sampaio, participou de uma entrevista gravada para o Jornal Nacional e reclamou de não ter tido a oportunidade de subir à bancada do telejornal. Na ocasião, William Bonner repetiu, ao vivo, a linha seguida: seriam entrevistados ao vivo os candidatos “de partidos com representação na Câmara que tenham, ao menos, 3% das intenções de votos nas pesquisas eleitorais, sem considerar a margem de erro” (BONNER apud GLOBO, 2021).

No entanto, não se trata de um caso isolado, visto que, segundo o diretor-geral de Jornalismo, “sempre tem um candidato que entra na Justiça dizendo que quer ser entrevistado” (KAMEL, 2022): “Esse ano, teve, mas a gente sempre ganha, porque a lei nos ampara” (Ibidem).

Assim, retomando as primeiras sabatinas, em 2002, os candidatos foram entrevistados, um em cada dia, entre 8 e 11 de julho, com duração de 10 minutos, mais a tolerância de 30 segundos. Um sorteio definiu a ordem dos entrevistados: Ciro Gomes, Anthony Garotinho, José Serra e Luiz Inácio Lula da Silva.

¹⁸ ELEIÇÕES presidenciais – 2002. **Memória Globo**, Rio de Janeiro, 28 out. 2022. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-2002/noticia/eleicoes-presidenciais-2002.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Duas situações com os entrevistados foram lembradas por Bonner em 2019, sendo a primeira José Serra declarar, assim que saíram do ao vivo, que não tinha gostado da entrevista.

Em 2002, assim que encerramos a entrevista ao vivo com José Serra, do PSDB, entraram no estúdio o então diretor-geral de Jornalismo, Carlos Henrique Schroder, e seu diretor-executivo, Ali Kamel. Eu e Fátima ainda estávamos surpresos com o que Serra havia acabado de nos dizer quando lhe perguntei se havia gostado da entrevista. Um enfático “não” reverberou pelo mezanino em que estávamos todos. O candidato dirigiu, então, aos diretores, suas queixas quanto ao questionamento que fizemos de suas relações com uma figura controversa no processo de privatização da Telebras, que havia ocupado um cargo na diretoria do Banco do Brasil. (BONNER apud GLOBO, 2019, p. 60)

Entretanto, no dia seguinte, o mesmo candidato voltou atrás: “José Serra enviou flores para Fátima, com um pedido de desculpas pelo que chamou de ‘rbugice de candidato’” (Ibidem, p. 62). Nos dois ciclos presidenciais seguidos, 2006 e 2010, Serra retornou à bancada do Jornal Nacional para as sabatinas.

A segunda ocasião, dessa vez, começou um dia após, quando Garotinho anunciou que iria divulgar conversas gravadas que foram mantidas em sigilo pela Justiça a pedido dele, deixando a entrevista comprometido a liberar o material: “No dia seguinte, com críticas à entrevista, procurou relativizar o valor do compromisso que havia assumido diante de milhões de telespectadores” (Ibidem, p. 62).

No segundo turno das eleições presidenciais daquele ano, contra José Serra no dia 27, Lula foi eleito com 61,27% dos votos válidos, com mais de 52,7 milhões de votos. Quatro anos depois, o Jornal Nacional repetiu o feito nas eleições presidenciais, que levariam à reeleição de Lula.

Após sorteio da ordem das sabatinas em 2006, Bonner e Fátima Bernardes entrevistaram, por 12 minutos, respectivamente, os seguintes candidatos: Geraldo Alckmin (PSDB); Heloísa Helena (PSOL), Cristovam Buarque (PDT), e Lula (PT). Era a primeira vez em que o Jornal Nacional entrevistava, nesse modelo de sabatina, um presidente candidato à reeleição. Dessa forma, o petista pediu para que a entrevista fosse realizada no Palácio da Alvorada.

Especificamente, no que diz respeito à eleição de 2006, havia uma diferença em relação a 2002, quando havia quatro candidatos brigando e nenhum deles era presidente da República. Em 2006, havia um presidente candidato à reeleição e isso lhe dava o direito de conceder a entrevista não na bancada do telejornal, mas onde ele escolhesse. E assim foi feito. Fátima e eu fomos para Brasília fazer a entrevista, e nos orgulhamos muito do resultado, porque, muito embora estivéssemos no território do candidato, não nos intimidamos: o nível geral das perguntas foi totalmente compatível em grau de dificuldade com o dos demais

candidatos. Isso foi reconhecido inclusive pela imprensa concorrente, fartamente. Ficaram todos muito surpresos. (BONNER apud GLOBO, 2021)

Em relação a essa sabatina, William Bonner relembra a mudança do tom do candidato em comparação à sabatina anterior. A sabatina de Lula ocorreu 15 meses após o escândalo do Mensalão, que deflagrava um esquema de compra de apoio parlamentar. Falar sobre o escândalo era, portanto, “uma primeira pergunta jornalisticamente obrigatória para a ocasião” (BONNER apud GLOBO, 2019, p. 63).

Sob a tensão previsível, Bonner explica que, diferentemente de 2002, quando o então candidato “chegou mais cedo para ‘quebrar o gelo’” e se ambientar ao local da entrevista, o presidente “só desceu de seus aposentos no Palácio da Alvorada a poucos minutos” (Ibidem, 2019, p. 62) da sabatina.

Assim, segundo Bonner, Lula reclamou sobre a temperatura do ar, as cadeiras utilizadas e a biblioteca escolhida como local para gravar a entrevista: “Ninguém disse ao presidente, porque o clima não recomendava, mas a ideia tinha sido do estafe do palácio. E, como todas as demais, aquela entrevista seria ao vivo” (Ibidem, p.63).

O apresentador, portanto, lembrou a saída apressada do presidente após a entrevista, com “a cara amarrada” (Ibidem, p.63). E, então, foi vez de mais uma discussão envolvendo o teor das entrevistas e os diretores de Jornalismo da Globo:

O secretário-geral Gilberto Carvalho, sempre muito cortês, se exaltou. Disse que tínhamos passado do limite. Carlos Schroder e Ali Kamel tomaram nossa defesa. Argumentaram que tínhamos cumprido nossa obrigação como entrevistadores e que Carvalho sabia disso. (BONNER apud GLOBO, 2019, p. 63)

Como o episódio com Serra em 2002, mas, dessa vez, mais rápido, uma mudança de postura do entrevistado, “inexplicavelmente” (BONNER apud GLOBO, 2019, p. 63), apareceu minutos depois. Lula retornou à sala e manteve uma conversa simpática, com direito a “sorrisos e comentários brincalhões” (Ibidem, p. 63): “Nossa suspeita foi de que ele tinha tomado conhecimento das pesquisas que são feitas durante a entrevista, e que, possivelmente, o resultado havia lhe agradado” (Ibidem, p. 63).

Após dois ciclos de entrevistas em eleições presidenciais, o editor-chefe ressaltou que houve aprovação de todos os candidatos e partidos, devido à “mais absoluta igualdade no tratamento” (Idem, 2009, p. 204) dos entrevistados. Segundo Bonner, foi alcançado o “objetivo de

permitir a cada um expor suas propostas – e, também, suas argumentações quando confrontados com questões que pudessem ser incômodas, ou embaraçosas” (Ibidem, p. 204).

Já em 2010, ainda sob apresentação de Fátima Bernardes, o Jornal Nacional transmitiu as sabatinas ao vivo da então candidata Dilma Rousseff, pelo PT, em 9 de agosto, com duração de 12 minutos, mais 30 segundos para pedir voto aos eleitores. Também por ordem de sorteio, o restante da semana contou com Marina Silva, José Serra e Plínio Arruda Sampaio. Este último, porém, teve a entrevista gravada, não foi ao vivo, e durou um pouco mais de 3 minutos.

Após a eleição da petista, o modelo da sabatina no Palácio da Alvorada foi repetido durante a sua campanha eleitoral de reeleição. A partir do dia 11 de agosto de 2014, as entrevistas se valeram dos candidatos que tinham mais de 3% das intenções de voto nas pesquisas do Datafolha e do Ibope. As sabatinas, dessa vez, foram espaçadas, uma vez que o então candidato Eduardo Campos morreu em um acidente aéreo durante a campanha eleitoral, no dia 13 daquele mês. A entrevista ao Jornal Nacional fora na véspera, 12, e, por essa razão, as sabatinas foram adiadas por uma semana.

Foram, assim, entrevistados por Patrícia Poeta e William Bonner os candidatos Aécio Neves (PSDB); Eduardo Campos (PSB); Dilma Rousseff (PT); Marina Silva (Rede), que entrou na disputa no lugar de Campos; e Pastor Everaldo (PSC). O tempo total das entrevistas era de 13’50” minutos, com mais um minuto e meio destinado à fala do candidato para defender suas propostas. Naquele ano, Dilma foi reeleita para a Presidência do país.

Em sequência, no final de agosto de 2018, as sabatinas foram com os candidatos Ciro Gomes (PDT); Jair Bolsonaro, então pelo PSL; Geraldo Alckmin (PSDB); e Marina Silva (Rede). À época, Luiz Inácio Lula da Silva liderava a pesquisa do Instituto Datafolha, mas estava preso em Curitiba, então condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, e não podia ceder entrevistas por determinação judicial. Por essa razão, duas semanas depois, quando Fernando Haddad assumiu a candidatura pelo PT e conquistou 8% nas intenções de voto, ele foi entrevistado pelo Jornal Nacional.

À frente das entrevistas estavam William Bonner e Renata Vasconcellos, que já contavam com 27 minutos de entrevista – quase o dobro das eleições anteriores, que tinham o total de 15. Os

candidatos ainda tinham mais um minuto para dizer “que Brasil ele quer para o futuro”¹⁹. Este foi o último ciclo de entrevistas antes das sabatinas de 2022.

3.2 Configuração das entrevistas em 2022

Uma vez compreendidos os dados principais sobre as cinco rodadas de entrevistas presidenciais, cabe à presente pesquisa, no vigésimo aniversário do formato, focar no impacto das sabatinas em 2022, cujo processo produtivo será entoadado até o fim deste trabalho.

A composição do quadro de entrevistados foi se alterando ao longo de 2022, conforme as pesquisas e as candidaturas oscilavam. A desistência de Sergio Moro foi confirmada no dia 14 de abril, quando o União Brasil, partido a qual ele era filiado, confirmou a pré-candidatura de Luciano Bivar à Presidência. Anteriormente, em 31 de março, o ex-juiz ingressou na legenda, após sair do Podemos, e anunciou a “suspensão momentânea” da candidatura. No entanto, no dia 1º de abril, Sérgio Moro negou que houvesse desistido.

No mês seguinte, em 23 de maio, houve, então, a retirada da pré-candidatura de João Doria, pelo PSDB. O ex-governador de São Paulo, em discurso, anunciou a desistência na Zona Sul da capital paulista. Já em 4 de agosto, André Janones desistiu da candidatura à Presidência, promovendo a manutenção de apenas quatro grupos focados nas sabatinas do Jornal Nacional, já ao fim daquele mês.

Assim, os entrevistados que chegaram às sabatinas de 2022 foram definidos a partir do levantamento do Instituto Datafolha, divulgado em 28 de julho do mesmo ano, a respeito das intenções de voto no primeiro turno das eleições presidenciais. À época, seriam cinco – já sem Moro ou Doria: o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva, que detinha 47% das intenções de voto; Jair Bolsonaro, que acumulava 29%; Ciro Gomes, 8%; e Simone Tebet e André Janones, 2% (LULA..., 2022)²⁰.

A pesquisa foi realizada entre os dias 27 e 28 de julho, com 2.556 eleitores a partir de 16 anos em 183 municípios brasileiros (Ibidem). Segundo o instituto, a margem de erro máxima para

¹⁹ GRAVE um vídeo pelo celular dizendo que Brasil você quer para o futuro. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 30 jan. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/01/grave-um-video-pelo-celular-dizendo-que-brasil-voce-quer-para-o-futuro16.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

²⁰ LULA tem 18 pontos de vantagem sobre Bolsonaro no 1º turno. **Datafolha**, São Paulo, 29 jul. 2022. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2022/07/lula-tem-18-pontos-de-vantagem-sobre-bolsonaro-no-1o-turno.shtml>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

a amostra nas datas era de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, com confiabilidade de 95% (Ibidem).

Os números representavam estabilidade em relação ao candidato petista, cujo possível eleitorado se manteve ao comparar com percentual de junho. O então presidente da República, Jair Bolsonaro, subia nas intenções de voto, dentro da margem de erro, com crescente de 27% para 28% em junho, e 29% em julho. Ciro Gomes, por sua vez, repetia o percentual de junho, com 8%, e Simone Tebet voltava aos 2%, após cair para 1% em junho. Já o índice de brancos, nulos ou que não votariam nos candidatos mencionados era de 6%, enquanto 3% afirmaram não saber responder ao questionamento (LULA..., 2022)²¹.

Na pesquisa, também foram analisadas as intenções de voto em outros então candidatos: Pablo Marçal (Pros); Vera Lúcia (PSTU); Santos Cruz (Podemos); Sofia Manzano (PCB); Felipe d'Ávila (Novo); Leonardo Péricles (Unidade Popular); Luciano Bivar (União Brasil); e Eymael (Democracia Cristã). Cada um dos citados apresentava no máximo 1% das respostas sobre intenções de voto nas entrevistas.

Já em agosto, um sorteio realizado no dia 1º pelo Jornal Nacional, na presença dos assessores de cada uma das primeiras cinco candidaturas, decidiu a ordem das entrevistas entre os dias 22 e 26 de agosto de 2022 – de segunda-feira a sexta-feira. A sequência seria representada por Jair Bolsonaro, no dia 22; André Janones, 23; Ciro Gomes, 24; Luiz Inácio Lula da Silva, 25; e Simone Tebet, 26. O prazo final para confirmação da presença terminaria dali a três dias – data em que Janones retirou a candidatura.

Nesse viés, para entender o trabalho jornalístico da Globo acerca dos estudos e dos preparativos para as entrevistas, é necessário retomar a trajetória política dos quatro presidenciáveis: Jair Bolsonaro (PL), Ciro Gomes (PDT), Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Simone Tebet (MDB). O breve histórico das carreiras políticas visa facilitar a compreensão acerca dos temas selecionados para as sabatinas (POLATO, 2022)²².

²¹ LULA tem 18 pontos de vantagem sobre Bolsonaro no 1º turno. **Datafolha**, São Paulo, 29 jul. 2022. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2022/07/lula-tem-18-pontos-de-vantagem-sobre-bolsonaro-no-1o-turno.shtml>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

²² POLATO, Amanda. Conheça a trajetória dos principais candidatos à Presidência: Lula, Bolsonaro, Ciro e Tebet. **g1**, Rio de Janeiro, 28 set. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/09/28/conheca-a-trajetoria-dos-principais-candidatos-a-presidencia-lula-bolsonaro-ciro-e-tebet.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Então candidato à reeleição, Bolsonaro disputava a Presidência da República pela segunda vez, mas a carreira militar e política começou décadas antes disso (POLATO, 2022)²³. A trajetória no Exército foi marcada por uma prisão em 1986, por transgressão ao escrever artigo na revista “Veja” criticando os baixos salários, sendo absolvido pelo Supremo Tribunal Militar em 1988. Em 1989, o ex-capitão entrou para a reserva e foi eleito vereador do Rio de Janeiro. Depois desse mandato, foram 27 anos como deputado federal, de 1991 até 2018.

Figura 1 – Jair Bolsonaro em entrevista ao Jornal Nacional em 2022



Fonte: Jornal Nacional, 2022

O crescimento da popularidade de Bolsonaro, que o levou da Câmara dos Deputados para a Presidência da República, se deu, principalmente, devido ao discurso conservador, cristão, antipetista e anticorrupção dele, como exposto no voto a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016, em que houve a exaltação a um dos torturadores da ex-presidente durante a ditadura militar: “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff” (BOLSONARO apud POLATO, 2022).

²³ POLATO, Amanda. Conheça a trajetória dos principais candidatos à Presidência: Lula, Bolsonaro, Ciro e Tebet. **g1**, Rio de Janeiro, 28 set. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/09/28/conheca-a-trajetoria-dos-principais-candidatos-a-presidencia-lula-bolsonaro-ciro-e-tebet.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Ainda durante a campanha eleitoral, em 2018, Bolsonaro foi alvo de um ataque durante ato em Juiz de Fora, Minas Gerais, quando levou uma facada no abdômen (JAIR..., 2018)²⁴. Um homem chamado Adélio Bispo foi apontado como o responsável e foi preso, diagnosticado com um transtorno psiquiátrico (BARROS, 2022)²⁵. Dali a menos de dois meses, o candidato foi eleito presidente do país, com 57,8 milhões de votos (POLATO, 2022).

O governo de Bolsonaro foi marcado pela venda da Eletrobras e pela aprovação de reformas na Previdência e de decretos que ampliavam o acesso à arma de fogo (Ibidem). Como presidente, ele também foi alvo de críticas durante a pandemia do coronavírus no Brasil e chegou a ter nove crimes imputados a ele pela CPI da Covid a respeito da gestão durante a crise sanitária. Um inquérito, também, investigou a suposta divulgação de *fake news* em ataques ao sistema eleitoral brasileiro.

A tensão com a imprensa foi pauta durante o governo Bolsonaro. Segundo a ONG Repórteres Sem Fronteiras, em 2020, o então presidente e os filhos dele – Eduardo, na época, deputado; Carlos, vereador; e Flávio, então senador – fizeram, juntos, 469 ataques a jornalistas e a veículos de imprensa em 2020 (Ibidem).

Já Lula, em 2022, esteve na sua sexta corrida presidencial, sendo a terceira vitória. O metalúrgico começou a trajetória política nos movimentos sindicais na Grande São Paulo. Ainda na ditadura militar, ele chegou a ficar um mês preso no Departamento de Ordem Política Social (Dops), ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores (PT) e, em 1988, se tornou deputado federal. No ano seguinte, ele já concorreu à Presidência, sem passar por qualquer outro cargo no Poder Executivo, como fez Bolsonaro.

Após três tentativas falhas, a vitória de Lula em 2002 ocorreu após aproximação de empresários e políticos mais ao centro, com o objetivo de dar tom mais moderado à campanha, ao lado do vice José Alencar. O Bolsa Família foi aprovado, o salário mínimo foi ampliado e houve a criação de programas sociais. Ainda naquele mandato, o Mensalão, citado anteriormente, envolveu diversos políticos alinhados ao governo, e foi tema das sabatinas de 2006. O segundo mandato de

²⁴ JAIR Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. **g1**, Juiz de Fora. 6 set. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

²⁵ BARROS, Amanda. Adélio Bispo, autor de facada em Bolsonaro, tem transtorno delirante e é perigoso para a sociedade, diz laudo. **g1**, Campo Grande. 25 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/08/25/adelio-bispo-autor-de-facada-em-bolsonaro-tem-transtorno-delirante-e-e-perigoso-para-a-sociedade-diz-laudo.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Lula foi finalizado com cerca de 80% de popularidade e com direito à eleição da parceira de partido – Dilma Rousseff – como sucessora.

Figura 2 – Lula em entrevista ao Jornal Nacional em 2022



Fonte: Jornal Nacional, 2022

Iniciada durante o governo Dilma, a Lava Jato, que investigava desvios em contratos do governo federal, principalmente da Petrobras, levou à prisão de Lula por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, com condenação de nove anos e meio, em 2018 (CRONOLOGIA..., 2021)²⁶. O ex-presidente chegou a tentar concorrer às eleições daquele ano, mas foi barrado pela Lei da Ficha Limpa.

Após um ano e sete meses preso, o Supremo Tribunal Federal derrubou a condenação em segunda instância e ele foi solto. Já em 2021, o STF anulou as acusações pela Justiça Federal no Pará, concluindo que a vara não tinha competência para julgar os quatro processos do ex-presidente, mas, sim, a Vara Federal de Brasília (STF..., 2021)²⁷. O ex-juiz Sergio Moro, que se

²⁶ CRONOLOGIA: processos e condenações de Lula na Lava Jato. **g1**, Curitiba, 8 mar. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/03/08/cronologia-processos-e-condenacoes-de-lula-na-lava-jato.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

²⁷ STF confirma anulação das condenações de Lula. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 25 jan. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/15/stf-confirma-anulacao-das-condenacoes-de-lula.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

tornou ministro da Justiça de Bolsonaro, foi considerado parcial no julgamento do triplex do Guarujá, e os direitos políticos de Lula foram restabelecidos.

Por sua vez, Ciro teve quase toda a sua trajetória política centralizada no Ceará, para onde, nascido em Pindamonhangaba, em São Paulo, mudou-se ainda criança, para a cidade de Sobral (POLATO, 2022). Em 2022, pelo PDT, foi a quarta vez que ele foi candidato à Presidência da República ao longo da sua passagem por sete partidos.

Figura 3 – Ciro Gomes em entrevista ao Jornal Nacional em 2022



Fonte: Jornal Nacional, 2022

De uma família de políticos, o bisavô, o avô e os irmãos de Ciro foram prefeitos de Sobral. Seguindo os mesmos passos, na década de 1980, Ciro chegou a atuar como professor universitário, mas se tornou deputado estadual e, em 1988, foi eleito prefeito de Fortaleza. Dali a dois anos, ele se tornou governador do estado do Ceará, pelo PSDB, cujo governo fora bem avaliado quanto à educação e à saúde, quando conseguiu que a mortalidade infantil caísse mais de 30% (Ibidem).

Em relação ao governo federal, Ciro ainda assumiu o Ministério da Fazenda por quatro meses em 1994, durante o governo de Itamar Franco, e participou da consolidação do Plano Real. Já no primeiro governo Lula, foi chamado para o cargo de ministro da Integração Nacional.

A política “palavrosa” (GOMES apud CIRO..., 2022) de Ciro o acompanhou ao longo da vida política, em que o temperamento e o uso de termos duros já era alvo de críticas nas eleições de 2002. O candidato responde a dezenas de processos na Justiça por danos morais, calúnia, injúria e difamação, como em 2011, quando chamou policiais grevistas de “marginais fardados”.

Ao longo das disputas presidenciais, Ciro tentou formar chapas de centro-esquerda com o PT, como em 2018, com a possibilidade de se lançar pelo PDT com Haddad como vice, mas isso nunca ocorreu (POLATO, 2022). Em 2022, o discurso do pedetista propunha uma terceira via e confrontava os dois à frente das pesquisas: Lula e Bolsonaro.

Por fim, Tebet foi a única dos quatro presidenciáveis a estar na bancada do Jornal Nacional pela primeira vez, em sua primeira corrida presidencial. Filha do político Ramez Tebet – que foi ministro de FHC, governador, senador, presidente do Congresso etc –, a advogada foi professora universitária, assim como Ciro (POLATO, 2022).

Figura 4 – Simone Tebet em entrevista ao Jornal Nacional em 2022



Fonte: Jornal Nacional, 2022

Aos 31 anos, em 2002, Tebet se elegeu deputada estadual, pelo então PMDB e, em 2004, foi eleita prefeita da sua cidade natal, Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul. Em 2010, ela assumiu o posto de vice-governadora do estado, ao lado de André Puccinelli, que chegou a ser investigado e preso por suposto de corrupção no governo (POLATO, 2022). Já em 2014, a candidata se tornou

senadora – cargo pelo qual ganhou visibilidade nacional após a sua atuação na CPI da Covid, em 2021.

Tebet foi a primeira mulher a assumir a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) e a primeira a concorrer ao cargo de presidente do Senado – disputa que perdeu para Rodrigo Pacheco. Por isso, além das frentes de educação, saúde, segurança pública e desenvolvimento econômico, a candidata colocou como objetivo na campanha a igualdade salarial entre homens e mulheres e buscou, principalmente, o voto feminino.

Como proprietária rural, Tebet tem ainda poio de representantes do agronegócio e já chegou a propor uma medida para suspender a demarcação indígena em áreas com ocupação ou conflitos – arquivada em seguida (POLATO, 2022). Ela tentou se consolidar como uma terceira via para a Presidência em 2022, e teve como vice a então senadora Mara Gabrilli, do PSDB, uma vez que eram as primeiras eleições da história em que esse partido não lançaria um representante ao cargo.

Frente a essas candidaturas e possíveis configurações das entrevistas, Kamel contou que nervosismo da equipe jornalística ao entrar em cada entrevista se manteve como nas sabatinas anteriores, mas sexta vez foi marcada como o “pior dos ciclos de entrevistas, porque teve uma importância monumental” (KAMEL, 2022). Porém, ele define: “a gente sabia exatamente aonde a gente ia” (Ibidem) – justificando a preparação do Jornalismo da Globo.

Para tanto, é necessário partir de 2021, quando as entrevistas do ano seguinte já começavam a ser pensadas. À época, o segundo turno possível entre Bolsonaro e Lula já era vislumbrado como um cenário provável. Contudo, Kamel questionava se os teria nas entrevistas – cogitando as seguintes hipóteses: os dois comparecerem, ambos faltarem ou apenas um deles estar presente.

Esse ano, foi ainda mais intenso por uma razão: ano passado, eu estava superdeprimido porque eu falei: “São 20 anos que fazemos essas entrevistas, e Lula vai ser candidato, Bolsonaro vai ser candidato. Bolsonaro tem péssima relação com a imprensa, ele não vem à entrevista”. [...] O Lula, também supermagoado com a cobertura, não nossa, mas da imprensa de modo geral, do escândalo da Lava Jato, não vem. “No ano do 20º aniversário, então, a gente vai ter os dois principais candidatos, os dois adversários sem vir ao JN, que chato, que droga”. (KAMEL, 2022)

O diretor-geral de Jornalismo, contudo, relembra que, já em 2022, começou a se conformar com aquela possibilidade ao passo que notou a ausência de ambos candidatos às entrevistas de

outros veículos de imprensa, como ele enfatiza: “[Não foram a] nada, nenhuma entrevista” (KAMEL, 2022). Desse modo, Kamel pensou: “Bom, não será um desprestígio para o JN, será um desprestígio para eles, porque eles não estão indo a nada” (Ibidem). Houve, portanto, a preparação, também, para o caso da ausência dos dois – situação que vai ser detalhada e embasada no próximo subcapítulo.

Porém, Kamel explica que o ciclo de entrevistas com presidentiáveis no Jornal Nacional ganhou uma importância tão grande que eles começaram a dar sinais de que iriam às entrevistas. O sentimento do diretor-geral de Jornalismo, sob essa circunstância, era dividido entre a satisfação pelo dois comparecem às sabatinas, e a consciência sobre o desafio que viria pela frente: “Foi uma demonstração de superprestígio. Eu estava superfeliz, mas eu falei: ‘Meu Deus, onde eu fui meter a minha mão? Porque vai ser a coisa mais difícil da minha vida fazer essas entrevistas’. Pelo clima que se instalou no país” (KAMEL, 2022).

Assim, à véspera da divulgação dos dias em que as entrevistas seriam realizadas, Kamel relembra um contratempo: a possível ausência de Bolsonaro:

Os candidatos tinham um prazo para dizer se vinham ou não, meia-noite de uma quinta-feira. E, nesse horário Bolsonaro, disse que só daria entrevista se fosse no Alvorada. E eu, em casa, falei assim, não tem jeito, regra é regra: “Então, ele não vem”. Demos no g1 dizendo que Bolsonaro impôs condições e não viria. (KAMEL, 2022)

As sabatinas de 2022 marcaram ainda o primeiro ano em que um candidato à reeleição foi entrevistado na bancada do Jornal Nacional, e não mais no Palácio da Alvorada, em Brasília. Segundo Kamel, a execução das entrevistas no local distinto com os então presidentes sempre gerava “um ruído nos outros candidatos” (KAMEL, 2022). Desse modo, a Globo divulgou que a postura foi alterada após as eleições de 2014, em que a empresa anunciou que “realizaria as entrevistas de todos os candidatos à Presidência da República em seus estúdios, de forma a demonstrar que todos os candidatos são tratados em igualdade de condições” (JORNAL..., 2022)²⁸.

As entrevistas são meramente jornalísticas. Então, a gente não negocia. A gente diz: “As entrevistas serão aqui”, “As entrevistas serão nos Estúdios Globo”, “As entrevistas não serão no Palácio do Planalto”, “Elas terão 40 minutos”. Eles até

²⁸ JORNAL Nacional entrevistará candidatos à Presidência da República. **Jornal Nacional**, 5 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/05/jornal-nacional-entrevistara-candidatos-a-presidencia-da-republica.ghtml>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

podem dizer: “Eu preferia que elas tivessem 50”. Não terão 50, elas terão 40 minutos. Nós temos a palavra final. (KAMEL, 2022)

Logo, as datas das entrevistas foram divulgadas na madrugada do dia 5 de agosto de 2022, na página oficial do telejornal – parte do portal g1, e nas redes sociais. O comunicado afirmava que não havia a confirmação de Bolsonaro sobre aceitar as regras das sabatinas e que, nos dias 4 e 5, a assessoria do presidente condicionou a concessão da entrevista à realização no Palácio da Alvorada, em Brasília, “em função da campanha e de compromissos assumidos anteriormente” (JORNAL..., 2022).

A Globo, então, declarou que rejeitou o pedido “diante das regras anunciadas reiteradas vezes” (Ibidem) e considerou o convite como recusado. A matéria também enfatizou que Bolsonaro não havia contestado o formato nas sabatinas no g1 e na *GloboNews*, e que os outros candidatos, por sua vez, tinham concordado com as regras.

Porém, nessa mesma manhã, a equipe de Bolsonaro enviou um recado pela assessoria de imprensa, “dizendo: ‘Não, foi um mal-entendido, ele apenas manifestou uma preferência, mas ele vai aí, sim, sem problema nenhum’” (KAMEL, 2022). Em seguida, uma nova reportagem anunciou que a emissora foi contatada novamente para confirmar a presença de Bolsonaro – o e-mail anterior “tinha apenas o objetivo de manifestar uma preferência, mas que o candidato não se recusava a ir ao Rio de Janeiro para a entrevista” (JAIR..., 2022)²⁹.

Além disso, na tarde do dia 5 de agosto, o telejornal anunciou a antecipação da entrevista de Ciro Gomes para o dia 23 – data em que seria realizada a sabatina de Janones – para que todas as participações fossem no mesmo horário. Isso porque, no dia 24, a programação da TV Globo demandaria a exibição do Jornal Nacional mais cedo.

Por fim, em 2022, o então mais recente ciclo de entrevistas de quando esta pesquisa foi escrita, o Jornal Nacional recebeu quatro candidatos à Presidência da República em agosto. Com Renata Vasconcellos e William Bonner como entrevistadores, as sabatinas duraram 40 minutos, com direito ao minuto final dedicado para considerações finais.

O presidente Jair Bolsonaro (PL) foi à bancada do Jornal Nacional no dia 22, e os candidatos Ciro Gomes, (PDT), no dia 23; Luiz Inácio Lula da Silva, (PT), 25; e Simone Tebet (MDB), 26. A

²⁹ JAIR Bolsonaro dará entrevista ao Jornal Nacional no Rio. **Jornal Nacional**, 5 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/05/jair-bolsonaro-confirma-presenca-em-entrevista-ao-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

candidata foi a única dos entrevistados a participar de uma sabatina no Jornal Nacional pela primeira vez.

O período eleitoral, assim, contou com campanhas duras pelos candidatos, com troca de ofensas principalmente entre os dois mais votados – Bolsonaro e Lula –, radicalismo e disseminação de *fake news* – sendo este um dos pontos abordados ao longo desta pesquisa. Dali a um pouco mais de três meses, no dia 30 de outubro de 2022, Lula foi eleito para a Presidência do Brasil pela terceira vez, com 50,90% dos votos válidos, equivalente a 60.345.999 de eleitores – número que o tornou o presidente mais votado da história do país. Bolsonaro, por sua vez, recebeu 49,10% dos votos válidos, o que corresponde a 58.206.354 – 1,80% e pouco mais de 2 milhões abaixo do vencedor (APURAÇÃO..., 2022) ³⁰.

Isso posto, após o sexto ciclo de entrevistas com os presidentiáveis, esta pesquisa observa a continuidade do formato, apesar de desagradados por parte de entrevistados, que chegavam a voltar à bancada nas eleições seguintes. Para Kamel (2022), isso demonstra “o reconhecimento de todos de que agimos com correção” (KAMEL, 2022) – princípio editorial mencionado no capítulo anterior – e, assim, a “credibilidade do nosso jornalismo” (Ibidem):

Em 2002, aqueles entrevistados saíram todos reclamando e, em 2006, os novos concorrentes sentaram-se na mesma bancada. Em 2010, os candidatos estavam aqui, em 2014, em 2018 e 2022 também. Então, a História sempre nos absolve no sentido de mostrar que, se a gente tivesse feito errado, no sentido de um errar contra os princípios editoriais do bom jornalismo, só teríamos tido um ciclo de entrevistas, nunca mais ninguém voltava. (KAMEL, 2022)

3.3 Pré-produção das entrevistas

O estudo das sabatinas de 2022 demanda, pois, que seja compreendido o trabalho jornalístico envolvido nos meses anteriores às entrevistas, assim como os métodos produtivos aplicados por 70 profissionais: o preparo e as etapas necessárias até que o candidato esteja na bancada do Jornal Nacional. A este trabalho, Kamel, o diretor-geral de Jornalismo da Globo, contou, então, sobre o planejamento das entrevistas, os grupos de pesquisa dos candidatos, a relação com a credibilidade interna e externa e a previsibilidade das sabatinas.

³⁰ APURAÇÃO dos votos: 100% das urnas são totalizadas. **g1**, 31 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/apuracao-dos-votos-100percent-das-urnas-sao-totalizadas.ghtml>>. Acesso em: 19 dez. 2022

Ainda em 2021, as sabatinas de 2022 já eram pensadas por Kamel, que não sabia se Bolsonaro e Lula – à época, já vistos como os candidatos mais prováveis de disputar o segundo turno presidencial – iriam comparecer às entrevistas. O diretor-geral de Jornalismo explica que mesmo a possível ausência demandou preparo:

Se isso se confirmasse, eu até pensei num editorial para a semana das entrevistas criticando o fato de não virem aqui como a nenhum lugar. [...] Mas a nossa sorte é que não tem improviso na Globo, é muito importante frisar isso. Então, mesmo eu, em 2021, temendo que eles pudessem não vir, eu não desarme o esquema, a gente manteve o esquema, a gente fez tudo como se tivéssemos a certeza de que viriam. Então, quando eles decidiram vir, a gente ficou tenso, mas o dever de casa estava feito. (KAMEL, 2022)

Para fazer tal “dever de casa” (Ibidem), Kamel, nesse sentido, discorre sobre os grupos de pesquisas sobre os candidatos e o porquê desse formato. Ele abordou, a princípio, como o jornalismo “tem que ser isento, honesto, correto, para dentro e para fora” (Ibidem), ou seja, crível tanto para o público quanto para os próprios colegas de trabalho de que as perguntas seriam as “que têm que ser feitas” (Ibidem). Porém, a cadeia produtiva estabelecida poderia interferir na percepção acerca do trabalho jornalístico, como ele explica neste fragmento:

Naquela primeira vez, se isso viesse como um pacote, feito pelo Bonner ou feito por mim, as pessoas iriam achar que foi o Dr. Roberto [Marinho], que ainda estava vivo, ou o João [Roberto Marinho], ou eu. Essa pergunta que é mais difícil ou menos difícil, uma encomenda. Eu precisava convencer os próprios colegas de que as perguntas seriam feitas porque eram as que precisavam ser feitas. (KAMEL, 2022)

Nesse sentido, ainda frente ao ineditismo das primeiras sabatinas, em 2002, Kamel idealizou os grupos de pesquisa dos candidatos, que envolvem diferentes jornalistas da Globo, para que cada um dos núcleos se aprofunde em um candidato e uma candidatura. Esse processo visava, além de convencer os candidatos sobre a seriedade do trabalho, efeito esperado, também, do ao vivo, “reiterar ao público interno de que: ‘Olha, aqui a gente aqui vai fazer jornalismo’” (KAMEL, 2022). Segundo Kamel, esse objetivo foi alcançado ainda nas primeiras sabatinas.

Desde então, nos ciclos de entrevistas com presidenciais no Jornal Nacional, cada grupo avalia, até mesmo, as respostas do candidato a outras entrevistas e os resultados delas, tentando alcançar as perguntas mais assertivas ou que permitam uma nova angulação. De acordo com Kamel, deve-se “saber o que os candidatos dizem acerca de um tema, para que a gente não faça

perguntas ingênuas” (KAMEL, 2022). Um dos exemplos está na parede do diretor-geral de Jornalismo, sob a manchete de um jornal sobre a entrevista com Lula, então candidato à reeleição em 2006:

Aqui você tem: “Não diga, presidente!”, “Em entrevista incisiva, Jornal Nacional obtém novas versões de Lula sobre os escândalos no governo”, 2006, foi depois do Mensalão. Por que a gente obteve novas versões? Porque a gente estudou tudo o que ele dizia, e, então, a partir do que a gente sabia que ele iria dizer ele, a gente já formulou na pergunta: “O senhor tem dito isso, isso e isso”. E fez a pergunta a partir das respostas que ele insistentemente vinha dando e encontrando nelas algum ponto que levasse a questão adiante. Ficava difícil ele se repetir mais uma vez, porque na pergunta se avançavam algumas casas. (KAMEL, 2022)

Sob essa premissa, a investigação e os objetivos dos grupos se repetiram em 2006, como expõe o fragmento anterior, 2010, 2014, 2018 e, enfim, 2022. A intenção, portanto, não é estudar apenas a vida política do candidato: “eles estudam tudo o que os candidatos falam sobre aquela pergunta” (Ibidem). Tal construção foi exemplificada a partir do mesmo candidato, que retornou à bancada do Jornal Nacional em 2022:

“Lula, qual vai ser a sua política econômica?”, mil perguntas assim são feitas, não é? E ele responde, mais ou menos, a mesma coisa. Então, a gente nunca vai fazer uma pergunta: “Lula, qual vai ser a sua política econômica?”. A gente vai tentar fazer uma construção que surpreenda, assim: “Lula, você tem dito que a sua política econômica vai ser ‘assim ou assado’, mas, no entanto”, e a gente faz uma pergunta em cima das respostas que ele vem dando. (KAMEL, 2022)

Essa preparação para as respostas – o “dever de casa” (Ibidem), que começa nos grupos de pesquisas meses antes das entrevistas e vai até as vésperas das sabatinas para a elaboração dos enunciados – é analisada pelo diretor-geral de Jornalismo como uma forma de ver à frente, sendo possível “prever o futuro” (Ibidem) e “se mover a partir dessa previsão” (KAMEL, 2022): “O futuro é previsível” (Ibidem).

A menos que o Lula tivesse um enfarte ou Bolsonaro resolvesse estapear a Renata ou o Bonner, a gente consegue saber exatamente por onde eles vão, e é impressionante, eles vão. A gente raríssimamente é surpreendido. Não digo que nunca tenha acontecido, mas raríssimamente a gente é, porque a gente estuda tanto o que eles vêm dizendo, que a gente traz para o presente. (KAMEL, 2022)

Tal importância e complexidade das pesquisas prévias para entrevistas são enfatizadas por Lage (2001), que ressalta que é fundamental ir além da apuração e revelar pontos que poderiam passar despercebidos.

O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, *insight*: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos. (LAGE, 2001, p. 15)

Sob essa ótica, não se deve observar a produção jornalística das sabatinas de 2022 como algo isolado ou feito especificamente para um ciclo de entrevistas, mas um formato consolidado e repetido ao longo dos 20 anos de entrevistas. Dito isso, é a vez de entender como foi a preparação voltada para o ano estudado, com os grupos organizados pelo diretor de Jornalismo da Globo, Ricardo Villela³¹, que conversou com a presente autora.

A esta pesquisa, o jornalista explicou que, já no primeiro semestre do ano, entre abril e maio, cerca de quatro meses antes das entrevistas, os profissionais foram divididos por ele em grupos de cinco a seis participantes. Cada núcleo deveria pesquisar os candidatos e as candidaturas com maior probabilidade de participar das sabatinas e levantar informações sobre a carreira política, os posicionamentos prévios, os mandatos anteriores e o programa de governo.

Os grupos de 2022 envolviam profissionais das cinco praças da emissora, localizadas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Distrito Federal, e tinham, também, a função de formular sugestões de perguntas. Cada um dos grupos realizava reuniões entre si e tinha um jornalista na posição de relator, que era responsável pelo contato direto com Villela.

Os talentos eram muitos complementares dentro de cada grupo. Então, você tinha, em cada grupo, o cara que entende de economia, o que tem fontes na Polícia Federal, o que conversa com o Ministério Público. Você tem tudo isso nos grupos de forma que você consiga, realmente, cada dúvida ser canalizada para uma pessoa que tem a ver com aquela área, entendeu? (VILLELA, 2022)

De acordo com Villela, à época em que os núcleos foram criados, as apostas para os possíveis candidatos com mais intenções de voto seriam Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jair Bolsonaro (PL), Ciro Gomes (PDT), João Doria (PSDB) e Sergio Moro, então filiado ao Podemos, totalizando cinco grupos iniciais. Novas formações surgiram conforme houve mudanças na corrida presidencial, permitindo que houvesse a criação do grupo para estudar as candidaturas de Simone Tebet (MDB) e André Janones (Avante).

³¹ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 11 de novembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta monografia]

Lá no começo do ano, parecia que os candidatos mais importantes seriam Lula, Bolsonaro, Ciro, Doria e Moro. Eram esses. Então, num primeiro momento, eu separei um grupo de cinco ou seis pessoas para cada um desses. Se é um candidato como o Lula, que tem o histórico da Lava Jato, ou o Moro, que também tem, em cantos opostos, eu precisava envolver, então, gente de Curitiba e de Brasília, que tinha um repertório sobre isso, e, assim, estava, em cada um dos grupos tinha. Se é um candidato como o Ciro Gomes, é legal envolver alguém do Recife, porque tem o conhecimento do Nordeste, de onde o Ciro fez a maior parte da carreira política dele, e, assim, sucessivamente. (VILLELA, 2022)

Em consonância, Villela dialoga, assim, com a trajetória descrita por Kamel, afirmando que esse formato de preparação, feito nas primeiras sabatinas do Jornal Nacional, em 2002, é replicado em “todos os telejornais que entrevistam candidatos” (VILLELA, 2022), incluindo os produtos locais, como sabatinas com candidatos a governo estadual. O material levantado para André Janones, por exemplo, que não foi entrevistado pelo Jornal Nacional, pôde ser utilizado na sabatina da *GloboNews* e no podcast “O Assunto” (Ibidem).

Entretanto, segundo Villela, esta foi a primeira cobertura de eleições em que os grupos puderam ser de locais diferentes, devido às possibilidades de cooperação remota – em formato *online* – incorporadas à produção das sabatinas após a pandemia do coronavírus, como reuniões por videochamada etc. Tal modelo permitiu com que cada pesquisa não fosse mais delegada a uma única praça e, assim, promovesse maior ênfase às especialidades dos jornalistas envolvidos.

Os grupos eram muito localizados, a gente entregava candidatos para uma das praças resolver. [...] Um candidato muito ligado a São Paulo, como o Alckmin, que foi candidato a presidente outra vez, era natural que São Paulo formasse um grupo para pesquisar a vida dele, os governos dele, as ideias dele, o programa dele e formulasse perguntas e, assim, sucessivamente. Nesta vez, eu montei grupos que que não estavam atrelados numa cidade só e nem a uma plataforma só. Então, eu montei grupos que tinham gente do g1, da *GloboNews* e da Globo, que estavam em Recife, Rio, São Paulo, Brasília, espalhados. (VILLELA, 2022)

Ao longo dos meses, os grupos, portanto, levantaram o material pedido, cujas perguntas foram “trabalhadas e retrabalhadas” (VILLELA, 2022) até chegarem no formato considerado “ideal”. Segundo o diretor, o processo conta com o desafio de, frente a candidaturas distintas, “impor aos candidatos o mesmo nível de dificuldade” (Ibidem):

São candidatos com histórias desiguais, são histórias diferentes. Os candidatos que governaram mais vezes têm mais história para ser contada ou confrontada, e candidatos que governaram menos, têm menos história para ser confrontada. O objetivo da entrevista é mostrar o candidato por inteiro, sua história pública e suas ideias. (VILLELA, 2022)

Esse objetivo é definido, também, por Kamel, que ressalta que as entrevistas “devem se equivaler em termos de dificuldade, sem artificialismos” (KAMEL, 2022), isso é, deve ser possível observar as abordagens niveladas às outras entrevistas. Segundo o diretor-geral de Jornalismo, o objetivo é que as entrevistas, se colocadas em um diagrama, apresentem, por exemplo, as mesmas proporções: “Eu tenho que ser 30% forte, 30% programático” (Ibidem).

Esse processo propõe, assim, um “equilíbrio entre as perguntas, entre coisas que são programáticas e coisas que dizem respeito à história de vida do candidato, da vida pública dele” (VILLELA, 2022), a fim de “ser justo na formulação” (Ibidem).

Mesmo assim, pode-se entender enquanto enganos as presunções sobre a dificuldade ou facilidade à equipe jornalística na elaboração das perguntas: “as entrevistas mais difíceis podem ser as mais simples” (KAMEL, 2022), ainda mais quando se objetiva nivelar as abordagens. Um exemplo foi citado por Kamel sobre as sabatinas de 2022: “A entrevista com a Simone Tebet, que não tinha aquela importância toda, e tinha também 40 minutos, foi uma dificuldade, porque o que você ia perguntar para Simone Tebet, num ambiente de tanto radicalismo?” (Ibidem).

Já a precisão das perguntas a Bolsonaro em 2022, por exemplo, exigia “coragem de formular as perguntas necessárias, dado o histórico dele com a imprensa, a segurança de saber por onde ele vai, e isso é muito difícil” (KAMEL, 2022). Porém, segundo o diretor-geral de Jornalismo, “também é difícil você fazer uma entrevista com alguém que você não precisa ter coragem nenhuma” (Ibidem).

Por conseguinte, é válido observar a elaboração das perguntas em que, segundo Kamel, nenhum assunto é proibido de ser abordado (KAMEL, 2022). Com objetividade, consistência e relevância como pontos-chave (VILLELA, 2022), a seleção dos assuntos, então, segue “critérios puramente jornalísticos” (Ibidem), retomando os valores-notícia já mencionados ao longo desta monografia por Traquina (2005) e William Bonner (2009) e os princípios editoriais do Grupo Globo, abordados por Kamel (2019, 2022). Villela ainda descreve o andamento do processo:

Ao longo dos últimos dias, a gente volta a fazer pergunta, checar todas as informações para saber se tudo que a gente tem ali é correto, é preciso. A gente vai depurando muito a pesquisa do grupo sobre o candidato. Para o William e a Renata irem para a bancada bastante especialistas no candidato com o que eles vão entrevistar. [...] A gente trabalha em cima delas (perguntas) para ter, no final das contas, uma entrevista que seja consistente e relevante e que revele as ideias daquele candidato. (VILLELA, 2022)

No livro “*Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo*” (2019), a apresentadora Renata Vasconcellos reforçou esse intuito, destacando a meta de abordar os principais temas que envolvem aquela candidatura e “esclarecer dúvidas, inconsistências, polêmicas” (VASCONCELLOS apud GLOBO, 2019, p.78), com cobranças no “mesmo nível” (Ibidem).

Trazendo, então, a função dos entrevistadores e dos diretores do Jornalismo da Globo no processo de finalização dos questionamentos, Kamel descreve que o grupo, em 2022, foi formado por ele, Villela, os entrevistadores – Bonner e Vasconcellos –, e o diretor da *GloboNews*, Miguel Athayde. Por dois meses, o diretor-geral de Jornalismo determinou a eles a função de, retomando a expressão supracitada, “prever o futuro” (KAMEL, 2022).

O novo núcleo, dessa maneira, tem a função de analisar as perguntas sugeridas pelos grupos de pesquisa, ao passá-las por um crivo de formulação, estrutura e, até mesmo, dicção: “A gente adapta, o Bonner palpita, eu palpito, todo mundo palpita do início ao fim na formulação, em como elas têm que ser. Na dicção dela, no jeito de perguntar. Tem de ser o jeito dos entrevistadores” (KAMEL, 2022). Essa preparação, portanto, é definida não como um ensaio das entrevistas, mas um teste sobre as previsões.

O objetivo desse grupo é a gente testar se as nossas previsões têm chances de acontecer. Então, várias perguntas que a gente pensou que seriam maravilhosas, no decorrer da coisa, a gente diz: “Isso aqui não está legal porque ele vai encontrar essa saída aqui, que não vai levar a nada. Então, vamos tentar... Essa aqui, não”. (KAMEL, 2022)

O processo, portanto, para garantir “segurança de saber por onde” (Ibidem) o candidato vai e de formular as perguntas necessárias, é acompanhado pelos cinco, por vezes, ainda com o diretor de Jornalismo do Rio de Janeiro, Vinicius Menezes, em vez de Athayde: “Um de nós – esse ano, o Miguel desempenhou muito essa função – incorpora o personagem. Ele estudou muito tudo, e isso funciona também para a Central das Eleições, nas entrevistas” (KAMEL, 2022).

Para tanto, esta pesquisa ouviu William Bonner³², editor-chefe do *Jornal Nacional*, que faz parte da dupla de entrevistadores das sabatinas desde o seu surgimento. O apresentador, nesse viés, discorre sobre a continuidade ao trabalho das pesquisas sobre os candidatos, para “extrair respostas a questões que os entrevistados não gostariam de abordar” (BONNER, 2022).

³² Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 21 de novembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista, concedida por e-mail, encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia]

O âncora detalha como, até mesmo, a estrutura dos questionamentos – desenvolvida e finalizada durante as reuniões com o grupo – segue a premissa extrair explicações para “pontos obscuros” (Ibidem) sobre os entrevistados, as candidaturas, os seus aliados e os partidos pelos quais passaram e impedir que eles desviem de assunto. Bonner, então, utiliza, também, a ideia de “dever de casa” (Ibidem), como citado por Kamel (2022), a ser cumprido: “Encontrar esses pontos obscuros, polêmicos exige pesquisa. É esse dever de casa de grupos de jornalistas que nos fornece matéria-prima para a elaboração de perguntas que os candidatos não desejariam que fossem formuladas” (BONNER, 2022).

Assim, os entrevistadores têm a função não só de elaborar as perguntas finais, mas, também, projetar possíveis réplicas e trélicas – que serão exemplificadas no subcapítulo a seguir, como destaca Bonner no fragmento abaixo:

As reuniões de formulação de perguntas são um ambiente em que recebemos e analisamos respostas já registradas daqueles candidatos a perguntas semelhantes. Quando a questão é inédita, tentamos intuir os caminhos possíveis que o entrevistado poderá adotar. E, assim, pensamos em possíveis réplicas e trélicas. (BONNER, 2022).

Assim, mesmo com a antecedência, Villela afirma que, se possível, em 2026, “começaria antes ainda para ter mais tempo no final” (VILLELA, 2022) e tornar o processo mais confortável para a equipe, principalmente nos últimos dias que antecedem as entrevistas.

Ademais, outra novidade das sabatinas com presidenciáveis no Jornal Nacional em 2022 impactou a elaboração das perguntas e desenvolvimento do diálogo: o tempo. Em 2002, as sabatinas, como citado anteriormente, tinham apenas 10 minutos, com tolerância de 30 segundos. Nesse viés, era imputada às entrevistas a “fama de ardidias” (KAMEL, 2022), visto que havia mais interrupções por parte dos entrevistadores devido ao tempo curto, ainda que proporcional à duração do telejornal à época, com cerca de 30 minutos. Assim, as entrevistas ocupavam um terço da edição.

Em 10 minutos, você não pode dar chance de o entrevistado sair muito. Depois, a gente aumentou para 15, 20 e, esse ano, eu falei: ‘Não, é preciso acabar com essa impressão de que a gente, de que os entrevistadores interrompem muito, vamos botar 40 minutos’. Acabou dando certo. Quarenta minutos, eu acho que funcionou muito bem. (KAMEL, 2022)

Isso posto, de 2018 para 2022, os minutos disponibilizados ao vivo para as entrevistas aumentaram de 28 para 40 minutos – um salto de 42,86%. Para Kamel, a duração, enfim, ideal, e

possivelmente perpetuada pelas próximas entrevistas: “Para o futuro, eu acho que vai ser sempre assim, de 40 minutos, porque, mais do que 40 minutos acaba sendo TV fechada, o público da TV aberta, não aguenta” (Ibidem). Essa diferença do tempo para a execução das sabatinas é destacada, também, por Villela (2022) como uma oportunidade de deixar a troca mais confortável tanto para os entrevistadores quanto para os entrevistados.

O aumento do tempo foi muito bem-vindo, porque nos permitiu fazer a entrevista fluir com mais naturalidade. Quando a gente tinha menos tempo, a gente era obrigado, como assuntos que são obrigatórios, porque você olha jornalisticamente, obrigatórios, a dar muito menos tempo para o desenvolvimento de cada ideia. Com esse tempo maior desse ano, a gente conseguiu deixar os candidatos mais à vontade para desenvolver suas ideias. Então, isso só veio em benefício mesmo, deixou as coisas mais fáceis do que difíceis. (VILLELA, 2022)

Para Bonner, o resultado do aumento de tempo vai além: explorar um número maior de temas “em maior profundidade e com menor necessidade de interrupções” (BONNER, 2022). O editor-chefe destaca, portanto, a satisfação da equipe com o último aumento de tempo, mesmo que sempre haja perguntas que ainda poderiam ter sido feitas.

Apesar da ampliação do tempo, Bonner define que ainda houve entrevistas em que não foi possível “introduzir todos os temas que gostaríamos, simplesmente porque nem sempre os 40 minutos bastam para” (BONNER, 2022). Ainda assim, o editor-chefe considera êxito nas sabatinas: “Numa análise fria, nossa avaliação é de que cumprimos nossa missão ao abordarmos temas de alta relevância, sempre” (Ibidem).

Em consonância às especificidades de 2022 e às mudanças, as entrevistas também contaram com a alteração do local da realização. Feitas até 2018 na redação do Jornal Nacional, no Jardim Botânico, Zona Sul do Rio de Janeiro, as entrevistas deste ano foram nos Estúdios Globo, em Jacarepaguá, Zona Oeste da cidade, permitindo “um conforto maior tecnológico” (VILLELA, 2022).

4 AS SABATINAS: ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

Este capítulo está centrado nas sabatinas com os presienciáveis em si, com foco na condução das entrevistas pelos apresentadores, as dinâmicas de réplicas e tréplicas e as orientações seguidas pela dupla. Ao lado dos teóricos Nilson Lage (2001), Pierre Bourdieu (1997), Ivor Yorke (1998) e Marialva Barbosa (2007), os jornalistas Bonner (2022) e Kamel (2022) descrevem tais etapas. Em consonância, estão as análises discursiva e quantitativa, a fim de entender os enunciados, os termos utilizados e a minutagem acerca de temas e falas. Para tal, utilizamos ainda a entrevista de Villela (2022) a esta pesquisa e citações dos autores Michel Pêcheux (1990) (2008), Eduardo Manhães (2006), Eliana Amarante de Mendonça Mendes (1998), Fernanda Cavassana Carvalho (2015) e Muniz Sodré (2010).

4.1 Condução das sabatinas

Visto o processo das pré-sabatinas, interessa à pesquisa, enfim, a condução das entrevistas pelos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos no Jornal Nacional, analisando os processos jornalísticos no ar entre os dias 22 e 26 de agosto de 2022. Segundo Kamel, os 20 anos de entrevistas permitiram que, cada vez mais, houvesse evolução na técnica aplicada, assim como no conhecimento técnico (KAMEL, 2022).

Para isso, nossa conversa com o âncora e editor-chefe do telejornal propôs, principalmente, que ele pudesse contar sobre a experiência da dinâmica frente aos candidatos e as estratégias para tal. Este subcapítulo têm a função, portanto, de estudar a postura adotada pelos entrevistadores e os resultados desta etapa produtiva.

Sobre as entrevistas ao JN, há entre os candidatos os que as encarem como um pelotão de fuzilamento. Há os que entendam a proposta e sigam seus caminhos na campanha eleitoral sem ressentimentos. E há também os que se despeçam dos âncoras com sorrisos, mas se tornem ferozmente críticos ao teor da entrevista algumas horas depois. Mas não deixa de ser alentador que as reclamações tenham partido de hostes de todos os candidatos, de todos os matizes ideológicos. Porque absolutamente ninguém deixou de ser tirado de sua zona de conforto durante a nossa busca jornalística por respostas. (BONNER apud GLOBO, 2019, p.66)

Os quatro candidatos se sentaram à bancada do Jornal Nacional, nos Estúdios Globo, onde permaneceram ao vivo, à frente dos entrevistadores, por pouco mais de 41 minutos (Bolsonaro:

a gavetas, uma vez que a bancada possui diferente estrutura. Eles, então, “constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões colocadas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados” (Ibidem, p. 34)

Cada entrevistado foi questionado sobre, pelo menos, seis eixos temáticos e, assim como no começo, ao final dos 40 minutos cronometrados, com relógio em tela para os telespectadores, os jornalistas declararam o fim do tempo destinado às considerações finais, despediram-se e conduziram o telejornal, de volta, à redação do Jornal Nacional, no Jardim Botânico, onde outra dupla apresentou o restante do jornal.

Portanto, para entender o trabalho jornalístico na condução das sabatinas, mostra-se necessário decorrer sobre os objetivos dos apresentadores nas entrevistas, de acordo com Bonner, que está à frente da tarefa desde 2002. O entrevistador, portanto, listou a esta pesquisa recomendações ao conduzir a entrevista (BONNER, 2022) – como os itens “a” e “b” já mencionados ao longo deste trabalho:

- (a) Explorar contradições dos candidatos ou de seus aliados e partidos – atuais e pretéritas;
- (b) Trazer os candidatos de volta ao tema proposto na questão, quando tentarem tergiversar;
- (c) Identificar mentiras e imprecisões e denunciá-las e corrigi-las na medida do possível, sem paralisar a evolução da entrevista;
- (d) Tentar evitar interrupções, mesmo quando mentirem ou fizerem acusação merecedora de intervenção. Mas não deixar de interromper quando a gravidade ou urgência da intervenção assim exigir;
- (e) Respeitar o tempo e a dinâmica de entrevistador do seu companheiro na tarefa, considerando sempre que a intervenção possível que lhe ocorre agora poderá ocorrer a ele depois, ou que ele tenha outra intervenção em mente para fazer a qualquer momento;
- (f) Ser firme, mas não agressivo;
- (g) Ser sereno, mas não complacente;
- (h) Ser simpático, mas não conivente;
- (i) Ser sério, mas não carrancudo. (BONNER, 2022)

Segundo Yorke, a capacidade de extrair o melhor que puder do entrevistado – destacado no item “a” – deve ser entendida enquanto um “dever diante do público” (YORKE, 1998, p. 148), o que faz jus à proposta das sabatinas de dialogar com o eleitor. O autor ainda define que o entrevistador representa “o público, ninguém mais” – “privilegio de poder fazer as perguntas que uma pessoa comum faria, se tivesse a oportunidade” (Ibidem, p.154).

No entanto, tais princípios não são suficientes para impedir que o candidato não desvie da pergunta feita – item “b” (BONNER, 2022). Para Yorke, tais estratégias do entrevistado podem envolver “não dar ouvidos à pergunta do entrevistador e responder qualquer outra coisa” (YORKE, 1998, p. 157). O autor afirma, também, que os entrevistados, geralmente, deixam claro que farão isso ao antecipar com uma frase como: “Eu acho que na verdade você entendeu mal. Bem mais importante é que...” (Ibidem, p. 157). Já outra maneira mais brusca de tergiversar é descrita pelo autor:

Outros entrevistados não se preocupam com tais sutilezas. Em vez disso, saem pela tangente ou criam uma impenetrável cortina de fumaça verbal, através da qual é praticamente impossível avaliar se a pergunta de fato foi respondida. Se você não tomar cuidado, logo a entrevista fugirá ao seu controle. (Ibidem, p. 157)

Cabe, assim, ao entrevistador, segundo Yorke, ser paciente, repetir a pergunta e, se considerar necessário, enfatizar “por que está fazendo isso” (Ibidem, p. 157). Para Bonner, portanto, não há um tempo limite estipulado às respostas dos candidatos, contanto que os entrevistados “não percam a objetividade nem tergiversem deliberadamente” (BONNER, 2022) – situações em que é indicada a interrupção pelos entrevistadores “de forma polida, mas firme” (BONNER, 2022).

Essas duas características são citadas por Yorke, que define a como “essencial” para “fazer valer sua autoridade com o máximo de polidez” (YORKE, 1998, p. 151). Segundo Bonner, em caso de interrupção, a recomendação é o apresentador encarregado pela condução daquele tema seja quem intervém.

É dever dos entrevistadores, na medida do possível, e procurando evitar um excesso de interrupções, trazer de volta ao tema aquele candidato que tergiversar. Trabalho difícil, porque exige, naquele momento, a avaliação da urgência e da necessidade de fazê-lo. (BONNER, 2022)

Isso foi feito por Vasconcellos na sabatina com Lula quando a entrevistadora abordou a relação entre favorecimento a alianças políticas e esquemas de corrupção. Apesar de extenso o fragmento abaixo, deve-se lê-lo com atenção às estratégias da apresentadora recém-pontuadas neste subcapítulo ao impedir que o presidenciável desvie de assunto e evite responder à pergunta feita, enquanto ela repete o questionamento.

Renata Vasconcellos: É de política e de alianças que nós vamos falar agora. O senhor tem dito que centrão se formou lá atrás, na [Assembleia] Constituinte, e que participou da base de todos os governos: do de Fernando Henrique Cardoso, do seu, de Dilma, de Temer e agora de Jair Bolsonaro. Só que o relacionamento de governos do PT com o Congresso resultou em escândalos de corrupção como o Mensalão, por exemplo. Como evitar que isso aconteça novamente?

Luiz Inácio Lula da Silva: Você acha que o Mensalão, que tanto se falou, é mais grave do que o orçamento secreto?

Renata Vasconcellos: Vamos falar de orçamento secreto também.

Luiz Inácio Lula da Silva: Deixa eu lhe falar uma coisa?

Renata Vasconcellos: Vamos falar de orçamento secreto também.

Luiz Inácio Lula da Silva: Deixa eu lhe falar uma coisa: a vida política estabelecida em regime democrático é a convivência democrática na adversidade. Nenhum Presidente da República, em um regime presidencialista, governa se não estabelecer relação com o Congresso Nacional. O centrão não é um partido político. O centrão não é um partido político, até porque hoje só tem partido político no Brasil o PT, o PC do B, talvez o PSOL, o PSB, porque quase todos os outros partidos são cartoriais. Ou seja, são cooperativas de deputados que se juntam em determinadas circunstâncias. Ora, então, quem ganhar as eleições — quem ganhar as eleições —, se for a Renata, ou se for o Bonner, ou se for o Lula, vai ter que conversar com o Congresso Nacional. Não conversar com o centrão, porque o centrão não é um partido político. Você vai conversar com os partidos separados e depois, obviamente que o nome centrão foi cunhado para poder derrotar a gente na Constituinte de 88, que a gente estava avançando muito na área social.

Renata Vasconcellos: Mas como evitar escândalos de corrupção como o que houve?

Luiz Inácio Lula da Silva: Mas você... Punindo as pessoas, denunciando as pessoas. O que eu acho maravilhoso é denunciar a corrupção. O que é grave é quando a corrupção fica escondida. Por isso que eu acho importante uma imprensa livre, por isso que eu acho importante uma justiça eficaz, porque se tiver um problema de corrupção, Renata, tem que ser denunciado.

Renata Vasconcellos: O senhor falou de...

Luiz Inácio Lula da Silva: Em qualquer lugar tem que ser denunciado: na empresa privada, na empresa pública. Não é possível você ficar guardando a corrupção sem levar em conta o prejuízo que aquilo traz à sociedade brasileira. Então, minha cara, é o seguinte: toda esse monte de coisa que eu li para vocês aqui, isso vai ser aperfeiçoado para fazer mais e melhor, para que a gente possa até descobrir, mas, quando descobrir, as pessoas serão punidas. Pode ficar certa disso.

Renata Vasconcellos: O senhor falou em orçamento secreto, e a gente falou também em corrupção, que não tem como se comparar, porque não existem níveis.

Luiz Inácio Lula da Silva: O orçamento secreto é uma excrescência.

Renata Vasconcellos: Exato, não existem níveis de corrupção, não é? Corrupção é corrupção. Mas o senhor mencionou o orçamento secreto. Como negociar, então, com o centrão sem moedas de troca como essa do orçamento secreto que o senhor critica tanto? (LULA..., 2022)³³

Frente ao trecho acima, é viável perceber a estratégia, também, do candidato, citada por Yorke anteriormente, de utilizar o tempo de resposta para falar sobre outro assunto de interesse dele: o orçamento secreto – uma crítica à gestão do então presidente Bolsonaro. O sinal prévio citado pelo autor, indicando que o entrevistado tentaria mudar de assunto é evidente quando Lula diz: “Deixa eu lhe falar uma coisa?” (SILVA apud LULA..., 2022).

A entrevistadora, por sua vez, repete a pergunta duas vezes ao candidato, utilizando ainda o argumento do entrevistado para tergiversar – mudando o foco do Mensalão para o “orçamento secreto” – a fim de trazê-lo para o questionamento inicial a respeito da corrupção, o que mostra a atenção dela não só ao ponto levantado, como às respostas do presidencialista.

O preparo nos dois meses anteriores é evidenciado ao se analisar os dados trazidos pelos apresentadores durante as sabinas, tanto nos enunciados das perguntas quanto nas réplicas e nas tréplicas, a fim de contrapor, por vezes, alguma informação ou consequência definida como fato pelo candidato. Esse objetivo é descrito em “c” (BONNER, 2022): Identificar mentiras e imprecisões e denunciá-las e corrigi-las na medida do possível, sem paralisar a evolução da entrevista” (Ibidem). Os entrevistadores, portanto, reúnem argumentos e números ao prever possíveis respostas do entrevistado.

Nesse sentido, deve-se desvencilhar da ideia de que apenas as perguntas são preparadas com antecedência, mas, também, as réplicas, permitindo grau de aperfeiçoamento para que haja uma fala pronta para cada rumo que o candidato decida tomar na resposta: “William e Renata, nas nossas discussões, participam ativamente da elaboração das perguntas e, por isso, sabem muito

³³ LULA (PT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/25/lula-pt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

bem por onde caminhar. Eles sabem que tem ‘réplica A’, ‘réplica B’, ‘réplica C’, porque a resposta pode ir por um caminho ou outro” (KAMEL, 2022).

Tal domínio sobre os dados e os assuntos é, portanto, reforçado ao passo que os apresentadores trazem números ao vivo, minimizando o espaço para ambiguidade ou polissemia no que é dito. Esse processo demonstra “a necessidade de recorrer ao documento como prova material da existência” (BARBOSA, 2007, p. 179). Nesse viés, Barbosa enfatiza que a narrativa da televisão intercala o improviso com tal “ideia generalizada de documentação, sobretudo nos textos com pretensão à verossimilhança” (Ibidem, p, 179), a fim de enfatizar a inevitável “falibilidade da memória” (Ibidem, p, 179) do entrevistador.

Sob essa necessidade, os entrevistadores contam com as pesquisas prévias na hora das entrevistas, para que qualquer fato possa ser consultado e trazido à tona, e com o contato no ponto eletrônico, para que haja maior dinamismo para encontrar as informações ou as réplicas desejadas:

A gente fica no ponto, não é soprando nada no ouvido, mas você imagina: o William ali não pode ficar vendo no papel quando é que foi. Se escapar a ele, a gente lembra. [...] Na hora, são 50 milhões, 60 milhões, 70 milhões de brasileiros assistindo, eles podem esquecer alguma numa hora. Para esses casos, raros, há uma ajuda no ponto: “réplica B”. (KAMEL, 2022)

Tal importância das réplicas é destacada por Lage, definindo que a pesquisa e o estudo das perguntas não são suficientes para garantir “uma boa entrevista”, mas, sim, a forma com ela é conduzida. Segundo o autor, “uma das chaves é saber perguntar sobre a resposta” (LAGE, 2001, p. 35), cuja postura deve ser percebida pelo entrevistador:

Em geral, as pessoas discorrem com fluência sobre aquilo que conhecem. Relutâncias inesperadas cortando o fluxo de uma exposição, silêncios, denominações vagas, particularmente quando coincidem com desvios de olhar e certos movimentos das mãos, indicam que se tangenciam questões sensíveis, por algum motivo. (Ibidem, p. 35)

Já Yorke sinaliza a valorização às respostas dos candidatos, sem que “se prenda rigidamente às perguntas preparadas” (YORKE, 1998, p. 152), desconsiderando falas dos entrevistados em vez de estar pronto para fazer questionamentos adicionais.

Logo, um exemplo da preparação para réplicas e tréplicas pode ser percebido ainda na primeira sabatina, com o então presidente Bolsonaro, quando Vasconcellos abordou o candidato

sobre a conduta durante a pandemia do coronavírus, a partir de 2020 no Brasil. Na réplica, a jornalista trouxe, então, dados sobre a vacinação no país, não citados anteriormente por ela na pergunta.

Renata Vasconcellos: Pandemia, candidato. Nos momentos mais dramáticos, o senhor imitou pacientes de Covid com falta de ar. Sobre as mortes, o senhor disse: "E daí? Eu não sou coveiro". O senhor estimulou o uso e usou dinheiro público para comprar medicamento comprovadamente ineficaz contra a Covid. O senhor desestimulou a vacinação. O senhor não teme ser responsabilizado, senão pelos eleitores, pela História?

Jair Bolsonaro: Olha, nós compramos mais de 500 milhões de doses de vacinas, só não se vacinou quem não quis. Eu acho que vocês dois se vacinaram, comprada por mim, e, em tempo bem mais rápido que outros países, que não tinha no mercado. Não poderia eu, num primeiro momento, por exemplo, falar que devíamos assinar certos contratos, como, por exemplo, com a Pfizer, onde a Pfizer não garantia a entrega da vacina. A primeira vacina no mundo foi dada em dezembro de 2020. Em janeiro, nós já estávamos vacinando no Brasil. Então, fizemos a nossa parte. E o grande erro disso tudo foi um trabalho forte da grande mídia, entre eles, a Globo, desestimulando os médicos a fazerem o tratamento precoce, que isso é conhecido como uma liberdade do médico, quando algo é desconhecido, como até hoje é desconhecido ainda os efeitos, possíveis efeitos colaterais da vacina, desaconselhar, inibir, ameaçar, cassar o registro de médicos. Isso que foi errado feito durante a pandemia.

Renata Vasconcellos: Mas, candidato, o senhor desestimulou a vacinação, isso não tem nada a ver com liberdade. O senhor chegou a dizer que quem tomasse a vacina poderia virar jacaré. O senhor associou a vacinação ao vírus da Aids. E mais, quanto às vacinas, a Pfizer esperou 93 dias por uma resposta quando a empresa procurou o governo tratar de vacina. A CoronaVac, o senhor desautorizou o ministro e chegou a suspender a compra da vacina. (JAIR..., 2022)³⁴

Por sua vez, na sabatina com Ciro Gomes, Vasconcellos questionou o candidato sobre como amenizaria a polarização do país, sob a proposta do entrevistado de “unir o Brasil” (GOMES apud CIRO..., 2022)³⁵, uma vez que fazia duras críticas ao se referir aos candidatos que lideravam as pesquisas – Bolsonaro e Lula. Apenas na tréplica, a jornalista, então, trouxe o número sobre os dois primeiros candidatos acumularem quase 80% das intenções de voto: “Estou me referindo

³⁴ JAIR Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

³⁵ CIRO Gomes (PDT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/23/ciro-gomes-pdt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

especificamente aos termos usados. Acho importante lembrar que hoje esses adversários têm juntos 79% das intenções de voto, então, o senhor está dizendo aqui que reavalia esse discurso?” (VASCONCELLOS apud CIRO..., 2022).

Na entrevista de Lula, tal preparo para as respostas foi demonstrado após uma fala do candidato sobre o esquema de corrupção que fora investigado na empresa estatal Petrobras durante o governo de Dilma Rousseff. Quando Lula afirmou que, por conta da operação Lava Jato, houve “4,4 milhões de desempregados” (SILVA apud LULA..., 2022) e que cerca de “R\$ 270 bilhões deixaram de ser investidos no país” (Ibidem), Bonner utilizou o posicionamento de economistas para contrapor as justificativas apresentadas pelo entrevistado para os dados. Neste fragmento da sabatina, também é possível enfatizar o estudo a entrevistas prévias:

Luiz Inácio Lula da Silva: Que ótimo que voltou, e o Ministério Público queria pegar R\$ 2,5 milhões para eles, criar um fundinho para eles, não é? Desses R\$ 6 bilhões. E mais ainda: a gente olha o que eles devolveram, mas vamos olhar os prejuízos que foram dados. Por conta da Lava Jato, nós tivemos 4,4 milhões de desempregados nesse país. Por conta da Lava Jato, nós tivemos R\$ 270 bilhões que deixaram de ser investidos nesse país e, por conta da Lava Jato, a gente deixou de arrecadar R\$ 58 bilhões. O que eu quero te dizer é o seguinte: é que você pode fazer investigação com a maior seriedade, como foi feito na Coreia, na *Samsung*, como foi feito na França, na *Alstom*, como foi feito na *Volkswagen*, na Alemanha. Você investiga, se o empresário roubou, você prende, condena, mas você permite que a empresa continue funcionando. Aqui no Brasil, se quebrou as indústrias de engenharia que nós levamos quase que um século para construir, e nós agora é que vamos ter o prejuízo porque, se eu ganhar as eleições, a gente vai ter que fazer um grande plano de investimento de infraestrutura. A gente vai ter que recuperar muitas obras. Eu vou fazer uma reunião com os 27 governadores para saber quais são as obras prioritárias de cada estado e esse país vai voltar a andar.

William Bonner: Nós vamos falar de economia daqui a pouco, mas, antes de passar a palavra para a Renata Vasconcellos, eu gostaria de fazer só uma observação sobre os números que o senhor mencionou: muitos economistas afirmam que esses milhões de empregos não criados, os investimentos que não foram realizados seriam consequência não da Lava Jato, mas da crise econômica herdada da gestão de Dilma Rousseff. (LULA..., 2022)³⁶

A fim de comprovar esse trabalho nas réplicas e trélicas em todas as quatro sabatinas, deve-se sinalizar, também, um dos momentos na última entrevista, com Simone Tebet. Vasconcellos havia mencionado números das candidaturas em 2022 sobre a questão da igualdade

³⁶ LULA (PT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/25/lula-pt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

de gênero no MDB, então partido da entrevistada, e a candidata declarou que houve melhorias neste ano. Na réplica, a entrevistadora, portanto, trouxe novos dados sobre as eleições presidenciais anteriores, em que os índices se repetiram: “A senhora falou em avanços no seu partido com relação a esse tema que eu abordei, mas, nos últimos quatro anos, o MDB não mudou. Em 2018, o MDB também lançou 66% de candidatos e 33% de candidatas” (VASCONCELLOS apud SIMONE..., 2022)³⁷.

O estudo às supostas respostas dos candidatos ainda pode ser analisado quanto à antecipação no questionamento a possíveis argumentos que o entrevistado utilizaria para responder. Ao perguntar Bolsonaro sobre planos contra a inflação e os juros que marcaram o primeiro mandato do candidato, por exemplo, Bonner já antecipa as possíveis justificativas do candidato – “prevê o futuro” (KAMEL, 2022) – acerca dos impactos econômicos provocados pela pandemia do coronavírus e pela Guerra na Ucrânia, que teve início em fevereiro de 2022.

William Bonner: Em 2018, como candidato, o senhor disse, assim, numa entrevista: "Eu sei do que é que o povo precisa: inflação baixa, taxa de juros menor, dólar menor". Aí veio o seu governo, os juros básicos da economia dobraram, a inflação mais que dobrou, o dólar, que estava em R\$ 3,90, está em mais de R\$ 5,00. É verdade que tudo isso se deu num cenário de pandemia e num cenário também de guerra na Ucrânia. Ocorre que esse cenário não mudou, não é? A pandemia não acabou, infelizmente, e a Guerra da Ucrânia é uma realidade ainda. Pergunto, candidato, qual é o seu plano, uma vez reeleito, para cumprir, num segundo mandato, as promessas que o senhor fez em 2018 para a economia? (BONNER apud JAIR..., 2022)³⁸

Outrossim, em continuidade aos pontos analisados, ao se debruçar sobre o item “d” (BONNER, 2022) – “Tentar evitar interrupções, mesmo quando mentirem ou fizerem acusação merecedora de intervenção” (Ibidem) – é possível identificar nas sabatinas, por exemplo, falas acusatórias direcionadas aos entrevistadores.

Um trecho em que houve uma espera para a resposta frente a uma acusação pode ser percebido entre 29’33” e 29’35” da entrevista de Bolsonaro, no dia 22 de agosto. O candidato se

³⁷ SIMONE Tebet é entrevistada no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 26 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/26/simone-tebet-e-entrevistada-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

³⁸ JAIR Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

direcionou a Bonner: “Você está me estimulando a ser ditador” (BOLSONARO apud JAIR..., 2022).

A frase foi dita quando o entrevistador perguntou ao candidato a respeito do relacionamento com o Centrão. Confirmando a tentativa de evitar interrupções nesse cenário, a negação do apresentador à fala do candidato só foi concretizada quase 2 minutos depois.

A conduta ponderada do entrevistador dialoga com Lage (2001), que define que a compreensão e o respeito devem ser a marca da atividade do repórter. Segundo o autor, o jornalista deve se preocupar em “não evidenciar reações como impaciência, discordância ou simpatia entusiasmada” (LAGE, 2001, p. 35): “Entrevistados podem ser malcriados ou tentar intimidar o repórter; este não deve irritar-se nem deixar-se intimidar” (Ibidem, p. 35).

Para Yorke (1998), a recomendação sobre o que não fazer em entrevistas ao vivo frente provocações é que o jornalista “não brigue nem perca a calma” (YORKE, 1998, p. 153). Justamente as reações do entrevistador são citadas por Bonner nos tópicos “f” (BONNER, 2022), “g” (Ibidem), “h” (Ibidem) e “i” (Ibidem), em que a postura sugerida preza pela firmeza, serenidade, simpatia e seriedade, sem que seja “agressivo” (Ibidem), “complacente” (Ibidem), “conivente” (Ibidem) ou “carrancudo” (Ibidem), ou como expõe Vasconcellos no trecho a seguir:

Por serem entrevistas ao vivo, há também o componente do imprevisto. O importante é nunca perder o tom correto, a seriedade, o respeito, seguir sempre com firmeza. Diante de uma provocação, voltamos ao mais importante, que são os questionamentos ao candidato. Não é fácil nem para os candidatos nem para os âncoras, mas ficamos sempre muito revestidos de senso de responsabilidade e dever jornalístico. Quando termina, a sensação é de orgulho pelo bravo trabalho de toda uma equipe. (VASCONCELLOS apud JORNAL NACIONAL, 2019, p.78-79)

Por conseguinte, tendo como base a entrevista de William Bonner concedida a esta pesquisa, a atitude acima estaria ainda relacionada ao item “e” (BONNER, 2022), sobre a condução entre os eixos temáticos pelos entrevistadores nas sabatinas. Em geral, seguiu-se o objetivo de que cada jornalista assumisse um tema, seguido por outro assunto trazido pelo parceiro.

Ademais, o início das perguntas foi intercalado pelos apresentadores nas sabatinas, sendo Bonner responsável pelo primeiro tema nos dias 22 e 25, nas entrevistas de Bolsonaro e Lula, e Renata, nos dias 23 e 26, de Ciro Gomes e Tebet, como explica o apresentador no trecho a seguir:

A divisão de temas obedece geralmente a uma preocupação de fazer com que um entrevistador esgote o tema que propôs – e os dois entrevistadores se revezem no encaminhamento de novos temas de perguntas. Como ambos participamos de todas as reuniões de elaboração, não faz diferença quem tratará deste ou daquele tema. E nos alternamos, também, a cada dia de entrevista, na responsabilidade de abrir a entrevista. (BONNER, 2022)

Ainda de acordo com a separação temática, o editor-chefe do Jornal Nacional discorre sobre a decisão do tempo que seria destinado a cada ponto, para que seja avaliada a insistência em um aprofundamento adicional de um tema ou se os entrevistadores optarão pela introdução de outro assunto. Segundo Bonner, a divisão considera o “peso relativo de cada tema” (Ibidem), assim como suas respectivas complexidades e tópicos que derivam deles que o Jornalismo da Globo considera fundamentais.

Assim como o tempo de fala, segundo Bonner, era recomendado priorizar o espaço em frente às câmeras aos candidatos, sob a orientação de dar “destaque à imagem do candidato durante a maior parte do tempo” (Ibidem).

A valorização e o respeito ao entrevistado são destacados por Lage, que o define enquanto “estrela” (LAGE, 2001, p. 35) da entrevista: “Por mais conhecido ou vaidoso que seja o repórter, espera-se dele discrição, como coadjuvante que é, ao mesmo tempo, diretor de cena – e é esta a conduta profissional” (Ibidem, p. 35).

Tal ênfase ainda só é possível a partir da disposição de câmeras pelo estúdio, como é definido por Ivor Yorke (1998). O autor explica a montagem com três câmeras, sendo uma apontada para o entrevistado, uma para o entrevistador – no caso a dupla de apresentadores – e outra, em plano aberto, fazendo tomada de todos.

O cenário deve ser arranjado de modo que fiquem mais ou menos um de frente para o outro. Se eles se sentarem lado a lado estarão olhando um na direção do outro em perfil, e o público parecerá excluído. O posicionamento da câmera deve ser tal que o entrevistado fale com o entrevistador e também com o público. (YORKE, 1998, p. 150)

A captura imagética, portanto, oscila entre o plano aberto, em que os entrevistadores e o entrevistador aparecem por completo, e planos fechados nos rostos de cada um dos apresentadores e do entrevistado. É possível observar que, durante as respostas dos quatro presidenciáveis, como destacado por Bonner, o enquadramento se manteve em plano fechado no entrevistado, permitindo que o telespectador não tenha a atenção desviada por qualquer fator.

Pode-se entender, retomando critérios jornalísticos, que, durante a fala do candidato, entendido enquanto foco da entrevista, uma suposta reação dos apresentadores à fala do entrevistado não tem valor-notícia – ou não deveria ter. Enquanto isso, gestos, reações e quaisquer outras posturas do candidato têm importância para a finalidade da entrevista: como o presidencial se porta ao ser questionado sobre um determinado assunto?

Figura 6 – Bonner e Vasconcellos em entrevista de Ciro Gomes em 2022



Foto: Jornal Nacional, 2022

Logo, na contramão, durante as perguntas e os comentários dos entrevistadores, deve-se visualizar como os planos são intercalados entre plano aberto e planos fechados tanto em quem pergunta quanto no entrevistado. Isso posto, percebe-se que, diferentemente da ênfase ao candidato durante às respostas, não há objetivo de delegar algum protagonismo ao apresentador. Torna-se, pois, mais relevante acompanhar a dinâmica da entrevista, demonstrando, também, as reações do candidato ao que é perguntado, uma vez que ele é o objeto da entrevista, não o jornalista.

Além disso, parte do trabalho jornalístico e da condução das entrevistas está nas regras impostas aos entrevistados, que, desde 2002, foram vetados de entrar acompanhados no estúdio durante as sabatinas, seja por assessores, seja por qualquer outra pessoa. Eles também são

orientados sobre a dinâmica das câmeras no momento da entrevista, como os porquês explicados por Kamel (2022):

A orientação é dada na hora: “Sua câmera é aquela lá, não se preocupe com câmera, porque a câmera vai te pegar”, “Você fala comigo, mas, se você quiser dar um recado, olho no olho, use aquela câmera”. [...] Eles têm que entrar sozinhos no estúdio para que a gente não seja acusado de alguém fazer um gesto e lembrá-los de alguma coisa. (KAMEL, 2022)

Para a surpresa da pesquisa, os candidatos não têm impeditivos em relação à consulta de documentos durante as entrevistas – algo que é permitido a eles. Entretanto, os entrevistados não podem exibi-los ao público.

A gente, normalmente, diz que eles não podem exibir um documento por uma razão só: porque a gente não tem na hora como checar autenticidade daquele documento. Agora, o Lula leu as medidas de transparência que o governo dele adotou. Eu não posso chegar e falar: “Decore 20 medidas e traga na sua memória”. (KAMEL, 2022)

Nesse sentido, em relação à veracidade de um documento mostrado ao público, Kamel exemplifica “Se ele exibiu uma matéria de jornal, o William teria que perguntar: ‘Deixa eu ver aqui? Não, essa uma fotocópia, não sei se é verdadeira’” (Ibidem). O lembrete a essa regra foi feito, por exemplo, na entrevista com Bolsonaro em 2018, quando o então candidato mostrou o livro “Aparelho Sexual e Cia – Um guia inusitado para crianças descoladas”, escrito por Phillipe Chappuis – cuja informação sobre fazer parte dos livros didáticos fora desmentida pelo Ministério da Educação ao “Fato ou *Fake*”, do g1. O trecho da sabatina pode ser conferido abaixo:

Jair Bolsonaro: Olha só, isso começou a acontecer em novembro de 2010, até aquele momento era uma pessoa normal, como você é normal por aí no tocante a isso. E eu passando nos corredores da Câmara, vi algo acontecendo de forma esquisita, um grupo que... Não é normal, você ir na praia e encontrar gente de paletó e gravata, ou num fórum, gente de short de banho. E estava um pessoal vestido a caráter, e perguntei, sim, para um segurança: “Vai haver alguma parada de orgulho gay na Câmara?”. E tomei conhecimento do que estava acontecendo lá. Eles tinham acabado o 9º Seminário LGBT Infantil. Repito, 9º Seminário LGBT Infantil. Estavam discutindo ali, comemorando o lançamento de um material para combater a homofobia, que passou a ser conhecido como “kit gay”. Entre esse material, Bonner, estava esse livro lá, Bonner. Então, o pai que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala, para ele não ver isso aqui. Se bem que na biblioteca das escolas públicas tem.

Renata Vasconcellos: Candidato, vou pedir para o senhor não mostrar se as crianças não podem ver.

Jair Bolsonaro: Não, mas é um livro escolar. É para criança, é um livro para a criança, os pais não sabem que isso está na biblioteca.

William Bonner: Nós temos uma regra, candidato, que eu estou relembro, com os seus assessores, os candidatos não mostram documentos, eles não mostram papéis...

Jair Bolsonaro: Não, mas está aqui no livro, uma prova, isso daqui...

William Bonner: Eu pediria ao senhor...

Jair Bolsonaro: Isso daqui não veio... Tudo bem, vou tirar o livro aqui.

William Bonner: Não é, candidato, posso lhe dizer, não é respeitoso. Você pode deixar o livro comigo.

Renata Vasconcellos: Para a gente até poder seguir adiante. (JAIR..., 2018)³⁹

Vale, por fim, entender outros quesitos que estão longe de ser acidentais durante uma entrevista do porte das sabatinas do Jornal Nacional, como o vestuário. Yorke (1998) decorre sobre o que seria o ideal *versus* a realidade: “A roupa não deveria ser importante, mas é” (YORKE, 1998, p. 48). Para tanto, o autor ressalta o cuidado para que não haja o desfoque pelo telespectador do texto jornalístico enunciado devido a vestimentas inusitadas, sendo necessário prezar pela descrição e por roupas adequadas para a ocasião, “de forma que não chame a atenção” (Ibidem, p. 50).

Isso posto, cabe analisar o vestuário de ambos entrevistadores durante as quatro sabatinas, visto que os resultados objetivados pelo telejornal podem ser atravessados pela atenção demasiada do público às roupas, assim como maquiagem, penteados e acessórios, uma vez que estes podem refletir a iluminação do estúdio e “projetar clarões irritantes” (Ibidem, p. 50).

Durante as quatro entrevistas, Bonner apresentou ternos escuros, com distintas gravatas, sendo todas com estampas sutis azuis e não houve mudanças no corte de cabelo ou na barba entre as sabatinas. Devido à disposição espacial dos entrevistadores, não foi possível observar os sapatos utilizados pelo âncora. Apesar de não ser possível afirmar também os produtos utilizados na pele

³⁹ JAIR Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 28 ago. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

do apresentador, deve-se destacar que a maquiagem impediu que suposta oleosidade pudesse desviar a atenção dos telespectadores.

Figura 7 – William Bonner e Renata Vasconcellos durante sabatinas de 2022



Fonte: Marcos Serra Lima/g1, 2022

Já Vasconcellos, com os cabelos soltos, seguiu o padrão de conciliar um blazer de cores sóbrias com uma calça escura e sapatos de salto alto, além do mesmo par de óculos – um detalhe ao qual a apresentadora se destaca por intercalar modelos e formatos. Na sabatina com Bolsonaro, a jornalista utilizou um blazer claro, enquanto na entrevista de Ciro Gomes a escolha foi por uma peça azul, ambas com a composição por calças e sapatos pretos. Já frente a Lula, a âncora apresentou novamente um blazer claro, e na de Tebet, cinza, compondo as duas com calças escuras e calçados marrons. Os olhos foram maquiados por delineados espessos – também frequentemente utilizados pela apresentadora nas edições do Jornal Nacional – sendo repetidos ao longo das sabatinas.

Dessa maneira, é possível perceber que ambos apresentadores não inovaram visuais nas sabatinas em comparação a roupas anteriores utilizadas na bancada do Jornal Nacional, assim como prezaram por estabelecer um padrão entre as entrevistas, impedindo que justamente as mudanças de uma para outra fossem motivo para atenção do público.

Enquanto Bonner nem mesmo diferenciou a cor base das gravatas, Vasconcellos também não trouxe coques ou outros penteados ao longo da semana. As paletas utilizadas pelos dois foram cores frias ou sóbrias e formatos de vestimentas similares entre os dias, tanto em comparação às próprias roupas como em comparação ao parceiro – os dois optaram por três peças.

Assim, a mensagem transmitida pode ser entendida pelos dois apresentadores, em par de igualdade enquanto entrevistadores.

4.2 Análise das falas dos entrevistadores

Ao discorrer sobre conselhos àqueles que “costumam aparecer regularmente na televisão” (YORKE, 1998, p. 156), Yorke cita três classes: “postura, comunicação e vestuário” (Ibidem p. 156). Logo, em consonância à condução dos entrevistadores nas sabatinas de 2022, é indispensável analisar não só comportamentos, códigos visuais e perguntas, mas a estrutura gramatical e semântica de tais falas.

“É preciso palavras extraordinárias” (BOURDIEU, 1997, p. 28). Com essa definição, pois, Bourdieu descreve o discurso do jornalismo televisivo, imerso em um paradoxo: “o mundo da imagem é dominado pelas palavras” (Ibidem, p. 28). Desse modo, a apropriação da Língua Portuguesa e a seleção de termos em um enunciado vão além da elaboração de frases: estão na construção de sentido – como estudado no primeiro capítulo.

Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, levar à existência. E as palavras podem causar estragos: islã, islâmico, islâmica – o véu é islâmico ou islamita? E se porventura se tratasse simplesmente de um xale, *sem mais?* Acontece-me ter vontade de retomar cada palavra dos apresentadores que falam muitas vezes levianamente, sem ter a menor ideia da dificuldade e da gravidade do que evocam e das responsabilidades em que incorrem ao evocá-las diante de milhares de telespectadores, sem as compreender e sem compreender que não as compreendem. (BOURDIEU, 1997, p. 28)

No caso das sabatinas, o desafio ainda é maior: além da compreensão da mensagem pelo telespectador, é necessário utilizar palavras que tornem claro ao entrevistado, candidato à Presidência da República, o que é pedido, a fim de que a pergunta seja respondida na sua plenitude. Não basta que apenas um dos dois alvos a quem o enunciado é destinado – o presidencial e o público – entenda a mensagem: ambos devem receber a mensagem da forma mais unívoca possível,

assim como os entrevistadores devem ser capazes de, através do discurso, conduzir o candidato a respostas que sejam compreensíveis à audiência.

Com o direcionamento da entrevista aos telespectadores, não cabe o uso de termos demasiadamente complexos, sendo preferíveis explicações simplistas acerca de temas específicos da política. Em contraponto, aos entrevistados, termos vagos ou pouco consistentes podem fazer com que não haja a resposta, de fato, à questão apresentada.

Nesse viés, para nos aprofundarmos no campo dialético, a pesquisa se pauta na Análise do Discurso francesa. Para tanto, serão percebidos a elaboração dos enunciados e o porquê de seus formatos, assim como os termos mais utilizados nas sabatinas e os efeitos objetivados. Por que os enunciados são elaborados dessa forma e não de outra? Como as palavras usadas impactaram as entrevistas? Quais foram elas e por quê?

4.3 Análise do discurso

Com o termo “discurso”, deve-se compreender para além do que é dito em si, como um movimento da elaboração à captação da informação. A mensagem, portanto, é “construída no interior de uma conversa” (MANHÃES, 2006, p. 305), enquanto quem fala – o emissor –, então, tenta mostrar o “mundo para um interlocutor, numa determinada situação, a partir de seu ponto de vista, movido por uma intenção” (MANHÃES, 2006, p. 305).

A ação discursiva, portanto, utiliza códigos inerentes à linguagem e à pessoa enquanto ser social, para, segundo Manhães, classificar, ordenar e organizar o ponto de vista mostrado. No entanto, como supracitado, a AD francesa, embasada, principalmente, por Michel Pêcheux, defende que o discurso depende de outro fator: a recepção e a construção de sentido pelo interlocutor, uma vez que a produção do discurso atravessa quem enuncia a fala.

Nesse viés, Eni Orlandi, tradutora brasileira de obras de Pêcheux, define que a AD francesa, portanto, busca constituir a materialidade do discurso a partir do “entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise” (ORLANDINI *in* PÊCHEUX, 2008 p.8), principalmente, na relação entre fatores históricos e linguísticos.

Sob essa ótica, a responsabilidade com os enunciados nas sabatinas do Jornal Nacional cresce ainda mais: uma vez que a construção de sentido depende, também, do outro, o trabalho de elaboração das perguntas deve ser o mais preciso possível para que os efeitos atinjam as

expectativas do telejornal. Visto que as entrevistas se propõem a mostrar ao eleitor as múltiplas faces do candidato, possível futuro presidente da República, para que ele possa se informar mais e estar pronto para decidir o próprio voto, os questionamentos e as réplicas devem ser claros, objetivos e sem espaço para ambiguidade.

Cumprindo a função social do jornalismo, o telejornal tem de ser capaz de mostrar ao interlocutor além das respostas do candidato: por que é importante que ele esteja a par daquela informação? Qual é a relação entre os enunciados, as palavras, os critérios de noticiabilidade e o efeito de sentido produzido?

Entende-se, também, segundo Manhães, que os códigos e falas são socialmente instituídos para campos diversos, como os discursos religioso, científico, poético e, até mesmo, jornalístico. Assim, há o “assujeitamento do emissor” (MANHÃES, 2006, p. 306), já que a pessoa se expressa a partir da incorporação desses discursos.

Dito isso, pode-se entender o discurso jornalístico aqui analisado não como expressões pessoais de Bonner e Vasconcellos, mas as posições que eles assumem dentro de cada formação discursiva – neste caso, de entrevistadores –, reproduzindo códigos pré-existentes, pertencentes ao modo de fazer jornalismo no Brasil e, especificamente, na Globo. Nesse viés, cabe a esta análise perceber quais foram os códigos utilizados pelos entrevistadores durante as sabatinas do Jornal Nacional em 2022, as razões e, por fim, as intenções por trás deles.

Deve-se, assim, analisar a construção das perguntas e das réplicas das sabatinas com os presidenciáveis em 2022. A minutagem vai ser analisada ainda neste capítulo, mas cabe antecipar que, mesmo nos enunciados mais longos, o máximo de tempo gasto em uma fala de um entrevistador foi de 59 segundos. Sob essa ótica, a esta pesquisa, Kamel (2022) retoma críticas feitas ao trabalho jornalístico de 2022, exposto por Bonner e Vasconcellos, trazendo o motivo para as formulações e os formatos escolhidos.

Como as manchetes nos cinco ciclos de entrevistas anteriores, Bonner e Vasconcellos, em 2022, estamparam jornais impressos e *online*. Segundo Kamel, isso demonstra que, se tiveram tal relevância para portais, muitas vezes, concorrentes da própria Globo, é porque “havia densidade no que foi dito, no que foi revelado etc” (KAMEL, 2022) e, portanto, foram “ótimas” (Ibidem). Porém, ainda assim, o diretor-geral de Jornalismo afirmou que “os críticos de TV ficavam tentando ensinar ao Bonner e à Renata como fazer uma entrevista” (Ibidem).

“Eles deviam ter feito isso”, “Eles deviam ter perguntado aquilo”, “Eles deviam ter perguntado aquilo outro”. E é ridículo isso porque, primeiro, mostra que eles não conhecem o que chamei de ‘dever de casa’. E, segundo, porque, se eles estivessem sentados naquela bancada, eles não funcionariam. Bonner e Renata são os melhores da TV nesse quesito. (KAMEL, 2022)

Uma das críticas, sem mencionar o Jornal Nacional, foi feita dois dias depois da entrevista com Bolsonaro sobre o tamanho dos enunciados. “‘Um entrevistador deve fazer perguntas curtas, simples, diretas’. Ele queria que a gente perguntasse assim: ‘O que o senhor fez na pandemia?’, ‘Por que o senhor não comprou vacinas?’. E assim por diante. Meu Deus, se a gente fizesse isso, a gente estava no chão” (Ibidem).

Por isso, Kamel diferenciou o que, para ele, seria uma pergunta direta de um questionamento curto, vista, como citada anteriormente, a necessidade de se formular os enunciados necessários frente ao histórico de Bolsonaro com o a imprensa (Ibidem). Para tanto, o diretor-geral exemplifica a necessidade de “contextualização” (Ibidem) a partir da temática sobre a pandemia, entoada por Vasconcellos.

Então, nós dissemos: “O senhor agiu assim, fez tal declaração, deixou de fazer isso”. Ia-se lembrando ao público a sequência de fatos, porque a pandemia já ficou lá atrás. É preciso refrescar tudo, e aí fazer uma pergunta cujo objetivo é confrontá-lo com o legado dele na pandemia: “O senhor não teme ser julgado, senão pelos eleitores, pela História?” Essa é uma pergunta fundamental de fazer. (KAMEL, 2022)

Outro exemplo, ainda sobre a entrevista de Bolsonaro, estava nos ataques às instituições democráticas, como xingamentos a ministros do Supremo Tribunal Federal, o que reforça a preparação abordada sobre não só elaborar as perguntas, mas fazê-las a partir das previsões de respostas.

A primeira pergunta era: “Olha, o senhor já disse isso, já disse isso, já chamou de canalha um ministro do Supremo. O que o senhor pretendia fazer? Dar um golpe?”. Pergunta superdireta, mas eu não posso perguntar para ele, assim: “Presidente, o senhor pretende dar um golpe?”. Ele ia dizer: “Mas por que você está dizendo isso? Eu ando nas quatro linhas da Constituição”. (KAMEL, 2022).

Assim, Kamel pontua que, segundo a suposta necessidade de se fazer perguntas curtas, os entrevistadores deveriam, ao longo das réplicas e das tréplicas, dizer tudo que estaria na contextualização inicial: “Ora, a entrevista acabaria sem sairmos da primeira pergunta, são 40

minutos. Então, os entrevistadores fazem uma contextualização e perguntam: ‘O senhor quer dar um golpe?’ Isso sim é mais direto” (Ibidem).

Porém, uma das falas de Bolsonaro a essa primeira pergunta não estava nas previsões elaboradas durante as reuniões. Kamel afirma que não acreditava que Bolsonaro diria a Bonner: “Você não está falando a verdade quando fala ‘xingar ministros’. Não existe. Isso não existe, é um *fake news* da sua parte” (JAIR..., 2022)⁴⁰. O diretor-geral, então, indaga: “Como assim? Ele chamou, o Brasil inteiro sabe. Mesmo assim, tínhamos lá anotada até a data de quando ele disse” (KAMEL, 2022). Sob esse viés, é possível analisar como a resposta de Bonner à acusação dialogou com uma das recomendações do editor-chefe em entrevista a esta pesquisa sobre “identificar mentiras e imprecisões e denunciá-las e corrigi-las na medida do possível” (BONNER, 2022).

William Bonner: [...] Agora, o senhor começou sua resposta afirmando que eu tinha cometido *fake news*; em nome da verdade, candidato: o senhor xingou um ministro do Supremo de “canalha”. O senhor fez isso com microfone...

Jair Bolsonaro: Sim.

William Bonner: Então... Perdão?

Jair Bolsonaro: E ele vinha fazendo contra mim.

William Bonner: Mas, candidato, eu lhe perguntei qual era o seu propósito; lembra a pergunta que eu fiz ao senhor?

Jair Bolsonaro: Falou “ministro”. Foi um ministro específico.

William Bonner: Senhor?

Jair Bolsonaro: Tá *ok*? Está refeita aqui a dúvida?

William Bonner: Não, é que o senhor disse aqui que eu cometi *fake news*. Só para esclarecer, a pergunta que eu lhe fiz é: qual era o seu propósito ao xingar um ministro de “canalha” e ameaçar não permitir que as eleições fossem realizadas, se isso não lhe compete fazer? Não é uma atribuição do Presidente da República, é uma atribuição constitucional, candidato. (JAIR..., 2022)⁴¹

⁴⁰ JAIR Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

⁴¹ JAIR Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

A formação discursiva, assim, carrega dentro de si enunciados, gestuais e posturas, que também dependem da recepção do outro, unificadas a partir de “uma série de evidências lógico-práticas, de nível muito geral” (PÊCHEUX, 2008, p. 31). É importante, desse modo, entender como os candidatos fazem parte da construção do discurso, uma vez que a produção de sentido atravessa o locutor e “marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos” (Ibidem, p. 56) por parte de quem o recebe.

Por conseguinte, o discurso cruza o acontecimento e a “tensão entre descrição e interpretação no interior da análise do discurso” (Ibidem, p.19), já que, enquanto o fato se mostra transparente e unívoco, o discurso pode ser opaco, visto que se relaciona à interpretação de um ocorrido tanto por quem enuncia quanto por quem recebe a informação. Citando novamente a entrevista de Bolsonaro, essa tensão pode ser percebida, por exemplo, quando a questão acerca da Amazônia – cujos dados são unívocos, ou seja, não abrem espaço para outra possibilidade que não aquele real – foi colocada em pauta.

Renata Vasconcellos: Candidato, a favor das críticas dos especialistas, a sua política ambiental tem os números. No seu governo, a taxa anual de desmatamento na Amazônia saltou de 7,5 mil quilômetros quadrados em 2018 para 13 mil ano passado. Levantamento do MapBiomas mostrou que 97% dos alertas de desmatamento emitidos desde 2019 não foram fiscalizados pelos órgãos responsáveis, 97%. Especialistas dizem que quando o senhor desautoriza, por exemplo, a destruição de equipamentos pelos órgãos fiscalizadores, ou quando o senhor desmonta órgãos, como o Ibama, o senhor está passando uma mensagem de incentivo a quem desmata ou ao garimpo ilegal.

Jair Bolsonaro: Primeira coisa, a destruição, como da Eley, é se você não puder retirar o equipamento do local. O que vinha acontecendo, e ainda vem, infelizmente, é que o material pode ser retirado do local, porque se chegou lá, pode ser retirado, e há o abuso de uma parte, como eu disse para você.

Renata Vasconcellos: Abuso de qual parte?

Jair Bolsonaro: Tem locais na Amazônia, ali, que é permitido. [Renata Vasconcellos]: Desculpa, não entendi, abuso por parte do órgão fiscalizador?

Jair Bolsonaro: Por parte do Ibama.

[...]

Renata Vasconcellos: O fato é que, sobre o meio ambiente, em 2018 o mundo tinha uma visão sobre o compromisso ambiental do Brasil, hoje o mundo vê o Brasil como um destruidor de florestas. No segundo mandato, o que o senhor vai fazer para mudar essa imagem?

Jair Bolsonaro: Primeiramente, destruidor de florestas, é uma mentira. Ninguém quer destruir floresta por livre e espontânea vontade. O acordo Mercosul e União Europeia estava travado, com os problemas agora da guerra Ucrânia e Rússia, a União Europeia quer acelerar o acordo conosco, para o Mercosul. E tem mais, a Alemanha está usando combustíveis fósseis. Por quê? Se os países que diziam que nós devíamos cada vez mais buscar aí energia limpa, concordo com eles. Mas a realidade é outra completamente diferente. Não é a realidade aquilo que a gente acha que deve ser, é o que tem que ser. Países da Europa já estão em contato conosco, por exemplo, atrás do hidrogênio verde. O Brasil será uma grande potência fornecedora de energia hidrogênio verde, como já temos atestado, né, no limite máximo, temos até o equivalente a 50 Itaipus na costa do Nordeste. E nós vamos exportar esse hidrogênio verde para a Europa toda. Ou seja, o Brasil é exemplo para o mundo. Você pega, está na minha frente por coincidência aqui, por exemplo, as áreas reservadas em países outros para a agricultura, não é pecuária, é agricultura. Somente a União Europeia, é de 45 a 65%. Você pega países como Alemanha, 56% para a agricultura. Você pega o Reino Unido, 63% para a agricultura. O Brasil preserva 2/3 – 66% da sua área verde. O Brasil não merece ser atacado dessa forma. (JAIR..., 2022)⁴²

A partir desse fragmento, é possível entender que, mesmo os dados e os acontecimentos serem os mesmos, a interpretação acerca deles é distinta: o Brasil enquanto “destruidor de florestas” (VASCONCELLOS apud JAIR..., 2022) *versus* o mesmo país como vítima, alvo de ataques de outras nações, com a última frase de Bolsonaro supracitada: “O Brasil não merece ser atacado dessa forma” (BOLSONARO apud JAIR..., 2022). A própria fiscalização do Ibama – um fato – apresenta múltiplas interpretações pelos falantes: haveria uma limitação ao seu êxito pelo governo ou, na verdade, seria um “abuso” (Ibidem), por parte do próprio órgão? Esse processo entre descrição e interpretação é descrito por Pêcheux:

A consequência do que precede é que toda descrição – quer se trate da descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual não muda nada, a partir do momento em que nos prendemos firmemente ao fato de que “não há metalinguagem” – está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (lexicosintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. (PÊCHEUX, 2008, p. 53)

⁴² JAIR Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

4.4 As palavras utilizadas nas sabatinas: análise numérica

Para além dos enunciados, é a vez, enfim, de se analisar as palavras em si utilizadas pelos entrevistadores. A presente pesquisa elaborou, então, uma tabela⁴³ com os números reunidos por esta análise de palavras específicas que foram abordadas tanto por Bonner e Vasconcellos quanto pelos entrevistados. Os três falantes de cada entrevista foram analisados individualmente, sendo os mesmos 54 termos escolhidos.

As palavras foram selecionadas sob o critério de número de repetições, assuntos mais abordados nas sabatinas ou que indiquem a elaboração de enunciados pelos apresentadores. Logo, esses dados visam mostrar os métodos de produção de discurso e enfatizar como alguns termos foram utilizados, por quem foram ditos e com qual finalidade. Caso contrário, ressaltar, então, a negativa da utilização e o objetivo.

A pesquisa contabilizou termos com variação de gênero e número em um mesmo dado, como a contagem de “candidato”, “candidata” e “candidatos”, assim como palavras da mesma ordem semântica ou temática.

A organização da tabela, na horizontal, segue ordem cronológica das sabatinas, sendo contabilizadas as entrevistas de Bolsonaro, Ciro, Lula e Tebet, realizadas nos dias 22, 23, 25 e 26 de agosto de 2022 respectivamente. Já a sequência vertical não propõe ordem alfabética, mas condizente à sequência de pontos observados a seguir pela pesquisa.

Para iniciar a contagem dos termos, pois, é necessário analisar os pronomes de tratamento e os vocativos utilizados e os seus respectivos objetivos. Esta pesquisa, então, percebeu como os entrevistadores se dirigiram aos candidatos, assim como os entrevistados se referiram aos apresentadores.

Ao falar com alguém, Yorke recomenda apenas que não se dirija aos entrevistados pelo primeiro nome para “não soar condescendente” (YORKE, 1998, p. 153), sob a cultura britânica de utilizar o vocativo “senhor”, em inglês, seguido pelo sobrenome. Porém, os vocativos e os pronomes de tratamento em português – no inglês, resumidos pela segunda pessoa “*you*” – são mais complexos. É o que diz a autora Eliana Amarante de Mendonça Mendes, que analisa justamente essas diferenças:

⁴³ Tabela elaborada pela presente autora disponível no Apêndice A.

O português, diferentemente de outras línguas europeias, tem um sistema de tratamento muito complexo, bem mais elaborado do que a dicotomia cerimonioso/não-cerimonioso presente em várias outras línguas. De acordo com a gramática tradicional, temos em português uma grande variedade de pronomes e de nomes pronominalizados que podem ser usados como pronome de segunda pessoa, a pessoa com quem se fala: tu, você, o Senhor, a Senhora, a senhorita, o amigo, o Professor, o doutor, além dos formalíssimos Vossa Excelência, Vossa Magnificência, Vossa Santidade, etc. (MENDES, 1998, p. 136)

Nas quatro entrevistas, Bonner e Vasconcellos utilizaram um total de 224 vezes os pronomes “o senhor”, “a senhora” e “os senhores”. Apenas Bonner enunciou 59 vezes esses pronomes na entrevista de Bolsonaro; 36 na de Ciro Gomes; 26 na de Lula; e 25 na de Simone Tebet, frente a Vasconcellos, com as respectivas 30; 16; 17; e 15 vezes. Todavia, ao longo dos mais de 160 minutos, o uso de “você” ou “vocês” por parte dos entrevistadores corresponde a zero: eles não disseram, nem sequer uma vez, esses pronomes de tratamento.

Os candidatos, em contraponto, optaram, majoritariamente, pelo uso de “você” e “vocês” ao se direcionar aos apresentadores: Bolsonaro, 36 vezes; Ciro Gomes, 22; Lula, 52; e Tebet, 29. Só em seis momentos, dois candidatos – Bolsonaro e Ciro – decidiram utilizar as palavras “o senhor”, “a senhora” ou “os senhores”, sendo apenas uma delas, de fato, direcionada aos entrevistadores.

Ciro justificou o uso justamente por estar sendo chamado desta maneira pelos apresentadores: “Mais uma vez agradeço a vocês, aos senhores, estão me chamando de ‘senhor’, estar aqui, para que a gente discuta ideias” (GOMES apud CIRO..., 2022)⁴⁴. As outras circunstâncias se referiam a outras personalidades públicas – Bolsonaro se referiu à “senhora Rosa Weber” (BOLSONARO apud JAIR..., 2022) e ao “senhor Alexandre de Moraes” (Ibidem); Ciro ao “senhor presidente da República” (GOMES apud CIRO..., 2022) – e a Deus, por parte do candidato pedetista.

Também deve-se pontuar que o uso não se deve às diferenças de idade, como se todos os entrevistados fossem mais velhos que os entrevistadores e, por isso, teria se optado pelo termo. Um exemplo tangível foi Tebet, que é mais nova do que Bonner e, ainda assim, fora tratada por ele por “a senhora”, ao passo que ela se dirigiu ao apresentador como “você”, como no trecho: “Você

⁴⁴ CIRO Gomes (PDT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/23/ciro-gomes-pdt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

falou, foi muito feliz quando falou da CPI” (TEBET apud SIMONE..., 2022)⁴⁵ e “Nós temos, se vocês me permitirem, nós temos, Renata e Bonner, meio milhão de anjos da guarda no Brasil” (Ibidem).

Mendes (1998), assim, descreve que a escolha do termo depende para além da situação de comunicação: está no “tipo de relacionamento que o usuário percebe ou supõe existir entre ele e seu interlocutor” (MENDES, 1998, p. 137). Dessa maneira, enquanto políticos e candidatos à Presidência, o tratamento se distancia do “você”, com grau maior de pessoalidade, e almeja demonstrar respeito e impessoalidade nas entrevistas, que podem se encaixar no conceito de “assimétricos” (Ibidem), detalhado abaixo pela autora:

Ainda segundo BROWN & GILMAN (1960), se ocorrerem mais tratamentos assimétricos, o que predomina é a dimensão de poder e se ocorrerem mais tratamentos simétricos a dimensão predominante é a de solidariedade (intimidade). (MENDES, 1998, p. 143)

Como referenciado ao logo deste subcapítulo, o tratamento, também, está presente nos vocativos – termo utilizado para designar como chamamos alguém – ou, simplesmente, nos substantivos utilizados para se referir a um ou mais entrevistados. Como já abordado nesta pesquisa, o Jornal Nacional descreve a proposta das sabatinas enquanto o estabelecimento de condições iguais a todos os entrevistados, como à determinação de realizar todas as entrevistas no estúdio da emissora, não sendo mais possível “privilégios” aos presidenciais – ali enquanto candidatos. Dessa maneira, mesmo que Bolsonaro, então presidente da República, fora tratado pelo mesmo vocativo que os demais: “candidato” ou “candidata”.

Bonner e Vasconcellos enunciaram 105 vezes as palavras “candidato”, “candidata” ou “candidatos” durante as entrevistas. O entrevistador teve 32 repetições na sabatina de Bolsonaro; 13 na de Ciro Gomes; 23 na de Lula; e nove na de Tebet. Já a entrevistadora utilizou esses termos nove vezes na de Bolsonaro; sete de Ciro Gomes; cinco na de Lula; e sete na de Tebet. Entre todos os entrevistados, somente Tebet utilizou esses termos, por oito vezes.

Outrossim, para abordar outros termos contabilizados, retomamos a entrevista de Bonner (2022). A esta pesquisa, o editor-chefe do Jornal Nacional decorreu sobre como a estrutura das

⁴⁵ SIMONE Tebet é entrevistada no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 26 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/26/simone-tebet-e-entrevistada-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

perguntas, desenvolvidas ao longo das reuniões, pode promover resultados distintos – efeito percebido ao longo de 20 anos das sabatinas. Ele explicou como concluíram “empiricamente” (BONNER, 2022) que os formatos de questionamentos que contêm “um ‘por que’ ou um ‘como’ tendem a ser mais eficientes do que aquelas que proponham simplesmente que o candidato responda com um sim ou um não” (Ibidem):

As perguntas que exigem respostas dissertativas são melhores. Mas é claro que, por vezes, pode ser muito embaraçoso para um candidato à Presidência dizer um sim ou um não diante de uma questão incisiva e, pontual e extremamente objetiva. O cardápio do questionário será mais rico quando variar os formatos das perguntas. (BONNER, 2022)

Bonner relembrou a premissa da equipe composta por ele, Vasconcellos, Ali Kamel, Ricardo Villela e Miguel Athayde na elaboração dos questionamentos: perguntas que “extraíam dos candidatos explicações para pontos obscuros” (BONNER, 2022). Nesse sentido, os questionários prezavam por questões “extremamente” (Ibidem) objetivas, sendo expressas, em consonância, a partir das palavras utilizadas.

A fim de observar a ênfase em perguntas que reivindicuem explicações ou detalhamento, reunimos alguns termos indicadores do tipo de pergunta. Para tanto, uma vez que esta análise visa entender a produção jornalística na elaboração da entrevista, não foram consideradas perguntas feitas pelos entrevistados – retóricas ou não – nesta contagem. Os outros termos, porém, trazem números sobre os candidatos, uma vez que o levantamento quantitativo se torna mais amplo para perceber assuntos e temas trazidos por todos os falantes nas entrevistas.

Cabe ressaltar que esta pesquisa analisou cada repetição individualmente, com o objetivo de confirmar que todas as palavras abaixo selecionadas nos questionamentos detinham esse fim. O “como” utilizado para comparação, por exemplo, não foi contabilizado nesta base.

Os entrevistadores, portanto, durante as quatro sabatinas, utilizaram um total de 22 vezes “como” e 10 “por que” – ou “por quê” –, sendo, no mínimo, duas em cada por entrevista. Bolsonaro foi perguntado duas vezes com “como” e “por que” cada; Ciro Gomes, seis “como” e duas “por que”; Lula, nove “como”; e Tebet, cinco “como” e quatro “por quê”. Como termo mais repetido, Vasconcellos disse seis vezes “como” em perguntas ao petista.

Para um objeto mais amplo, analisamos, também, a repetição de outros termos utilizados em perguntas durante as quatro sabatinas. Os candidatos foram indagados 12 vezes com “qual” ou

“quais” – Bolsonaro, seis; Ciro Gomes, uma; Lula; e três, Tebet. Ainda foram percebidas perguntas com “o que” ou “quanto”. Foram quatro “o que” a Bolsonaro; um a Ciro; dois a Lula; e três a Tebet. A candidata foi a única a contabilizar questionamentos com “quanto”, sendo dois – cada um enunciado por um dos entrevistadores.

Por conseguinte, deve-se considerar as diferenças entre a preparação, durante as reuniões do Jornal Nacional, e a execução das entrevistas, que contam com perguntas derivadas de falas dos candidatos, assuntos que se estendem mais do previsto, ponderações dos entrevistados etc. Para tanto, esta análise selecionou palavras relacionadas a planos de governo dos candidatos, assuntos relacionados ao histórico dos entrevistados e temas cujos posicionamentos seguem os critérios de noticiabilidade do Jornal Nacional, mencionados por Bonner (2009).

Também foram percebidas menções a outras instituições, partidos e candidatos. Porém, deve-se reforçar que este levantamento não foca nas menções aos temas em si, mas a palavras específicas, não desconsiderando o uso de nomes similares ou a simples abordagem daquele tema sem que o termo analisado seja citado.

É válida, por fim, a atenção a quem enunciou cada palavra, sendo perceptível, na maioria dos casos, de quem partiu a pergunta relacionada àquela temática – em maioria, o entrevistador responsável por aquele assunto –, ou, até mesmo, a exemplificação de quando temas foram levantados pelos entrevistados em suas respostas, mas pouco ou não mencionados pelos apresentadores.

A princípio, devemos analisar o uso de palavras relacionadas a propostas de governo. Como citado pelo diretor de Jornalismo Ricardo Villela (2022) ao longo desta pesquisa, deve-se considerar às diferenças de governabilidade dos quatro candidatos, com histórias e experiências políticas distintas. Nesse viés, como veremos na tabela, termos relacionados à explicação de planos são predominantes em entrevistas com candidatos que, até então, nunca foram presidentes da República: Ciro e Tebet.

A entrevista da candidata pelo MDB, por exemplo, concentrou 15 do total de 26 menções à palavra “projeto” ou “projetos” ao longo das quatro sabinas, sendo 14 delas entoadas pela própria entrevistada, apenas uma por Vasconcellos. Esse número demonstra que tais repetições partiram mais da estratégia discursiva de Tebet de expor o seu plano de governo para além de Mato Grosso do Sul do que das perguntas dos entrevistadores em si, como a entrevistada expôs nas considerações finais:

Simone Tebet: Por isso, eu vou estar todos os dias pedindo autorização para entrar na sua casa, para poder olhar nos seus olhos, uma campanha simples, direta, para poder falar para vocês como nós vamos apresentar soluções reais para os problemas reais da população brasileira. Comida mais barata, educação e saúde de qualidade, emprego e renda, esse é nosso compromisso. (TEBET apud SIMONE..., 2022)

À candidata, Bonner e Vasconcellos ainda fizeram, respectivamente, quatro e duas menções à palavra “plano”, e a apresentadora ainda utilizou uma vez o termo “proposta”, destacando, também, o teor de perguntas voltado a esclarecer ou detalhar planos de governo. Um questionamento de Bonner, por exemplo, mostrou a intenção de se explicar um plano supostamente vago:

William Bonner: Nós estamos falando de medidas, de iniciativas que consomem, exigem dinheiro, exigem investimento. A senhora mencionou aí, por exemplo, o orçamento secreto, mas o orçamento secreto não está nas mãos do presidente, ou da presidente, está nas mãos do Congresso, é uma questão a se resolver. O eleito terá que convencer o Congresso a abrir mão do poder que tem hoje com o orçamento secreto, cerca de R\$ 20 bilhões, mas, independentemente disso, chama atenção no seu plano de governo que a senhora manifesta diversas intenções, com termos como: "Vamos ampliar certa coisa", "Vamos acelerar isso", "Vamos reforçar aquilo", "Promover isso e aquilo". Faltam 37 dias para as eleições hoje. Não tem como a senhora ser mais específica, detalhar mais esses **planos** para que o eleitor possa avaliar, não apenas a pertinência, mas a capacidade de executar esses **planos** que a senhora está falando? (BONNER apud SIMONE..., 2022)⁴⁶

Ciro, por sua vez, utilizou 15 vezes os três termos analisados, com ênfase a “projeto” – oito – e “proposta” – seis. A ele, Bonner e Vasconcellos enunciaram, individualmente, essas palavras seis vezes, sendo duas vezes de cada. Os entrevistados falaram sobre “plano” por seis vezes.

Na contramão, na entrevista de Bolsonaro, Bonner utilizou duas vezes o termo “plano”, ao passo que o candidato usou três vezes “proposta” e uma vez “projeto”. A respeito dessa sabatina, esses substantivos não foram mencionados por Vasconcellos. Na sabatina de Lula, o uso dessas palavras foi ainda mais reduzido: apenas duas menções a “plano”, sendo cada uma delas entoada por Bonner e pelo entrevistado.

⁴⁶ SIMONE Tebet é entrevistada no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 26 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/26/simone-tebet-e-entrevistada-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Em sequência, esta pesquisa foca em termos relacionados aos temas mais abordados e assuntos gerais das entrevistas. O termo “educação” foi mencionado 28 vezes em todas as sabatinas, sendo 15 delas apenas por Tebet – número três vezes maior do que o total repetido pelos entrevistadores a ela, mostrando não um foco excessivo dos apresentadores, mas uma estratégia discursiva da candidata para exaltar sua experiência enquanto professora. Já na entrevista de Bolsonaro, a palavra “educação” apareceu em sete momentos, voltados, principalmente, para as trocas de ministros da Educação entre 2019 e 2022. Ciro e Lula mencionaram uma vez o termo, sem qualquer fala dos entrevistadores, o que pressupõe a não inclusão da questão educacional entre as perguntas priorizadas.

Já o substantivo “saúde” foi enunciado uma vez por Vasconcellos durante a entrevista com Bolsonaro; e outras quatro por Tebet na entrevista dela. Assuntos relacionados à saúde pública – ressaltada pelos termos “pandemia”, “Covid”, “coronavírus” e variações da palavra “vacina”, como “vacinar” e “vacinação”, no entanto, foram abordados em três das quatro entrevistas, sendo a diferença na entrevista de Lula. Em contrapartida, tais palavras relacionadas à saúde foram pronunciadas 31 vezes na entrevista de Bolsonaro, com destaque a seis usos do termo “vacina” e similares por Vasconcellos. Isso mostra, por exemplo, que a abordagem da pandemia ao então presidente ficou a cargo da entrevistadora, não do parceiro de bancada.

Como outro tópico, as entrevistas de Ciro e Tebet foram as que mais mencionaram o termo “segurança”, o que conversa com a análise de que, de fato, mostraram-se enquanto as duas sabatinas que tiveram a segurança pública como eixo temático, relacionando às experiências municipais e governamentais dos então candidatos.

Já palavras ligadas a questões ambientais e agrárias – “meio ambiente”, “Amazônia”, “desmatamento” e “agronegócio” – tiveram 20 repetições na entrevista de Bolsonaro, seguido por 17 na de Lula, e 12 na de Ciro. Tebet, por sua vez, enunciou uma única vez a palavra “Amazônia”, enquanto não foi citada pelos entrevistadores, assim como qualquer outro termo desse tipo direcionado à entrevistada.

Por mais que o assunto sobre o desmatamento tenha sido um dos focos da entrevista de Bolsonaro, é interessante que a palavra foi mais citada pelos entrevistadores na sabatina de Ciro, comparando duas menções de Vasconcellos ao então presidente com quatro por Bonner ao candidato pelo PDT. Mesmo não sido pronunciada pelos entrevistadores na ocasião, a palavra “Amazônia” foi entoada em seis momentos por Ciro.

A palavra “fome”, no entanto, não foi entoada pelos apresentadores em perguntas, mas, sim, como argumento pelos entrevistados, com o máximo dito por Ciro: oito vezes. De acordo com o “2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil”, da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, o número de pessoas que passam fome no país ultrapassou 33,1 milhões (MAIS DE..., 2022)⁴⁷. Uma matéria do Jornal Nacional apontou que seis em cada dez famílias no Brasil enfrentam dificuldade para conseguir se alimentar.

Isso posto, é viável observar os termos relacionados à economia, começando pelo próprio substantivo. A entrevista em que os apresentadores mais o utilizaram o termo foi na de Lula, sendo oito vezes proferidas por Bonner – o que mostra que, assim como na sinalização anterior a Vasconcellos, o assunto econômico ficou a cargo do âncora.

Ciro e Tebet foram os que mais dominaram “previdência” – tendo sido, na entrevista da candidata, entoado duas vezes por Bonner. Isso mostra, mais uma vez, as propostas dos candidatos caso eleitos, assim como só Tebet entre os entrevistados pôde escutar a palavra “imposto” por parte dos entrevistadores. A entrevista da candidata, também, englobou 18 das 24 repetições do termo “renda” – mais uma vez, com uma predominância das respostas de Tebet – 14 – frente a duas citações por cada entrevistador.

Enquanto isso, comparando o modelo de entrevistas com os candidatos cuja história política perpassa a Presidência da República, é possível comprovar, por exemplo, que “inflação” teve predominância entre Bolsonaro e Lula, com abordagem sobre os seus respectivos governos e subsequentes – relevante no caso da continuidade do governo petista com a ex-presidente Dilma Rousseff:

William Bonner: Mas ainda na economia, depois dos seus dois mandatos, candidato, veio o governo Dilma. E o governo Dilma se notabilizou por tentar induzir o crescimento da economia brasileira fazendo... aumentando gastos públicos e, também, segurando aumento de preços de combustíveis, aumento de preços de energia. O resultado disso foi a maior recessão em 25 anos e uma explosão da **inflação**. Daí, a pergunta: O senhor, uma vez eleito Presidente da República, mais uma vez, vai implantar na política econômica qual das receitas

⁴⁷ MAIS DE 33 milhões de brasileiros passam fome todo dia, revela pesquisa. **Jornal Nacional**, 8 jun. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/08/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-passam-fome-todo-dia-revela-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

petistas? A do seu primeiro mandato, ou a receita petista do mandato de Dilma Rousseff? (BONNER apud LULA..., 2022)⁴⁸

Por sua vez, as variações de “emprego” – incluindo a negativa “desemprego” – quase em sua totalidade não partiram dos entrevistadores, e, sim, dos entrevistados. A exceção foi uma menção por Bonner na sabatina de Lula ao contestar a versão do candidato sobre milhões de empregos não criados no governo petista, cujo diálogo já foi exposto anteriormente ao longo desta pesquisa. Sob os mesmos moldes, Lula também foi o único a receber uma pergunta com o termo “preço”, também voltado à crise econômica.

No entanto, a percepção acerca dos termos foge ao cenário supracitado na abordagem de “crise”, “dívida” e “corrupção”. Apesar de esquemas de corrupção serem mais abordados a respeito das candidaturas de Lula e Bolsonaro, Ciro protagonizou a entrevista em que o termo “crise” foi utilizado 11 vezes, sendo oito delas proferidas por eles. Já “dívida” foi utilizada cinco vezes na entrevista dele, sendo quatro vezes enunciadas pelo candidato. Por mais que não tenha havido qualquer pergunta com o termo “corrupção” direcionada a Ciro, ele utilizou o termo por dez vezes – atrás apenas de Lula, que repetiu a palavra 13 vezes frente a dez menções por parte dos entrevistadores – quatro por Bonner e seis por Vasconcellos.

Visto que os governos petistas foram envolvidos em investigações sobre corrupção, a entrevista de Lula foi a única em que houve o uso do termo “Lava Jato”, referente à gestão de Dilma Rousseff – duas repetições por Bonner e sete pelo candidato.

Bolsonaro, por sua vez, enquanto então presidente, não recebeu ou respondeu qualquer pergunta utilizando a palavra “crise” e disse apenas uma vez “dívida”. Sobre “corrupção”, foram cinco falas de Bonner e uma de Vasconcellos, mas nenhuma do candidato. Por fim, a palavra “escândalo” também se destacou na entrevista com o candidato, em que o termo foi utilizado três vezes por cada apresentador, somado a duas repetições pelo entrevistado.

Para tanto, deve-se frisar que, apesar de “orçamento” poder ser utilizado para se referir ao montante designado pelo governo a cada pauta, a construção predominante ao longo das entrevistas foi “orçamento secreto”, relacionando-se a críticas ao jogo político durante o governo Bolsonaro. Porém, o termo fora utilizado apenas uma vez por Bolsonaro, e nenhuma pelos entrevistadores, ao

⁴⁸ LULA (PT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/25/lula-pt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

passo que nas entrevistas de Lula e Tebet foram 13 e nove menções, respectivamente, por parte de algum dos falantes.

Em sequência, assuntos sobre o próprio processo eleitoral tiveram, também, espaço nas entrevistas com os presidenciáveis, como assuntos sobre reeleição e confiabilidade do sistema das urnas eletrônicas. Isso posto, o termo “urna” só não foi utilizado na entrevista de Tebet, com predominância de abordagem na de Bolsonaro, visto que o então presidente tem histórico de críticas ao sistema eleitoral brasileiro e ao TSE, com sete menções por Bonner e duas pelo entrevistado.

Já a palavra “eleição” – ou “eleições” – partiu dos entrevistadores em todas as sabatinas, com exceção à de Lula, entre uma e seis repetições. Porém, o uso do termo pelos candidatos foi o que ganhou destaque nesta análise: nove vezes por Bolsonaro; 12 por Ciro; 11 por Lula; e três por Tebet. O substantivo “democracia” e termos similares estiveram presentes, também, em todas as entrevistas, sendo a entrevista de Lula a com mais menções – oito – enquanto, curiosamente, é uma das duas em que não houve o uso do termo por parte dos entrevistadores.

Todavia, o termo “reeleição” foi utilizado em todas as entrevistas com exceção à de Lula. Por mais que Tebet tenha enunciado o termo a fim de exaltar a sua trajetória política, uma vez reeleita prefeita, é interessante observar a ausência do termo na entrevista do petista, já que ele, diferentemente dos outros três adversários, será o único que não poderá se candidatar à Presidência em 2026. Isso porque a legislação brasileira permite candidatos até 80 anos e, até lá, Lula já terá 81. Para tanto, deve-se considerar o peso tanto das menções quanto da falta delas, como é descrito por Pêcheux: “toda língua está necessariamente em relação com o ‘não está’, o ‘não está mais’, o ‘ainda não está’ e o ‘nunca estará’ da percepção imediata” (PÊCHEUX, 1990, p.8).

A não menção como produtora de sentido se relaciona ainda à citação de nomes dos outros entrevistados. Para tanto, esta pesquisa percebeu que o nome dos candidatos não foi sequer mencionado pelos apresentadores, com exceção da entrevista de Lula, em que Vasconcellos trouxe o nome de Bolsonaro, assim como de Fernando Henrique Cardoso, Dilma e Michel Temer para se referir aos governos anteriores, para contextualizar uma pergunta: “O senhor tem dito que o Centrão se formou lá atrás, na Constituinte, e que participou da base de todos os governos: do de

Fernando Henrique Cardoso, do seu, de Dilma, de Temer e agora de Jair Bolsonaro” (VASCONCELLOS apud LULA..., 2022)⁴⁹.

Entretanto, isso não significou que os candidatos não foram citados nas entrevistas. Para este levantamento, a presente pesquisa desconsiderou a sabatina em que o entrevistado participou. Bolsonaro, nas outras três sabinas, teve o nome mencionado mais 18 vezes, sendo 11 por Ciro e sete por Lula, enquanto o candidato petista teve o nome enunciado 12 vezes, presente em todas as três entrevistas, sendo nove apenas na de Ciro. Tebet e Ciro, por sua vez, não foram mencionados em outras entrevistas.

Isso mostra, então, que perguntas sobre outros candidatos ou sobre a opinião do entrevistado sobre eles não fazem parte da estratégia discursiva dos entrevistadores ou dos valores-notícia do Jornal Nacional. Enquanto isso, é possível entender que as críticas aos adversários fazem parte da autopromoção dos candidatos, como Ciro, que, por 20 vezes citou o nome de dois dos três outros entrevistados.

Já os nomes dos partidos PDT, PT e MDB – partidos de Ciro, Lula e Tebet respectivamente, por sua vez, integraram o discurso dos entrevistadores para abordar dinâmicas internas e externas às legendas. “PL”, porém, não foi citado nem na entrevista de Bolsonaro, então candidato pela sigla.

Já “PT” foi dito um total de 27 vezes durante as entrevistas, entre as quais, quatro delas foram enunciadas por Bolsonaro; cinco por Ciro; e duas por Tebet. Além de na entrevista com a candidata, a sigla atual do partido dela não foi utilizada em outras sabinas, mas, sim, a anterior “PMDB”, entoada por Bonner na entrevista de Lula ao se referir à época em que esse nome ainda era vigente. Já o termo “PDT” não foi citado em mais nenhuma entrevista, referenciado apenas na sabatina de Ciro, três por Bonner; uma por Vasconcellos; e três por Ciro.

Por fim, foram analisados outros nomes ligados à política, órgãos públicos ou a forma de governo – “Congresso”, “Centrão”, “CPI”, “ministros”, “Supremo Tribunal Federal” e “Polícia Federal” – tendo a entrevista de Bolsonaro na liderança da maioria delas, com exceção de “Congresso” e “CPI”.

⁴⁹ LULA (PT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/25/lula-pt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Visto isso, a sabatina de Bolsonaro concentrou 19 das 27 menções a “Centrão”, com 11 repetições de Bonner e nenhuma de Vasconcellos ao candidato. Isso demonstra que a abordagem ao jogo político relacionado ao Centrão partiu do entrevistador, não da entrevistadora, com oito respostas de Bolsonaro com esse termo. A palavra “ministro” ou o seu plural, foi além na entrevista do candidato: conseguiu 35 citações entre um total de 44 ao longo de todas as sabatinas. Entretanto, diferentemente do substantivo anterior, “ministro” teve relevância de repetições tanto entre Vasconcellos – 12 – quanto Bonner – seis, o que pode indicar que houve mais de uma pergunta envolvendo os ministérios.

Pode-se exemplificar, então, o número elevado do uso da palavra “ministro” com o primeiro tópico da sabatina com Bolsonaro, sobre ataques a ministros e a instituições democráticas – temática comandada por Bonner. Já em outros três assuntos, Vasconcellos, então, liderou as perguntas sobre as trocas de ministros da Educação; a pandemia, na qual há a centralidade da ação do Ministério da Saúde; e a saída de Ricardo Salles, ex-ministro do Meio Ambiente, após envolvimento em escândalo relacionado à exportação de madeira ilegal. Nesse sentido, já é viável entender o porquê de a entrevistadora ter citado a palavra mais vezes que Bonner. Como resposta, Bolsonaro ainda utilizou o termo por 16 vezes.

Referenciando ainda a liderança da entrevista de Bolsonaro sobre menções sobre instituições políticas ou governamentais, “Supremo Tribunal Federal” – ou “STF” – foi utilizado por oito vezes na sabatina do candidato, e “Polícia Federal”, 20 – sendo oito por Bonner e 12 por Bolsonaro. Em relação a este último, há a sabatina de Lula, que contou com dez menções à PF.

Em contrapartida, “Congresso” foi utilizado mais vezes na entrevista de Ciro, envolvendo 17 do total de 37 repetições durante a semana. Sendo oito vezes enunciadas por Bonner e quatro por Vasconcellos, é possível entender que houve mais perguntas envolvendo o Congresso Nacional direcionadas a Ciro, como a abordagem sobre a proposta de fazer plebiscitos, coordenada pela entrevistadora, e as perguntas de Bonner sobre como iria formar maioria entre deputados e senadores e o porquê de dizer que, ao ser tornar presidente, declararia que não iria concorrer à reeleição – o que, segundo o candidato, o ajudaria nos entraves políticos.

Por fim, o termo “CPI” – sigla para Comissões Parlamentares de Inquérito – não foi mencionado na entrevista de Lula, mas nas outras três. Apesar de a CPI da Covid ter sido durante o governo Bolsonaro, a qual investigou, por exemplo, a compra de vacinas contra o coronavírus, e tido a participação de Tebet enquanto senadora, o termo só foi mencionado uma vez pelo então

presidente e uma vez por Tebet, cuja entrevista contou ainda com uma menção por Bonner. Já Ciro foi o que mais utilizou o termo – três –, mas, dessa vez, não em referência à CPI da Covid, mas às comissões em geral.

No fragmento abaixo, portanto, pode-se observar o uso dos últimos dois termos analisados, cuja predominância foi na entrevista de Ciro:

William Bonner: Mas, então, por que abrir mão da reeleição significaria, para o senhor, facilitar suas relações com o **Congresso Nacional**?

Ciro Gomes: Porque o que destruiu a governança política brasileira, nesse modelo que eu estou lhe falando, é a reeleição. O presidente se coloca infenso, com medo dos conflitos, porque quer agradar todo mundo para fazer a reeleição. O presidente se vende a esses grupos picaretas da política brasileira, desculpe a expressão, eu tenho, a pedido da Renata, que trocar um pouco as expressões, mas esses grupos de pouco escrúpulo republicano – também tem essas expressões – porque têm medo de **CPI** e porque querem se reeleger. Eu tenho outra relação com a questão moral, eu me garanto, eu não sou corrupto, eu resolvi fazer uma vida republicana, então, eu não tenho medo de **CPI**, pelo contrário. Em um governo como o meu, **CPI** vai me ajudar, porque se eu não roubo, não vou deixar ninguém roubar. Quem denunciar corrupção no meu governo estará cooperando comigo. E, abrindo mão da reeleição, eu vou estar cuidando só de fazer a reforma que o país precisa. Veja, essa é a minha história. (CIRO..., 2022)⁵⁰

Feitas as análises sobre os enunciados e as palavras, pode-se exemplificar a presença e a importância das estratégias discursivas durante uma entrevista, ainda mais quando os entrevistadores representam o principal telejornal da maior emissora da América Latina, ao passo que os entrevistados são candidatos à Presidência da República.

4.5 Análise quantitativa das sabinas

Para relacionar a função jornalística na condução das entrevistas aos números nelas contidos, esta pesquisa analisou o tempo de fala de cada participante – os dois entrevistadores e os quatro entrevistados –, a duração por tema e a quantidade de entradas, por exemplo, de cada falante.

Esta análise, então, conversa com a metodologia da autora Fernanda Cavassana Carvalho (2015), que levantou dados sobre as sabinas de 2014. Sob essa perspectiva, a presente pesquisa

⁵⁰ CIRO Gomes (PDT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/23/ciro-gomes-pdt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

optou por, oito anos depois, levantar alguns desses dados e forma de pesquisa a partir das sabatinas de 2022.

Entretanto, a autora faz, por exemplo, referência a assuntos latentes à época, avaliados a partir da série especial do Jornal Nacional para as eleições em 2014, cujo referencial não cabe a esta análise. Carvalho ainda discorre sobre o que ela classifica como “perguntas originais” e “derivadas” – avaliação que se mostra ainda mais complexa após as conversas com os profissionais de Jornalismo da Globo. Isso porque, uma vez entendido o grau de preparação das réplicas e tréplicas, não se mostra possível avaliar quais perguntas, assim, seriam improvisos, e não uma nova réplica já articulada caso o entrevistado fizesse uma determinada alegação.

Isso posto, para analisar a minutagem das sabatinas de 2022, o tempo da entrevista foi contabilizado do momento em que o entrevistador anunciou o disparar do cronômetro até a última fala do entrevistado. Tais dados foram extraídos dos vídeos na íntegra das sabatinas, disponíveis na página do Jornal Nacional, no *site* g1 – tema de análise no próximo capítulo.

4.6 Tempo de fala e minutagem das sabatinas

Já o tempo de fala de cada entrevistado foi calculada a partir do início do discurso. É necessário frisar as limitações deste levantamento, uma vez que só foi possível contabilizar o tempo com minutos e segundos, desconsiderando os centésimos – indisponíveis no material utilizado. Portanto, deve-se pontuar que, apesar de enumeração detalhada de falas de cada um dos participantes, objetiva-se uma fiel aproximação do tempo real, e não a exatidão da minutagem, mas aplicada da mesma maneira aos quatro candidatos.

Esta análise se dispôs, também, a contabilizar o tempo de fala dos entrevistadores em cada uma das sabatinas, utilizando o mesmo método descrito acima. Desse modo, foram validadas as intervenções dos apresentadores que representaram uma réplica ou tréplica, mesmo que seja para refutar ou reconduzir o entrevistado e não uma nova pergunta em si, além das interrupções.

A minutagem, portanto, aborda o tempo de cada participante individualmente, visto que há falas simultâneas e intercortadas entre dois ou mais membros da entrevista. Para tanto, a soma dos três tempos de fala durante cada uma das sabatinas não almeja – nem irá – corresponder ao tempo contabilizado para toda a entrevista.

Esta pesquisa, também, referencia as “entradas” de cada um dos participantes e dos entrevistadores, visto que são consideradas todos os momentos que houve o início de uma fala. Caso a pessoa seja interrompida e, por essa razão, tenha que recomeçar a linha de raciocínio ou insira uma resposta à intervenção enquanto dialogava, serão contabilizadas duas entradas.

Com “interrupção”, esta pesquisa se refere a todos os momentos em que a fala do candidato foi intercortada por uma intervenção dos entrevistadores, seja por tangenciar a resposta, seja para réplica ou tréplica, sendo desconsiderado se o entrevistado cedeu à entrada e interrompeu a fala ou deu continuidade ao discurso.

Por conseguinte, a pesquisa ordena a predominância temática por entrevista, assim como os assuntos elencados pelos entrevistadores. Cabe ressaltar que, como em toda esta pesquisa, o objetivo não é analisar o desempenho dos entrevistados, mas a condução dos entrevistadores e a produção jornalística do Jornal Nacional. Entretanto, visa-se mencionar a postura e a desenvoltura dos candidatos quando for relevante para a atuação dos apresentadores. Um exemplo é a diferença de receptividade e assertividade das perguntas pelos entrevistados, que interfere no número de intervenções dos entrevistadores.

Assim, no dia 22, no total de 40’03” minutos de sabatina – desde o início do cronômetro até o fim das considerações finais – Bolsonaro falou por 25’59” minutos; William Bonner por 10’48”; e Renata Vasconcellos, por 5’41” minutos. O candidato à reeleição registrou um total de 78 entradas, sendo 11 delas com um minuto ou mais cada, totalizando a média de 19”987” segundos por falas.

Em relação aos entrevistadores, William Bonner teve 37 falas, com a média de 11”172” por entrada; e Renata Vasconcellos, registrou 58, com a média de 9”216” cada. Ao todo, o entrevistado foi interrompido 42 vezes, entre as suas 78 falas.

É importante antecipar que o número de entradas e interrupções supera as demais entrevistas, sendo necessário, portanto, entender o porquê de tal discrepância frente ao mesmo tempo de duração.

Lage (2001) retoma as “máximas” (LAGE, 2001, p. 24) de Paul Grice a respeito do padrão de pessoas envolvidas em uma conversa com um repórter. Entre as “máximas de qualidade” (Ibidem, p. 25), por exemplo, estão as seguintes recomendações: “Tente fazer sua contribuição verdadeira” (LAGE, 2001, p. 25), “Não diga o que acredita ser falso” (Ibidem, p. 25) e “Não diga algo de que você não tem adequada evidência” (Ibidem, p. 25)

O que Grice quis dizer é que toda conversação depende do que um dos envolvidos imagina que o outro pretende. Se ambos se admitem em boa fé, procurarão atender às máximas e esperarão que o interlocutor faça o mesmo. (Ibidem, p. 25)

Assim, uma vez encarada a “boa fé” (Ibidem, p. 25) descrita durante um processo jornalístico, Lage descreve que nenhum dos envolvidos esperará, por exemplo, que o outro “seja deliberadamente falso, ou afirme meras suspeitas” (Ibidem, p. 25). Entretanto, a postura combativa de Bolsonaro durante a sabatina mostra que, por vezes, é alegado que o entrevistador está mentindo, como no exemplo a seguir em relação a Vasconcellos, durante a temática sobre pandemia. As supostas mentiras apontadas por Bolsonaro sobre o Jornal Nacional, no entanto, vão além de acontecimentos sobre a história e governo do candidato, mas, até mesmo, como uma indagação sobre algo que o entrevistador acabara de dizer.

Cabe ao leitor, então, observar este trecho, em que, do início até o fim dele, foram contabilizadas cinco interrupções por parte dos entrevistadores. Contudo, é possível ver que, por parte do entrevistado, Vasconcellos chega a ter que pedir para conseguir concluir uma frase e, em seguida, Bonner sai em sua defesa.

Renata Vasconcellos: Candidato, mas as medidas socioeconômicas importantíssimas, elas foram adotadas por governos no mundo inteiro justamente para sustentar o fique em casa no pico da pandemia, fique em casa se puder, para que as pessoas pudessem proteger a própria vida e, ao mesmo tempo, receber o amparo econômico, para evitar o colapso dos hospitais, aliás, como nós vimos em Manaus, pessoas morrendo com falta de oxigênio por um erro de logística e gestão do seu ministro da Saúde.

Jair Bolsonaro: Negativo, negativo. Em menos de 48 horas estavam chegando já cilindros lá em Manaus. Lá foi uma coisa atípica, anormal, que aconteceu de uma hora para outra. Menos de 48 horas, cilindros começaram a chegar em Manaus de alguns pontos do Brasil. Fizemos a nossa parte em Manaus. Não faltou de nossa parte recursos bilionários para governadores e prefeitos enfrentarem a Covid. Construí hospitais de campanha, então fizemos a nossa parte. Raros países do mundo que fez algo melhor do que nós fizemos. E o resultado, até a OMS reconhece isso daí. Fizemos a nossa parte.

Renata Vasconcellos: O fato é que Manaus ficou mais de uma semana, nove dias, sem receber o apoio das pessoas com falta de oxigênio nos hospitais.

Jair Bolsonaro: Não é verdade, isso. Não é verdade.

Renata Vasconcellos: Agora, candidato, sobre o seu comportamento com as frases que eu mencionei, imitando pacientes com falta de ar, muitos viram isso como sinal de falta de compaixão, falta...

Jair Bolsonaro: Eu queria que você botasse no ar essa... Eu imitando falta de ar. Realmente...

Renata Vasconcellos: Mas por falta de compaixão...

Jair Bolsonaro: Ah, bom! Então, começou a mudar. Você começou a mudar.

Renata Vasconcellos: Desculpe, só para eu completar a minha frase: muitas viram isso como uma falta de compaixão, de solidariedade com os doentes, com as vítimas, os parentes das vítimas. O senhor se arrepende?

[...]

Renata Vasconcellos: Então o senhor chama isso de politicamente incorreto? O senhor não se arrepende do seu comportamento, das frases que fez, imitando pessoas com falta de ar como solidariedade com as famílias que sofreram?

Jair Bolsonaro: Você acabou de falar que eu não imitei falta de ar, voltou a falar em falta de ar novamente. Você voltou a falar em falta de ar.

Renata Vasconcellos: 700 mil mortos. A minha pergunta é muito específica. O senhor se arrepende disso?

Jair Bolsonaro: Lamento as mortes. Não tem quem não perdeu um parente, um amigo. Lamento as mortes. Agora, não poderia ser tratada a Covid da forma como começou a ser tratada. E quando você fala em tratamento precoce, lembre-se que, no protocolo do Mandetta, tinha o tratamento precoce lá, mas só em casos graves, onde eu não concordei com ele. No início, o protocolo do Mandetta era "vá para casa, quando sentir falta de ar, procure o hospital". Falei: "Procurar para quê, se não tem remédio?" E não tinha vacina naquele momento.

William Bonner: Bom, vamos falar de economia.

Jair Bolsonaro: "Vambora".

William Bonner: Eu só queria observar: a Renata não retirou a observação sobre o fato de o senhor ter imitado pessoas com falta de ar.

Jair Bolsonaro: Ela retirou.

Renata Vasconcellos: Não retirei.

William Bonner: Ela disse... Não, não, não. Ela disse que o senhor imitou gente com falta de ar, e que faltou também a solidariedade. Foram as duas coisas.

Renata Vasconcellos: E o senhor não respondeu à minha pergunta de ter se arrependido ou não, mas tudo bem.

William Bonner: Não, mas, candidato, o senhor já deixou claro que o senhor acha que mais brasileiros se contaminaram por ficar dentro de casa sem se expor...

Jair Bolsonaro: Não, não, acho não.

William Bonner: Não, o senhor disse isso.

Jair Bolsonaro: Nova York, mostra isso aí.

William Bonner: O senhor disse isso.

Jair Bolsonaro: Estudos de fora do Brasil.

William Bonner: Então vamos agora para a economia?

Jair Bolsonaro: A contaminação foi maior dentro de casa do que fora de casa. (JAIR..., 2022)⁵¹

No fragmento exposto, portanto, é possível notar que, por quatro vezes, Bolsonaro diz que as informações das perguntas, réplicas e trélicas eram falsas. Ainda no trecho acima, em duas situações, o então presidente pede que as falas sejam comprovadas e, por mais três momentos, ele tentou encontrar contradições na condução de Vasconcellos, colocando em xeque a validade do trabalho de pesquisa e da atuação enquanto jornalistas.

Sob essa ótica, como diz Lage (2001) é necessário que o entrevistador mantenha “o comando da conversa, impedindo que ela se desvie do tema, seja por digressões do entrevistado seja pela discussão da validade ou oportunidade da entrevista mesma” (Ibidem, p. 35).

Para tanto, retomando os números, a pesquisa dividiu a entrevista de Bolsonaro em seis eixos temáticos, listados a seguir na ordem da condução da sabatina: “ataques antidemocráticos”, “pandemia”, “economia”, “meio ambiente”, “jogo político”, “educação” e “interferências na Polícia Federal”. Os três temas que mais tiveram espaço foram, respectivamente, “ataques democráticos”, com 9’10” minutos; “pandemia”, 8’07”; e “meio ambiente”, 6’39”.

⁵¹ JAIR Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

É importante enfatizar que o *site* do Jornal Nacional opta por uma divisão temática distinta da mencionada, uma vez que esta pesquisa visa tornar os assuntos mais gerais a fim de facilitar o comparativo entre os candidatos. Entretanto, devido às diferenças das candidaturas, há assuntos específicos de cada entrevista que não podem ser englobados em assuntos mais amplos.

Já no dia 23, em 40'07" minutos de entrevista, *Ciro Gomes* discursou por 30'57", *Bonner* falou por 6'50", e *Vasconcellos*, 3'30". O candidato pelo PDT contabilizou 39 entradas, sendo 15 delas a partir de um minuto, com a média de 47"512" segundos por fala. *Bonner* teve 20 entradas, com aproximadamente 20"500" segundos cada, e *Vasconcellos*, 15 falas, com a média de 14"000" cada. *Ciro* foi interrompido 13 vezes.

Em relação aos temas abordados, é possível perceber que, por duas vezes, a entrevista conduziu o candidato a temas relacionados a "jogo político", separadas por outros assuntos, mas focadas, primeiro, no apoio do Congresso Nacional e, em segunda menção, ao PDT. Os assuntos abordados, em ordem, foram nove: "polarização eleitoral", "economia", "jogo político", "plebiscitos", "reeleição", "jogo político" novamente, "meio ambiente", "saneamento" e "segurança".

Os três assuntos abordados por mais tempo foram "meio ambiente", 8'06" minutos; "reeleição", 6'34"; e "jogo político", este ao abordar o Congresso, com 5'28". Se o último tópico englobar a outra abordagem dessa temática, de 1'51" minuto, o tema fica na segunda posição, com um total de 7'19" minutos. Assim como o "jogo político" sobre o PDT, outras duas temáticas têm menos de 3 minutos: "saneamento, com 2'20", e "economia", 2'08".

Entrevistado da terceira sabatina, no dia 25, durante 40'08" minutos, *Luiz Inácio Lula da Silva* falou por 30'40", com 43 entradas, alcançando a média de 42"791" por fala. Já *Bonner* falou por 6'59" segundos, durante 29 falas, e *Vasconcellos*, 3'21", por 23 falas. Foram, em suma, 23 interrupções, o que destaca o candidato como o segundo mais intervenções dos entrevistadores.

Diferentemente de *Bolsonaro*, *Lula*, como já mencionado anteriormente, utiliza da retórica – entendida por *Sodré* (2010) como "imediate e visível porque diz respeito à elocução, às práticas de linguagem, aos discursos que circulam socialmente" (*SODRÉ*, 2010, p. 8) – para contornar as temáticas, sendo necessário, como exposto acima, trazê-lo de volta ao assunto. Alguns exemplos foram quando o candidato disse que eles não estão "vivendo no mesmo mundo" (*SILVA* apud

LULA..., 2022)⁵², falou sobre o brasileiro fazer churrasco e fez uma comparação a times de futebol quando perguntado sobre a suposta inimizade anterior com Alckmin, seu então candidato à vice, pelo PSB.

William Bonner: [...] O senhor acha que a militância do seu partido concorda com essa necessidade de composição política? A minha pergunta é porque existe uma ala grande do seu partido que ainda não aceitou Geraldo Alckmin como o candidato a vice na sua chapa e tem hostilizado o seu candidato a vice. O que o senhor diria para esses militantes do PT que ainda se recusam a aceitar Alckmin, depois das trocas de acusações pesadas que os senhores fizeram ao longo de alguns anos na política?

Luiz Inácio Lula da Silva: Bonner, nós não estamos vivendo no mesmo mundo. Eu estou até com ciúme do Alckmin. Você tem que ver que sujeito esperto e habilidoso.

William Bonner: Não tem vaias para ele muitas vezes?

Luiz Inácio Lula da Silva: Ele fez um discurso, no dia 7 de maio, quando ele foi apresentado oficialmente ao PT, que eu fiquei com inveja, ele foi aplaudido de pé. Pergunta para a esposa dele, para a dona Lu, que anda com a Janja, para ver como ela está gostando da coisa. O Alckmin já foi aceito pelo PT, de corpo e alma, sabe? O que eu não quero é que o PT peça para ele se filiar porque a gente não quer brigar com o PSB, mas o Alckmin é uma pessoa que vai me ajudar. Eu tenho 100% de confiança que a experiência dele como governador de São Paulo e, depois, mais seis anos como vice do Mário Covas vai me ajudar a consertar esse país. É a única razão pela qual eu quero voltar a ser presidente, é a de consertar esse país. Esse país tem que voltar a crescer, tem que voltar a ser feliz, tem que voltar a gerar emprego. O povo, eu digo sempre: o povo tem que voltar a comer um churrasquinho, a comer uma picanha e tomar uma cervejinha.

William Bonner: Candidato, ainda a propósito dessa intolerância manifestada em alguns momentos contra o seu candidato a vice, o senhor disse que está superado, mas é fato que durante muito tempo a militância do PT, estimulada muitas vezes pelo senhor ou por outros líderes do partido, essa militância foi muito agressiva com quem pensava diferente, e não só na Internet, nas ruas também. Que lições o senhor e o PT tiraram disso?

Luiz Inácio Lula da Silva: Bonner, feliz era o Brasil e a democracia brasileira quando a polarização nesse país era entre PT e PSDB. A gente era adversário político, a gente trocava farpas, mas se a gente se encontrasse no restaurante, não tinha nenhum problema de tomar uma cerveja com o Fernando Henrique Cardoso,

⁵² LULA (PT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/25/lula-pt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

com o José Serra ou com o Alckmin, porque a gente não se tratava como inimigo, a gente se tratava como adversário. Sabe?

William Bonner: O senhor não teria problema, mas a militância do seu partido tinha problema, sim.

Luiz Inácio Lula da Silva: A militância é como torcida organizada. A torcida organizada não é a torcida do Flamengo, não é a torcida do Vasco, aquela que briga, aquela que vaia o time. Não, não sei se você viu o jogo do São Paulo, ontem, o Rafinha que jogava Flamengo, ontem ele engrossou lá no jogo com o Flamengo, e ele e o outro do Flamengo se abraçaram, porque em política é assim. Política é exatamente assim, você tem divergência, você briga, você diverge, você tem divergência programática, mas você não é inimigo.

William Bonner: Mas, candidato, o senhor passou anos repetindo uma expressão que se consolidou no seu governo dividindo o Brasil entre nós e eles. É um fato.

Luiz Inácio Lula da Silva: Você já foi em campo de futebol? Você torce para algum time?

William Bonner: Não, nesse momento.

Luiz Inácio Lula da Silva: Eu já fui junto com outros companheiros. É nós e eles. A torcida do Vasco, é nós; a do Flamengo, é eles. (LULA..., 2022)⁵³

Lula foi, assim, o candidato entrevistado nas sabatinas de 2022 que mais conseguiu falas a partir de um minuto – apenas uma a mais que Ciro Gomes. Entretanto, pelo fato de o petista ter conquistado 11 entradas a mais que Simone Tebet, a média do candidato ficou em 17 segundos abaixo da candidata, cuja entrevista será esmiuçada em breve, com 59”906”.

A Lula, os entrevistadores abordaram sete assuntos sob seis eixos temáticos, sendo “jogo político”, mais uma vez, dobrado, a respeito das alianças com o Centrão, e da aliança com Geraldo Alckmin, do PSDB, outrora adversário político. Além de “jogo político”, os assuntos escolhidos foram “corrupção”, “comando da Procuradoria-Geral da República”, “economia”, “agronegócio” e “política internacional”.

Em relação aos assuntos mais mencionados, estão “corrupção”, em primeiro lugar, com 8’42” minutos de abordagem, seguido por “economia”, com 7’59”, e o segundo assunto incluído em “jogo político”, ao abordar a vice-presidência de Alckmin. Se for adicionado o debate sobre o

⁵³ LULA (PT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/25/lula-pt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Centrão, o tópico totaliza 10'45". Por sua vez, o tópico que menos teve espaço na sabatina foi "política internacional", com apenas 1'49" – o único tema que teve menos de 4 minutos de entrevista.

Por fim, Simone Tebet, ao longo de 40'18" minutos, alcançou 31'03" minutos de fala, destacando-se como a candidata com mais tempo de fala nas entrevistas analisadas. Das 32 falas contabilizadas, a então senadora alcançou 13 respostas a partir de um minuto, com a média de 59"9" segundos por resposta. Bonner e Vasconcellos falaram por 4'32" e 2'29", respectivamente. O apresentador teve um total de 21 entradas, enquanto a apresentadora, 19. Houve um total de 19 interrupções por parte dos entrevistadores.

Os sete temas abordados durante a entrevista, em ordem, foram "jogo político", "igualdade de gênero", "economia", "reforma tributária", "educação", "segurança pública" e "previdência". Os três temas que mais tiveram espaço foram "jogo político", com 10'10" minutos; "economia", 9'56"; e "igualdade de gênero", 7'02".

Tebet, também, foi a única entrevistada que um tópico foi abordado, de uma vez só, durante mais de 10 minutos, em "jogo político". Um fator necessário a ser pontuado é que, apesar de o trecho também abordar a corrupção no MDB, o foco foi voltado para o partido em si, trazendo, também, as alianças políticas de Tebet dentro da legenda. Por essa razão, diferente de Lula, ao abordar a Lava Jato, a temática não foi resumida como "corrupção", prezando, mais uma vez, pelos temas mais gerais possíveis a fim de encontrar compatibilidades entre as entrevistas.

Com foco na comparação do tempo de fala dos entrevistadores, a sabatina em que Bonner apresentou a maior duração total foi na de Jair Bolsonaro, com 10'48" minutos, que também abrange o maior número de falas: 58. Porém, em relação ao tempo por cada entrada, a média também é a menor em relação aos outros candidatos: média de 11"172" segundos. A entrevista de Ciro Gomes, no entanto, foi a com maior média de tempo de fala do apresentador: 20"500" segundos.

Por sua vez, Vasconcellos também apresentou maior tempo total de fala na sabatina de Jair Bolsonaro, com 5'41" minutos, assim como o número de falas: um total de 37. Como o entrevistador, a apresentadora apresentou a maior média de tempo por fala na entrevista de Ciro Gomes, com ainda mais tempo que Bonner: 20"500" segundos.

Por conseguinte, é possível observar que os dois tópicos listados por esta pesquisa que se repetiram em todas as entrevistas foram, então, "jogo político" e "economia", sendo o primeiro

responsável por 34'06" minutos da minutagem total e o segundo, por 20'18". Os dois assuntos, assim, destacam-se pela predominância de tempo, uma vez que, por entrevista, pelo menos um dos dois ficou entre os três temas mais falados. Juntas, as temáticas equivalem a mais do que o tempo de uma só entrevista: 54'24" minutos – quase uma hora.

Logo, a análise e a interpretação de números sobre a minutagem, assim como a percepção de falas individualmente, pode levar à compreensão sobre o ritmo de cada entrevista, a condução dos entrevistadores, a variedade temática, e a receptividade e a assertividade dos candidatos.

5 PÓS-SABATINAS

Por fim, neste capítulo, falaremos sobre a produção digital do Jornal Nacional em relação às entrevistas com os presidentiáveis, sobre a cobertura pelo *site* e pelas redes sociais do telejornal, a checagem de informações falsas pelo “Fato ou *Fake*”, e os resultados e repercussão das sabatinas. Assim, conversamos com a gerente dos *Sites* Instrumentais do g1, Mirelle De França (2022)⁵⁴, e o coordenador pelo g1 do serviço de checagem do Grupo Globo, Felipe Grandin (2022)⁵⁵, e utilizamos conceitos dos autores Lorena Lucas Regattieri (2019), Leire Mara Bevilaqua (2019), Cristiane Finger (2020), Muniz Sodré (2010), Lívia de Souza Vieira (2021), Renato Coelho Simonetto e Rodrigo Wolff Apolloni (2019), e Rogério Martins de Souza (2017).

5.1 Internet: *Site* e redes do Jornal Nacional

Com o intuito de abranger as novas plataformas midiáticas utilizadas pelo Jornalismo da Globo na cobertura das entrevistas com os presidentiáveis em 2022, deve-se observar a produção dos *Sites* Instrumentais, do g1, o qual atua nos *sites* e nas redes sociais dos telejornais de âmbito nacional, entre os quais está o Jornal Nacional. Nesse viés, esta pesquisa conversou com Mirelle De França, gerente da equipe em questão.

Segundo a jornalista, 21 profissionais ficaram envolvidos, direta ou indiretamente, no trabalho dos *Sites* Instrumentais nas sabatinas de 2022, em relação às etapas de divulgação, cobertura e promoção das entrevistas antes, durante e depois, no *site* e nas redes sociais (DE FRANÇA, 2022).

O planejamento de atuação da equipe, assim, foi iniciado ao final do primeiro trimestre do ano, a fim de entender e elaborar qual seria o papel e a diferença em comparação ao ciclo de entrevistas anterior: “Sabíamos que o papel das redes sociais este ano seria ainda maior do que na eleição anterior e, por isso, foi onde mais apostamos” (Ibidem).

Assim, para o porquê dessa aposta nas redes sociais, nas quais a emissora investe profissionais e tempo produtivo, é necessário analisar, então, o crescimento dessas plataformas digitais enquanto meio de impacto nas relações e na produção jornalística. Esses meios funcionam,

⁵⁴ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 6 de dezembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia]

⁵⁵ Entrevista concedida à autora da presente pesquisa, em 16 de novembro de 2022, no Rio de Janeiro. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia]

dessa maneira, como uma continuidade do Jornalismo da Globo, ao passo que têm especificidades inerentes a tais portais e tecnologias.

Por outro lado, as sabatinas de 2022 também tiveram diferenças em relação às redes sociais, dessa vez, por parte dos entrevistados. O diretor de Jornalismo Ricardo Villela, em conversa a esta pesquisa, destacou uma nova possibilidade aos entrevistados: compartilhar vídeos da edição do Jornal Nacional nas redes sociais:

Este ano, nós autorizamos os candidatos e os concorrentes a separarem trechos da entrevista e publicar nas suas redes sociais. A gente não costumava deixar isso, mas o mundo evoluiu, hoje em dia, ainda que não deixássemos, iam fazer do mesmo jeito. (VILLELA, 2022)

Esse fragmento demonstra as mudanças das sabatinas ao longo dos 20 anos e o grau de importância que as plataformas digitais passaram a ocupar. Em 2002, a então entrevistadora, Fátima Bernardes, fazia questão de entoar que trechos não seriam utilizados para fins eleitorais: “Os candidatos pediram que registrássemos, no ar, que eles não usarão as entrevistas na propaganda eleitoral na TV”⁵⁶.

O fenômeno das redes sociais na produção jornalística é entoado por Bonner, que destaca as redes sociais como um dos fatores para a atual pressão tanto sobre os entrevistadores quanto sobre os entrevistados, assim como a temperatura política. “Em 2002, quando a ideia do Ali Kamel foi executada pela primeira vez, não existiam redes sociais” (BONNER, 2022). Em seguida o apresentador decorreu sobre a vantagem do aumento de tempo, o que, ao menos, “serve como atenuante de um momento em que as pressões sobre todos são muitíssimo maiores” (Ibidem).

Associada aos novos desafios desses meios, a importância de conteúdos oficiais nas redes sociais atua na contramão da atuação de robôs, como os *bots*, enquanto “agentes de expressão” (REGATTIERI, 2019, p. 132) que interferem no “espaço comunicacional” (Ibidem, p. 132). Nesse sentido, as plataformas são utilizadas para “amplificação da desinformação e conteúdo de baixa-credibilidade, propagação de campanhas de cunho político, social e cultural e da radicalização e polarização do debate público” (Ibidem, p. 132).

Tal processo de disseminação de desinformação e radicalização é mencionada por Bonner (2019), quando descreve os ataques vivenciados na realização das sabatinas presidenciais,

⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z0559ZjHCGM&ab_channel=alxqueiroz>. Acesso em: 10 dezembro de 2022.

ressaltando, por sua vez, o objetivo – embasado pelos critérios de noticiabilidade já abordados ao longo desta pesquisa:

Também é fato que as manifestações de desagrado deixaram há muito de se limitar à 'rabugice de candidato' depois do pinga-fogo. A cada eleição, sobretudo por obra de robôs atuantes em redes sociais, as queixas contra uma suposta impertinência dos questionários foram se transformando em insultos, em ataques virulentos aos entrevistadores, ao Jornal Nacional e à própria Globo. Mas não deixa de ser alentador que as reclamações tenham partido de hostes de todos os candidatos, de todos os matizes ideológicos. Porque absolutamente ninguém deixou de ser tirado de sua zona de conforto durante a nossa busca jornalística por respostas.” (BONNER apud GLOBO, 2019, p.66)

Nesse sentido, deve-se observar a expansão dos telejornais em múltiplas plataformas, como os *sites* e as redes sociais, descrita por Becker (2020). A autora ressalta que tais produtos continuam a “sintonizar vastas audiências, sobretudo na transmissão ao vivo” (BECKER, 2020, p. 33) enquanto se articulam às audiências – de forma mais próxima, uma vez que os internautas “interagem com os noticiários por meio de dispositivos móveis e nas redes sociais” (Ibidem, p. 33).

Para Leire Mara Bevilaqua (2019), com uma análise focada no Jornal Nacional, tal ampliação se relaciona a um novo modo de endereçamento do telejornal, ao passo que lhe traz uma nova roupagem e interações “cada vez mais complexas entre novas e velhas mídias” (BEVILAQUA, 2019, p. 67).

Tem-se um retorno à maneira compartilhada de ver televisão: se no passado ela se dava de forma presencial, na sala de estar, com a família reunida, hoje, ela assume nova roupagem, principalmente a partir dos *sites* de redes sociais. A partir dessas plataformas, o telespectador pode dar sua opinião sobre os conteúdos veiculados no instante em que eles são exibidos na televisão; conhecer a opinião de outros telespectadores; e até auxiliar na produção de conteúdo, situações que já ocorriam, porém, em menor escala e não de forma tão imediata e compartilhada como agora. (Ibidem, p. 65).

A autora explica o “fenômeno de convergência”, criado por Henry Jenkins (2009), se referindo aos processos da convergência como poder de transformação nos veículos midiáticos, o que, depois, migra para os novos aparatos digitais. Tal conceito, portanto, difere da ideia de que haveria uma revolução digital e que, de fato, as antigas mídias seriam substituídas pelas novas, senão criar “novas relações com o mercado e o público” (BEVILAQUA, 2019, p. 67).

Sob essa ótica, a equipe dos *Sites* Instrumentais atua na mudança de “produção, distribuição, consumo e feedback das notícias” (BEVILAQUA, 2019, p. 81). Logo, com foco no Jornal Nacional, é percebida a autonomia cada vez maior do *site* e das redes sociais do telejornal na criação de conteúdos próprios para as plataformas, assim como o uso de ferramentas próprias.

A televisão e, em decorrência, seus gêneros e formatos, estão inseridos nesse contexto de transição e de convergência midiática. Porém, ainda não existem definições (e não há certeza de que um dia existirão) de como deve ser o processo de produção para atender a essas mudanças. Isso porque tanto pesquisadores quanto profissionais ainda estão buscando formas de trabalhar com mídias convergentes e oferecer diferentes possibilidades de interação. (Ibidem, p. 68)

Tal criação de conteúdos específicos para o *site* e as redes sociais foi um dos objetivos descritos por De França (2022), cuja equipe buscou que eles estivessem “mais alinhados com as equipes da TV responsáveis pelos conteúdos especiais sobre o tema, de forma que elas também contribuíssem para que o digital publicasse material exclusivo que fortalecesse a marca” (DE FRANÇA, 2022).

Enfatiza-se, pois, a validade das plataformas digitais do Jornal Nacional, que atuaram em consonância com os critérios utilizados pelo telejornal, sendo necessário compreender a configuração dessas novas mídias e as práticas que elas suscitam” (BEVILAQUA, 2019, p. 71).

Deve-se visualizar, *a priori*, o formato das redes sociais do Jornal Nacional: perfis oficiais no *Facebook*, no *Twitter* e no *Instagram*, sendo esta última a mais recente, com a primeira postagem em 2 de agosto de 2021. No dia 18 de dezembro de 2022, a conta contava com cerca de 620 mil seguidores e ultrapassava 2,7 mil publicações (JORNAL NACIONAL, 2022)⁵⁷.

Esta plataforma, desde o seu surgimento, propõe conteúdos exclusivos em comparação às outras, ao passo que desenvolve vídeos próprios e associa cartelas com título, subtítulo, fotos e legenda. Diferentemente das outras contas, as eleições de 2022 marcaram a primeira cobertura desse tipo no *Instagram*, sendo, portanto, a rede social escolhida por esta pesquisa para observar as postagens relacionadas às sabatinas do Jornal Nacional.

Deve-se enfatizar que, em relação às entrevistas com os presidentiáveis, apesar de cada rede social variar no formato de acordo com os aparatos específicos de cada plataforma, o conteúdo divulgado foi o mesmo nos três espaços. Também é necessário frisar que as páginas mantiveram a

⁵⁷ JORNAL NACIONAL. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/jornalnacional/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

publicação diária de outras notícias, mas que aqui serão apenas analisadas as que foram relacionadas aos preparativos e à cobertura das sabatinas.

Assim, cabe observar, como supracitado, que a “cobertura da sabatina não se resumiu apenas ao dia das entrevistas” (DE FRANÇA, 2022), sendo necessário perceber o trabalho de divulgação prévia. Como citado em capítulos anteriores, as sabatinas e os trâmites em relação aos entrevistados – como a desistência de Janones, a possível recusa de Bolsonaro e a mudança de data da presença de Ciro – foram anunciados em matérias no *site* do Jornal Nacional. Tais informações foram ainda replicadas nas redes sociais, adaptadas aos formatos exigidos a cada plataforma.

No *Instagram*, três postagens no dia 5 de agosto anunciaram os, enfim, quatro candidatos a serem entrevistados, a ordem das sabatinas, a confirmação de Bolsonaro na entrevista e a mudança de data de Ciro Gomes. Enquanto a publicação “Jornal Nacional entrevistará candidatos à Presidência da República” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁵⁸ utilizava a frase por cima de uma foto dos âncoras na bancada, as outras duas cartelas incluíam apenas tarjas com os seguintes dizeres com a foto da logo do Jornal Nacional: “Jair Bolsonaro dará entrevista ao Jornal Nacional no Rio” (Ibidem)⁵⁹ e “Entrevista de Ciro Gomes ao Jornal Nacional é antecipada em um dia” (Ibidem)⁶⁰.

Já no dia 17, na quarta-feira anterior à semana das sabatinas, a plataforma divulgou um vídeo de lembrete às entrevistas, em que Bonner diz: “A partir da próxima segunda, o Jornal Nacional vai entrevistar candidatos à Presidência do Brasil, para perguntar, olho no olho, o que interessa aos eleitores” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁶¹. No material audiovisual, repostado no dia 19, na sexta-feira anterior às entrevistas, também havia a frase escrita: “O caminho para a democracia é a informação” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁶².

Tais dizeres foram retomados nos dias 20 e 21 de agosto, no sábado e no domingo, às vésperas da primeira sabatina, em um vídeo que não mencionava as entrevistas, mas exaltava todos

⁵⁸ JORNAL NACIONAL. Jornal Nacional entrevistará candidatos à Presidência da República. 5 de ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Cg3PK4ZtzZO/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁵⁹ JORNAL NACIONAL. Jair Bolsonaro dará entrevista ao Jornal Nacional no Rio. 5 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Cg4VipJqLNs/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁶⁰ JORNAL NACIONAL. Entrevista de Ciro Gomes ao Jornal Nacional é antecipada em um dia. 5 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Cg5LRN9pVUO/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁶¹ JORNAL NACIONAL. Vêm aí as Eleições 2022. 17 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <https://www.Instagram.com/p/ChLRj25t_zQ/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁶² JORNAL NACIONAL. Eleições 2022: a partir de segunda-feira (22), o #JN entrevista candidatos à Presidência do Brasil para perguntar, olho no olho, aquilo que interessa aos eleitores. 19 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChcJIsWo1qS/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

os profissionais envolvidos na produção jornalística da Globo, em que descreve um “compromisso inegociável com a verdade” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁶³. Na legenda, o *Instagram* do Jornal Nacional escreveu: “Por trás de cada informação, tem uma equipe enorme comprometida com a verdade. O caminho para a democracia é a informação” (Ibidem).

Esse formato de publicação dialoga com Cristiane Finger (2020), que destaca o processo de “autorreferenciação” (FINGER, 2020, p. 238) do Jornal Nacional, ao mostrar como é o seu “próprio fazer notícia” (Ibidem, aqui p. 238), e os elementos constituintes – produção, reportagem, edição, pluralidade de fontes e a diversidade de gêneros jornalísticos –, enquanto é necessário reivindicar o “direito ao exercício da profissão num momento em que a categoria sofre uma série de ataques por parte de governantes e de uma parcela da população” (Ibidem, p. 238).

Para tanto, Finger (2020) descreve que as redes sociais se tornaram mais um espaço de repactuar “a assinatura de um contrato de confiança invisível entre jornalistas e telespectadores” (Ibidem, p. 238) associada à “credibilidade construída ao longo dos anos justamente pelo respeito a regras que regulamentam o exercício da profissão” (Ibidem, p. 238).

Assim, uma vez compreendidos os dias anteriores às sabatinas, é vez de analisar o trabalho jornalístico dos *Sites* Instrumentais nos dias das entrevistas, a cobertura do tempo real, a reprodução das entrevistas no *site* e nas redes. A equipe foi dividida no seguinte formato:

Dois editores no corte dos vídeos para o *site* do JN/*Globoplay*, um editor responsável pela edição do *site* do JN, três editores na publicação nas redes sociais da marca (*Twitter*, *Facebook* e *Instagram*), um fotógrafo nos Estúdios Globo para registrar os bastidores das entrevistas, duas supervisoras executivas responsáveis pela edição do tempo real no site, matéria consolidada e coordenação da equipe e uma gerente responsável pela indicação do “ponto de corte” das perguntas por temas e coordenação da equipe. (DE FRANÇA, 2022)

Nesse processo, devem ser entendidas as tarefas envolvidas, relacionada, por exemplo, ao corte dos vídeos para disponibilizá-los no *site* do Jornal Nacional, no *Globoplay* e nas três redes sociais. As íntegras em vídeo sempre foram publicadas – a “principal e mais importante orientação” (DE FRANÇA, 2022) –, de forma que “a entrevista completa com cada candidato estivesse disponível para quem quisesse assistir” (Ibidem). Porém, uma mudança em relação a 2018 permitiu um foco maior aos trechos: o fim da decupagem das sabatinas no *site* do Jornal Nacional.

⁶³ JORNAL NACIONAL. Por trás de cada informação, tem uma equipe enorme comprometida com a verdade. 21 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChhaLfVsw5I/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

Anteriormente, a equipe era responsável por transcrever toda a entrevista e integrá-la reportagem, publicada na mesma noite da entrevista. No entanto, em 2022, as publicações no *site* passaram a não utilizar a transcrição, sendo possível à equipe direcionar o trabalho às outras tarefas: “O fato de não ter que fazer a decupagem de uma entrevista longa em tempo real permitiu que a equipe investisse seus esforços nos cortes de vídeos para publicações nas redes sociais. O trabalho de publicação das redes foi bem mais pesado este ano” (DE FRANÇA, 2022).

De acordo com De França, a mudança produtiva permitiu que se aumentasse “o consumo do conteúdo em vídeo, principalmente os que vão ‘direto ao ponto’, uma tendência entre os usuários” (Ibidem). A gerente dos *Sites* Instrumentais, nesse viés, assumiu a tarefa de indicar os trechos por tema abordado:

Fiquei responsável pela indicação deste ponto de corte e ele foi definido em tempo real, no momento da entrevista, à medida que a pergunta sobre o tema começava até o fim das réplicas e tréplicas. A partir daí, fazíamos o título padrão adaptando para cada temática, por exemplo: "Candidato X responde sobre meio ambiente", "Candidato X responde sobre economia" etc. (Ibidem)

Os cortes, portanto, são responsáveis, principalmente, por integrar o *site* às redes sociais, uma vez que seguem o mesmo critério em relação ao material audiovisual divulgado. Assim como na exibição no telejornal, pode-se analisar que não há edições durante os vídeos.

Outra produção imagética está no “tempo real” (Ibidem) do site, onde são atualizadas as últimas informações sobre o dia da sabatina, como quais candidatos já chegaram aos Estúdios Globo. No estúdio, estava Marcos Serra Lima, repórter fotográfico do g1, para os registros dos bastidores e das entrevistas em si para o *site* e as redes sociais

Dito isso, é possível perceber, a princípio, que os quatro dias de sabatinas mantiveram um padrão, que será esmiuçado a seguir, entre quatro tópicos: lembrete da sabatina, foto com o entrevistado para anunciar o ao vivo, série de vídeos separados por assuntos abordados e publicação pós-entrevista, afirmando os portais nos quais é possível assistir à íntegra, funções executadas por três editores.

O primeiro *post* do dia de cada sabatina funciona enquanto lembrete ao internauta, portanto, é uma cartela informativa, que reúne quem é o entrevistado da noite, a data e o horário. A postagem é feita antes da exibição do programa, para que o telespectador não se esqueça da especificidade

do Jornal Nacional naquele dia, e utiliza a ferramenta “colaboração” do *Instagram*, em que a mesma publicação é feita tanto na página do Jornal Nacional quanto na do g1.

Nesse sentido, em relação ao texto da legenda, é possível conferir que é o mesmo modelo utilizado nos quatro dias, alterando, apenas, o entrevistado e a data, como o exemplo da primeira sabatina:

O #JornalNacional recebe nesta segunda-feira (22), às 20h30, o candidato à Presidência da República @jairmessiasbolsonaro. @realwbonner e @renatavasconcellosocial conduzem a entrevista ao vivo, direto dos Estúdios Globo, no Rio, com transmissão por @tvglobos, @Globoplay e @portalg1 (JORNAL NACIONAL, 2022)⁶⁴

Assim como no dia da entrevista de Bolsonaro, nas sabatinas seguintes, os perfis oficiais dos outros presidenciais foram marcados no texto, assim como os dos entrevistadores e dos veículos em que haverá a transmissão – a forma tradicional, pela TV Globo, o g1 e o *Globoplay*. O uso de *hashtags*, como para “Jornal Nacional”, também é um padrão, cujos outros exemplos serão vistos ao longo desta análise.

A marcação das outras contas envolvidas, por exemplo, além de permitir a navegação do internauta, possibilita a verificação dos perfis oficiais de todos os participantes e as plataformas das sabatinas. Para tanto, a partir da identificação de quais usuários são reais, a rede social dificulta a replicação de postagens em contas falsas e a disseminação de desinformação.

Além disso, pode-se ressaltar que, mesmo que a postagem seja feita na própria data em que a entrevista ocorrerá, o “hoje” não é utilizado, reproduzindo o formato dos textos do Jornal Nacional na internet, uma vez que o internauta ou o leitor pode acessar aquele conteúdo em outro dia e deve ter a exatidão sobre quando se refere. Nas redes sociais, isso se mostra ainda mais necessário uma vez que o feed de notícias não obedece ao critério cronológico e se vale dos conteúdos e contas com maior interação por cada usuário.

Na sequência, devemos observar a segunda postagem relacionada à cada sabatina: a que anuncia o início da transmissão, em que entrevistado e entrevistadores posam para uma foto já sentados à bancada, nos Estúdios Globo. A cartela, em si, traz escrito “Assista ao vivo: JN

⁶⁴ JORNAL NACIONAL. Entrevista Jair Bolsonaro: segunda-feira, 22 de agosto, 20h30. 22 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChkAxOSuK3H/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

entrevista [...]” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁶⁵, seguido pelo nome do entrevistado e, assim como o primeiro *post*, tem o g1 como perfil colaborativo.

A tática de postar uma foto quando o telejornal começa não se resume a uma característica apenas do dia das entrevistas, mas a um formato adotado diariamente para dizer ao telespectador que o Jornal Nacional já está no ar, sob a *hashtag* “#BoaNoiteJN” – que faz referência às primeiras palavras proferidas pelos apresentadores no início de cada edição. Tais postagens, portanto, utilizam uma foto tirada minutos antes de ambos âncoras, geralmente, sentados à bancada, e que é postada assim que começa a transmissão do telejornal. A imagem também é colocada como capa do *site* do telejornal, para informar sobre o início do programa aos que estiverem na plataforma.

Sob esse viés, nos dias das sabatinas, as postagens dos quatro entrevistados, também, mantinham a mesma estrutura frasal, alterando apenas a data e o nome do entrevistado: “Boa noite. Nesta terça-feira (23), o #JN começa com a entrevista do candidato à Presidência da República @cirogomes (PDT). ASSISTA: <http://glo.bo/3ciPS4G> #CiroNoJN” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁶⁶. O público, portanto, através das redes sociais, é informado, mais uma vez, por onde assistir à sabatina, como pelo *link* do g1 incluído no texto.

Nessas publicações, além do uso de *hashtag* para o nome do telejornal – dessa vez, apenas a sigla, JN – também é criada uma específica para aquela sabatina – foram criadas, também, #BolsonaroNoJN, #CiroNoJN, #LulaNoJN e #SimoneNoJN. Nesse sentido, a busca de usuários sobre informações ou conteúdos das sabatinas dentro da plataforma a partir de *hashtags* pode levá-los aos conteúdos oficiais do Jornal Nacional. Ademais, uma vez entendido o novo papel ocupado pelo público na produção e disseminação de notícias, a criação de uma *hashtag* para um evento, neste caso, a sabatina, pode ser adotado pelos outros usuários ao se referirem ao tema nessa rede social – exemplo do processo descrito por Bevilaqua como comunicação de “de muitos para muitos, que quebra as barreiras de tempo e espaço e se torna global” (BEVILAQUA, 2019, p. 68)

Como o ciberespaço apresenta particularidades no que diz respeito às ferramentas de comunicação, essa interação pode se dar de forma síncrona, em tempo real, ou assíncrona, em que há uma diferença entre o tempo da emissão e o da resposta. E são ambas responsáveis pelo estabelecimento dos laços sociais. Esses, por sua vez,

⁶⁵ JORNAL NACIONAL. ASSISTA AO VIVO: JN entrevista Jair Bolsonaro. 22 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChII44xOOPI/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁶⁶ JORNAL NACIONAL. ASSISTA AO VIVO: JN entrevista Ciro Gomes. 23 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChntpuCot5a/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

podem ser fortes ou fracos dependendo da qualidade das interações e das trocas estabelecidas (BEVILAQUA, 2019, p. 73-74)

O usuário, portanto, é compreendido enquanto cidadão digital, uma vez que o celular, assim como outros dispositivos eletrônicos, “permite ao seu portador uma postura mais ativa, que intercala papéis de receptor, transmissor e até de fonte de informação” (Ibidem, p. 80). Nesse viés, a interação do indivíduo por meio do uso de *hashtags*, por exemplo, relaciona-se diretamente com a repercussão do conteúdo divulgado pelo Jornal Nacional e com a audiência das sabatinas, já que, através das redes sociais, uma pessoa pode decidir assistir à entrevista ao vivo.

Em seguida, retomando a ordem de postagens no dia de cada sabatina no *Instagram*, chega a vez da separação de trechos temáticos, cuja divisão e nomenclatura é a mesma adotada no *site* do Jornal Nacional – definida pela gerente da equipe.

É válido perceber que, apesar de os 40 trechos mostrarem, também, os apresentadores, o *frame* escolhido para a capa de todos os vídeos, exibida em miniatura no perfil do Jornal Nacional, é dos candidatos. Os vídeos, também, foram publicados em ordem cronológica, de acordo com a abordagem temática ao longo de cada entrevista: “No *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*, publicamos todas as perguntas separadamente em vídeo durante a sabatina e depois o *link* para a entrevista completa” (DE FRANÇA, 2022).

As entrevistas de Bolsonaro e Tebet tiveram um total de dez vídeos publicados nas redes sociais, sendo nove cortes das entrevistas em si e um vídeo das considerações finais de cada um dos entrevistados. Ciro, por sua vez, teve 11 trechos postados, incluindo o de considerações finais, e Lula, nove no total.

Apenas no primeiro trecho de cada candidato há o perfil do g1 como colaborativo, sendo os demais publicados só no perfil do Jornal Nacional, no formato “IGTV” – modelo de postagem intrínseca ao *Instagram*, com a possibilidade de pausar e avançar os vídeos e a publicação de vídeos longos, como materiais de mais de oito minutos.

Os assuntos dos cortes de vídeos de Bolsonaro, além das considerações finais, foram intitulados pelas páginas na internet e nas redes sociais do Jornal Nacional como: “ataques ao sistema eleitoral brasileiro e golpe” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁶⁷; “manifestação de apoiadores” (Ibidem); “compromisso com o resultado das urnas” (Ibidem); “pandemia” (Ibidem);

⁶⁷ JORNAL NACIONAL. ASSISTA na íntegra à entrevista de Jair Bolsonaro ao JN. 22 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: < <https://www.Instagram.com/p/ChlVhoLNQYX/> >. Acesso em: 18 dez. 2022.

“economia” (JORNAL NACIONAL, 2022); “meio ambiente” (Ibidem); “aliança com o Centrão” (Ibidem); “trocas de ministros da Educação” (Ibidem); e “interferência na Polícia Federal” (Ibidem).

Enquanto isso, a sabatina de Ciro foi separada nos seguintes vídeos: “polarização” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁶⁸; “renda mínima” (Ibidem); “alianças” (Ibidem); “uso de plebiscitos (Ibidem)”; “reeleição” (Ibidem); “união do PDT” (Ibidem); “meio ambiente” (Ibidem); “propostas para emergências climáticas” (Ibidem); “saneamento básico” (Ibidem); “segurança pública” (Ibidem).

Por sua vez, a divisão temática dos vídeos publicados de Lula foram: “corrupção” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁶⁹; “lista tríplice da Procuradoria-Geral da República” (Ibidem); “economia” (Ibidem); “relacionamento com o Congresso” (Ibidem); “orçamento secreto” (Ibidem); “militância política do PT e polarização” (Ibidem); “agronegócio” (Ibidem); “política internacional” (Ibidem).

Já com o mesmo número de cortes que Bolsonaro, os assuntos dos vídeos publicados de Tebet foram: “corrupção” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁷⁰, “apoio dentro do MDB” (Ibidem); “candidaturas de mulheres” (Ibidem); “economia” (Ibidem); “plano de governo” (Ibidem); “reforma tributária” (Ibidem); “educação” (Ibidem); “segurança pública” (Ibidem); e “trabalho informal” (Ibidem).

As postagens dos vídeos em questão, assim, trazem legendas curtas, com a mesma estrutura, enunciando os temas a serem abordados, como a descrição a seguir: “Lula (PT) responde à pergunta sobre lista tríplice da Procuradoria-Geral da República. #JN” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁷¹. As frases seguintes se repetem em todas as legendas: “VEJA entrevista na íntegra em g1.com.br/jn” (Ibidem) e as outras *hashtags*: “#JornalNacional,” (Ibidem) e “#Eleições” (Ibidem).

⁶⁸ JORNAL NACIONAL. ASSISTA na íntegra à entrevista de Ciro Gomes ao JN. 23 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Chn2xfj54j/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁶⁹ JORNAL NACIONAL. ASSISTA na íntegra à entrevista de Luiz Inácio Lula da Silva ao JN. 25 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <https://www.Instagram.com/p/ChtACBdt5_k/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁷⁰ JORNAL NACIONAL. ASSISTA na íntegra à entrevista de Simone Tebet ao JN. 26 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChvoronteB7/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁷¹ JORNAL NACIONAL. Lula (PT) responde a pergunta sobre lista tríplice da Procuradoria-Geral da República. #JN. 25 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Chs7H11NKvw/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

Enquanto o primeiro vídeo de todos os candidatos, em colaboração com o g1, traz apenas essas *hashtags*, traz, também, a *hashtag* “#JN” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁷², os demais trechos postados das entrevistas utilizam a *hashtag* personalizada para cada entrevista, como “#LulaNoJN” (JORNAL NACIONAL, 2022). As considerações finais, portanto, seguem o mesmo formato de indicação da plataforma para assistir às íntegras das entrevistas e as *hashtags*, com alteração apenas na primeira frase: “Considerações finais de Lula (PT). #JN” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁷³.

Por fim, deve-se analisar a última postagem por dia de entrevista, em que o Jornal Nacional direciona para o vídeo na íntegra. Assim como a postagem do modelo do “#BoaNoiteJN” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁷⁴, a cartela utilizada traz uma foto dos entrevistadores e do candidato sentados à bancada, sendo, dessa vez, durante a entrevista, e não mais posada, com o texto por cima, como: “ASSISTA na íntegra à entrevista de Simone Tebet ao JN” (Ibidem). A legenda da postagem, por sua vez, reúne todos os temas citados nas entrevistas, listados acima, como na publicação da última “ELEIÇÕES – Simone Tebet foi a entrevistada do #JN nesta sexta-feira (26) (Ibidem).

Em 27 de agosto, dia seguinte à última sabatina, o *Instagram* do Jornal Nacional ainda divulgou uma galeria de dez fotos tiradas pelo repórter fotográfico do g1, em que foram capturados bastidores dos apresentadores. A publicação lembrou a semana de sabinas e retomou chamada para assistir às sabinas por inteiro: “Para rever todas as entrevistas, acesse g1.com.br/jn” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁷⁵.

Nesse sentido, é possível perceber o tratamento padronizado aos quatro entrevistados no que tange à cobertura das entrevistas nas redes sociais em que, até mesmo, as quantidades de trechos têm número similar. Analisando apenas os quatro dias de sabinas, foram 52 postagens relacionadas às entrevistas (Ibidem)⁷⁶.

⁷² JORNAL NACIONAL. Lula (PT) responde sobre corrupção. 25 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <https://www.Instagram.com/p/Chs6XE9vFr_/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁷³ JORNAL NACIONAL. Considerações finais de Lula (PT). #JN. 25 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Chs9rYPtLSf/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁷⁴ JORNAL NACIONAL. O #JN está no ar. #BoaNoiteJN. 24 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChqO9VbtKfC/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁷⁵ JORNAL NACIONAL. O #JornalNacional recebeu nesta semana os candidatos à Presidência de República mais bem colocados na pesquisa divulgada pelo Datafolha em 28 de julho: Jair Bolsonaro, Ciro Gomes, Luiz Inácio Lula da Silva e Simone Tebet. 27 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Chw4qnvMsMe/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁷⁶ JORNAL NACIONAL. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/jornalnacional/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

Além disso, o volume de publicações no dia de cada entrevista, somado às outras postagens sobre outros assuntos abordados pelo restante da edição do Jornal Nacional, dialoga com o conceito de “eterno presente” (SODRÉ, 2010, p. 10), em que a temporalidade seria “condensada no presente” (Ibidem, p. 10). Sodré ressalta que a informação, portanto, é ligada à “operatividade técnica (a velocidade de transmissão)” (Ibidem, p. 10) e a “características de imediatez, espaço ilimitado e baixo custo da rede cibernética” (Ibidem, p. 10).

Sob essa ótica, a pressão sobre a velocidade e a precisão dos conteúdos publicados se relaciona ao “espaço ilimitado” (Ibidem, p. 10), que oferece um formato inédito ao telejornalismo: a menor dependência do tempo, como apresentado por Bonner (2009) anteriormente nesta pesquisa. Assim, é viável a publicação de mais de dez conteúdos sobre uma edição, visto que o internauta é capaz de administrar o tempo em que consome o conteúdo e pode lê-lo ou assistir mais vezes a fim de compreender a mensagem. Por outro lado, as redes sociais compartilham esse espaço com inúmeros perfis, fortalecendo, para tanto, a estruturação de maneira objetiva, informativa e clara ao usuário.

Isso posto, é vez de entender como foram feitas as matérias no *site* do Jornal Nacional em relação às entrevistas com os presidentiáveis, a fim de sinalizar as diferenças para a cobertura nas redes sociais.

Para isso, é válido ir além dos critérios de noticiabilidade – já reiterados ao longo desta pesquisa – e focar em quesitos exclusivos do meio digital, fundamentais para o desenvolvimento de matérias na internet e a repercussão delas. Sob essa ótica, é possível se aprofundar no *Search Engine Optimization* (SEO), que se resume pelo conjunto de práticas que almejam priorizar um conteúdo nos resultados de busca.

Tais técnicas são descritas pela autora Lívia de Souza Vieira (2021), que dialoga para além dos resultados digitais, mas sobre a experiência do usuário:

Quando a página da notícia está bem estruturada, com *lead* objetivo, parágrafos não muito longos, bons entretítulos e conteúdo multimídia, não estamos somente atendendo ao critério do *Google*, mas pensando na experiência do leitor, cuja visão cansa mais em frente às telas. (VIEIRA, 2021, p. 6).

Desse modo, a autora cita critérios que devem ser levados em consideração na elaboração de conteúdos digitais, a ser utilizados em consonância com a análise das matérias publicadas sobre

as matérias das sabatinas de 2022. Os primeiros pontos são o título e a linha fina, que, assim como nas postagens nas redes sociais, mantêm as mesmas estruturas para os quatro candidatos.

Sob “Jair Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra” (JAIR..., 2022)⁷⁷, “Ciro Gomes (PDT) é entrevistado [...]”, (CIRO..., 2022)⁷⁸, “Lula (PT) é entrevistado [...]” (LULA..., 2022)⁷⁹ e “Simone Tebet é entrevistada [...]” (SIMONE..., 2022)⁸⁰, os títulos têm ordem indireta, ou seja, está na voz passiva, uma vez que o sujeito – “Jornal Nacional” – está ao final da frase. Isso posto, apesar de a ordem direta ser priorizada no jornalismo a fim de facilitar a compreensão, deve-se entender o porquê dessa escolha.

O título pode ser definido como “a parte mais importante do processo de otimização e é o principal recurso para atrair a atenção do leitor” (VIEIRA, 2021, p. 7). Para tanto, a autora afirma que, para o título de SEO, é fundamental colocar a “ideia principal da história nas primeiras palavras” (Ibidem, p. 7). Logo, o termo mais importante da matéria deve estar o mais à esquerda possível – o que, no caso das sabatinas com os presidenciais, pode ser compreendido como o candidato a ser entrevistado, e não o Jornal Nacional.

Ao escrever um título, há que se perguntar: “Como o leitor buscaria por esse assunto? Quais palavras ele digitaria?”. Isso não faz com que se escreva “para o robô do Google” (embora seja também o que ele vai considerar), mas é uma tentativa de pensar como o leitor pensaria, porque há o desejo de que ele tenha acesso à notícia de qualidade. (Ibidem, p. 6)

Assim, além de facilitar a busca do leitor, a ordenação das palavras do título ajuda com que a matéria esteja mais bem ranqueada nos *sites* de pesquisa. A autora ainda destaca que, para um título de SEO, deve-se equilibrar o ato de informar e incentivar as pessoas a clicarem na matéria, sem que se torne tendencioso ou falacioso, como os *clickbait*s (Ibidem, p. 7). Os títulos das matérias

⁷⁷ JAIR Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

⁷⁸ CIRO Gomes (PDT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/23/ciro-gomes-pdt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

⁷⁹ LULA (PT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/25/lula-pt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

⁸⁰ SIMONE Tebet é entrevistada no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 26 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/26/simone-tebet-e-entrevistada-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

das sabatinas, portanto, trazem o verbo no imperativo, “veja” (JAIR..., 2022)⁸¹, sendo possível entendê-lo enquanto estratégia para incentivar o interesse pela matéria, onde estão contidos os vídeos das entrevistas.

O título, também, segue o formato jornalístico de utilizar verbos no presente, o que conversa novamente com a definição de Sodré (2010) sobre o “eterno presente” (SODRÉ, 2010, p. 10), uma vez que a seleção de palavras emprega a imediatez e a sensação de novidade na notícia, mesmo que se refira a um passado recente.

Para além do título, é fundamental se ater à linha fina, segunda informação à qual o leitor vai ter acesso. Dessa forma, deve-se destacar que as “palavras-chave” (VIEIRA, 2021, p. 10) da matéria devem estar no título e na linha fina, como ao analisar a reportagem sobre a sabatina de Bolsonaro: “Jair Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra” (JAIR..., 2022) e “O candidato à Presidência da República foi entrevistado ao vivo por William Bonner e Renata Vasconcellos nesta segunda-feira (22)” (Ibidem)

Em ambos pode-se perceber algumas das palavras-chave utilizadas, como o nome do candidato, o verbo “entrevistar”, “Jornal Nacional”, “íntegra”, “candidato”, “Presidência” e os nomes dos apresentadores – todas elas possibilidades de como o leitor poderia buscar informações sobre as entrevistas em *sites* de pesquisa. Cabe ressaltar que, apesar de ser usado pelo senso comum, o termo “sabatina” não aparece nessas matérias especificamente, assim como no texto, a ser visto na sequência.

O primeiro parágrafo, portanto, o lide (“*lead*”, em inglês), demanda objetividade ao trazer as “ideias centrais da história” (VIEIRA, 2021, p. 9). Segundo a autora, as técnicas jornalísticas clássicas como a “estruturação da notícia do mais importante para o menos importante” (Ibidem, p. 9) também otimizam as ferramentas de busca. Assim, podemos analisar como o primeiro trecho e o sublide almejam trazer essas informações, como no fragmento abaixo:

O Jornal Nacional entrevista, nesta semana, os candidatos à Presidência mais bem colocados na pesquisa Datafolha de intenção de voto, divulgada em 28 de julho.

Pela ordem determinada em sorteio, com a presença dos assessores dos partidos, Ciro Gomes, do PDT, é o entrevistado desta terça-feira (23). Na quinta-feira (25), será Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. E, na sexta, Simone Tebet,

⁸¹ JAIR Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

do MDB. O candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, do PL, foi o entrevistado de segunda-feira (22). (CIRO..., 2022)⁸²

Dessa vez, portanto, pode-se ressaltar o uso da ordem direta do discurso “O Jornal Nacional entrevista [...]” (Ibidem). Assim como nas postagens das redes sociais, a comparação entre os quatro textos mostra que houve mínimas alterações entre eles, adequando atualizações sobre quais entrevistas já foram realizadas e quais ainda vão ser.

O último parágrafo da matéria, dessa maneira, refere-se ao tempo determinado a todos os candidatos e a abordagem de temas que “marcam cada uma das candidaturas” (Ibidem), como a matéria sobre a entrevista de Lula: “Em quarenta minutos, o Jornal Nacional abordou os temas que marcam essas candidaturas. E o candidato teve um minuto para as considerações finais” (Ibidem).

A respeito da organização textual com os três parágrafos supracitados, além de os trechos serem curtos e objetivos, há mais um elemento que favorece os resultados de busca e a leitura: os *hiperlinks*. O objetivo, nesse viés, vai além do ranqueamento: deve ser voltado para contextualizar o leitor sobre aquela notícia, uma vez que lhe oferece autonomia no “seu percurso de navegação” (VIEIRA, 2021, p. 11): “Inserir *links* internos na notícia não só é uma boa prática de SEO, como também tende a aumentar o tempo de permanência na página e diminuir a taxa de rejeição (*bounce rate*)” (Ibidem, p. 11).

Por conseguinte, é visível a utilização de *hiperlinks* para outras matérias ou páginas do Jornal Nacional ou do g1 e que, ao longo das sabatinas, o número de inserções aumentou, já que era possível incluir, também, os *links* das entrevistas anteriores. As publicações a respeito das entrevistas de Bolsonaro e Ciro tiveram 14 *hiperlinks*; Lula, 16; e Tebet, 15.

A maioria dos *hiperlinks* direciona o leitor às páginas “Tudo sobre”, do g1, que reúne matérias sobre um determinado assunto, como o nome dos candidatos e dos partidos, e o Datafolha – ao se referir instituto de pesquisa responsável pelo levantamento utilizado como critério utilizado para a definição dos entrevistados. Ainda há o direcionamento a matérias relacionadas e às *playlists* do g1 por entrevista, em que estão todos os vídeos de cada sabatina.

Em sequência, deve-se observar a disposição das quatro matérias para a organização dos vídeos, separados pelos mesmos eixos temáticos que as postagens nas redes sociais. Enquanto a íntegra é posicionada logo abaixo da linha fina, os demais cortes estão ordenados sob o esquema

⁸² CIRO Gomes (PDT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/23/ciro-gomes-pdt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

de âncora, isso é, utiliza-se uma lista sobre cada tópico com *hiperlinks* – não calculados na conta anterior, uma vez que direcionam a pontos dentro da mesma matéria, mas auxiliam a navegação dentro da página.

A lista, assim, é apresentada por uma frase em negrito, mais uma vez com verbo no imperativo, direcionando o leitor a selecionar a quais trechos gostaria de assistir, como “Veja, abaixo, todos os trechos da entrevista de Simone Tebet ao Jornal Nacional:” (SIMONE..., 2022)⁸³. Ao selecionar um dos assuntos, a matéria é percorrida até onde está esse vídeo, introduzido por um título – como as postagens nas redes sociais: “Simone Tebet responde sobre [...]” (Ibidem).

O internauta pode, portanto, assistir ao vídeo e seguir a ordem a partir dele, apenas descendo a página, ou pode clicar no comando logo abaixo de cada trecho “Volte ao início da reportagem”, que leva o leitor de volta ao início, onde está a lista.

A disposição das matérias do g1 é utilizada como exemplo por Vieira ao discorrer sobre sinais de qualidade ligados à experiência do usuário, para que o design da página selecione “editorialmente o que destacar” (VIEIRA, 2021, p. 8), a fim de facilitar a leitura. Nesse sentido, a autora mostra como a reportagem escolhida “quebra na uniformidade do texto a partir da estruturação de entretítulos em tópicos, utilização de negrito com destaque de cor para *hiperlink* e imagem” (Ibidem, p. 8) – todos elementos presentes nas quatro publicações analisadas, com exceção da imagem, já que são utilizados vídeos.

É possível compreender, dessa forma, que o trabalho da equipe dos *Sites* Instrumentais do g1 manteve um padrão produtivo tanto no comparativo das plataformas – as redes sociais, analisadas com o *Instagram* enquanto exemplo, e as matérias no *site* do Jornal Nacional – quanto no tratamento às quatro entrevistas e aos quatro candidatos.

Nas redes sociais, esse processo pode ser entendido ao perceber o cronograma de publicações, seguindo a mesma ordem em cada um dos dias das sabatinas, o número de publicações similar e as estruturas frasais replicadas e adaptadas apenas para adequar à edição em questão, como, até mesmo, *hashtags* personalizadas. A análise sobre o padrão produtivo deve extrapolar as estratégias textuais, uma vez que o conteúdo audiovisual segue um mesmo formato – cartela de lembrete da entrevista com data e horário; foto do #BoaNoiteJN com os entrevistadores e o

⁸³ SIMONE Tebet é entrevistada no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 26 de ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/26/simone-tebet-e-entrevistada-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

entrevistado; sequência de trechos sobre cada um dos assuntos abordados; e imagem da entrevista para reforçar a possibilidade de assistir à íntegra.

As sabatinas, por completo, nesse viés, podem ser assistidas na matéria do Jornal Nacional, no *site* do g1 – ao qual o leitor é direcionado em grande parte das publicações. Logo, podem ser retomadas as técnicas de SEO padronizadas na reprodução das sabatinas; a ordenação de íntegra, texto, lista, intertítulo, vídeo e ferramentas para agilizar e otimizar a navegação – seja na própria página, seja em outras abas do g1.

Por fim, pode-se entender a integração do *site* e das redes sociais com o restante do trabalho do Jornal Nacional na produção jornalística das entrevistas com os presidentiáveis em 2022.

5.2. Checagem do ‘Fato ou Fake’

Em consonância à cobertura pelo *site* e pelas redes do Jornal Nacional, é necessário analisar outros produtos nos quais o Jornalismo da Globo se volta durante o pós-sabatinas: o “Fato ou Fake”. Sob esse viés, esta pesquisa conversou com o coordenador pelo g1, Felipe Grandin, para entender o processo de checagem das falas dos entrevistados durante as sabatinas, e se aprofundou nos conceitos relacionados às *fake news*.

Durante as quatro entrevistas presidenciais ao Jornal Nacional em 2022, segundo a checagem do “Fato ou Fake”, foram identificadas 25 informações falsas proferidas pelos entrevistados. Desse número, 80%, ou seja, 20 delas, correspondem às sabatinas de Bolsonaro (VEJA..., 2022)⁸⁴ e Lula (VEJA..., 2022)⁸⁵, em que houve 10 “fake” de cada. Já Ciro Gomes (VEJA..., 2022)⁸⁶ teve três frases falaciosas, à frente apenas de Tebet (VEJA..., 2022)⁸⁷, com duas.

⁸⁴ VEJA o que é #Fato ou #Fake na entrevista de Jair Bolsonaro para o Jornal Nacional. **g1**, 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/08/23/veja-o-que-e-fato-ou-fake-na-entrevista-de-jair-bolsonaro-para-o-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁸⁵ VEJA o que é #Fato ou #Fake na entrevista de Lula para o Jornal Nacional, **g1**, 26 ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/08/26/veja-o-que-e-fato-ou-fake-na-entrevista-de-lula-para-o-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁸⁶ VEJA o que é #Fato ou #Fake na entrevista de Ciro Gomes para o Jornal Nacional. **g1**, 24 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/08/24/veja-o-que-e-fato-ou-fake-na-entrevista-de-ciro-gomes-para-o-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁸⁷ VEJA o que é #Fato ou #Fake na entrevista de Simone Tebet para o Jornal Nacional. **g1**, 27 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/08/27/veja-o-que-e-fato-ou-fake-na-entrevista-de-simone-tebet-para-o-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

Além disso, ainda foram consideradas informações imprecisas, exageradas ou retiradas de contexto, por exemplo, na denominação “não é bem assim”, em que Bolsonaro e Lula tiveram três falas, enquanto Ciro Gomes e Tebet, duas (Ibidem).

Cada checagem foi divulgada em uma matéria, publicada às 5h01 da manhã seguinte à entrevista, a menos de oito horas do fim das entrevistas. O texto segue o padrão de classificar a frase entre as categorias e destacar, em negrito: “Veja por quê:” (Ibidem)⁸⁸.

É necessário frisar que, apesar de a checagem do “Fato ou *Fake*” incluir “fatos” – necessário para que telespectadores e internautas confirmem, também, a enunciação de dados corretos –, esse ponto não será o foco desta pesquisa, visto que se presume que o diferencial está em identificar as falas errôneas e não em exaltar declarações verdadeiras – acertos entendidos como nada além do esperado a candidatos à Presidência da República.

Nesse sentido, deve-se decorrer, primeiro, sobre termos que se relacionam à verificação de informações falsas ou, em contrapartida, sobre a produção delas. Em “*Fake News, Pós-verdade, Fact-checking e Jornalismo de Dados: Um Pequeno Glossário para o Jornalismo*” (2019), Carlos Renato Coelho Simonetto e Rodrigo Wolff Apolloni reuniram análises de autores para chegar a uma definição do que significam tais palavras em inglês, incorporadas à realidade brasileira.

“*Fake news*” (“notícias falsas”, em tradução literal), assim, podem ser descritas enquanto “notícias manipuladas com um interesse específico de quem as produziu para fazer com que outras pessoas acreditem que é verdade” (APOLLONI; SIMONETTO, 2019, p. 8). Por conseguinte, tanto a análise de conteúdos, como vídeos e fotos, quanto falas de políticos, por exemplo, podem se utilizar de *fake news* para interesses próprios, como veremos ao longo deste subcapítulo.

Para tanto, com esse termo em pauta até mesmo no nome, o “Fato ou *Fake*” realizou sua segunda cobertura de eleições presidenciais desde o seu surgimento, em 2018. Autointitulado serviço de monitoramento e checagem de fatos do Grupo Globo, o projeto reúne as redações do g1, do “O Globo”, do “Extra”, do “Valor Econômico” e da “CBN” para a tarefa de *fact-checking*.

Correspondente ao termo “checagem de fatos”, em português, “*fact-checking*” refere-se, segundo Apolloni e Simonetto, à investigação de uma “afirmação de interesse público lançada em algum meio de comunicação para checar sua veracidade, evitando falácias em ambientes de consulta pública” (Ibidem, p. 10). Logo, pode-se retomar os critérios de noticiabilidade citados por

⁸⁸ VEJA o que é #Fato ou #Fake na entrevista de Simone Tebet para o Jornal Nacional. **g1**, 27 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/08/27/veja-o-que-e-fato-ou-fake-na-entrevista-de-simone-tebet-para-o-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

Traquina (2005) e Bonner (2009), a fim de entender por que as falas de presidentiáveis se enquadram nesse tipo de informação e a necessidade vigente de se conferir as frases enunciadas nos seus próprios produtos televisivos, como o Jornal Nacional. Consequentemente, em 2022, não é mais sustentável à emissora, que tem como princípio editorial a “correção” (PRINCÍPIOS, 2011)⁸⁹, como supracitado, isentar-se de conferir a veracidade das informações veiculadas em seus meios de comunicação.

O responsável pela verificação de fatos de qualidade é imparcial e não avalia opiniões. É transparente quanto às suas fontes (exceto em casos de elas estarem em risco) e sobre quem lhe financia. Suas decisões não são influenciadas por investimentos. O checador deixa claro seu método aplicado e cumpre as devidas correções quando necessário, assim. (APOLLONI; SIMONETTO, 2019, p. 10)

O “Fato ou *Fake*”, nesse sentido, assemelha-se a outras agências de *fact-checking* que ganharam espaço, primeiro, no cenário internacional, principalmente após as eleições estadunidenses de 2016, que elegeram o presidente Donald Trump, sob uma “crescente atmosfera de crise da ‘verdade’” (SOUZA, 2017, p. 7-8). Porém, vale pontuar que as primeiras agências nesse formato surgiram ainda na década de 1990, nos Estados Unidos, para checagem no período eleitoral entre George Bush e Bill Clinton (Ibidem, p. 7)

A respeito do fenômeno das *fake news* no Brasil, Becker (2020) destaca a disseminação de informações falsas motivadas por interesses políticos e ideológicos em meio a “movimentos políticos polarizados, ódios e intolerâncias acentuados na vida social e no ambiente convergente” (BECKER, 2020, p. 32). Esse processo, portanto, impõe e demanda do jornalismo maior credibilidade e transparência, descrito como um dos novos desafios dos telejornais no século XXI.

Frente a esse cenário, o “Fato ou *Fake*” se mostrou enquanto uma necessidade do Grupo Globo. Grandin explica que os jornalistas em geral já entendiam que a checagem já fazia parte do trabalho jornalístico diário, a partir da apuração, uma vez que o profissional “checa e publica aquilo que é fato, aquilo que é verdade” (GRANDIN, 2022) e o *fake* se ignora e “joga fora” (Ibidem).

Se você for pensar, há 20 anos ou mais, qual era a fonte do grosso das informações que as pessoas recebiam? Eram veículos profissionais, do jornalismo profissional, pela TV, jornal, revista, rádio, que tinham um filtro, lógico que de diferentes qualidades e tal, sempre existiu a desinformação, informação de baixa qualidade, o mau jornalismo também. Só que isso tinha uma penetração muito pequena e as

⁸⁹ PRINCÍPIOS Editoriais do Grupo Globo. **Grupo Globo**, Rio de Janeiro, 6 ago. 2011. Disponível em: <<https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

peças tinham que ativamente buscar isso, entendeu? A pessoa podia simplesmente falar assim: “Eu leio, eu vejo o Jornal Nacional, vejo aqui um jornal impresso e tal, e é isso”. Então, não preciso me preocupar com a desinformação. (Ibidem)

Todavia, Grandin explica que a recepção de notícias pelas pessoas se alterou com a expansão da internet e das redes sociais e “a maior parte do volume de informação que elas recebem não tem filtro, não tem fonte, não tem esse crivo jornalístico, não tem esse filtro profissional que tem essa preocupação de pegar o que é verdade e só colocar ali o que é fato” (Ibidem). Assim, o coordenador pelo g1 destacou que não bastou mais filtrar a informação e mostrar a verdade, mas “desmentir o que é *fake*, porque a pessoa já foi exposta àquilo ali ou vai ser exposta em algum momento” (GRANDIN, 2022).

Por conseguinte, Grandin discorre sobre o papel ativo do jornalismo no combate à desinformação a partir das agências de checagens. Para tanto, em 2018, o Grupo Globo entendeu que não bastava contar com outras empresas para essa função: era necessário ter um serviço próprio:

Àquela época, já tinha esse fenômeno da desinformação, das *fake news* e tal, estava bem forte fora do Brasil. Em 2018, principalmente nessa época, já estava chegando forte no Brasil o aumento da desinformação, e a gente já conhecia outras iniciativas de checagem, e a casa sentiu que era o momento de ter um núcleo de checagem próprio para responder a essa desinformação. (Ibidem)

Assim, o projeto passou pelas primeiras eleições presidenciais em 2018, desde quando o formato de checagem pouco se alterou, o que, segundo Grandin, é um “sinal de que deu certo, porque continuou funcionando” (Ibidem), somado a um aumento da sofisticação e do volume de checagens, com direito a entradas na TV.

Logo, meses antes da semana das sabatinas presidenciais em 2022, o “Fato ou *Fake*” fez um treinamento – novidade deste ano – para os jornalistas do Grupo Globo, que, em sua maioria, trabalhariam na checagem durante as eleições presidenciais. Segundo Grandin, em formato *online*, para mais de 100 profissionais das diferentes redações, foram apresentadas a metodologia, as características, as formas de identificar o que é checável e a dinâmica desse processo, principalmente em relação a discursos.

O coordenador do serviço pelo g1 afirmou que, dentre esse grupo, 56 pessoas compuseram a equipe final do “Fato ou *Fake*” para as eleições de 2022. Entre elas, algumas ainda fizeram parte

dos grupos de pesquisa organizados por Ricardo Villela, em que as perguntas para as sabatinas do Jornal Nacional foram elaboradas. Assim, o projeto contava com uma pesquisa prévia sobre cada entrevistado, além de outras checagens feitas anteriormente sobre demais entrevistas dos candidatos, que poderiam conter discursos que seriam entoados novamente por eles.

Em seguida, Grandin descreve que, a partir das datas das entrevistas, a coordenação do “Fato ou *Fake*” conversa com cada redação do grupo para fazer a escala de quantos e quais jornalistas de cada veículo poderão participar de determinada checagem, cujo número necessário é avaliado de acordo com a complexidade e “capacidade de cada veículo de ceder as pessoas” (GRANDIN, 2022), como ele detalha abaixo:

Dependendo do que for, precisa de mais ou menos gente. Se você tem uma entrevista curta, de 20, 30 minutos, é relativamente tranquilo. Então, você não precisa de um monte de gente, mas se você tem uma entrevista de três horas, como teve na *GloboNews*, por exemplo; uma hora e meia como teve no “O Assunto”, você precisa de mais gente porque, como vai falar muito, a probabilidade de ter muitas frases checáveis, que a gente possa checar, é grande, então, vai dar bem mais trabalho. (Ibidem)

No entanto, apesar de um tempo mais curto – 40 minutos cada – em relação a outros produtos checados, o coordenador do “Fato ou *Fake*” explica que as sabatinas, “com certeza, são as que dão mais audiência” (GRANDIN, 2022). Isso posto, uma vez organizadas as equipes que participam de cada checagem – com cerca de dez pessoas –, são criados grupos em aplicativos de mensagem para que os jornalistas comecem a trabalhar enquanto as entrevistas estiverem no ar: “todo mundo vai vendo a entrevista ou o debate ao mesmo tempo e vai jogando ali no grupo as frases que está pegando, que acham que podem ser checáveis” (Ibidem). Segundo Grandin, cabe a um coordenador aprovar que uma determinada frase seja checada – tarefa, então, designada à pessoa que sugeriu a frase. O passo a passo foi descrito por Grandin:

É o coordenador que dá: ‘Ok, legal, pode ir checar essa aí e tal’. A gente abre um documento online, coloca a frase ali e o nome da pessoa que estiver checando, e vai atrás para fazer a checagem. Faz a checagem e coloca ali embaixo. Aí vem um coordenador ou editor para editar ali o texto, ver se está ‘OK’, ver se está suficiente ali o que foi checado, se tem alguma coisa que você pode acrescentar ou não, faz essa análise final. E isso vai sendo feito ao longo da entrevista e, depois também, porque ficam faltando, depois que acaba ainda tem checagem para ser feita e tudo mais, a gente pega a decupagem de todo o material reunido e tudo, para ver se tem mais alguma coisa para checar. (Ibidem)

Dessa maneira, é necessário entender, também, quais são as fontes utilizadas e os desafios da checagem das sabatinas. Grandin explica que o caminho usual é checar com a fonte oficial do dado citado e conferir, por exemplo, se tal número coincide com o citado:

O PIB era tanto, a inflação era tanto”. A gente vai lá no PIB: quanto era o PIB ali? Vai lá na inflação, entra lá no IBGE, vê o dado oficial daquilo ali. Se ele cita um estudo, a gente vai lá ver que estudo é esse, para ver se as informações batem. (Ibidem)

Além disso, caso haja alguma matéria dos veículos envolvidos sobre o assunto, tal texto também pode ser utilizado enquanto fonte, entendendo-se que as reportagens publicadas passaram por um processo de apuração.

Porém, há dois dificultadores na checagem: a forma como o candidato fala a informação – que pode torná-la ambígua ou imprecisa – e a impossibilidade acessar os dados mencionados. Nesse viés, ao ser perguntado sobre não conseguir checar alguma fala, Grandin enfatizou: “Sempre tem. Várias. Tem frase que não dá para checar” (GRANDIN, 2022).

Primeiramente, deve-se analisar a importância da precisão nas falas a fim de percebê-las como checáveis. Grandin dá exemplos: quando se faz previsões sobre o futuro, quando se diz frases genéricas, sem determinar a fonte ou o dado especificamente: “Sempre que o grau de incerteza é alto, ou não está muito concreto dificulta, dificulta muito” (Ibidem).

Para tanto, o coordenador do projeto deu exemplos nas próprias sabatinas sobre as posturas dos candidatos. O mais fácil para essa tarefa, portanto, foi Ciro, já que, por citar muitos números, tem mais frases checáveis, em que é possível confirmar se o dado está certo ou errado. Mesmo no caso de “*fakes*”, Grandin explica que, na entrevista de Ciro, estão, em geral, quando ele “troca um número com outro, ou fala numa ordem de grandeza diferente. Às vezes, está errado mesmo, totalmente errado” (Ibidem).

Um entre os três “não é bem assim” de Ciro abordou uma fala do candidato sobre o número de deputados eleitos pelos presidentes ao longo da história do país. Enquanto ele afirmou que a média é de 50 parlamentares, o que equivale a 10% do Congresso Nacional, o “Fato ou *Fake*” apontou que a média é de 78. Porém, na eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, o número fora parecido com o citado pelo candidato: 52. Sobre essa classificação, Grandin explica que é uma possibilidade para contextualizar o assunto:

A gente tem as duas que são bem absolutas, que é o “fato” e o “fake” – mentira ou verdade – e agora você tem meias-verdades, você tem exageros, você tem monte de coisa entre essas duas categorias. É isso que entra no “Não é bem assim”. Ela é bem abrangente mesmo a categoria. E que é uma categoria que permite muito você dar uma contextualização do que você está falando. (GRANDIN, 2022)

Na checagem sobre essa fala de Ciro, foram acrescentados sete *hiperlinks* para explicitar a origem dos dados, sendo dois deles do Tribunal Superior Eleitoral, um do Senado e quatro do g1.

Cabe pontuar que, apesar de as checagens serem publicadas em outros portais do Grupo Globo, a esta pesquisa interessa analisar o trabalho jornalístico da Globo, sendo utilizado as publicações do g1 como panorama para analisar o hipertexto presente.

Outra afirmação de Ciro relacionada a números, dessa vez, enquadrada em “fake”, também imputa dados que divergem da realidade, quando o candidato fala que os indecisos sobre as eleições presenciais eram “mais da metade da população” (GOMES apud CIRO..., 2022)⁹⁰. Para justificar a classificação, o “Fato ou Fake” reuniu dados sobre a última pesquisa Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (Ipec) até então, que mostrava que o percentual de indecisos, na verdade, era de 7% no primeiro turno, permitindo a oscilação de dois pontos percentuais.

À época, a pesquisa mostrava que “77% dos eleitores estavam totalmente decididos” (VEJA..., 2022)⁹¹, inviabilizando o argumento de Ciro. A checagem ainda mencionou o levantamento de outro instituto de pesquisa, o Datafolha, que apresentava apenas 2% de indecisão. No g1, foram adicionados três *links* referentes aos estudos.

Em sequência, Grandin diz que a sabatina de Tebet era o oposto da entrevista de Ciro em relação a materiais checáveis, visto que a candidata “fala muitas frases sem citar números, de forma mais genérica, ou fala, mas deixa em aberto se é aquilo ali mesmo ou não” (GRANDIN, 2022). Tal imprecisão foi, inclusive, citada pela entrevistada durante a entrevista como forma de “cometer nenhuma *fake news*” (TEBET apud SIMONE..., 2022)⁹².

⁹⁰ CIRO Gomes (PDT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/23/ciro-gomes-pdt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

⁹¹ VEJA o que é #Fato ou #Fake na entrevista de Ciro Gomes para o Jornal Nacional. **g1**, 24 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/08/24/veja-o-que-e-fato-ou-fake-na-entrevista-de-ciro-gomes-para-o-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

⁹² SIMONE Tebet é entrevistada no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 26 de ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/26/simone-tebet-e-entrevistada-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

Graças a isso, o Ideb, saiu recentemente, o Brasil no ensino médio, acho que o MDB lá, a nossa gestão, e agora com a atual, uma consequência do passado, o Ideb deu um salto, eu acho... Salvo engano, não quero cometer nenhuma *Fake news* aqui, mas o Ideb de Mato Grosso do Sul para o ensino médio, se não for o primeiro, segundo, é o terceiro. Fruto de educação. Me cobrem pelo que fiz como prefeita, aí eu posso falar. Fui uma das primeiras do Brasil a pagar hora atividade para o professor. (TEBET apud SIMONE..., 2022)

Entretanto, nesse caso, foi possível checar as três opções de posição no *ranking* e apurar que se tratava de uma informação falsa, enquadrada em “*fake*”. Segundo o “Fato ou *Fake*”, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) então mais recente, divulgado em 2021, referente a 2019 sobre as redes estaduais e privadas, definia Mato Grosso do Sul – estado no qual a candidata foi vice-governadora – na 9ª posição entre os estados brasileiros. A checagem considerou ainda o percentual centrado apenas nas escolas de rede estadual, e o número continuou divergente: 7º lugar. Para tanto, foram adicionados *links* dos governos federal e estadual.

Por fim, Bolsonaro e Lula, de acordo com Grandin, apresentam número relevante de frases checáveis: “Há um *mix*. Lógico que não têm tanto número quanto Ciro, mas eles falam bastante, mesmo sem ter número, mesmo sem ter nada quantitativo, eles falam bastante coisa que dá para checar. Isso facilita o trabalho de checagem” (GRANDIN, 2022). Para tanto, a pesquisa reuniu, justamente, tais frases que não trazem números, mas são checáveis.

Um exemplo de Bolsonaro de “*fake*” foi a respeito da pandemia, quando ele definiu: “Eu não errei nada do que eu falei” (BOLSONARO apud JAIR..., 2022)⁹³. Para embasar a checagem, foram adicionados nove *hiperlinks* – todos direcionados para matérias do g1 –, além de serem mencionados estudos e fontes como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e o Tribunal de Contas da União (TCU).

O “Fato ou *Fake*”, então, reuniu cinco situações em que o então presidente errou ao falar sobre a crise sanitária: “disse que a eficácia de máscaras é ‘quase nenhuma’” (VEJA..., 2022)⁹⁴; “orientou uso de cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina contra a Covid-19” (Ibidem); citou “alto IgG para não tomar vacina” (Ibidem); “afirmou que um suposto relatório do TCU lançaria dúvidas sobre parte dos óbitos registrados em decorrência da pandemia” (Ibidem); e, em fevereiro

⁹³ JAIR Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

⁹⁴ VEJA o que é #Fato ou #Fake na entrevista de Jair Bolsonaro para o Jornal Nacional. **g1**, 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/08/23/veja-o-que-e-fato-ou-fake-na-entrevista-de-jair-bolsonaro-para-o-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

de 2020, “declarou que ‘pequena crise’ do coronavírus é ‘mais fantasia’ e não ‘isso tudo’ que a mídia propaga” (VEJA..., 2022).

Já um exemplo de “*fake*” de Lula foi quando o candidato afirmou que o governo petista criou “a lei contra a lavagem de dinheiro” (SILVA apud LULA..., 2022)⁹⁵. O serviço de checagem mostrou que a Lei 9.613, responsável por tipificar e definir penalidades para o crime foi criada quase cinco anos antes do governo de Lula, ainda em março de 1998, por Fernando Henrique Cardoso. Houve alteração na lei durante o governo de Rousseff, que tornou “mais eficiente e rigorosa a persecução penal” (VEJA..., 2022)⁹⁶. A fim de contextualizar ainda mais o leitor acerca do que está errado na afirmação, o “Fato ou *Fake*” utilizou dois *hiperlinks* que direcionam a páginas das plataformas do Palácio do Planalto e da Câmara dos Deputados.

Assim como a informação anterior e com o direcionamento para um *link* do Palácio do Planalto, um “*fake*” de Lula também enalteceu uma ação anterior ao seu governo. Desta vez, o candidato afirmou que “colocou a CGU com um ministro para fiscalizar” (SILVA apud LULA..., 2022). A medida provisória em questão, por sua vez, foi criada em 2001, uma vez que o primeiro mandato de Lula começou apenas em 2003.

Contudo, o entrevistado demonstrou, também, como a imprecisão atrapalha a checagem ao afirmar por duas vezes, por exemplo, que foi o “melhor presidente da história do Brasil” (Ibidem). De acordo com o coordenador do “Fato ou *Fake*”, associado a frases amplas ou genéricas, como dizer que o país teve um “crescimento maravilhoso” (GRANDIN, 2022) está a questão da opinião entoadada enquanto verdade.

O que é questão de opinião, não o fato, é difícil você checar. Fala assim: “Eu fui o melhor presidente da história”. Como é que você checa isso? Não tem medida para isso, é uma questão de opinião, ele acha que é. Esse tipo de frase, esse tipo de afirmação dificulta muito na checagem. (Ibidem)

Ao falar sobre o que não é checável, Grandin ainda destacam as contradições durante as sabatinas, quando um candidato faz uma afirmação e, ao longo da entrevista, faz outra declaração

⁹⁵ LULA (PT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/25/lula-pt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

⁹⁶ VEJA o que é #Fato ou #Fake na entrevista de Lula para o Jornal Nacional, **g1**, 26 ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/08/26/veja-o-que-e-fato-ou-fake-na-entrevista-de-lula-para-o-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

oposta àquela primeira. Apesar de o processo do “Fato ou *Fake*” demandar que as frases sejam isoladas a fim de ser “o mais preciso possível” (GRANDIN, 2022), é necessário, em casos de contradição, analisar o contexto: “Uma fala: ‘A economia cresceu’ e ‘Não, porque com a crise econômica’, uma queda do PIB e tal, qual que você checa? A que cresceu ou a que caiu?” (Ibidem).

Logo, é importante ressaltar outro dificultador que não está na forma como se fala, mas sobre o que é dito, dependendo do “nível de transparência, de acesso aos dados de cada estado” (Ibidem). Assim, quando uma informação citada não é pública, a checagem encontra uma barreira, já que não pode negar que aquela fala seja verídica ao passo que não consegue confirmá-la – estratégia percebida por Grandin, principalmente, entre candidatos a governos estaduais.

Nesse sentido, é possível compreender que uma vantagem das checagens de Bolsonaro e Lula – então atual e ex-presidentes do país –, foi se pautarem em “temas presidenciais” e parecidos (Ibidem), entre os quais muitos têm fontes oficiais e sistemas federais de dados. “Se ele fala de PIB, de crescimento econômico, esses dados estão muito acessíveis: IBGE, Banco Central, Ipea” (Ibidem).

Por fim, após finalizadas as checagens e esgotadas as possibilidades levantadas pelos jornalistas, o material é enviado para a aprovação. Todos as redações, então, veem a versão final e, uma vez aprovada, é combinado um horário para publicação. É necessário frisar que, como toda a checagem é feita de forma integrada, tanto o texto quanto o horário definido para a postagem são os mesmos aos veículos.

A gente faz checagem em tempo real, a gente só não publica em tempo real. Eventualmente, pode ser que a gente faça isso, mas, por enquanto, não. [...] Saiu às 5h. A gente poderia ter publicado antes, mas não ia fazer diferença em termos de audiência, entendeu? A gente combinou uma hora com todos os veículos: “Vamos publicar às 5h”. (GRANDIN, 2022)

5.3 Repercussão e resultados

Após analisar todo o processo produtivo envolvendo as sabatinas do Jornal Nacional, podemos, então, focar nos resultados e na repercussão das entrevistas. Todos os cinco entrevistados por esta pesquisa, analisando plataformas e processos distintos, demonstraram satisfação pelo resultado do trabalho, assim como pelos números obtidos.

Segundo Kamel, a evolução durante os 20 anos foi “incrível” (KAMEL, 2022), ao colocar o Jornal Nacional e a Globo como centro do debate político. Ao retomar as manchetes nos jornais e *sites* a cada ciclo de entrevistas, o diretor-geral de Jornalismo da Globo enfatiza:

Você vê pelas manchetes desde 2002, e elas se repetem a cada eleição, e olha que são todos concorrentes nossos, ferozes, críticos da Globo. E as entrevistas que eles fazem não produzem as manchetes que nós produzimos, isso é incrível. (KAMEL, 2022)

Figura 8 – William Bonner e Renata Vasconcellos durante sabatinas em 2022



Foto: Marcos Serra Lima/g1, 2022

Ainda como pontos altos do ciclo de entrevistas, Kamel define: “Os dois candidatos que ameaçaram não vir, virem, isso foi uma coisa legal. As entrevistas, eu acho que foram equilibradas no sentido de dificuldades iguais, e a repercussão delas, enorme” (KAMEL, 2022).

Já Villela decorreu sobre o êxito do novo formato dos grupos de pesquisa, que agora permitem jornalistas de diferentes estados, e o aumento do tempo:

Eu sou muito satisfeito com o resultado, muito mesmo. Eu só começaria antes ainda para ter mais tempo no final, porque a gente fica muito dedicado nos dias finais, e eu acho que se a gente fizer tudo com mais antecedência, vai ser mais

confortável. Mas a gente ficou satisfeito com o tamanho maior, então, acho que esse tamanho veio para ficar, e o processo também. (VILLELA, 2022)

O diretor de Jornalismo, então, descreveu a audiência: “espetacular” – sendo o mesmo termo utilizado por Kamel. “Foi um recorde de Jornal Nacional no ano, principalmente a do Bolsonaro e do Lula. Foi fenomenal” (Ibidem). Esse diferencial das entrevistas em 2022 foi ressaltado pelo diretor-geral:

A audiência foi espetacular esse ano. É incrível, foi recorde de audiência tanto a do Bolsonaro quanto a do Lula, porque, nos outros anos, num país em que as coisas estão normais, as entrevistas ganham uma repercussão incrível nos jornais, mas a audiência do JN não aumenta tanto, entendeu? Não cai, mas é como se o público dissesse: “Está aí. É isso que a gente espera de vocês”. Esse ano, virou tipo: “Vamos ver o que que vai acontecer”. (KAMEL, 2022)

Segundo números levantados pelo jornal “O Globo” – um exemplo das manchetes recorrentes citadas por Kamel –, a entrevista com Bolsonaro, no dia 22 de agosto, representou o recorde de audiência do telejornal em 2022 – em São Paulo, 33 pontos (KOGUT, 2022). Já no Rio de Janeiro, o número foi ainda maior: 36 pontos (Ibidem) – também a maior pontuação do ano para o telejornal. Em segundo lugar, ainda de acordo com os dados do jornal, está a sabatina de Lula, com 32 pontos em São Paulo e 34 no Rio de Janeiro (Ibidem).

Villela destaca ainda que, além das publicações por entrevistados e adversários nas redes sociais, o Jornalismo da Globo decidiu transmitir, após as entrevistas, longos trechos de tamanhos equivalentes para cada candidato na *GloboNews* e no Jornal da Globo, o que aumentou, ainda mais, a repercussão da entrevista (VILLELA, 2022).

Para além da televisão, os números no *Twitter* também tiveram um enorme alcance, até mesmo, em âmbitos globais. O jornal “O Globo” mostrou que, diferentemente da audiência, foi a entrevista de Lula quem liderou as interações na rede social, com cerca de 15 milhões de menções (KOGUT, 2022). O assunto ainda permaneceu por 16 horas seguidas em primeiro lugar nos *trending topics* do Brasil e durante cinco horas na lista mundial, que enumeram os temas mais citados no país e no planeta (Ibidem). Em segundo lugar em relação às interações nas redes sociais, está a entrevista de Bolsonaro, com 9 milhões (Ibidem), seguido por Ciro, 2 milhões (Ibidem), e Tebet, 780 mil (Ibidem).

Assim, essa audiência virtual também foi destacada por Kamel a esta pesquisa, afirmando que as sabatinas foram recorde, também, no *Globoplay* e no *g1* (KAMEL, 2022). Segundo De

França, gerente dos *Sites* Instrumentais do g1, os resultados foram “excelentes tanto em repercussão quanto em número de *videoviews* e *pageviews* no *site* e engajamento e alcance nas redes sociais” (DE FRANÇA, 2022).

O mesmo êxito foi descrito por Grandin, a respeito do “Fato ou *Fake*” em 2022. Segundo o coordenador pelo g1, as sabatinas tiveram a maior audiência do projeto durante as eleições deste ano. Além disso, com foco nas entrevistas de Bolsonaro e Lula, as matérias com as checagens estiveram entre as cinco mais lidas do “Fato ou *Fake*” desde o seu surgimento, em 2018.

Por fim, em 2019, Bonner decorreu sobre os anteriores cinco ciclos de entrevistas e as diferentes reações dos entrevistados, afirmando ser “alentador que as reclamações tenham partido de hostes de todos os candidatos, de todos os matizes ideológicos” (BONNER apud GLOBO, 2019, p.66), porque “absolutamente ninguém deixo de ser tirado de sua zona de conforto durante a nossa busca jornalística por respostas (Ibidem).

Desse modo, três depois, ao ser exposto novamente a tal declaração e perguntado sobre o sentimento após as entrevistas de 2022 e a importância de seguir com esse modelo, Bonner enfatizou a esta pesquisa:

Tenho para mim que essas afirmações retiradas de meu livro continuam absolutamente válidas. Todos os candidatos foram confrontados com questões necessárias e, provavelmente, indesejadas. E esse encontro deles com as perguntas do JN já ganhou lugar no calendário das eleições brasileiras. Completamos 20 anos e 6 eleições com as entrevistas. E temos enorme orgulho do serviço que prestamos aos eleitores ao realizá-las. (BONNER, 2022)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizadas e interpretadas por esta pesquisa, as entrevistas com os presidenciais no Jornal Nacional em 2022 podem mostrar, enfim, o extenso trabalho jornalístico de profissionais da Globo desde a elaboração das perguntas até a repercussão no ambiente virtual – todo o processo descrito por Kamel como “dever de casa” (KAMEL, 2022).

Nesse sentido, pôde se entender que as cinco hipóteses, destacadas na introdução, foram confirmadas. Ao discorrer sobre o espaço sócio-histórico e afetivo ocupado pelo Jornal Nacional, foi observado o formato e a linguagem do telejornal, o seu surgimento e o seu impacto como produtor de sentido na sociedade brasileira, traduzindo, assim, os acontecimentos e as suas respectivas contextualizações para o eleitor ao longo de 20 anos.

Além disso, foi possível perceber a integração do Jornalismo da Globo, cujos princípios editoriais e critérios de noticiabilidade permeiam cada etapa produtiva e as novas técnicas conversam com o tradicional modo de fazer do telejornal. Foram destacados, também, as mudanças do processo ao longo dos anos e o diferencial deste ciclo de entrevistas em comparação aos cinco anteriores, ressaltando os desafios enfrentados e o impacto que elas tiveram no ano eleitoral – exposto nos números sobre audiência e na percepção dos cinco jornalistas entrevistados sobre o trabalho cumprido.

Esta pesquisa, também, permitiu o aprofundamento em como várias equipes são mobilizadas ao longo de meses para a cobertura das entrevistas presidenciais, que duram apenas 160 minutos, ao longo de uma semana. Os bastidores da pré-produção e da condução das entrevistas, por exemplo, mostraram os porquês do formato das sabatinas, da seleção temática, das regras do telejornal e do preparo exigido a cada um dos integrantes.

Associado ao jogo de câmeras, foi possível perceber que, apesar de as sabatinas exemplificarem o formato jornalístico da Globo, o foco não está nos entrevistadores ou em valores pessoais, mas nos entrevistados a partir de um trabalho de pesquisa feito ao longo de meses. Ao se aprofundar na internet, entendemos, também, como o número de publicações, o formato dos textos e das imagens e os trechos divulgados promovem um nivelamento da cobertura.

A análise do discurso, por conseguinte, mostrou que, até mesmo, os enunciados e os termos selecionados dialogam com o objetivo das entrevistas, que é extrair o máximo do que o eleitor deve saber acerca dos candidatos e das candidaturas e promover questionamentos claros e objetivos, de

maneira que os entrevistados pouco desviem do assunto. O tratamento padronizado aos entrevistados foi, então, exposto ao se perceber, por exemplo, o uso de “senhor” ou “senhora” e o vocativo “candidato” ou “candidata”, mesmo ao se referir ao presidente da República.

Já a análise quantitativa decorreu sobre o tempo destinado aos temas, demonstrando um padrão tanto comunicativo quanto produtivo, uma vez que se torna explícita a repetição de assuntos e abordagens. Esse tópico dialoga, então, com os critérios de noticiabilidade, necessários, como descreve Bonner (2009), devido ao tempo limitado de exibição e de duração da entrevista.

Por fim, cumprindo a última hipótese, esta pesquisa concluiu que o “Fato ou *Fake*” reverberou os princípios editoriais da Globo. A “isenção” (PRINCÍPIOS..., 2011)⁹⁷ é exposta na checagem de todos os candidatos, assim como, surpreendentemente, o mesmo número de informações falsas averiguadas nas falas dos entrevistados mais visados e opostos destas eleições – Bolsonaro e Lula. A “correção”, por sua vez, mostra-se pelo impedimento de que discursos falaciosos entoados no seu próprio telejornal possa ser reverberado nas redes sociais ou na televisão passem despercebidos. Por fim, a “agilidade” é demonstrada tanto nas inúmeras publicações nas redes sociais quanto na checagem em tempo real das entrevistas e da publicação do material do “Fato ou *Fake*” ainda naquela madrugada.

Como continuidade para esta pesquisa, podemos sugerir o foco em uma sabatina por vez, com aprofundamento ainda maior no discurso e nas técnicas envolvidas em cada uma das entrevistas. O trabalho poderá, assim, estender-se para além das etapas produtivas deste sexto ano de entrevistas, mas destacar um grupo de pesquisa específico e referenciar como cada tema foi mencionado e as suas estratégias para tal.

Como um segundo possível caminho, pode-se vislumbrar a comparação das técnicas discursivas de 2022 com os outros cinco ciclos presidenciais, buscando explicitar o padrão nos enunciados e nos temas e como o aumento do tempo, de fato, interferiu no número de interrupções e nas abordagens selecionadas.

Em suma, esta pesquisa, desenvolvida ao longo de dois intensos meses, põe em pauta o proposto pela metodologia de Raquel Paiva (2008), ao trazer as formas produtivas para o centro do estudo jornalístico, para que as entrevistas com os presidentiáveis perpassem o senso comum e

⁹⁷ PRINCÍPIOS editoriais do Grupo Globo. **Grupo Globo**, Rio de Janeiro, 6 ago. 2011. Disponível em: <<https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

produzam, enfim, a dimensão do trabalho exercido por dezenas de profissionais para que 160 minutos sejam transmitidos ao vivo.

O Jornal Nacional, então, pelo sexto ano eleitoral, entoou, a partir das entrevistas presidenciais, o que divulgou ao longo de 2022: que “a informação é o caminho para a democracia” (JORNAL NACIONAL, 2022)⁹⁸ e expôs o seu mais ousado projeto, como descrito por Kamel, Villela e Bonner em conversa à presente autora.

⁹⁸ JORNAL NACIONAL. Vêm aí as Eleições 2022. 17 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <https://www.Instagram.com/p/ChLRj25t_zQ/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOLLONI, Rodrigo W.; SIMONETTO, Carlos Renato C. *Fake News, Pós-verdade, Fact-checking e Jornalismo de Dados: Um Pequeno Glossário para o Jornalismo*. In: XX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 2019, Porto Alegre. **Anais**. Curitiba: Centro Universitário Uniofet, 2019. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0760-1.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900 – 2000**. 2ª edição. Rio de Janeiro: MAUAD Editora, 2007.

BARBOSA, Marialva. Prefácio. In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; Pereira, A. (orgs). **Telejornalismo 70 Anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020.

BECKER, Beatriz. Telejornalismo e Imaginário: a construção audiovisual da realidade do Brasil e do mundo nos 70 anos da TV brasileira. In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; Pereira, A. (orgs). **Telejornalismo 70 Anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020.

BEVILAQUA Leire, M. **Telejornalismo e Sites de Redes Sociais: Um estudo sobre as mudanças recentes no modo de endereçamento do Jornal Nacional**. FAAC, Bauru, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/182381>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão: seguido de “A influência do jornalismo” e “Os jogos olímpicos”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRANDALISE, Roberta; NEGRINI, Michele. Os critérios de noticiabilidade e a relevância das pautas levadas ao ar pelas jornalistas mulheres na apresentação do Jornal Nacional. **Revista Científica de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte**, Belo Horizonte, v.9, n. 1, p. 6 – 30, 2016. Disponível em: <<https://revistas.unibh.br/ecom/article/download/1810/1052>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BROWN, R. & GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: T. Sebeok (Ed.) *Style in Language*. Cambridge, Massachusetts, M.I.T. Press, p. 253-276, 1960.

CARVALHO, Fernanda C. de. Mídia e Eleições: as entrevistas do Jornal Nacional aos candidatos à presidência do Brasil em 2014. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v. 7, n. 21, p. 7-25, out. 2014 - jan, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/aurora/article/download/21736/16564/58793>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

FINGER, Cristiane. Ubiquidade o novo desafio do telejornalismo. In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; Pereira, A. (orgs). **Telejornalismo 70 Anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020.

GLOBO, Memória. **Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica de Reportagem: Entrevista e Pesquisa Jornalística**. Florianópolis, SC: Record, 2001.

MANHÃES, Eduardo. Análise do discurso. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MENDES, Eliana A. de M. Você, o senhor, ou o quê?. **Linguagem & Ensino**, Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 1, p. 135-150, 1998.

PAIVA, Raquel. Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático). **Revista Famecos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 30, p. 62–70, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1980-3729.2006.30.3376>>. Acesso em: 10 de dez. de 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Campinas: Cad. Est. Ling, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

REGATTIERI, Lorena L. **Bots como agentes de expressão: Regime de visibilidades e o poder de criar redes**. **Contracampo**, v. 38, n. 2, p. 130-149, Niterói. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/contracampo.v38i3.28504>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**. São Paulo: Summus, 1985.

SODRÉ, Muniz. Jornalismo como campo de pesquisa. In: **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 2, p. 7–16, 2010.

SIQUEIRA, Fabiana; VIZEU, Alfredo. **As quebras de paradigmas nas rotinas produtivas do telejornalismo**. In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; Pereira, A. (orgs). **Telejornalismo 70 Anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020.

SOUZA, Rogério M. de. Investigando as *Fake news*: análise das as agências fiscalizadoras de notícias falsas no Brasil. In: XXII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2017, Volta Redonda. **Anais**. Volta Redonda: Centro Universitário de Volta Redonda, 2017. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0343-1.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Volume II. Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA, Livia de S. SEO e jornalismo: questões técnicas e éticas da produção de texto para a internet. *In*: 44º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2021, virtual. **Anais**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2021. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt5-ci/livia-de-souza-vieira.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

YORKE, Ivor. **Jornalismo Diante das Câmeras**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.

Entrevistas

BONNER, William. **Entrevista com William Bonner**. Entrevistadora: Laura Rocha do Nascimento. Rio de Janeiro, 21 nov. 2022. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

DE FRANÇA, Mirelle. **Entrevista com Mirelle De França**. Entrevistadora: Laura Rocha do Nascimento. Rio de Janeiro, 6 dez. 2022. A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

GRANDIN, Felipe. **Entrevista com Felipe Grandin**. Entrevistadora: Laura Rocha do Nascimento, 2022. Rio de Janeiro, 16 nov. 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia.

KAMEL, Ali. **Entrevista com Ali Kamel**. Entrevistadora: Laura Rocha do Nascimento. Rio de Janeiro, 1º dez. 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia.

VILLELA, Ricardo. **Entrevista com Ricardo Villela**. Entrevistadora: Laura Rocha do Nascimento. 11 nov. 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta monografia.

Sites e matérias de jornais

APURAÇÃO dos votos: 100% das urnas são totalizadas. **g1**, 31 out. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/apuracao-dos-votos-100percent-das-urnas-sao-totalizadas.ghtml>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

BARROS, Amanda. Adélio Bispo, autor de facada em Bolsonaro, tem transtorno delirante e é perigoso para a sociedade, diz laudo. **g1**, Campo Grande. 25 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/08/25/adelio-bispo-autor-de-facada-em-bolsonaro-tem-transtorno-delirante-e-e-perigoso-para-a-sociedade-diz-laudo.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

BOLSONARO e os filhos fizeram 469 ataques a jornalistas e veículos de imprensa em 2020, diz ONG. **Bom Dia Brasil**, Rio de Janeiro, 25 jan. 2021. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/25/bolsonaro-e-os-filhos-fizeram-469-ataques-jornalistas-e-veiculos-de-imprensa-em-2020-diz-ong.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CIRO Gomes (PDT) é entrevistado no Jornal Nacional. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 27 ago. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/27/ciro-gomes-pdt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CIRO Gomes (PDT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/23/ciro-gomes-pdt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CRONOLOGIA: processos e condenações de Lula na Lava Jato. **g1**, Curitiba. 8 mar. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/03/08/cronologia-processos-e-condenacoes-de-lula-na-lava-jato.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ELEIÇÕES 1989 e o debate Collor x Lula, **Memória Globo**. Rio de Janeiro, 12 jan. 2022. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/reportagens-e-entrevistas/noticia/eleicoes-1989-e-o-debate-collor-x-lula.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ELEIÇÕES presidenciais de 2002. **Memória Globo**, Rio de Janeiro, 12 jan. 2022. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/reportagens-e-entrevistas/noticia/eleicoes-presidenciais-de-2002.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ELEIÇÕES presidenciais – 2002. **Memória Globo**, Rio de Janeiro, 28 out. 2022. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-2002/noticia/eleicoes-presidenciais-2002.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ELEIÇÕES presidenciais – 2006. **Memória Globo**, Rio de Janeiro, 28 out. 2022. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-2006/noticia/eleicoes-presidenciais-2006.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ELEIÇÕES presidenciais – 2010. **Memória Globo**. Rio de Janeiro, 28 out. 2022. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-2010/noticia/eleicoes-presidenciais-2010.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ELEIÇÕES presidenciais – 2014. **Memória Globo**. Rio de Janeiro, 28 out. 2022. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-2014/noticia/eleicoes-presidenciais-2014.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

FERNANDO Haddad (PT) é entrevistado no Jornal Nacional. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 14 set. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/09/14/fernando-haddad-pt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

GRAVE um vídeo pelo celular dizendo que Brasil você quer para o futuro. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 30 jan. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/01/grave-um-video-pelo-celular-dizendo-que-brasil-voce-quer-para-o-futuro16.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

GERALDO Alckmin (PSDB) é entrevistado no Jornal Nacional. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 29 ago. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/29/geraldo-alckmin-psdb-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

JAIR Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 28 ago. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

JAIR Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

JAIR Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. **g1**, Juiz de Fora. 6 set. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

JOÃO Dória desiste da pré-candidatura à Presidência; veja a íntegra do discurso. **g1**, Rio de Janeiro, 23 mar. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/05/23/joao-doria-desiste-da-pre-candidatura-a-presidencia-veja-a-integra-do-discurso.ghtml>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

JORNAL NACIONAL. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/jornalnacional/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. ASSISTA na íntegra à entrevista de Ciro Gomes ao JN. 23 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Chn2xjfj54j/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. ASSISTA na íntegra à entrevista de Jair Bolsonaro ao JN. 22 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChlVhoLNQYX/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. ASSISTA na íntegra à entrevista de Luiz Inácio Lula da Silva ao JN. 25 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <https://www.Instagram.com/p/ChtACBdt5_k/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. ASSISTA na íntegra à entrevista de Simone Tebet ao JN. 26 de ago. de 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChvoronteB7/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. Considerações finais de Lula (PT). #JN. 25 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Chs9rYPtLSf/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. Eleições 2022: a partir de segunda-feira (22), o #JN entrevista candidatos à Presidência do Brasil para perguntar, olho no olho, aquilo que interessa aos eleitores. 19 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChcJlsWo1qS/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. Entrevista de Ciro Gomes ao Jornal Nacional é antecipada em um dia. 5 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Cg5LRN9pVUO/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. Entrevista Jair Bolsonaro: segunda-feira, 22 de agosto, 20h30. 22 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChkAxOSuK3H/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. Jair Bolsonaro dará entrevista ao Jornal Nacional no Rio. 5 de ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Cg4VipJqLNs/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. Jornal Nacional entrevistará candidatos à Presidência da República. 5 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Cg3PK4ZtzZO/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. Lula (PT) responde a pergunta sobre lista tríplice da Procuradoria-Geral da República. #JN. 25 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Chs7H11NKvw/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. Lula (PT) responde sobre corrupção. 25 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <https://www.Instagram.com/p/Chs6XE9vFr_/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. O #JN está no ar. #BoaNoiteJN. 24 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChqO9VbtKfC/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. O #JornalNacional recebeu nesta semana os candidatos à Presidência de República mais bem colocados na pesquisa divulgada pelo Datafolha em 28 de julho: Jair Bolsonaro, Ciro Gomes, Luiz Inácio Lula da Silva e Simone Tebet. 27 de ago. de 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/Chw4qnvMsMe/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. Por trás de cada informação, tem uma equipe enorme comprometida com a verdade. 21 de ago. de 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <<https://www.Instagram.com/p/ChhaLfVsw5I/>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL NACIONAL. Vêm aí as Eleições 2022. 17 ago. 2022. *Instagram*: @jornalnacional. Disponível em: <https://www.Instagram.com/p/ChLRj25t_zQ/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

JORNAL Nacional entrevistará candidatos à Presidência da República. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 05 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/05/jornal-nacional-entrevistara-candidatos-a-presidencia-da-republica.ghtml>>. Acesso em: 19 nov.2022.

KOGUT, Patrícia. Com Lula, audiência no Jornal Nacional chega a 32 pontos e bomba nas redes. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 ago. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/kogut/audiencia/noticia/2022/08/entrevista-de-lula-no-jn-nao-supera-audiencia-de-bolsonaro-mas-bomba-nas-redes.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

KOGUT, Patrícia. Jornal Nacional tem segunda melhor audiência do ano com Ciro Gomes. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 ago. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/kogut/audiencia/noticia/2022/08/jornal-nacional-tem-segunda-melhor-audiencia-do-ano-com-entrevista-com-ciro-gomes.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

KOGUT, Patrícia. Tebet no Jornal Nacional: candidata registra menos engajamento nas redes entre presidenciáveis. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 ago. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2022/08/tebet-no-jornal-nacional-candidata-registra-pior-engajamento-nas-redes-entre-presidenciaveis.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

LULA (PT) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/25/lula-pt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

LULA tem 18 pontos de vantagem sobre Bolsonaro no 1º turno. **Datafolha**, São Paulo, 29 jul. 2022. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2022/07/lula-tem-18-pontos-de-vantagem-sobre-bolsonaro-no-1o-turno.shtml>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

MAIS DE 33 milhões de brasileiros passam fome todo dia, revela pesquisa. **Jornal Nacional**, 8 jun. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/08/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-passam-fome-todo-dia-revela-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

PRINCÍPIOS Editoriais do Grupo Globo. **Grupo Globo**, Rio de Janeiro, 6 ago. 2011. Disponível em: <<https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

POLATO, Amanda. Conheça a trajetória dos principais candidatos à Presidência: Lula, Bolsonaro, Ciro e Tebet. **g1**, Rio de Janeiro, 28 set. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/09/28/conheca-a-trajetoria-dos-principais-candidatos-a-presidencia-lula-bolsonaro-ciro-e-tebet.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

'SIGO como soldado da democracia', diz Moro sobre escolha de Bivar como pré-candidato à Presidência pelo União Brasil, **g1 SP**, São Paulo, 14 abr. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/04/14/sigo-como-soldado-da->

democracia-diz-moro-sobre-escolha-de-bivar-como-pre-candidato-a-presidencia-pelo-uniao-brasil.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2022.

SIMONE Tebet é entrevistada no Jornal Nacional; veja íntegra. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 26 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/26/simone-tebet-e-entrevistada-no-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

STF confirma anulação das condenações de Lula. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 25 jan. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/04/15/stf-confirma-anulacao-das-condenacoes-de-lula.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

VEJA o que é #Fato ou #Fake na entrevista de Ciro Gomes para o Jornal Nacional. **g1**, 24 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/08/24/veja-o-que-e-fato-ou-fake-na-entrevista-de-ciro-gomes-para-o-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

VEJA o que é #Fato ou #Fake na entrevista de Jair Bolsonaro para o Jornal Nacional. **g1**, 23 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/08/23/veja-o-que-e-fato-ou-fake-na-entrevista-de-jair-bolsonaro-para-o-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

VEJA o que é #Fato ou #Fake na entrevista de Lula para o Jornal Nacional. **g1**, 26 ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/08/26/veja-o-que-e-fato-ou-fake-na-entrevista-de-lula-para-o-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

VEJA o que é #Fato ou #Fake na entrevista de Simone Tebet para o Jornal Nacional. **g1**, 2 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/08/27/veja-o-que-e-fato-ou-fake-na-entrevista-de-simone-tebet-para-o-jornal-nacional.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2022.

8 APÊNDICES

8.1 Apêndice A: Tabela

	22/08 (Bolsonaro)			23/08 (Ciro Gomes)			25/08 (Lula)			26/08 (Tebet)		
	WB	RV	JB	WB	RV	CG	WB	RV	LS	WB	RV	ST
Candidato/candidata/ candidatos	32	9	0	13	7	0	23	5	0	9	7	8
Senhor/senhora/ senhores	59	30	2	36	16	4	26	17	0	25	15	0
Você/vocês	0	0	36	0	0	22	0	0	52	0	0	29
Como (pergunta)	2	0		3	3		3	6		2	3	
Qual/quais (pergunta)	5	1		0	1		1	1		1	2	
O que (pergunta)	3	1		0	0		1	0		0	1	
Por que/por quê (pergunta)	2	0		2	0		0	2		3	1	
Quanto/quantos (pergunta)	0	0		0	0		0	0		1	1	
Projeto/projetos	0	0	1	2	0	8	0	0	0	0	1	14
Plano/planos	2	0	0	2	4	1	1	0	1	4	2	0
Proposta/propostas	0	0	3	2	2	6	0	0	0	0	1	0
Orçamento/orçamentos	0	0	1	0	0	3	0	6	7	3	0	6
Educação	1	4	2	0	0	1	0	0	1	4	1	15
Saúde	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
Economia	6	0	5	1	0	1	8	0	1	1	0	3
Segurança	3	0	1	0	7	4	0	0	1	0	2	5
Meio ambiente	1	3	0	2	0	0	0	3	1	0	0	0
Amazônia	1	1	8	0	0	6	0	0	4	0	0	1
Desmatamento	0	2	2	4	0	0	0	0	1	0	0	0
Agronegócio	0	0	2	0	0	0	0	4	4	0	0	0
Fome	0	0	3	0	0	8	0	0	0	0	0	5
Previdência	0	0	1	0	0	4	0	0	0	2	0	1
Inflação	2	0	1	0	0	0	2	0	3	0	0	1

Emprego/empregos/ desemprego	0	0	4	0	0	8	1	0	7	0	0	8
Imposto/impostos	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	2	4
Renda	0	0	0	4	0	2	0	0	0	2	2	14
Preço/preços	0	0	2	0	0	0	2	1	0	0	0	1
Dívida/dívidas	0	0	1	1	0	4	0	0	3	0	0	0
Crise/crises	0	0	0	1	2	8	1	0	2	0	0	1
Corrupção	5	1	0	0	0	10	4	6	13	0	3	0
Escândalo/escândalos	3	3	2	0	0	0	2	2	0	0	1	2
Lava Jato	0	0	0	0	0	0	2	0	7	0	0	0
Crime	0	0	1	0	2	6	0	0	2	0	0	4
Pandemia	3	1	4	0	0	1	0	0	0	0	0	4
Covid/coronavírus	2	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Vacina/vacinas/vacinar /vacinação	1	6	9	0	0	3	0	0	0	0	0	2
Urna/urnas	7	0	2	2	0	0	0	0	1	0	0	0
Eleição/eleições	6	0	9	1	2	12	0	0	11	1	0	3
Reeleição/reeleito/ reeleita	0	0	1	5	0	5	0	0	0	0	0	4
Democracia/democrá- tico/democrática	1	0	1	0	4	1	0	0	8	0	0	3
Congresso	1	0	2	8	4	5	1	2	6	2	1	5
Centrão	11	0	8	0	0	1	0	2	5	0	0	0
CPI	0	0	1	0	0	3	0	0	0	1	0	1
PL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PDT	0	0	0	3	1	3	0	0	0	0	0	0
PT	0	0	4	0	0	5	8	1	7	0	0	2
MDB/PMDB	0	0	0	0	0	0	1	0	0	4	9	8
Ministro/ministros	7	12	16	1	0	1	0	1	3	0	0	3
Supremo Tribunal Federal/Supremo/STF	4	1	4	1	0	0	1	0	0	0	0	0
Polícia Federal/PF	8	0	12	0	0	0	0	1	9	0	0	2
Bolsonaro				0	0	11	0	1	7	0	0	0
Ciro	0	0	0				0	0	0	0	0	0
Lula	0	0	1	0	0	9				0	0	1
Simone/Tebet	0	0	0	0	0	0	0	0	0			

Fonte: Elaboração da autora

8.2 Apêndice B: Entrevista com William Bonner, editor-chefe do JN

Laura Rocha do Nascimento: No livro “JN: 50 anos de telejornalismo”, você descreveu as sabatinas como a tarefa inédita mais desafiadora, complexa e ousada do jornal. Por que você acha isso?

William Bonner: Entrevistar um candidato à presidência, ao vivo, com tempo predeterminado, já seria, por si, uma tarefa desafiadora. Mas devemos fazer isso com o objetivo de extrair respostas a questões que os entrevistados não gostariam de abordar. Precisamos fazer isso com algumas recomendações adicionais:

- Explorar contradições dos candidatos ou de seus aliados e partidos - atuais e pretéritas;
- Trazer os candidatos de volta ao tema proposto na questão, quando tentarem tergiversar;
- Identificar mentiras e imprecisões e denunciá-las e corrigi-las na medida do possível, sem paralisar a evolução da entrevista;
- Tentar evitar interrupções, mesmo quando mentirem ou fizerem acusação merecedora de intervenção. Mas não deixar de interromper quando a gravidade ou urgência da intervenção assim exigir;
- Respeitar o tempo e a dinâmica de entrevistador do seu companheiro na tarefa, considerando sempre que a intervenção possível que lhe ocorre agora poderá ocorrer a ele depois, ou que ele tenha outra intervenção em mente para fazer a qualquer momento;
- Ser firme, mas não agressivo;
- Ser sereno, mas não complacente;
- Ser simpático, mas não conivente;
- Ser sério, mas não carrancudo.

Laura Rocha do Nascimento: Como foi iniciar esse desafio lá em 2002 e qual é a diferença ao repeti-lo hoje, ainda ao vivo?

William Bonner: Em 2002, quando a ideia do Ali Kamel foi executada pela primeira vez, não existiam redes sociais. Portanto, a pressão sobre entrevistados e entrevistadores era muito menor – assim como a temperatura política. Isso ajudava. Mas, em contrapartida, o tempo destinado a cada entrevista era exíguo. Cinco minutos que transformavam a dinâmica de perguntas e respostas muito tensa e rápida. A cada eleição, fomos concedendo mais tempo às entrevistas. Até chegarmos, em, 2022, aos 40 minutos. Ao menos isso serve como atenuante de um momento em que as pressões sobre todos são muitíssimo maiores.

Laura Rocha do Nascimento: Também no livro, você disse que o objetivo das sabatinas é esclarecer “pontos obscuros ou polêmicos” dos candidatos e das candidaturas e explorar justamente “tudo que o candidato prefira não abordar”. Qual é a maior dificuldade desse processo? Como evitar que o candidato desvie do assunto?

William Bonner: Encontrar esses pontos obscuros, polêmicos, exige pesquisa. É esse dever de casa de grupos de jornalistas que nos fornece matéria-prima para a elaboração de perguntas que os candidatos não desejariam que fossem formuladas. E, como ressaltai na resposta anterior, é dever dos entrevistadores, na medida do possível, e procurando evitar um excesso de interrupções, trazer de volta ao tema aquele candidato que tergiversar. Trabalho difícil, porque exige, naquele momento, a avaliação da urgência e da necessidade de fazê-lo.

Laura Rocha do Nascimento: Como foi a elaboração das perguntas deste ano e quanto tempo durou? Por que focar em perguntas voltadas para “Como” e “Por quê”?

William Bonner: A elaboração das perguntas com base na matéria-prima das pesquisas de temas (trabalho prévio cuja dinâmica pode ser explicada pelo Villela) foi feita em reuniões de 5 pessoas ao longo das duas semanas que antecederam as entrevistas. Eu e Renata com Ali Kamel, Ricardo Villela e Miguel Athayde, da *GloboNews*.

O formato das perguntas obedece à premissa de que elas extraíam dos candidatos explicações para pontos obscuros. Empiricamente, concluímos que as perguntas que contenham um “por que” ou um “como” tendem a ser mais eficientes do que aquelas que proponham simplesmente que o candidato responda com um sim ou um não. As perguntas que exigem respostas dissertativas são melhores. Mas é claro que, por vezes, pode ser muito embaraçoso para um candidato à presidência dizer um sim ou um não diante de uma questão incisiva e, pontual e extremamente objetiva. O cardápio do questionário será mais rico quando variar os formatos das perguntas.

Laura Rocha do Nascimento: Em relação à dinâmica das perguntas, você, por exemplo, foi quem começou as sabinas de Lula e Jair Bolsonaro, enquanto Renata, de Ciro Gomes e Simone Tebet. Há algum tipo de ensaio da dinâmica das entrevistas ou das réplicas? Como vocês dividem os temas entre si e qual é o espaço permitido para o improviso?

William Bonner: As reuniões de formulação de perguntas são um ambiente em que recebemos e analisamos respostas já registradas daqueles candidatos a perguntas semelhantes. Quando a questão é inédita, tentamos intuir os caminhos possíveis que o entrevistado poderá adotar. E, assim, pensamos em possíveis réplicas e tréplicas. A divisão de temas obedece geralmente a uma preocupação de fazer com que um entrevistador esgote o tema que propôs – e os dois entrevistadores se revezem no encaminhamento de novos temas de perguntas. Como ambos participamos de todas as reuniões de elaboração, não faz diferença quem tratará deste ou daquele tema. E nos alternamos, também, a cada dia de entrevista, na responsabilidade de abrir a entrevista.

Laura Rocha do Nascimento: Como é feito o controle do tempo destinado a cada um dos temas?

William Bonner: Essa decisão considera o peso relativo de cada tema, a complexidade dele e os temas remanescentes que consideramos fundamentais que sejam abordados. Isso ajuda a decidir se insistiremos no aprofundamento adicional de um tema ou se introduziremos outro assunto em nova pergunta.

Laura Rocha do Nascimento: Para as falas dos candidatos, existe algum limite de tempo?

William Bonner: Não, desde que não percam a objetividade nem tergiversem deliberadamente. Nestes casos, nós os interromperemos de forma polida, mas firme.

Laura Rocha do Nascimento: Nas quatro entrevistas, houve algum assunto que foi programado para a sabatina, mas ficou de fora? Se sim, quais temas você gostaria que tivesse tido tempo de abordar?

William Bonner: Em algumas entrevistas não conseguimos introduzir todos os temas que gostaríamos, simplesmente porque nem sempre os 40 minutos bastam para. Mas, numa análise fria, nossa avaliação é de que cumprimos nossa missão ao abordarmos temas de alta relevância, sempre.

Laura Rocha do Nascimento: Sobre o jogo de câmeras e o foco nos candidatos enquanto eles respondiam, quais foram as orientações dadas e como essa dinâmica se aplicava quando os entrevistadores faziam as perguntas?

William Bonner: Não me lembro de haver orientação outra que não a de darmos destaque à imagem do candidato durante a maior parte do tempo.

Laura Rocha do Nascimento: Em 2018, as sabatinas tiveram um total de 28 minutos, incluindo 1 minuto para considerações finais, enquanto, em 2022, tiveram 40 – um aumento de quase 43%. Por que houve essa mudança e qual foi o efeito percebido?

William Bonner: A ampliação do tempo teve o objetivo de permitir que explorássemos um número maior de temas em maior profundidade e com menor necessidade de interrupções.

Laura Rocha do Nascimento: Para 2026, se idealiza mais um aumento ou já é suficiente?

William Bonner: É cedo para falar. Mas posso assegurar que ficamos satisfeitos, nesta eleição, com os 40 minutos.

Laura Rocha do Nascimento: Neste ano, as sabatinas ocorreram nos Estúdios Globo, e não mais na redação do Jornal Nacional, no Jardim Botânico. A mudança impactou de alguma forma a dinâmica das entrevistas? Como foi fazer as sabatinas com parte da equipe no Jardim Botânico e outra parte nos Estúdios Globo?

William Bonner: A interligação dos 2 endereços pela área de tecnologia não mudou em nada a dinâmica. Zero problema.

Laura Rocha do Nascimento Por fim, ao analisar as sabatinas ao longo dos anos, você falou que os candidatos encaram as entrevistas de formas diferentes, mas que é “alentador que as reclamações tenham partido de hostes de todos os candidatos, de todos os matizes ideológicos” e que “absolutamente ninguém deixou de ser tirado de sua zona de conforto” durante a busca por respostas. Qual é o sentimento que fica após as sabatinas de 2022 e, para você, qual é a importância de fazê-las a cada 4 anos?

William Bonner: Tenho para mim que essas afirmações retiradas de meu livro continuam absolutamente válidas. Todos os candidatos foram confrontados com questões necessárias e, provavelmente, indesejadas. E esse encontro deles com as perguntas do JN já ganhou lugar no calendário das eleições brasileiras. Completamos 20 anos e 6 eleições com as entrevistas. E temos enorme orgulho do serviço que prestamos aos eleitores ao realizá-las.

8.3 Apêndice C: Entrevista com Mirelle de França, gerente dos *Sites* Instrumentais do g1

Laura Rocha do Nascimento: Quando começaram os preparativos para as sabatinas do Jornal Nacional na equipe dos *Sites* Instrumentais? Quais eram as expectativas deste ano, ainda mais sendo a primeira vez no *Instagram* do JN?

Mirelle De França: Começamos a planejar qual seria nosso papel e o que poderíamos fazer de diferente em relação a 2018 por volta do fim do primeiro trimestre de 2022. Valeu tanto para o site, quanto para as redes sociais do Jornal Nacional. Nestas eleições, procuramos estar mais alinhados com as equipes da TV responsáveis pelos conteúdos especiais sobre o tema, de forma que elas também contribuíssem para que o digital publicasse material exclusivo que fortalecesse a marca. Sabíamos que o papel das redes sociais este ano seria ainda maior do que na eleição anterior e, por isso, foi onde mais apostamos.

Laura Rocha do Nascimento: Quais foram as orientações para a cobertura das sabatinas nos *Sites* e nas redes sociais? O que não era permitido às redes e o que era indicado?

Mirelle De França: A principal orientação e também a mais importante foi que a entrevista completa com cada candidato estivesse disponível para quem quisesse assistir. No site, durante a entrevista, publicamos em tempo real os bastidores das sabatinas nos Estúdios Globo, os trechos em vídeo de cada pergunta separadamente e, depois, o vídeo com a entrevista completa. Após o fim de cada sabatina, também foi publicada uma matéria no *site* do JN com a íntegra em vídeo da entrevista e os trechos com as perguntas separadas, além de uma playlist com todos esses vídeos. No *Twitter*, *Facebook* e *Instagram* publicamos todas as perguntas separadamente em vídeo durante a sabatina e depois o *link* para a entrevista completa. Antes disso, também houve um trabalho de divulgação das sabatinas nas redes.

Laura Rocha do Nascimento: Quantos profissionais estavam mobilizados neste processo? Pode explicar quais foram as funções exercidas pela equipe?

Mirelle De França: A cobertura da sabatina não se resumiu apenas ao dia das entrevistas, pois também trabalhamos, tanto no *site* quanto nas redes, para a divulgação e promoção das entrevistas. Isso mobilizou, de certa forma, todas as 21 pessoas da equipe, direta e indiretamente. No dia das sabatinas, a divisão de tarefas ficou assim: dois editores no corte dos vídeos para o site do JN/*Globoplay*, um editor responsável pela edição do site do JN, três editores na publicação nas redes sociais da marca (*Twitter*, *Facebook* e *Instagram*), um fotógrafo nos Estúdios Globo para registrar os bastidores das entrevistas, duas supervisoras executivas responsáveis pela edição do tempo real no site, matéria consolidada e coordenação da equipe e uma gerente responsável pela indicação do "ponto de corte" das perguntas por temas e coordenação da equipe.

Laura Rocha do Nascimento: Nos últimos anos, as matérias tinham a decupagem das entrevistas, enquanto, desta vez, contaram apenas com os vídeos (na íntegra e com recortes por temática). Por que houve essa mudança?

Mirelle De França: A íntegra das entrevistas em vídeo sempre foi publicada. A diferença este ano é que não houve decupagem das entrevistas e decidimos investir no corte das perguntas por temas. Com isso, aumentamos o consumo do conteúdo em vídeo, principalmente os que vão "direto ao ponto", uma tendência entre os usuários.

Laura Rocha do Nascimento: Em relação a justamente aos cortes por tema, como foram definidas as separações temáticas e os “títulos” de cada uma delas? A equipe teve autonomia para tal ou foram definidos anteriormente?

Mirelle De França: Fiquei responsável pela indicação deste ponto de corte e ele foi definido em tempo real, no momento da entrevista, à medida que a pergunta sobre o tema começava até o fim das réplicas e tréplicas. A partir daí, fazíamos o título padrão adaptando para cada temática, por exemplo: "Candidato X responde sobre meio-ambiente", "Candidato X responde sobre economia" etc.

Laura Rocha do Nascimento: A mudança de local de realização das sabatinas deste ano interferiu no trabalho da equipe dos *Sites* instrumentais? A distância atrapalhou ou ajudou de alguma forma?

Mirelle De França: Não interferiu.

Laura Rocha do Nascimento: Mais alguma mudança foi sentida pela equipe em comparação a 2018? Quais foram as maiores dificuldades neste processo?

Mirelle De França: O fato de não ter que fazer a decupagem de uma entrevista longa em tempo real permitiu que a equipe investisse seus esforços nos cortes de vídeos para publicações nas redes sociais. O trabalho de publicação das redes foi bem mais pesado este ano.

Laura Rocha do Nascimento: Por fim, quais foram os resultados alcançados na internet, em relação ao engajamento e repercussão do trabalho?

Mirelle De França: Os resultados foram excelentes tanto em repercussão quanto em número de *videoviews* e *pageviews* no *site* e engajamento e alcance nas redes sociais.

8.4 Apêndice D: Entrevista com Felipe Grandin, coordenador do ‘Fato ou Fake’

Laura Rocha do Nascimento: Gostaria de saber sobre a produção do “Fato ou Fake” para as eleições de 2022, com foco nas sabatinas dos candidatos à Presidência. Como foi a preparação? Como funciona essa checagem?

Felipe Grandin: A preparação para as eleições, né, no caso do “Fato ou Fake”, a gente teve algumas novidades em relação às últimas eleições. O “Fato ou Fake” começou em 2018, a primeira eleição que a gente fez foi a de 2018. Então a gente já tem aí três, já tinha duas eleições, foi para a terceira, 2018, 2020 e fizemos agora 2022. E a gente já fazia essa cobertura, essa checagem das entrevistas, debates e tudo mais, e a gente, além do que a gente já fazia, a gente fez uma série especial para o YouTube e para o g1 sobre *fakes* nas eleições, como identificar, se preparar. Por mais que já era um preparativo para essa cobertura de eleições, porque são dúvidas que as pessoas sempre têm, quando a gente preparou esse material com antecedência e soltou durante a campanha para as pessoas já terem uma fonte de consulta ali e também ter uma orientação para como lidar com esse problema da desinformação. Também a gente teve uma série no SP1, no jornal lá em São Paulo. Isso também como combater as *fake news*, dando dicas para combater.

E outra novidade que a gente teve foi que, aí já entrando nos preparativos além disso, a gente fez um treinamento, das pessoas que iam trabalhar na checagem. Então assim, a gente fez uma chamada para todos os parceiros, tanto porque o “Fato ou Fake” é formado por todos os veículos do Grupo Globo, não só g1 e TV, mas também “O Globo”, Extra, “O Valor” e CBN. E aí a gente preparou um treinamento específico para a cobertura de eleições, em que a gente apresentou o “Fato ou Fake”, apresentou como era a metodologia, quais eram as características, como fazer para identificar o que que é checável e o que não é. Como é que é a dinâmica que a gente faz para fazer a checagem, especialmente de discurso durante a eleição. Nesse treinamento, acho que foram 105 pessoas de todas as redações.

Dessas 105, 56, eu acho, participaram efetivamente da cobertura. Então, como é que a gente faz? A gente primeiro teve esse treinamento, principalmente para quem nunca participou, mas quem já participou também, foi aberto para quem quisesse se inscrever. E aí no dia a dia da eleição, como funciona? A gente tem as datas das entrevistas, dos debates e tudo mais, e eu entro em contato normalmente com as redações para fazer a lista, montar a escala de pessoas que vão vou participar. Aí cada veículo cede, de acordo com a sua capacidade de ir e tal, as pessoas para participarem. Dependendo do que for, precisa de mais ou menos gente. Então, se você tem uma entrevista curta ou já teve, de 20, 30 minutos, é relativamente tranquilo, então, você não precisa de um monte de gente, mas se você tem uma entrevista de três horas, como teve na *GloboNews*, por exemplo; uma hora e meia como teve no “O Assunto”, e você precisa de mais gente porque, como vai falar muito, a probabilidade de ter muitas frases checáveis, que a gente possa checar, é grande, então, vai dar bem mais trabalho; e nos debates, que é o que dá mais trabalho ainda, porque são várias pessoas falando durante pelo menos duas horas ali, que era o tempo no mínimo dos debates. E a gente vai adequando de acordo com o com a necessidade ali, com a capacidade de cada veículo de ceder as pessoas.

A dinâmica da checagem de discursos é sempre mais ou menos parecida: a gente cria um grupo com as pessoas que vão participar da checar, e todo mundo vai vendo a entrevista ou o debate ao mesmo tempo, e vai jogando ali no grupo as frases que está pegando, que acham que podem ser checáveis. Aí sempre tem um coordenador, que pode ser eu, pode ser outra pessoa que está coordenando, dependendo da checagem, porque, às vezes, tem mais de uma checagem ao mesmo tempo, checagens em horários diferentes. É o coordenador que dá: ‘OK, legal, pode ir checar essa aí e tal’. Aí a gente abre um

documento online, coloca a frase ali e o nome dele, de quem está checando, dele ou dela, da pessoa que estiver checando, e vai atrás para fazer a checagem.

Faz a checagem e coloca ali a checagem embaixo. Aí vem um coordenador ou editor para editar ali o texto, ver se está OK, ver se está suficiente ali o que foi checado, se tem alguma coisa que você pode acrescentar ou não, tudo mais, faz essa análise final. E isso vai sendo feito ao longo da entrevista e, depois também, porque ficam faltando, depois que acaba ainda tem checagem para ser feita e tudo mais, a gente pega a decupagem de todo o material reunido e tudo, para ver se tem mais alguma coisa para checar. E esse material todo, então, é enviado para a aprovação e, com a aprovação é publicado. Então, é assim, basicamente, a gente segue normalmente esse processo. Isso para a checagem de falas. Tem um outro conteúdo que a gente checa que são os boatos, que são as mensagens que circulam em redes sociais. Aí o processo não é coletivo, não é um monte de gente ao mesmo tempo. A gente tem os repórteres, o Roney, que é o repórter que fica 100% nisso o ano inteiro, e aí na eleição também, aí tem reforços de outras pessoas, dependendo, de acordo com a demanda. O de boatos, como funciona? A gente fica monitorando as redes e também recebe dicas pelo WhatsApp do que está circulando, se tem alguma coisa que a gente tem que escolher, primeiro o que é checado e depois o que está viralizando. Aí a gente faz a checagem, publica uma checagem individual sobre aquela mensagem, sobre aquele boato ali. Então, esse é o trabalho que é mais comum ao longo do ano, fora de eleições, que é a checagem de boatos. Nas eleições, a gente passa a ter tanto a checagem de boato quando a checagem de falas, de candidatos, e aí a checagem de falas é um volume bem maior. Basicamente, é assim.

Laura Rocha do Nascimento: Você falou da checagem, explicou o processo de como é feito com a equipe, mas eu queria entender um pouco melhor a checagem em si. Vocês vão em quais portais? Por exemplo, o g1 está checando uma informação sobre o candidato, então, vai atrás dessa notícia no g1? O g1 é uma própria fonte ou não? Como que funciona?

Felipe Grandin: A gente também é fonte, tanto g1 quanto “O Globo”, os veículos “Extra”, “O Valor” e tal. São informações publicadas, que já foram checadas, então, a gente é fonte. Mas a gente procura checar especificamente o que foi falado ali. Não necessariamente vai ter uma matéria com aquele dado ali ou com aquela informação. Às vezes, sim, às vezes, quando ele fala alguma coisa na frase, alguma coisa que já foi falado e tal, a gente vai ter isso na matéria. Às vezes, até tem uma matéria específica sobre um dado que ele falou, sobre o PIB, sobre a candidata ou o candidato que falou sobre PIB, inflação, mas, em geral, o processo normal é a gente ir direto na fonte oficial da informação. Então, a gente, por exemplo, falou ‘O PIB era tanto, a inflação era tanto’. A gente vai lá no PIB: quanto era o PIB ali? Vai lá na inflação, entra lá no IBGE, vê o dado oficial daquilo ali, se ele cita um estudo, a gente vai lá ver que estudo é esse, para ver se as informações batem. A gente sempre procura a fonte oficial de informação para cada dado que a gente está checando. Eventualmente, ele não falou de algo que é um dado oficial, de alguma instituição. Às vezes, ele falou de alguma coisa que aconteceu ou de alguma coisa que alguém falou, e a gente tem uma matéria, uma reportagem que falou exatamente sobre aquilo, e pode ser que não seja exatamente aquilo que ele falou e tudo mais. Então, a gente tem essas possibilidades também. Em geral, a gente vai sempre na fonte oficial da informação.

Laura Rocha do Nascimento: Já sobre a edição, que uma pessoa monta e depois vem alguém editando, pode ser com outros veículos? Tem realmente esse trabalho conjunto ou, por exemplo, o g1 está checando uma informação, o “O Globo” está checando outra? É realmente compartilhado de fato?

Felipe Grandin: Não, é tudo conjunto, tudo compartilhado. Não tem separação, inclusive todo mundo publica o mesmo material, o mesmo texto, porque o texto foi feito em conjunto, entendeu? Não tem como separar. Nem É essa ideia porque é um núcleo que é formado por pelo grupo inteiro, o projeto do grupo, não de um veículo ou de outro. Não é do g1 e nem do “O Globo”.

Laura Rocha do Nascimento: Focando nas sabatinas em si, eu queria entender um pouco como foi checar as sabatinas do JN, aqueles 40 minutos. Você me explicou que vocês veem as frases que são importantes de serem checadas, mas quanto tempo demorou? Quantas pessoas ficaram mobilizadas nas sabatinas em si? Como que foi esse processo?

Felipe Grandin: As sabatinas do JN e os debates são talvez os mais... As sabatinas, com certeza, são as que dão mais audiência no ‘Fato ou *Fake*’, isso é fato. A gente dá uma atenção muito grande por conta também da repercussão. Então, tinha, em média, umas 10 pessoas em cada uma fazendo a checagem. E o processo é aquele como eu te falei, a gente se preparou com antecedência, eu também participei do grupo, a gente tinha pessoas participando do grupo que elaborou as perguntas e tudo mais. Então, tinha mais ou menos uma ideia, a gente fez uma pesquisa prévia e a gente já tinha um material bom de cada candidato. Então, até chegar na entrevista do JN, a gente já tinha feito algumas checagens sobre os candidatos, a gente já tinha um material sobre eles que possibilitava assim na hora ali, quente, para a gente checar. E, no dia, foi isso, é aquele procedimento, a gente cria um grupo para cada um e começa cerca de meia hora antes. A gente já cria, começa a falar ali e tal, esquentar ali, preparar os trabalhos. Tem um arquivo com todo mundo, e a gente compartilha material que a gente já tem e, quando começa, a gente vai colocando ali as frases e vai fazendo a checagem. Então, a gente faz checagem em tempo real, a gente só não publica em tempo real. Eventualmente, pode ser que a gente faça isso, mas, por enquanto, não.

Laura Rocha do Nascimento: Quanto tempo depois que publicam?

Felipe Grandin: Saiu às 5h. A gente poderia ter publicado antes, mas não ia fazer diferença em termos de audiência, entendeu? A gente combinou uma hora com todos os veículos: “Vamos publicar às 5h”.

Laura Rocha do Nascimento: E todos publicaram mesmo tempo?

Felipe Grandin: É. A gente vai fazendo até terminar, a gente terminar no dia, na madrugada. Encerrou, a gente manda para todo mundo, todos os parceiros veem a versão final e, aprovado, a gente bota para publicação. Foi de noite a entrevista, a gente publica no dia seguinte de manhã cedo no caso do JN.

Laura Rocha do Nascimento: Uma dúvida sobre as sabatinas foi o grau de dificuldade durante essa checagem, porque são candidatos muito diferentes. Você explicou que vocês tiveram acesso a essa pesquisa prévia para já se prepararem, mas eu queria entender um pouco quais foram as dificuldades que você avalia, durante as sabatinas, que vocês mais tiveram. Quais temas vocês tiveram mais dificuldade de apurar?

Felipe Grandin: No caso das sabatinas especificamente, foi bem mais fácil checar. ‘Fácil’, assim: a gente já tinha checado, já tinha feito duas ou três checagens do *Ciro da Tebet*, porque eles já tinham dado entrevistas; *Lula* e *Bolsonaro* não. Só que *Lula* e *Bolsonaro* já tinham dado outras entrevistas antes e tal, então, já tinha um material, já tinha checado em outras oportunidades. Mas, no caso do *Ciro* e da *Tebet*, estava bem quente, então, muitas das coisas que eles falaram, a gente já tinha visto, já tinha checado. Então, já tinha essa facilidade. Em termos de dificuldade, a grande dificuldade, para checar, é

quando a frase ou a forma de falar os dados ou a forma de falar as coisas impede aquilo ali de ser checável. Deixa de ser checável, entendeu? Então, quando ele fala no futuro, quando fala muita coisa no futuro, quando fala muita coisa genérica, fala sem ter exatamente a fonte, fala sem colocar um número exato. Sempre que o grau de incerteza é alto, ou não está muito concreto dificulta, dificulta muito.

Laura Rocha do Nascimento: Sobre Bolsonaro e Lula, por exemplo, você disse que eles não tinham dado entrevista antes. Isso dificultou ainda mais ainda o trabalho de vocês ou essas entrevistas prévias para outros portais foram suficientes?

Felipe Grandin: Na verdade, o que facilitou no Bolsonaro e no Lula é, primeiro, que eles falaram de temas muito parecidos, e muitos dos temas, tipo desmatamento, PIB e muitos dos temas presidenciais, de sistemas federais, nacionais, têm fonte oficial. Se ele fala de PIB, de crescimento econômico, esses dados estão muito acessíveis: IBGE, Banco Central, IPEA. Você tem dados muito acessíveis quando é presidencial. O que dificulta muito é quando é governador, porque aí depende muito do nível de transparência, de acesso aos dados de cada estado, entendeu? Porque a gente checou também os cinco estados das praças aqui da Globo – Rio, São Paulo, Minas, Brasília e Pernambuco. E dependendo do nível de informação, se o cara falou: ‘Foram unidades habitacionais’, às vezes, só quem tem aquele dado é a própria secretaria do governo, e aquilo ali não tem acesso público ou não tem alguma outra fonte que a gente possa checar, entendeu? Por exemplo, o Tarcísio, em São Paulo, ele citava dados de criminalidade que não eram públicos, não estavam disponíveis para criticar as câmeras, e falava sobre o aumento de criminalidade, de certos tipos de crime onde tinha câmara nos batalhões e tal. Complica bastante, porque a gente não consegue ter essa informação. Isso é outro tipo de coisa que dificulta: quando você cita uma coisa que você não sabe nem se existe aquele dado. Então, como é que você checa? Não dá para dizer que não existe esse dado, pode existir. É muito você checar pela negativa, ‘Isso não existe, ‘Não há isso’. E alguns candidatos usam essa estratégia de discurso para impedir que você consiga checar.

Laura Rocha do Nascimento: Vocês tiveram alguma dificuldade desse tipo na Simone Tebet no Ciro Gomes? Porque eles citavam alguns dados sobre eles em prefeitura, governo etc.

Felipe Grandin: O Ciro cita muito dado, então, ele tem muita frase checável. Se for ver lá, se for pegar, tem vários *fakes* também. Em geral, ele troca um número com outro, ou fala numa ordem de grandeza diferente, às vezes, está errado mesmo, totalmente errado. Ele é um cara que cita muito número, muito dado, e isso para checagem é bom, porque é muita coisa que dá para checar. É mais fácil.

Laura Rocha do Nascimento: A Tebet é ao contrário. Ela fala muitas frases sem citar números, ou de forma mais genérica, ou fala, mas deixa em aberto se é aquilo ali mesmo ou não. É bem mais complicado de checar as falas da Simone, porque ela fala menos coisas checáveis.

Felipe Grandin: E Lula e Bolsonaro, os dois falam bastante coisa checável, há um mix - lógico que não tem tanto número quanto Ciro, mas eles falam bastante, mesmo sem ter número, mesmo sem ter nada quantitativo, eles falam bastante coisa que dá para checar. Isso facilita o trabalho de checagem.

Laura Rocha do Nascimento: Então, quanto mais exato, mais fácil para vocês, não é? Quando fala um número e vocês conseguem dizer se está certo ou errado é muito mais fácil?

Felipe Grandin: Sim. Se ele fala assim: “Quando eu fui presidente, o Brasil tinha um PIB de tanto foi para tanto”. Aí se ele fala assim: “Quando eu fui presidente, o Brasil teve um crescimento maravilhoso”. O que é um crescimento maravilhoso, sabe? Então, se você falar coisas mais genéricas, que não dá para mensurar muito, o que é questão de opinião, não o fato, é difícil você checar. Fala assim: ‘Eu fui o melhor presidente da história’. Como é que você checa isso? Não tem medida para isso, é uma questão de opinião, ele acha que é. Esse tipo de frase, esse tipo de afirmação dificulta muito na checagem.

Laura Rocha do Nascimento: Sobre essa exatidão ou não, uma das classificações é a “não é bem assim”. Como que vocês definem o que vão colocar nessa classificação? Porque não é verdade, nem mentira, um pouco do que você estava falando.

Felipe Grandin: Exatamente assim. A gente tem as duas que são bem absolutas, que é o “fato” e o “fake” - mentira ou verdade – e agora você tem meias-verdades, você tem exageros, você tem monte de coisa entre essas duas categorias. É isso que entra no ‘Não é bem assim’. Ela é bem abrangente mesmo a categoria. E que é uma categoria que permite muito você dar uma contextualização do que você está falando.

Laura Rocha do Nascimento: Nas sabatinas, teve alguma frase que vocês simplesmente não conseguiram checar?

Felipe Grandin: Sempre tem, várias. Tem frase que não dá para checar. A gente pega a frase e tal, aí vê que não, não tem como checar essa frase, porque o dado não existe, ou não tem uma fonte para aquilo ali, porque, às vezes tem uma outra coisa que acontece também é colocar informações contraditórias, e você não consegue checar informações contraditórias, porque qual que você vai levar em consideração?

Laura Rocha do Nascimento: Como assim?

Felipe Grandin: Você fala uma coisa e depois fala outra coisa diferente. Isso parece não fazer sentido, mas as pessoas falam, fazem isso enquanto estão falando.

Laura Rocha do Nascimento: Não dá para checar isso?

Felipe Grandin: Não, por que qual você considera? Uma fala ‘A economia cresceu e tal’ e ‘Não, porque com a crise econômica’, uma queda do PIB e tal, qual que você checa? A que cresceu ou a que caiu?

Laura Rocha do Nascimento: Então, vale muito da entrevista como um todo, e não só da frase isolada, não é?

Felipe Grandin: É, a gente isola a frase para ser o mais preciso possível, mas se a gente vê, de repente, que tem alguma coisa contraditória ali, a gente tenta retirar pouco do contexto, se foi logo em seguida, quantas horas depois, a gente tem que avaliar.

Laura Rocha do Nascimento: E sobre a repercussão dessas matérias, como foi esse retorno?

Felipe Grandin: Sabatina foi a maior audiência do “Fato ou Fake”, a checagens de sabatina.

Laura Rocha do Nascimento: Desde que o “Fato ou Fake” surgiu?

Felipe Grandin: Não, mas na eleição, sim. Mas está entre as cinco mais. Se pegar ali Lula e Bolsonaro, entre as cinco mais.

Laura Rocha do Nascimento: Para entender melhor sobre o funcionamento do “Fato ou *Fake*”, que surgiu em 2018, como foi esse surgimento? Porque é algo que não tinha antes na Globo e vem tomando cada vez mais espaço. A gente vê já que o pessoal vai nos programas locais e checar uma informação. Quero entender um pouco até como foi o seu papel nisso, nesse crescimento do “Fato ou *Fake*” e um pouco mais sobre a história mesmo.

Felipe Grandin: O “Fato ou *Fake*” surgiu em julho de 2018. Àquela época, já tinha esse fenômeno da desinformação, das *Fake news* e tal, estava bem forte fora do Brasil. Em 2018, principalmente nessa época, já estava chegando forte no Brasil o aumento da desinformação, e a gente já conhecia outras iniciativas de checagem, e a casa sentiu que era o momento de ter um núcleo de checagem próprio para responder a essa desinformação. Acho que, durante muito tempo, a gente – os jornalistas em geral, agora não falando da Globo – pensava muito assim: a gente já separa o que é fato e o que é *fake*. Separa e publica o que é fato, e a gente joga o *fake* fora. Historicamente, o bom jornalismo é isso, tinha que checar. A checagem faz parte do trabalho jornalístico diário. Só que você checa e publica aquilo que é fato, aquilo que é verdade, e o *Fake* você ignora, você joga fora. Esse fenômeno mais recente que levou a checagem é o seguinte: as pessoas estão sendo expostas a *fake*, à mentira. Se você for pensar, há 20 anos ou mais, qual era a fonte do grosso das informações que as pessoas recebiam? Eram veículos profissionais, do jornalismo profissional, pela TV, jornal, revista, rádio, que tinham um filtro, lógico que de diferentes qualidades e tal, sempre existiu a desinformação, informação de baixa qualidade, o mau jornalismo também. Só que isso tinha uma penetração muito pequena e as pessoas tinham que ativamente buscar isso, entendeu? A pessoa podia simplesmente falar assim: “Eu leio, eu vejo o Jornal Nacional, vejo aqui um jornal impresso e tal, e é isso. Então, não preciso me preocupar com a desinformação”. O jornalista, por outro lado, e essa pessoa vai consumir o que eu tenho, então, está tranquilo, eu não preciso me preocupar com *fake*, com a desinformação, porque isso não vai chegar no leitor ou no espectador”. Se chegar, vai ser uma coisa mais marginal e tal, ele sabe que a principal fonte de informação dele é o veículo de jornalismo profissional.

Com a expansão da internet, principalmente das redes sociais, das mídias sociais, em aplicativo de mensagem e tudo mais, as pessoas passaram a receber um grosso volume, a maior parte do volume de informação que elas recebem não tem filtro, não tem fonte, não tem esse crivo jornalístico, não tem esse filtro profissional que tem essa preocupação de pegar o que é verdade e só colocar ali o que é fato. Então, as pessoas passaram a ter fonte alternativa de informações que não tem nenhum compromisso com nada. Então, não basta mais só a gente mostrar o que é fato, tem que desmentir o que é *fake*, porque a pessoa já foi exposta àquilo ali ou vai ser exposta em algum momento. Então, passou a ter um papel mais ativo nesse caso em relação ao *fake* e à desinformação, para a checagem. Tem essa virada de chave da checagem. Não basta só a gente filtrar mais, trabalhar, mostrar a verdade.

Laura Rocha do Nascimento: Você falou sobre como que surgiu o “Fato ou *Fake*”, e queria entender, desde então, qual foi a mudança que vocês sentiram e como que foi o seu papel nisso?

Felipe Grandin: Na época que surgiu, eu não coordenava o núcleo, quem coordenava era o Thiago Reis e foram principalmente três pessoas que coordenaram a criação. Eu participei também como repórter, mas a criação tinha principalmente os três: o Thiago Reis, o Fábio Gusmão e o Marcelo Moreira. Fábio Gusmão pelo “O Globo”, Marcelo

Moreira na TV [Globo], e Thiago Reis no g1. Foi esse trabalho conjunto e foi bem legal, acho que foi inédito combinar diferentes redações, que não era uma coisa muito comum. Teve um aspecto muito legal, foi logo uma eleição que foi superfalada, relevante, em 2018. De lá para cá, o modelo não mudou muito, o modelo que a gente faz, então, sinal de que deu certo, porque continuou funcionando. As mudanças maiores que teve foi de entradas na televisão, em termos de formato, mas de fazer não mudou. Eu acho que mudou, de lá para cá, acho que o volume aumentou de informação, se bem que tem sempre surtos nesse meio, vai e volta. A sofisticação também aumentou. A gente fez nessas eleições as primeiras *deep fakes*, se bem que não eram tão *deep* assim, tipo fez, alguns *fakes* mais elaborados e tal de vídeo, com ação de áudio, e tem uma estrutura maior, mais profissional na distribuição dos *fakes*. Então, isso com certeza foi uma mudança, certamente de volume, talvez não tanto na diversidade, mas no volume de distribuição, de circulação. Com relação aos temas, acho que de eleições muita coisa foi repetida. A gente teve nesse meio tempo, acho que talvez o trabalho mais importante do “Fato ou *Fake*” foi durante a pandemia, acho que foi o que teve o maior impacto assim, você conseguia ver, e foi onde a checagem podia realmente fazer uma diferença imediata na vida das pessoas, se elas saem de casa de máscara ou não, se vão tomar um remédio que não funciona ou não, se vão se vacinar ou não. Acho que ficou fácil de ver a relevância, o impacto que que você ter a informação correta tem na vida das pessoas. Às vezes, a gente faz algumas checagens, e você nem sempre vê: “Isso é importante, não é?”. A importância, muitas está na questão de você confiar nas fontes, de credibilidade e tal. Nesse caso, tinha uma importância bem prática, objetiva que a gente via no caso pandemia. Foi um trabalho muito importante salvar a vida das pessoas. Aí não só a checagem, mas o jornalismo como um todo, consórcio de veículos de imprensa. Mas eu acho que na pandemia foi quando ficou evidente, inclusive para mim, acho que foi quando a checagem, passei a dar uma importância muito maior do que eu dava antes para a checagem de informação.

Laura Rocha do Nascimento: E você ficou à frente do “Fato ou *Fake*” na pandemia ou foi antes?

Felipe Grandin: Não, já era na pandemia já, ano passado. Na pandemia, eu trabalhei muito no consórcio de veículos de imprensa, fiz bastante coisa, e a checagem também, bastante checagem de *Fake* de Covid. Mas sempre o cara que fazia o grosso de checagem era o Roney Domingos, no Fato ou *Fake*.

Laura Rocha do Nascimento: Hoje continua tendo esse formato que começou com um coordenador de cada veículo? Continua dessa forma?

Felipe Grandin: Hoje não tem mais o Gusmão, agora é editor de Rio, não está mais, o Moreira é diretor da TV em Minas. Então, hoje eu fico pelo g1 e o Daniel Biasetto pelo “O Globo”, a gente aqui toca mais no dia a dia, acaba ficando mais comigo mesmo essa coordenação. Mas nas eleições, todo mundo, participa e tudo mais, mas no dia a dia...

Laura Rocha do Nascimento: Você fica coordenação do “Fato ou *Fake*”, acima dos veículos? Funciona assim?

Felipe Grandin: Não, não é assim porque é horizontal, mas acabo ficando tocando o dia a dia. Não tenho autoridade sobre ninguém, porque é totalmente horizontal.

8.5 Apêndice E: Entrevista com Ali Kamel, diretor-geral de Jornalismo da Globo

Laura Rocha do Nascimento: O que você puder falar para contribuir de qualquer forma, o que você achar que é relevante numa pesquisa desse porte, eu estou à disposição. Então, o primeiro ponto que eu queria saber é em relação justamente à criação das sabatinas, foi um projeto seu idealizado lá em 2002. Então, eu queria entender: qual foi a preparação necessária para o surgimento das sabatinas como algo tão inédito? Como que vocês chegaram a esse formato?

Ali Kamel: Na verdade, isso começou em 2001. O presidente do Conselho Editorial do Grupo Globo, João Roberto Marinho, em outubro de 2001, tinha pedido a todos os veículos para a gente cobrir de maneira mais programática as eleições de 2002, pediu ideias e tudo mais. Eu tinha acabado de vir para cá, porque eu trabalhava havia 12 anos no “O Globo”. Andando na Lagoa, eu tive essa ideia, que era bem ousada na época, de levar as entrevistas para dentro dos telejornais, principalmente do JN, porque, até então, elas eram feitas – e são feitas assim no mundo inteiro até hoje - em programas especiais de entrevista. Então, no Brasil, era o Canal Livre, um programa de entrevistas longas e tudo mais. Aqui na Globo, em época de eleição, se fazia o “Palanque Eletrônico”, que também era uma produção maior em termos de tempo e feita de noite, mas não no “prime time”, não me lembro exatamente qual o horário, mas era tarde da noite. Eu achava que, como assunto mais importante, a eleição, tinha que ser dentro do jornal, e o João adorou a ideia. O Schroder, na época diretor de Jornalismo, adorou a ideia. Eu não sei qual era o nome que o meu cargo tinha, mas era o segundo na hierarquia aqui do Jornalismo. Era uma ousadia grande, havia sempre uma dúvida sobre a Globo desde o famoso debate de 1989, a edição do debate do JN. Em 2004, gente fez um livro sobre os 35 anos do JN, admitindo que a gente errou, não por má-fé, mas porque há erros que acontecem. Está tudo explicado no livro, eu recomendo a leitura, é um livro legal, debate-se Proconsult, Diretas e o debate. No Proconsult, não teve erro nenhum, só mistificação. Diretas tinha lá a censura, e a gente errou na escalada do JN. Aí a minha ideia era levar para dentro do JN principalmente. Havia o temor de os candidatos não aceitarem, porque havia essa dúvida: como é que a gente vai fazer? Há riscos? Vão editar? A minha ideia para contornar essa possível dificuldade era dizer que a entrevista seria sem cortes, sem nenhuma edição. Se a gente, se o Bonner e a Fátima errassem, o erro iria para o ar. O Bonner não queria que ela fosse ao vivo, embora ele soubesse que a entrevista seria exibida tal como ela ocorresse, se tivesse um erro, seria mostrado. Era uma forma de tirar qualquer sombra de dúvidas sobre a nossa intenção. Ficou assim até que a Renata Lo Prete, que trabalhava na Folha, me ligou e disse: “Ali, uma coisa que eu não estou conseguindo entender: se a entrevista vai ao ar mesmo com possíveis erros, por que vocês não estão fazendo ao vivo?”. Realmente, uma coisa maluca. Aí eu falei para o Schroder: “Schroder, isso não faz o menor sentido”. O William já estava bem mais calmo e falou: “É, não faz sentido, vai ao vivo”, e acabou indo ao vivo.

A outra dificuldade é que, em jornalismo, você está trabalhando aqui e sabe, você tem que ser isento, honesto, correto, para dentro e para fora. Se você em agosto deste ano, tivesse que entrevistar o Lula, sendo uma jornalista boa, você saberia fazer dez perguntas, as perguntas que têm que ser feitas. Só que, naquela primeira vez, se isso viesse como um pacote, feito pelo Bonner ou feito por mim, as pessoas iriam achar que foi o dr. Roberto, que ainda estava vivo, ou o João, ou eu. Essa pergunta que é mais difícil ou menos difícil, uma encomenda. Eu precisava convencer os próprios colegas de que as perguntas seriam feitas porque eram as que precisavam ser feitas. Então, eu também bolei um processo de produção que tinha gente para burro. Eu tenho até a foto aqui do fim do primeiro ciclo das entrevistas e dos debates, com as pessoas brindando com champanhe. E eu formei, pela primeira vez, esses núcleos: cada um ficava com um candidato. O Franklin Martins, que depois até virou assessor importante do Lula etc e tal, ficou coordenando, eu nem

participava porque eu sabia quais eram as perguntas que tinham que ser feitas, eu confiava na turma, e as perguntas viriam a ser as que eram as mais corretas, e veio um monte de perguntas. A gente escolhe as melhores e, mesmo essas, aí, sim, passam por um crivo, a gente adapta, o Bonner palpita, eu palpito, todo mundo palpita do início ao fim na formulação, em como elas têm que ser. Na dicção dela, no jeito de perguntar. Tem de ser o jeito dos entrevistadores.

Esses grupos, não é que eles estudam a vida do candidato, eles estudam tudo o que os candidatos falam sobre aquela pergunta. "Lula, qual vai ser a sua política econômica?", mil perguntas assim são feitas, não é? E ele responde, mais ou menos, a mesma coisa. Então, a gente nunca vai fazer uma pergunta: "Lula, qual vai ser a sua política econômica?". A gente vai tentar fazer uma construção que surpreenda, assim: "Lula, você tem dito que a sua política econômica vai ser 'assim ou assado', mas, no entanto", e a gente faz uma pergunta em cima das respostas que ele vem dando. Esse ano, eu disse aos colegas que o futuro é previsível. A menos que o Lula tivesse um enfarte ou Bolsonaro resolvesse estapear a Renata ou o Bonner, a gente consegue saber exatamente por onde eles vão, e é impressionante, eles vão. A gente raríssimamente é surpreendido. Não digo que nunca tenha acontecido, mas raríssimamente a gente é, porque a gente estuda tanto o que eles vêm dizendo, que a gente traz para o presente. A gente entra na entrevista com muito nervosismo. Esse ano, então, foi a pior das entrevistas, o pior dos ciclos de entrevistas, porque teve uma importância monumental, mas a gente sabia exatamente aonde a gente ia.

Então, esses grupos funcionavam lá atrás com essa intenção de, diante de um ineditismo, reiterar ao público interno de que: "Olha, aqui a gente aqui vai fazer jornalismo". Isso funcionou bem na primeira, na segunda. Hoje em dia, não precisa mais fazer, todo mundo tem essa confiança. A segunda intenção permanece: os grupos continuam com o objetivo de saber o que os candidatos dizem acerca de um tema, para que a gente não faça perguntas ingênuas, para que a gente preveja o futuro e se mova a partir dessa previsão. Os grupos também têm uma missão de "Eu tenho que ser 30% forte, 30% programático", para que as entrevistas, se a gente pudesse colocá-las num diagrama, elas se equivalessem em termos de dificuldade, e a gente consegue isso. Feitas as perguntas no bruto, por esses grupos, um grupo muito menor, que esse ano foi composto por mim, Bonner; Renata; Villela, Miguel, (algumas vezes, eu chamei o Vinícius) se reúne por dois meses antes, e a gente prevê o futuro. O objetivo desse grupo não é a gente ensaiar, entendeu? A gente não faz isso. O objetivo desse grupo é a gente testar se as nossas previsões têm chances de acontecer. Então, várias perguntas que a gente pensou que seriam maravilhosas, no decorrer da coisa, a gente diz: "Isso aqui não está legal porque ele vai encontrar essa saída aqui, que não vai levar a nada. Então, vamos tentar... Essa aqui, não".

Para você ter uma ideia, as entrevistas mais difíceis podem ser as mais simples. A entrevista com a Simone Tebet, que não tinha aquela importância toda, e tinha também 40 minutos, foi uma dificuldade, porque o que você ia perguntar para Simone Tebet, num ambiente de tanto radicalismo? Temos de lembrar que as entrevistas idealmente devem se equivaler em termos de dificuldade, sem artificialismos. Acabou ela se revelando fundamental na eleição do Lula, mas foi muito difícil. Para o Bolsonaro, você tem que ter a coragem de formular as perguntas necessárias, dado o histórico dele com a imprensa, a segurança de saber por onde ele vai, e isso é muito difícil. Mas também é difícil você fazer uma entrevista com alguém que você não precisa ter coragem nenhuma. Um de nós - esse ano, o Miguel desempenhou muito essa função - incorpora o personagem. Ele estudou muito tudo, e isso funciona também para a Central das Eleições, nas entrevistas. Nos primeiros anos, a gente fazia isso: entrevistas no Bom Dia e no JG, mas é um tour de force que se revelou improdutivo, porque você dilui. O impacto do JN está sempre preservado e, os outros, você vai ficando cada vez mais: "De onde eu vou tirar?" É quase tirar leite de pedra. Então, a gente abandonou o Bom Dia, não me lembro em que ano, você vai ter que

pesquisar. Depois, a gente acabou abandonando o JG, e, agora, a gente fica só com o JN. No início, as entrevistas do JN tinham 10 minutos e, por isso, elas ganharam fama de ardidias, e o Bonner e a Fátima e os outros entrevistadores ficaram com uma imagem de que interrompiam muito, mas é porque, em 10 minutos, você não pode dar chance de o entrevistado sair muito. Depois, a gente aumentou para 15, 20 e, esse ano, eu falei: “Não, é preciso acabar com essa impressão de que a gente, de que os entrevistadores interrompem muito, vamos botar 40 minutos”. Acabou dando certo. Quarenta minutos, eu acho que funcionou muito bem.

É um motivo de muito orgulho a centralidade que as entrevistas do JN ganharam no calendário eleitoral, é incrível. A quantidade de manchetes produzidas nos principais *Sites*, nos principais jornais impressos a cada ano desde 2002. Aqui na parede, nesses quadros, você tem, de 2002, o Chico Caruso, que estava no auge da sua forma. Aqui você tem, 2006: “Vitória política só a do JN”. Aqui: “A televisão testa os candidatos”, um editorial do “Estadão” em 2002. Aqui “O Globo”, “12 minutos e 10 segundos para a história”, você vê, 12 minutos, de 2006. Aqui você tem: “Não diga, presidente!”, “Em entrevista incisiva, Jornal Nacional obtém novas versões de Lula sobre os escândalos no governo”, 2006, foi depois do Mensalão. Por que a gente obteve novas versões? Porque a gente estudou tudo o que ele dizia, e, então, a partir do que a gente sabia que ele iria dizer ele, a gente já formulou na pergunta: “O senhor tem dito isso, isso, e isso”. E fez a pergunta a partir das respostas que ele insistentemente vinha dando e encontrando nelas algum ponto que levasse a questão adiante. Ficava difícil ele se repetir mais uma vez, porque na pergunta se avançavam algumas casas. Na época, era o auge dos jornais impressos, então, aqui, “William Bonner para a presidente”, também elogiando, em 2010, ou seja, 2002, 2006, 2010, as entrevistas continuavam relevantes. Aqui, em 2010, e por aí vai. Ganhou centralidade no debate eleitoral. Este ano, aliás, eu não guardei nenhum jornal para a minha coleção. Esse ano, foi assim também, manchete de primeira página. Tudo isso foi manchete de primeira página.

Esse ano, foi ainda mais intenso por uma razão: ano passado, eu estava superdeprimido porque eu falei: “São 20 anos que fazemos essas entrevistas, e Lula vai ser candidato, Bolsonaro vai ser candidato. Bolsonaro tem péssima relação com a imprensa, ele não vem à entrevista”, que eu não chamo de “sabatinas”, isso é um modismo. Você vê: nenhum jornal chamava de “sabatina” e, de repente, esse ano começaram a falar de “sabatinas”, e virou “sabatina”, não entendo por quê.

Laura Rocha do Nascimento: Por que você não gosta?

Ali Kamel: Porque são entrevistas. Sabatinas? A *GloboNews* chamou uma vez de “sabatina”, porque eram nove entrevistando. Então, era uma bancada de entrevistadores, mas agora tudo virou, você faz uma entrevista, é uma “sabatina”. Não é “sabatina”, é “entrevista”.

Retomando, eu estava deprimido, porque eu falei: “O Lula, também supermagoado com a cobertura, não nossa, mas da imprensa de modo geral, do escândalo da Lava Jato, não vem. “No ano do 20º aniversário, então, a gente vai ter os dois principais candidatos, os dois adversários sem vir ao JN, que chato, que droga”. Quando começou 2022, eu notei que nem o Lula, nem o Bolsonaro iam a nada. Nada, nenhuma entrevista. Aí eu fiquei mais conformado dizendo assim: “Bom, não será um desprestígio para o JN, será um desprestígio para eles, porque eles não estão indo a nada. Se isso se confirmasse, eu até pensei num editorial para a semana das entrevistas criticando o fato de não virem aqui como a nenhum lugar. Só que a coisa do JN ganhou uma importância tão grande que eles começaram a dar sinais de que viriam. O primeiro a aceitar foi o Lula. O Bolsonaro tentou impor condições de fazer lá no Palácio, mas a gente, desde 2014, decidiu que não faria mais no Palácio, porque sempre gera um ruído nos outros candidatos. Os candidatos

tinham um prazo para dizer se vinham ou não, meia noite de uma quinta-feira. E nesse horário Bolsonaro disse que só daria entrevista se fosse no Alvorada. E eu, em casa, falei assim, não tem jeito, regra é regra: “Então, ele não vem”. Demos no gl dizendo que Bolsonaro impôs condições e não viria. Na manhã seguinte, a equipe dele mandou um recado pelo assessor, dizendo: “Não, foi um mal-entendido, ele apenas manifestou uma preferência, mas ele vai aí, sim, sem problema nenhum”. Eu fiquei muito dividido, porque eu fiquei muito feliz com esse prestígio, eles não foram a lugar nenhum, fora esses podcasts amigos, de ambos os lados, eles não tinham ido a nenhum veículo, não foram à “Folha”, não foram ao “UOL”, não foram ao Estadão, à “CNN”, não foram a nada, zero. Foi uma demonstração de superprestígio. Eu estava superfeliz, mas eu falei: “Meu Deus, onde eu fui meter a minha mão? Porque vai ser a coisa mais difícil da minha vida fazer essas entrevistas. Pelo clima que se instalou no país. Mas a nossa sorte é que não tem improvisado na Globo, é muito importante frisar isso. Então, mesmo eu, em 2021, temendo que eles pudessem não vir, eu não desarme o esquema, a gente manteve o esquema, a gente fez tudo como se tivéssemos a certeza de que viriam. Então, quando eles decidiram vir, a gente ficou tenso, mas o dever de casa estava feito.

Outro aspecto interessantíssimo é um paradoxo: como eu disse, as entrevistas ganharam manchete de todos os jornais, todos. E, se ganharam, é porque havia densidade no que foi dito, no que foi revelado etc e tal. Portanto, as entrevistas foram ótimas. Mas os críticos de TV ficavam tentando ensinar ao Bonner e à Renata como fazer uma entrevista: “Eles deviam ter feito isso”, “eles deviam ter perguntado aquilo”, “eles deviam ter perguntado aquilo outro”. É ridículo isso porque, primeiro, mostra que eles não conhecem o que chamei de dever de casa. E, segundo, porque se eles estivessem sentados naquela bancada, eles não funcionariam. Bonner e Renata são os melhores da TV nesse quesito. Eu vejo as entrevistas deles, que eles fazem e que são transmitidas na internet, e não vou citar nenhum órgão de imprensa, mas eu fico dizendo: “Meu Deus, em muitos casos eles não se preparam”. Se interrompem uns aos outros, não demonstram saber para onde os candidatos costumam ir. E os entrevistados acabam por fugir de temas importantes, entendeu? Um crítico, digamos assim, que eu prezo muito, esse eu prezo demais, é um supercara, esse não citou o JN, não citou, não criticou, mas ele falou assim dois dias depois de uma das entrevistas: “Um entrevistador deve fazer perguntas curtas, simples, diretas”. Ele queria que a gente perguntasse assim: “O que o senhor fez na pandemia?”, “por que o senhor não comprou vacinas?”. E assim por diante. Meu Deus, se a gente fizesse isso, a gente estava no chão. A pergunta do Bolsonaro sobre a pandemia começava uma contextualização. Então, nós dissemos: “O senhor agiu assim, fez tal declaração, deixou de fazer isso”. Iá se lembrando ao público a sequência de fatos, porque a pandemia já ficou lá atrás. É preciso refrescar tudo, e aí fazer uma pergunta cujo objetivo é confrontá-lo com o legado dele na pandemia: “O senhor não teme ser julgado, senão pelos eleitores, pela História?” Essa é uma pergunta fundamental de fazer. A primeira pergunta era: “Olha, o senhor já disse isso, já disse isso, já chamou de canalha um ministro do Supremo. O que o senhor pretendia fazer? Dar um golpe?” Pergunta superdireta, mas eu não posso perguntar para ele, assim: “Presidente, o senhor pretende dar um golpe?”. Ele ia dizer: “Mas por que você está dizendo isso? Eu ando nas quatro linhas da Constituição”. Aí, segundo o crítico que mencionei há pouco, os entrevistadores deveriam ir dizendo aos poucos tudo o que estava na contextualização que abria a pergunta. Ora, a entrevista acabaria sem sairmos da primeira pergunta, são 40 minutos. Então, os entrevistadores fazem uma contextualização e perguntam: “O senhor quer dar um golpe?” Isso sim é mais direto. A gente previu que ele, talvez, negasse algum fato, então, a gente tinha lá: ele chamou o ministro de ‘canalha’ no dia 7 de setembro, caso o William não lembrasse o dia exato, o que não aconteceu. A gente fica no ponto, não é soprando nada no ouvido, mas você imagina: o William ali não pode ficar vendo no papel quando é que foi. Se escapar a ele, a gente lembra.

William e Renata, nas nossas discussões, participam ativamente da elaboração das perguntas. E, por isso, sabem muito bem por onde caminhar. Eles sabem que tem ‘réplica A’, ‘réplica B’, ‘réplica C’, porque a resposta pode ir por um caminho ou outro. Mas, na

hora, são 50 milhões, 60 milhões, 70 milhões de brasileiros assistindo, eles podem esquecer alguma numa hora. Para esses casos, raros, há uma ajuda no ponto: “réplica B”.

Outra coisa é que, em 2002, aqueles entrevistados saíram todos reclamando e, em 2006, os novos concorrentes sentaram-se na mesma bancada. Em 2010, os candidatos estavam aqui, em 2014, em 2018 e 2022 também. Então, a História sempre nos absolve no sentido de mostrar que, se a gente tivesse feito errado, no sentido de um errar contra os princípios editoriais do bom jornalismo, só teríamos tido um ciclo de entrevistas, nunca mais ninguém voltava: “Eu não vou voltar lá, não, olha o que vocês fizeram em 2002”, “eu não vou voltar, não, aquilo que vocês fizeram em 2010, com o Serra, não se faz”, “não, eu não vou voltar porque aquilo do Alckmin em 2018, eu não vou voltar”. Mas as pessoas, passada a raiva do momento, que é até algo de teatral dos candidatos quando se saem mal, há um reconhecimento do mundo político e do público de que: “Não, esses caras são sérios”. E eles voltam. Bolsonaro se sentou aqui, em 2018 e 2022; Lula veio em 2002, 2006 e 2022. Isso demonstra o reconhecimento de todos de que agimos com correção. As entrevistas acabam por demonstrar a credibilidade do nosso jornalismo.

Outra coisa que eu repito sempre é que, quando você tem 1.500 profissionais ligados ao Jornalismo, não há nenhuma ordem que você possa dar que não seja legítima, porque, ainda mais com rede social, com e-mail anônimo, ninguém pode chegar e dizer assim: “Faz essa coisa errada assim”. Não há como. Eu sigo os princípios editoriais e é muito frequente que eu diga: “Essa pauta não acho legal”. As pessoas me dizem: “Mas onde é que está escrito isso nos nossos princípios?”. Aí eu mostro, porque eu sei de cor e salteado. Mas pode acontecer, por hipótese, de eu dizer que não e eles dizerem: “Mas aqui, isso aqui não se enquadra?”, e eu: “Ah, é verdade, eu estava sendo vítima de uma idiossincrasia minha”.

Laura Rocha do Nascimento: Eu queria saber sobre as surpresas. O que te surpreendeu nessas entrevistas?

Ali Kamel: Foram raras. Eu não acreditava que o Bolsonaro ia dizer que: “Você fez *fake news*, porque eu não chamei ninguém de ‘canalha’”. Como assim? Ele chamou, o Brasil inteiro sabe. Mesmo assim, tínhamos lá anotada até a data de quando ele disse..

Laura Rocha do Nascimento: Algum tema é vetado de alguma maneira?

Ali Kamel: Não tem nenhum tema, nada.

Laura Rocha do Nascimento: Pensando nessas regras, voltadas agora para os entrevistados, tiveram reuniões com os assessores e que ali eram apresentadas as regras aos entrevistados. Eu queria entender um pouco: quais são essas regras?

Ali Kamel: Não, essas reuniões são para os debates. Para as entrevistas, a gente não fala nada, zero.

Laura Rocha do Nascimento: Para as entrevistas, essas reuniões com os assessores, não tem as regras para os para os entrevistados?

Ali Kamel: Não, nós somos obrigados pela legislação eleitoral que o Brasil tem a nos submetemos aos partidos quanto aos debates eleitorais. As entrevistas são meramente jornalísticas. Então, a gente não negocia. A gente diz: “As entrevistas serão aqui”, “As entrevistas serão no Projac”, “As entrevistas não serão no Palácio do Planalto”, “Elas terão 40 minutos”. Eles até podem dizer: “Eu preferia que elas tivessem 50”. Não terão 50, elas

terão 40 minutos. Nós temos a palavra final. Então, não tem nem reunião, a gente manda por escrito.

Laura Rocha do Nascimento: Entendi. Na verdade, eu não queria saber sobre tema, ou que entre aqui em discussão quais assuntos vão ser abordados aos entrevistados. A pergunta é sobre o que eles podiam levar, por exemplo. O Ciro trouxe um livro. O que era autorizado aos candidatos e o que não era?

Ali Kamel: Nós é que dizemos, não é uma negociação. A gente, normalmente, diz que eles não podem exibir um documento por uma razão só: porque a gente não tem na hora como checar autenticidade daquele documento. Agora, o Lula leu as medidas de transparência que o governo dele adotou. Eu não posso chegar e falar: “Decore 20 medidas e traga na sua memória”. Eles podem consultar, mas eles não podem exibir um documento, e a gente repete isso nos debates também. Lá, em 2002, sim, houve várias reuniões porque eu tinha que convencê-los de que as entrevistas seriam uma boa oportunidade, era algo inédito. Então, me lembro, eu mesmo fiz as reuniões, eu fui, mostrei o plano de cobertura: “Haverá entrevistas no JN, no Bom Dia, no Jornal da Globo”. O Jornal Nacional era bem mais curto, por isso que as entrevistas eram curtas também, então, proporcionalmente ao tempo do jornal, elas não eram tão curtinhas, 10 minutos, mas o jornal devia ter 30, ocupavam um terço do jornal. E eles diziam: “Mas tem certeza de que vai ao ar aquilo que for gravado?”. “Vai”. Naquela primeira, eu precisava ganhar a confiança deles, então, não é que eu negocie, mas eu me expliquei muito. Mas, hoje em dia, a gente diz: “Vai ser 40 minutos”, “Vai ser 45”, “1 hora de entrevista”. Mas, de regra mesmo é não mostrar documentos, como é que a gente vai saber se aquilo é verdade ou não? Se ele exibiu uma matéria de jornal, o William teria que perguntar: “Deixa eu ver aqui? Não, essa uma fotocópia, não sei se é verdadeira”. É essa a razão.

Laura Rocha do Nascimento: Além dessa, não tem mais nenhuma orientação aos entrevistados?

Ali Kamel: A orientação é dada na hora: “Sua câmera é aquela lá, não se preocupe com câmera, porque a câmera vai te pegar”, “Você fala comigo, mas, se você quiser dar um recado, olho no olho, use aquela câmera”. A gente nunca permitiu, obviamente, que, no estúdio, entre nenhum assessor. Eles têm que entrar sozinhos no estúdio para que a gente não seja acusado de alguém fazer um gesto e lembrá-los de alguma coisa. Isso são regras fáceis.

Laura Rocha do Nascimento: Quantos profissionais estiveram envolvidos nas entrevistas?

Ali Kamel: Poucos. Em 2002, foram 70, me lembro desse número, era uma multidão. Hoje em dia, não é mais preciso, talvez sejam 20, 30.

Laura Rocha do Nascimento: Retomando um pouco a trajetória desde 2002 até aqui, no livro do JN, vocês falam sobre como que o Tribunal Superior Eleitoral mudou um pouco e permitiu que não houvesse ruído sobre quais candidatos são chamados e os que não são. Pode me explicar um pouco melhor isso?

Ali Kamel: Na Lei Eleitoral tinha uma cláusula – e correta, que está em vigor até hoje – dizendo que as emissoras de rádio e televisão não podem privilegiar candidatos. Lá atrás, muito antes dessa de 2002, se entendia que você, então, tinha que chamar todos os candidatos para participarem da entrevista. Aí o Supremo Tribunal Federal disse que não. No Brasil, é uma coisa louca: debate presidencial ou de governador está inserido no capítulo da propaganda eleitoral. A legislação entende que um debate é parte da

propaganda eleitoral, por isso que o Bonner não faz perguntas. A gente se recusa a participar dessa pantomima que as outras emissoras fazem porque, se você viu os debates é assim: “Candidato pergunta a candidato”, e entra: “Agora, os jornalistas farão perguntas”. Ele pergunta A, o candidato responde C, e o jornalista não tem o direito nem a oportunidade de dizer: “O senhor respondeu C, eu perguntei A”. O que é isso? Em que mundo a gente está? Então, as outras emissoras fazem perguntas que são perguntas com pouca serventia, entendeu? Então, a gente não faz isso.

A gente conseguiu, em 2002, fazer perguntas complementares, que foram tão legais que nunca mais ninguém mais aceitou. Ao fim da troca entre os candidatos, o mediador, que era o Bonner, podia perguntar: “O senhor falou sobre um assunto. O senhor poderia aprofundar esse tema?”, e eles ficavam numa saia justa. Retomando a questão das entrevistas, o Supremo Tribunal disse que não, que entrevista é da esfera do jornalismo, e o jornalismo é protegido pela liberdade de imprensa. Então, permitiu que as emissoras de rádio e televisão, praticando o jornalismo, chamassem os candidatos de acordo com algum critério. E o critério que a gente escolhe são os mais bem colocados nas pesquisas. Então, sempre tem um candidato que entra na Justiça dizendo que quer ser entrevistado. Esse ano, teve, mas a gente sempre ganha, porque a lei nos ampara. Eu poderia estabelecer que o critério é tamanho da bancada, eles aceitariam, mas isso não é jornalístico, jornalístico é a pesquisa eleitoral, que mostra a relevância do candidato, um candidato pode ter 1% e ser maior bancada.

Laura Rocha do Nascimento: Para fechar, entendendo os resultados das entrevistas deste ano, o que você acha da evolução desde 2002? E, chegando aqui, quais foram os pontos altos, para você, desse último ano?

Ali Kamel: Eu acho que a evolução foi incrível. Se você for consultar lá em 2002, elas eram, por uma questão de tempo, mais ardidadas. A gente foi evoluindo na técnica, no conhecimento técnico. Tem série americana chamada “*The News Room*”, eles mostram como uma grande iniciativa antes de um debate o ensaio, cada jornalista desempenha o papel de um candidato em primárias, e o mediador é posto à prova. A gente não faz isso, mas a nossa técnica é muito vitoriosa. A gente pesquisa tudo o que os candidatos falam e, como já expliquei, prevê o futuro e ganha o domínio da entrevista. A gente evoluiu na questão do tempo. Hoje, a gente tem muita convicção de que, quanto menor a entrevista, pior ela fica, no sentido de que você pressiona demais o candidato e os entrevistadores, e a impressão que você causa no público é de que os entrevistadores estão interrompendo muito. Os resultados, em termos de colocar a Globo e o Jornal Nacional como o centro do debate jornalístico, é incrível. Você vê pelas manchetes desde 2002, e elas se repetem a cada eleição, e olha que são todos concorrentes nossos, ferozes, críticos da Globo. E as entrevistas que eles fazem não produzem as manchetes que nós produzimos, isso é incrível. Então, acho que, esse ano, os pontos altos foram aqueles que eu te disse: os dois candidatos que ameaçaram não vir, vierem, isso foi uma coisa legal. As entrevistas, eu acho que foram equilibradas no sentido de dificuldades iguais, e a repercussão delas, enorme. Para o futuro, eu acho que vai ser sempre assim, de 40 minutos, porque, mais do que 40 minutos acaba sendo TV fechada, o público da TV aberta, não aguenta. A audiência foi espetacular esse ano. É incrível, foi recorde de audiência tanto a do Bolsonaro quanto a do Lula, porque, nos outros anos, num país em que as coisas estão normais, as entrevistas ganham uma repercussão incrível nos jornais, mas a audiência do JN não aumenta tanto, entendeu? Não cai, mas é como se o público dissesse: “Está aí. É isso que a gente espera de vocês”. Esse ano, virou tipo: “Vamos ver o que que vai acontecer”. Virou clima – muitas pessoas usaram essa expressão – clima de Copa do Mundo. As pessoas pararam para ver, a gente tem fotos das pessoas vendo nas ruas, em bares etc e tal. Também foi recorde no *Globoplay*, foi recorde no g1. A *GloboNews* também divulgou as reprises, então, foi uma audiência espetacular.

8.6 Apêndice E: Entrevista com Ricardo Villela, diretor de Jornalismo da Globo

Laura Rocha do Nascimento: Como é feita a preparação para as sabatinas do Jornal Nacional? Gostaria de entender como é o processo, quantas pessoas são envolvidas e quais objetivos.

Ricardo Villela: A primeira coisa importante: esse processo de preparação das pesquisas Jornal Nacional vem desde 2002. Há muito tempo que a gente faz, e não é só o Jornal Nacional, é de todos os telejornais que entrevistam candidatos, até no local. Esse ano, a gente teve eleição para governador e se formularam perguntas para os candidatos do Rio, para os candidatos de São Paulo, de Minas, de Recife e do Distrito Federal. Então, em todos esses lugares, é mais ou menos parecido. É claro que quando você vai para uma escala de jornal de rede, jornal nacional, você tem mais recurso, porque é o nosso produto mais importante. Normalmente, até as últimas eleições, excluindo essa, esses grupos, a gente não tinha vivido uma pandemia, não tinha aprendido as maravilhas do Teams, do Zoom etc. Os grupos eram muito localizados, a gente entregava candidatos para uma das praças resolver. Por exemplo, o Ciro Gomes. O Ciro não é um exemplo, porque não é Globo lá em Fortaleza, é uma filiada, mas um candidato muito ligado à São Paulo, como o Alckmin, que foi candidato a presidente outra vez. Era natural que São Paulo formasse um grupo para pesquisar a vida dele, os governos dele, as ideias dele, o programa dele e formulasse perguntas, aí assim sucessivamente. Nesta vez, eu montei grupos que não estavam atrelados numa cidade só. Eu peguei todas e nem a uma plataforma só. Então, eu montei grupos que tinham gente do g1, da *GloboNews* e da Globo, que estavam em Recife, Rio, São Paulo, Brasília, espalhados. Lá no começo do ano, parecia que os candidatos mais importantes seriam Lula, Bolsonaro, Ciro, Doria e Moro. Eram esses.

Então, num primeiro momento, eu preparei, eu separei um grupo de 5 ou 6 pessoas para cada um desses. E aí, se é um candidato como o Lula, que tem o histórico da Lava Jato, ou o Moro, que também tem, em cantos opostos, eu precisava envolver, então, gente de Curitiba e de Brasília, que tinha um repertório sobre isso. E, assim, estava, em cada um dos grupos tinha. Se é um candidato como o Ciro Gomes, é legal envolver alguém do Recife, porque tem o conhecimento do Nordeste, de onde o Ciro fez a maior parte da carreira política dele, e assim sucessivamente. Ao longo do processo, com a desistência do Moro, com a desistência do Dória, eu fui mexendo nos grupos para poder chegar nos cinco, no final das contas, que eram os que entraram na reta final, na semirreta final, na curva final, porque depois o Janones saiu também. Aí quando Janones saiu, ficamos só com esses quatro e ficaram quatro grupos para tratando desses quatro candidatos. Mas o Janones chegou a ser entrevistado na *GloboNews* e pelo podcast "O Assunto". Então, alguma coisa do trabalho feito para preparar Janones foi aproveitada naquele momento. Mas no final, não, no final, para, mirando o Jornal Nacional, eu tinha gente de várias praças, de várias plataformas, de vários telejornais, de várias áreas, pesquisando esses quatro candidatos que estavam mais bem colocados nas pesquisas ao fim do primeiro turno.

E aí é um exercício de pesquisa enorme sobre a vida deles, pesquisa-se é história de vida, governos passados e programa de governo. E esses grupos vão elaborando perguntas, propostas de perguntas que, claro, são, depois, trabalhadas e retrabalhadas até chegarem no formato que a gente considera ideal para perguntar a cada candidato, e sempre tomando um cuidado muito grande de impor aos candidatos o mesmo nível de dificuldade, o que é sempre um desafio, porque são candidatos com histórias desiguais, são histórias diferentes. Os candidatos que governaram mais vezes têm mais história para ser contada ou confrontada, e candidatos que governaram menos, têm menos história, para ser confrontada, e o objetivo da entrevista é mostrar o candidato por inteiro, sua história e

suas ideias. Sua história pública e suas ideias. Então, até que se chega num modelo final, em que a gente tem as perguntas que a gente formula, e o William e a Renata fazem lá na bancada. Essa introdução, se você quiser saber mais alguma coisa.

Laura Rocha do Nascimento: Sim, por favor. Você me explicou um pouco sobre essa antecedência dos grupos, tanto que tinha o Dória, o Moro. Qual é essa antecedência que vocês fazem?

Ricardo Villela: A gente começou lá para abril, maio. Foi com bastante antecedência e tinha muita reunião. Aí eu deleguei para os grupos, e eles ficavam fazendo reuniões entre eles, sem a minha participação, e eles me trouxeram no final das contas o resultado do trabalho deles. Aí, ao longo dos últimos dias, a gente volta a fazer pergunta, checar todas as informações para saber se tudo que a gente tem ali é correto, é preciso. A gente vai depurando muito a pesquisa do grupo sobre o candidato. Para o William e a Renata irem para a bancada bastante especialistas no candidato com o que eles vão entrevistar.

Laura Rocha do Nascimento: Sobre a elaboração das perguntas, depois desse processo dos grupos, eu queria entender como que é feita essa elaboração, junto com o Bonner e com a Renata e quais são os critérios que vocês estipulam para priorizar alguns assuntos em detrimento de outros?

Ricardo Villela: São critérios puramente jornalísticos, viu, Laura? No frigar dos ovos, é o que é relevante na história daquele candidato. E você precisa ter um equilíbrio entre as perguntas, entre coisas que são programáticas e coisas que dizem respeito à história de vida do candidato, da vida pública dele. Então, basicamente, é tentar ser objetivamente jornalístico nas escolhas e ser justo na formulação. E a formulação, como eu te falei, os grupos chegam a formular sugestões de perguntas que é claro que a gente relê e trabalha em cima delas, o William trabalha em cima delas. A gente trabalha em cima delas para ter, no final das contas, uma entrevista que seja consistente e relevante e que revele as ideias daquele candidato.

Laura Rocha do Nascimento: Em relação a algumas mudanças que a gente teve esse ano, como o aumento do tempo, a mudança de lugar, eu queria entender como que isso impactou o trabalho.

Ricardo Villela: O aumento do tempo foi muito bem-vindo, porque nos permitiu fazer a Entrevista fluir com mais naturalidade. Quando a gente tinha menos tempo, a gente era obrigado, como assuntos que são obrigatórios, porque você olha jornalisticamente, obrigatórios, te obrigava a dar muito menos tempo para o desenvolvimento de cada ideia. Com esse tempo maior desse ano, a gente conseguiu deixar os candidatos mais à vontade para desenvolver suas ideias. Então, isso só veio em benefício mesmo, deixou as coisas mais fáceis do que difíceis. Isso melhorou a nossa vida e a vida dos candidatos também, eu acho. E o fato de ter mudado de lugar nenhum, não faz diferença, mas a gente fazer lá nos estúdios Globo, só nos deu um conforto maior tecnológico, enfim, um estúdio, uma cara mais especial para o estúdio, mas, no ponto de vista do processo, a mim não incomodou nada. Só pensei em dirigir mais até chegar lá do que faço para chegar aqui.

Laura Rocha do Nascimento: Pensando na audiência, os números agradaram?

Ricardo Villela: Sim, foi espetacular audiência. Foi um recorde de Jornal Nacional no ano, principalmente a do Bolsonaro e do Lula. Foi fenomenal.

Laura Rocha do Nascimento: Para fechar esse panorama das sabatinas, em relação ao pós, a conduta na internet, no “Fato ou *Fake*”, por exemplo, quais são as orientações esse pós e se houve alguma mudança editorial de 2018 para 2022?

Ricardo Villela: Teve uma mudança que, este ano, nós autorizamos os candidatos e os concorrentes a separarem trechos da entrevista e publicar nas suas redes sociais, enfim, que a gente não costumava deixar isso, mas o mundo evoluiu, hoje em dia, ainda que não deixássemos, eles iam fazer do mesmo jeito. E a gente também esse ano deu longos trechos de tamanhos equivalentes para cada candidato na *GloboNews* e no Jornal da Globo, depois da entrevista acontecida. Essas são inovações desse ano e serviram só para a gente dar mais repercussão para a entrevista.

Laura Rocha do Nascimento: Pensando também no pós, sobre o resultado das sabatinas, houve algum resultado que não agradou? Alguma coisa que vocês pretendem melhorar para 2026? Algo que vocês pretendem repetir?

Ricardo Villela: Não, acho que a gente deve... Isso muda muito a cada ano, não é? Qual é a nossa expectativa? Eu sou muito satisfeito com o resultado, muito mesmo. Eu só começaria antes ainda para ter mais tempo no final, porque a gente fica muito dedicado nos dias finais, e eu acho que se a gente fizer tudo com mais antecedência, vai ser mais confortável. Mas a gente ficou satisfeito com o tamanho maior, então, acho que esse tamanho veio para ficar, e o processo também, muito satisfeito com o processo de ter esses grupos que estão em cidades diferentes e que vêm de backgrounds diferentes, de plataformas diferentes de publicação. Isso ajudou muito. Acho que uma coisa que não falei do processo: cada grupo tinha cinco ou seis pessoas e tinha um relator, um que meio que relatava e redigia a forma final ali, para eu não ficar maluco conversando com os cinco ao mesmo tempo, ou seis, eu falava com um, e eles, entre eles, se apuravam. E os talentos eram muitos complementares dentro de cada grupo. Então, você tinha, em cada grupo, o cara que entende de economia, o que tem fontes na Polícia Federal, o que conversa com o Ministério Público. Você tem tudo isso nos grupos de forma que você consiga, realmente, cada dúvida ser canalizada para uma pessoa que tem a ver com aquela área, entendeu?

Laura Rocha do Nascimento: Você tem um número aproximado de profissionais envolvidos em todo o processo das sabatinas deste ano?

Ricardo Villela: São 70 jornalistas envolvidos.